



O NATURALISTA  
NO  
RIO AMAZONAS

2.º VOLUME

Série 5.<sup>a</sup> ★ B R A S I L I A N A ★ Vol. 237-A  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

---

HENRY WALTER BATES

**O NATURALISTA**  
**NO**  
**RIO AMAZONAS**

*Tradução, Prefácio e Notas*

do

PROF. DR. CANDIDO DE MELLO-LEITÃO

★

2.º VOLUME

★

1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Porto-Alegre



## CAPÍTULO VIII

# SANTARÉM

**Situação de Santarém — Maneiras e costumes dos habitantes — Comércio — Lepra — Esboço histórico — Campos e matas — Excursões a Mapirí, Maicá e Irurá, com esboço de sua Historia Natural; palmeiras, frutas silvestres, vespas mineiras, vespas oleiras, abelhas e preguiças — Historia Natural dos Termitas ou Cupins.**

Já dei breve noticia do tamanho, situação e aspecto geral de Santarém. Embora não conte mais de 2500 habitantes, é a cidade mais civilizada e o centro mais importante das margens do rio principal, desde o Perú ao Atlântico. A bela cidadezinha, com suas filas de casas uniformemente caiadas de branco e de telhas vermelhas, no meio de jardins verdes e de matas, assenta em leve elevação da margem direita do Tapajós, junto ao seu ponto de confluencia com o Amazonas. Pequeno montado, no qual se construiu um forte, atualmente em ruínas, domina as ruas e forma o limite oriental da foz do tributário. O Tapajós, em Santarém, diminue sua largura a cêrca de milha e meia, pelo acréscimo de terra aluvial que forma um como delta do lado ocidental. Quinze milhas acima apresenta-se o rio em toda a sua largura, com 10 a 12 milhas, avistando-se então nas duas margens a magnífica região montanhosa através da

qual corre do sul. Essa terra alta, que parece ser a continuação dos tableiros do Brasil central, estende-se quasi sem interrupção pela margem direita do rio até sua embocadura, em Santarém. O cenário, como o solo, a vegetação e os representantes da fauna dessa região são muito diferentes dos da terra baixa e uniforme que margeia o Amazonas na maior parte do seu curso. Depois de uma viagem de semanas e semanas pelo rio principal, o aspecto de Santarém, com sua ampla baía arenosa, límpidas águas verde-escuras e linha de pitorescas montanhas que se erguem acima da orla da mata verde, provoca uma agradável surpresa. No Amazonas a vista é monótona. a não ser que a embarcação navegue perto da praia, onde a maravilhosa diversidade e beleza da vegetação causam perene enlevo. De outro modo a corrente monótona, larga, amarela, e a linha baixa e distante da floresta, que se reduz no horizonte longinquo a uma linha quebrada de árvores e se repete dias a fio, esgota por sua uniformidade.

Ceguei a Santarém, na minha segunda viagem pelo interior, em novembro de 1851 e aí estabeleci meu centro de trabalho por um período de tres anos e meio. Durante êsse tempo, prosseguindo o plano que me traçara, fiz muitas excursões ao Tapajós e outros lugares interessantes das regiões circunvizinhas. Ao desembarcar, não tive dificuldade em alugar uma casa no subúrbio, aprazivelmente situada perto do porto, no caminho da *aldeia*, ou parte indígena da cidade. O terreno era em declive, da casa até à pra'a e minha varanda, pouco elevada dava para belo jardim florido, o que era grande raridade no lugar, e de propriedade dos vizinhos. A casa tinha apenas tres compartimentos, um ladrilhado e dois assoalhados. Era bem construida como as melhores casas de Santarém, e tinha a frente rebocada. A cozinha, como é costume aí, estava situada fora de casa,

a algumas jardas dos outros compartimentos. O aluguel era de 12 mil réis ou cerca de 27 shillings por mês, sem nenhum outro pagamento a fazer. Aqui os proprietários pagam o dízimo à *coletoria geral*, mas o inquilino nada tem que ver com os impostos. Ao tomar criados, tive a sorte de encontrar um mulato fôrro, rapaz habilidoso e trabalhador, chamado José, que quiz ficar a meu serviço. A gente de sua família cozinhava para nós, enquanto ele me ajudava nos trabalhos de coleta, e se mostrou utilíssimo nas diferentes excursões que mais tarde realizámos. Era quasi impossivel obter quaisquer empregados em Santarém; a gente livre era muito orgulhosa e não se alugava; os escravos eram muito poucos e indispensáveis aos seus senhores, para ser cedidos aos outros. Arranjados estes assuntos, posta a casa em ordem, mobiliada com uma mesa tosca e algumas cadeiras, conseguidas por compra ou por empréstimo, dentro de tres ou quatro dias estava pronto para começar minhas explorações de História Natural pelos arredores.

\* \* \*

Achei Santarém lugar muito diverso dos outros povoados sôbre o Amazonas. Em Cametá os mamelucos alegres, bem humorados, formavam o grosso da população, e os imigrantes brancos, como no Rio Negro e no Alto Amazonas, pareciam ter confraternizado bem com os aborígenes. Nos arredores de Santarém os índios, ao que supponho, tinham sido originalmente hostis aos portugueses; como quer que seja, a mistura das duas raças não se processara aqui em grande escala. Não achei os habitantes aquele povo simples, afavel e de falar rústico que encontrara em outras pequenas cidades do interior. Os brancos, portugueses e brasileiros, constituem aqui

uma classe mais numerosa que em outros centros, e têm grandes pretensões à civilização; são negociantes e mercieiros da praça, senhores de escravos, donos de fazendas de gado e de plantações de cacau. Entre os principais residentes devem ser igualmente mencionadas as autoridades civis e militares, que são gente inteligente e de boas famílias de outras províncias. Poucos índios vivem na cidade; esta é muito civilizada para eles, e a classe inferior é constituída (além de alguns escravos) de mestiços, em cuja composição predomina o sangue negro. A gente de côr também exerce os vários ofícios; a cidade comporta dois ourives, que são mutilados, cada qual com vários aprendizes; os ferreiros são principalmente índios, como se observa geralmente em toda a província. As maneiras da classe superior (copiadas do Pará) são muito afetadas e formalistas, e a ausência da cordial hospitalidade, encontrada em outras localidades, produz a princípio desagradável impressão. Observa-se muita cerimônia nas relações da gente mais elevada, tanto uns com os outros como com os estrangeiros. O melhor aposento de cada casa é reservado para as recepções, e as visitas devem apresentar-se de roupa preta, sem tomar em consideração o furioso calor que reina nas ruas de Santarém ao meio dia, que é a hora habitual das visitas. Na sala há um sofá e cadeiras de vime, laqueadas e douradas, dispostas em quadro. Convidam as visitas a sentarem-se aí, enquanto se trocam cumprimentos ou se tratam os negócios. Ao despedir-se, o dono da casa conduz a visita com repetidas curvaturas, que acabam na porta da rua. Essa classe não tem o hábito de fumar, mas todos tomam rapé, que é guardado em bocetas de prata e de ouro, de grande luxo. Todos os homens de posição e a maioria das senhoras usam relógios e correntes de ouro. Não são frequentes as reuniões sociais; os homens mais im-



portantes estão inteiramente ocupados com seus negócios e com a família; o resto do povo passa as horas de ócio no bilhar ou no jogo, deixando as esposas e filhas em casa. De longe em longe um dos principais cidadãos dá um baile. No primeiro a que assisti, os homens ficaram a noite toda sentados de um lado da sala e as damas do outro, e os pares se formavam por meio de cartões numerados, distribuídos pelo mestre de cerimônias. Mas os costumes mudaram rapidamente nesse particular, quando os vapores começaram a navegar no Amazonas (1853), trazendo uma onda de novas ideias e modas para a região. O velho e hipócrita sistema português de tratar as mulheres, que sufocava as relações sociais e era a causa de males sem conta na vida privada dos brasileiros, está agora sendo gradativa, embora lentamente, abandonado.

Quando um estrangeiro chega a qualquer cidade do interior do Brasil, com intenção de aí demorar-se, é obrigado a ir à repartição de policia dentro de tres dias, para apresentar o passaporte. Espera-se depois que êle vá visitar os diversos magistrados, o comandante militar e as principais pessoas do lugar. Feito isso, tem que ficar em casa um ou dois dias para receber a retribuição das visitas, e depois desse ceremonial passará a ser recebido na melhor sociedade. Sendo Santarém cabeça de comarca, e cidade importante, tem um Juiz de Direito, além de um Juiz Municipal e Promotor Público. O delegado de policia é também um magistrado, com jurisdição nos casos menores, e está subordinado ao Chefe de Policia da capital: todos estes funcionários são nomeados pelo Governo Central. Num lugar tão pretencioso como Santarém, o povo liga grande importância a estas coisas, e eu tive que fazer minha serie de visitas, antes de me pôr a trabalhar.

Apesar das maneiras cerimoniaosas dos habitantes principais, encontrei no meio d'êles muita gente boa e agradável. Algumas das famílias mais antigas, que passam a maior parte do tempo em suas lavouras ou fazendas de criação, eram tão amáveis e de maneiras tão singelas como a gente de Óbidos. Mas estas raramente estão na cidade, vindo somente por alguns dias durante as festas. Possuem, no entretanto, espaçosas casas na cidade, algumas de dois andares, com paredes maciças de pedra ou adobe. A pessoa mais importante, senhor Miguel Pinto de Guimarães, é natural do lugar e exemplo da facilidade com que a inteligência e o trabalho encontram recompensa no sábio govêrno do Brasil. Começou a vida em situação muito humilde. Disseram-me que foi pescador e que vendia a retalho o produto obtido com seus anzois e caniços ou com suas redes. Atualmente é o maior negociante do distrito, dono de vasta fazenda de criação e abastado senhor de engenho. Quando se formou a nova Guarda Nacional, em 1853, recebeu do Imperador a patente de coronel. É homem pálido, grave, inteiramente encanecido, embora de meia idade. Tratei com ele durante muito tempo e apreciei sua sinceridade e retidão de seus atos. Quando cheguei a Santarém era êle o delegado de policieia. É algum tanto intransigente, tanto na repartição como na vida privada, para com os pequenos delitos de seus concidadãos, mas é muito respeitado. Não poderá ser desprezível uma nação, cujos melhores homens se podem elevar a posições de confiança e de mando.

As festividades religiosas não eram tão numerosas como em outras cidades, e as que aí se realizavam eram muito pobres e mal frequentadas. Há uma bonita igreja, mas o vigário mostrava muito pouco zelo pela religião, exceto quando o bispo vinha, de longe em longe,

do Pará, em suas visitas pastorais pela diocese. O povo gostava tanto de um feriado aqui como em outras partes da província, mas parecia que se estava desenvolvendo o hábito de substituir divertimentos mais racionais às procissões e mascaradas dos dias santos. A gente nova gostava muito de música, sendo os principais instrumentos a flauta, o violino, o violão e uma pequena viola de quatro cordas, chamada *cavaquinho*. Durante a primeira parte de minha estada em Santarém, pequeno grupo de músicos, dirigidos por um mulato alto, magro e maltrapilho, que era entusiasta por sua arte, costumava frequentemente fazer serenatas aos seus amigos nas noites de luar, frescas e claras, da estação seca, tocando marchas e músicas de dança, de autores franceses e italianos, com muito gosto. O violão era o instrumento favorito de ambos os sexos, como no Pará, mas o piano estava rapidamente tomando o seu lugar. As baladas cantadas com acompanhamento de violão não eram aprendidas de música escrita ou impressa, mas ensinadas oralmente de um amigo a outro. Nunca se falava delas como cantos, mas se chamavam *modinhas*, cada qual tendo seu dia, dando lugar à próxima favorita, trazida da capital por algum rapaz. Nos tempos de festa havia mascaradas, nas quais toda gente, velhos e moços, brancos, negros e índios tomavam parte com delícia. As melhores tinham lugar durante o carnaval, na semana santa e na véspera de S. João. Os negros representavam nas ruas grande espetáculo semidramático no tempo de Natal. Os divertimentos mais seletos eram realizados pelos jovens brancos e os homens de côr associavam-se aos brancos. Um grupo de trinta ou quarenta moças e rapazes se fantasiavam, com muito gosto, de damas e cavaleiros, disfarçados com uma espécie de máscara de gaze. O bando, com um grupo de músicos, fazia o rodizio das casas de seus amigos à noite

e regalava as muitas pessoas aí alegremente reunidas, com uma variedade de danças. As pessoas principais, em cujas grandes salas de visitas tinham lugar estes festejos, pareciam apreciá-los muito. Faziam-se grandes preparativos e, depois das danças, hóspedes e mascarados recebiam bebidas e doces. Uma vez por ano é o turno dos índios, com suas mascaradas e danças indígenas, a que tive ocasião de assistir. Reuniam-se nos arrabaldes da cidade, vindos de vários pontos das circunvizinhanças, e à noite atravessavam as ruas, com archotes acesos, para o quarteirão habitado pelos brancos para executar suas danças de caça e do diabo em frente das casas dos principais habitantes. Havia cerca de cem homens, mulheres e crianças. Muitos dos homens traziam magníficas coroas de penas, túnicas e colares manufaturados pelos Mundurucú, e usados por eles em ocasiões festivas, mas as mulheres estavam nuas até à cintura e os meninos completamente nus, todos pintados e untados de vermelho, com urucum. O chefe representava o papel de tuchaua, e carregava um cetro, decorado de pelas alaranjadas, verdes e vermelhas, de tucanos e papagaios. Vinha em seguida o pajé, fumando longo charuto de tauari (358), instrumento com o qual ele faz suas maravilhosas curas. Outros soltavam notas estridentes, ásperas e desafinadas com o turé (359) uma buzina feita de um bambú comprido e grosso, com uma

---

358) É o nome dado a várias Lecitidáceas do genero *Couratari* (*C. martiana*, *C. coriacea*, *C. paraensis* e *C. tauary*). Martius escreve tauiri e Basilio de Magalhães, anotando Martius, tauri.

(359) Como Martius, escreve Bates turé. Mas transcrevo a nota de Basilio de Magalhães à tradução do Martius: "O correto, porém, é toré, vocábulo que produziu, conforme se lê em Teodoro Sampaio, as formas torem e boré. Para o nosso sábio patricio, o termo é peculiar do Amazonas, designando o flauta feita de taquara, servindo para as danças". Pela descrição de Bates melhor diríamos uma clarineta ou um oboe.

palheta no bocal. É essa a trombeta de guerra de muitas tribus de índios, com as quais as sentinelas das hordas depredadoras, trepadas em altas árvores, dão a seus camaradas sinal de atacar. Os brasileiros mais velhos, que ainda se lembram do tempo das guerras entre selvícolas e colonos, conservam verdadeiro horror ao turé, pois suas notas rudes e altas, ouvidas na calada da noite, foram muitas vezes o prelúdio de um assalto dos sanguissedentos Mura aos povoados dos arredores. O restante dos homens carregavam arcos e flechas, feixes de javelinhas, cacetes e remos. As crianças maiores traziam consigo seus chirimbabos; alguns tinham nos ombrões macacos e coatís, e outros carregavam tartarugas na cabeça. As mulheres transportavam os filhos em aturás, ou grandes cestos, pendentes nas costas e seguros por larga faixa, feita de casca de árvores, que lhes cingia a fronte. Tudo era cuidadosa representação da vida dos índios que demonstravam mais engenho do que o que muitas pessoas lhes atribuem. Isso era feito por eles espontaneamente e apenas com o fito de divertir o povo da localidade.

Toda a produção de cacau, peixe salgado e outros artigos de uma enorme área passa pelas mãos dos negociantes de Santarém, e se faz um grande comércio, para essa região, com os índios do Tapajós, em salsaparrilha, bálsamo de copaíba, borracha, farinha e outros produtos. Disseram-me que a produção anual média do Tapajós em salsaparrilha era de cerca de 2 000 arrobas de 32 libras. A qualidade da droga encontrada nas matas do Tapajós é muito superior à do Alto Amazonas, e sempre consegue no Pará preço duas vezes maior. Os negociantes mandam jovens brasileiros e portugueses em pequenas canoas a comprar o produto nos igarapés, e as cargas são embarcadas para a capital em escunas e co-

bertas, de vinte a oitenta toneladas de arqueação. Devem ser grandes os riscos e proveitos ou o capital escasso, pois o dinheiro é emprestado a dois e meio e tres por cento. Mas isto é a regra no Pará. São numerosas as casas bem fornecidas de gêneros ingleses, franceses, alemães e norte-americanos, cujos preços no varejo são pouco superiores aos do Pará. Há muita competição entre os regatões e comerciantes, embora todos pareçam prosperar, a julgar pelas aparências. Mas diz-se que quasi todos estão endividados até às orelhas com os negociantes portuguezes do Pará, que são seus correspondentes.

Os habitantes pareciam apreciar muito as vantagens da educação para seus filhos. Além das escolas primárias costumeiras, uma para meninas e outra de meninos, havia uma terceira, de grau mais elevado, onde se ensinava francês e latim além de outras matérias, sendo os professores como os mestre-escolas, pagos pelo Govêrno provincial. Servia como escola preparatória para o Liceu e para o Seminário episcopal, instituições bem dotadas do Pará, para as quais plantadores e negociantes ambicionam mandar os filhos a terminarem os estudos. Nas escolas primárias ensinavam-se apenas rudimentos de instrução, e era surpreendente a rapidez com que os garotos brancos ou de côr, aprendiam a ler, escrever e contar. Mas a simplicidade da língua portugûesa, que se escreve como se pronuncia ou de acôrdo com regras invariaveis, e o uso do sistema decimal, tornam esta aquisição muito mais fácil do que entre nós. Os estudantes da escola mais adiantada têm que prestar exame antes de ser admitidos nos colégios do Pará, e os diretores me deram a honra de convidar-me uma vez para examinador. As provas dos jovens, em sua maioria de menos de quatorzê anos, foram muito

boas, sobretudo em gramática. Demonstraram uma rapidez de apreensão que encheria de alegria o coração de qualquer dos nossos mestres. O curso seguido nos colégios do Pará deve ser muito deficiente, pois é raro encontrar um paraense educado que tenha a mais leve tintura de ciências naturais, ou mesmo de geografia, se não viajou fora da província. Os rapazes se fazem todos espertos retóricos e bachareis; qualquer deles está pronto a defender uma causa, com uma hora de estudo; são também fortes em estatísticas, pois há um grande campo para sua aplicação no Brasil, onde cada funcionário público tem que fornecer anualmente ao governo volumes de secos relatórios; mas são tremendamente ignorantes sobre a maioria dos outros assuntos. A gente inteligente suspeita de suas deficiências a êsse respeito, e é difícil sondá-los em geografia, mas certo dia um homem que ocupava importante cargo, se traiu, perguntando-me de que lado do rio estava situado Paris. Esta questão não provinha, como se poderia supôr, do conhecimento exato da topografia do Sena, mas da ideia de que o mundo todo era um grande rio, e que os diferentes lugares de que ele ouvira falar, deviam estar numa ou noutra margem. O fato do Amazonas ser um rio limitado, tendo sua origem em estreitos regatos, ter nascente e foz, nunca entrara na cabeça da maioria daquela gente que passara a vida toda em suas margens.

Santarém é localidade muito agradável para se morar, apesar de sua sociedade. Não há insetos nocivos: mosquitos, piuns, maruins ou motucas. O clima é magnífico. Durante seis meses do ano, de agosto a fevereiro chove muito pouco, e o ceu se conserva escampo durante semanas a fio e o vento fresco do mar, que dista umas quatrocentas milhas, modera o grande calor do sol. Às vezes o vento sopra tão forte, dias e dias, que é difícil avançar contra ele, quando se caminha pelas ruas,

e entra pelas janelas e portas das casas, espalhando roupas e papéis em todas as direções. O lugar é muito salubre, mas nas mudanças de estação há resfriados graves e oftalmias. Aí encontrei tres ingleses, que residiam há muitos anos na cidade ou seus arredores, e que ainda conservavam aspecto florido; o rosto rechonchudo e fresco de muitas das senhoras de meia idade também testemunhava a salubridade do clima de Santarém. As ruas estão sempre limpas e enxutas, mesmo em plena estação chuvosa. Há muita ordem e a praça é bem sortida. Só as pessoas que sofrerem das dificuldades de obter as coisas necessárias à vida, seja por que preço fôr, na maioria dos povoados do interior da América do Sul, podem apreciar as vantagens de Santarém neste particular. Mas aí tudo era muito caro, exceto a carne, e dia a dia se tornava mais caro. Açúcar, café e arroz, que podiam ser produzidos com abundância nos arredores, são importados de outras províncias, por elevado preço; e o açúcar é de fato um pouco mais caro aqui do que na Inglaterra. Havia dois ou tres açougues, onde se podia comprar excelente carne fresca, a dois dinheiros ou a dois dinheiros e meio a libra. O gado não precisava ser trazido de longa distância, como no Pará, criando-se nos campos em tôrno do Lago Grande, a um ou dois dias de viagem da cidade. Pode-se comprar peixe fresco no pôrto quasi todas as tardes, mas como o fornecimento não correspondia à procura, havia sempre uma corrida de compradores para beira d'água quando aparecia uma canoa de pescador. Distribue-se muito bom pão todas as manhãs, bem como leite e grande variedade de frutas e verduras. Entre as frutas havia uma, chamada ata (350), que não vi em

---

360) Pela descrição de Bates não parece tratar-se da ata ou fruta-de-conde dos sulistas (*Anona squamosa*), parecendo antes tratar-se de um araticum, talvez *Anona muricata*.



nenhuma outra localidade da Amazônia. Pertence à ordem Anonáceas e a árvore que a produz parece crescer em estado silvestre nos arredores de Santarém. É pouco maior que uma laranja e a casca, que encerra polpa cremosa, abundante, é escamosa como a do abacaxi, mas é verde quando madura, e com o interior incrustado de açúcar. Para terminar a relação das vantagens de Santarém mencionarei os deliciosos banhos nas aguas claras do Tapajós. Não há que temer os jacarés. Quando sopra o vento leste, levantam-se ondas na praia arenosa e limpa, e o banho é mais agradável.

Há uma grande mancha nos méritos de Santarém. É a presença aí da terrível lepra. Parece, porém, confinada a certas famílias, e não soube de nenhum caso autêntico de europeu atacado por ela. De uma feita visitei muitos leprosos em companhia de um médico americano. Não vivem separados; os laços de família são tão fortes, que falharam todas as tentativas para obrigar o povo a isolar os seus parentes leprosos. Mas muitos acreditam que a doença não é contagiosa. Começa por inflamações dos gânglios de diversas partes do corpo, sucedidas por manchas lívidas na pele e nas pontas dos dedos das mãos e dos pés. Estas se alastram e as partes tomadas por ela perdem a sensibilidade e se arruinam. Com o decorrer dos tempos, estendendo-se a horrível atrofia aos órgãos internos, fica afetada alguma parte vital e o paciente morre. Algumas das melhores famílias do lugar estão contaminadas pela lepra, mas esta ataca igualmente todas as raças: brancos, índios e negros. Vi alguns pacientes que estavam doentes há dez e doze anos, já medonhamente desfigurados, mas a suportavam alegremente. Parece que, de fato, um espirito cheio de esperança, e uma vida livre e generosa foram os meios de retardar os efeitos da molestia; mas não sei de ninguém que se tivesse curado.

Um homem tentou uma viagem à Europa e parecia curado enquanto por lá esteve, mas a doença novamente se manifestou em seu regresso. Não sei se o solo quente e seco de Santarém tem alguma coisa que ver com a frequência da moléstia. Mas esta não está confinada a este lugar; houve muitos casos no Pará e em outras províncias, mas em nenhum outro ponto é tão comum como aqui. A má fama espalhou-se até Portugal, onde Santarém é conhecida por cidade dos Lázaros.

\* \* \*

Quando os portugueses subiram pela primeira vez o Amazonas, em meados do século XVII, encontraram as margens do Tapajós, perto de Santarém, povoadas por uma tribo guerreira de índios chamados Tapajócos (351). Desta derivaram os nomes do rio e da localidade: Santarém é chamada pelos índios Tapajós. Mas o Tapajós é mais conhecido dos colonos portugueses

---

(351) Esta tribo, que Bates grafa Tapajocos, ora é escrita Tapajosos, ora Estrapajosos, ora Tapa'óses ou Tapajós. A primeira referencia a eles se encontra em Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña. Deles conta Herlarte em 1662: "Esta provincia dos Tapajós é mui grande e a primeira que comumente se chama dos Tapajós. É a maior aldeia e povoação que por este distrito conhecemos até agora. Bota de si 60 mil arcos, quando manda dar guerra, e por ser muita a quantidade de índios Tapajós, são temidos dos mais índios e nações e assim se tem feito soberanos daquele distrito. São corpulentos, e mui grandes e fortes. Suas armas são arcos e flechas, como as dos mais índios destas partes, mas as flechas são ervadas e venenosas, de modo que até agora se lhes não tem achado contra, e é a causa por onde os outros índios os temem; porquanto em ferindo com as flechas não há remédio de vida. São em extremo bárbaros e mal inclinados. Têm ídolos pintados a quem adoram e a quem pagam dízimo das sementeiras, que são de grandes milharadas, e é o seu sustento, que não usam tanto de mandioca para farinha, como as demais nações". Martius, falando dos índios das margens do Tapajós, não se refere a esta tribo e, citando as que lhe tinham sido assinaladas, escreve: "Ignoro quais dessas tribus ainda existem, quais em contínuo movimento já se dissolveram, e quais, incorporando-se apenas em hordas mais importantes, não têm mais a vida de cabildos independentes".

pelo nome de Rio Preto. Segundo Acunha, o historiador da expedição de Pedro Teixeira (em 1637-39) os Tapajocos eram muito numerosos, cada aldeia contando mais de 500 famílias. Suas armas eram flechas envenenadas. Apesar de seu numero e coragem, rapidamente fugiram diante dos portugueses invasores, que os trataram com grande barbaridade. Já não se conhece o nome da tribo nos arredores, mas é provavel que os seus descendentes ainda se encontrem nas margens do baixo Tapajós: um ódio tradicional aos portugueses os tem conservado entre os habitantes semicivilizados até o presente momento. É curioso o fato de ter sido usado pelos Tapajocos o veneno Urarí (362), pois isto de-

---

(362) A primeira referencia ao urari ou curare encontra-se em Carvajal, companheiro de Orellana, no seguinte trecho. "Aqui se defenderam os índios e lutaram durante meia hora, tão bem e com tanta coragem, que antes que pudéssemos saltar em terra mataram dentro do bergantim grande a um companheiro, que se chamava Antônio de Carranza, natural de Burgos. Nessa aldeia empregavam os índios alguma erva venenosa, pelo que se conheceu na ferida do nosso companheiro, que ao cabo de 24 horas deu a alma a Deus. Vem depois uma vastíssima literatura sobre esse veneno empregado por várias tribus de índios, umas memórias de importancia simplesmente etnológica, outras procurando estudar a substância sob os pontos de vista químico e fisiológico, tendo dado, às vezes, motivo a azedas controvérsias, sendo bem conhecida a contenda entre Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, e Barbosa Rodrigues, diretor do Jardim Botânico. Martius escreve: "O veneno de flecha urarí (assim o ouvimos chamar no curso de toda a nossa viagem, como outr'ora Raleigh, no Orenoco, e não curare, como na Guiana espanhola, nem woorara, wurara, wurali, como em Surinam), é o mais importante artigo de comércio dos índios. As plantas que fornecem o ingrediente principal do mortal extrato, embora difundidas em vasta zona, não parece que sejam igualmente repartidas, mas apresentam-se esporádicas". Entre as tribus que preparam o urarí, feixes inteiros de setezinhas são mergulhadas de uma vez no extrato líquido ainda fresco, e enxugam-se ao sol; ao contrário, os índios que recebem de longe o veneno, amolecem-no com água e suco de limão, e com uma pena applicam camadas leves à ponta da flechazinha". Em 1939 Velard dá a conhecer o preparo do curare, a que assistiu entre os Nhambiquaras e Parecis. O curare dos Nhambiquaras é feito com as cascas de um *Strychnos*. E acrescenta: "Os Parecis preparam igualmente o curare, mas lhe juntam outras substâncias vegetais, raízes e frutos, que não pude obter. Em outras partes da Amazônia há curares mais complexos, adicionados de materias ani-

monstra que nêsse tempo havia comunicações entre tribus distantes ao longo do curso do rio Amazonas. Os índios que vivem atualmente nas margens do Tapajós, desconhecem o Urari, sendo a droga preparada somente pelas tribus que vivem nos rios que desaguam ao norte do Alto Amazonas, a 1200 milhas do Tapajós.

A cidade de Santarém muito sofreu durante as desordens de 1835-6. Pelas noticias que tive, a cidade deve ter sido muito mais florescente pouco antes dessa época. Havia muito maior número de grandes proprietários, ricos em escravos e gado; a produção de cacau era maior e intercâmbio muito mais intenso com os mineiros de Mato Grosso, que desciam o Tapajós com ouro e diamantes que trocavam por sal, ferragens e outras mercadorias européas. Um velho senhor escossês, o capitão Hislop, que aí vivia há uns trinta-e-cinco anos, disse-me que Santarém era então o lugar mais delicioso para se viver. As provisões eram abundantes e bara-

---

mais (veneno de sapo) ou vegetais, para modificar-lhe a actividade, com uma finalidade de magia ou para dissimular sua fórmula. "Nesse mesmo ano Paulo Carneiro, tratando de suas pesquisas sobre os princípios ativos do curare (que são, segundo suas pesquisas, dois alcaloides a que chamou stricoletalina e curoletalina, faz um pequeno histórico da substância. Foi Walter Raleigh quem o levou pela primeira vez da Guiana para a Europa, em 1594. A primeira descrição do veneno encontra-se em La Condamine, que observou os seus efeitos sobre o homem e os animais. Humboldt assistiu a uma preparação ritual nas margens do rio Padamo, com o emprego de uma liana da familia das Loganiáceas, o mavaçure, e de uma árvore de folhas largas, chamada pelos indígenas kiracaguero. Von Martius descreve a preparação do curare, feita pelos indios do rio Japurá e identifica a planta ativa como *Strychnos guianensis*; segundo Castelnau e Weddel entrariam na preparação do curare principalmente as Loganiaceas *Cocculus toxiciferus* e *Strychnos castelnaui*. Em 1878 Jobert e Schwacke vão à Amazonia, em missão do Museu Nacional do Rio de Janeiro e trazem como responsaveis pela actividade do veneno uma *Menispermacea* (*Anomospermum grandiflorum*) e uma Loganiacea (*Strychnos castelnaui*): seria esta, segundo Barbosa Rodrigues, a única responsavel; seria exclusivamente a primeira, afirmava Baptista de Lacerda. Dos muitos *Strychnos* que teve à sua disposição para estudo apenas um, diz Paulo Carneiro, mostrou propriedades curarizantes: o *Strychnos lethalis* Barb. Rodr.

tas; obtinha-se trabalho facilmente e dominava a maior ordem, simpatia e contentamento. A contenda política entre os brancos, que começaram as perturbações, tiveram como desfecho, nesta parte do país, uma revolta dos índios. Havia dois partidos no começo da luta: um tolerante dos *bicudos* (como eram apelidados os portugueses) e apoiando o governo legal brasileiro; o outro favorável à revolução, expulsão dos portugueses, e governo nativo. O último coopêrou com grande corpo de rebeldes, que se tinham reunido, não longe d'aí, nas margens do rio. Um belo dia, de acordo com o combinado, a cidade foi invadida pela horda de velhacos e patriotas iludidos. Todos os portuguezes e aqueles que os defendiam foram brutalmente massacrados por essa malta enfurecida, quando lhe deitaram as mãos. Um espaço cheio de valados, com tufos de murtas, nos bosques atrás de Santarém, marca o ponto onde estes pobres homens foram assassinados. Eu poderia escrever uma historia com os horrores dêsse tempo que me foram relatados, mas penso que as minúcias não teriam nenhuma finalidade util. Não se pense, porém, que a gente amazônica seja habitualmente sanguinária. Ao contrário, a quietude e gentileza de caráter dos habitantes desta província, nos tempos de paz, são proverbiais em todo o Brasil. A raridade ou ausência de mortes violentas é comentada todos os anos pelo Presidente em seu relatório anual ao Governo Central.

Quando os Cabanas entraram na cidade, os amigos do governo legal retiraram-se para um grande bloco de casas perto da praia, e que defenderam durante muitos dias, protegendo o embarque de suas famílias e alfaias. Os negros escravos ficaram geralmente fieis aos senhores. Enquanto se processava o embarque, houve uma série de feitos arriscados, principalmente por parte da

gente de côr. Um bravo mameluco, chamado Paca, fez certo dia audaciosa sortida, com alguns jovens da mesma têmpera, e agarrou cinco ou seis dos chefes rebeldes, que foram carregados, amordaçados e manietados, para bordo de uma escuna no pôrto. Mas o partido legal era muito diminuto, faltando-lhe armas e munições, e foram obrigados, logo depois da façanha de Paça, a evacuar a cidade, e retiraram-se para a vila de Prainha, 150 milhas mais abaixo. Os cidadãos de Santarém, que simpatizavam com os rebeldes, foram obrigados pouco depois a seguir o mesmo caminho, pois a revolta tomou o aspecto de guerra entre índios e brancos. Os peles-vermelhas fizeram, porém, exceção em favor dos poucos moradores ingleses e americanos. O capitão Hislop ficou na cidade durante sua ocupação pelos Cabanas, e disse-me que foi muito bem tratado pelos índios e chefes rebeldes.

Quando Santarém foi recapturada, nove meses depois dêstes acontecimentos, por pequena força de terra e mar, enviada do Rio de Janeiro, e auxiliada pela gente que se refugiara em Prainha, foi de novo atacada por grande fôrça de índios. Isto demonstra de maneira evidente o caráter obstinado e o cego destemor dos indígenas. Esperava-se um ataque, pois se sabia que os rebeldes estavam ocultos, em grande número, nos arredores da cidade. Por isso o comandante da guarnição, capitão Leão, tinha levantado paliçadas em tôrno dos quarteirões dos brancos e todos os homens dormiam armados. Os índios atuaram como se fossem inspirados por diabólico fanatismo, pois não tinham armas, exceto lanças de madeira, bastões e arcos e flechas, uma vez que a pólvora e o chumbo tinham acabado há muito tempo. Com estas armas grosseiras vieram por matas e campos atacar a cidade agora fortificada. O ataque teve lugar ao amanhacer. As sentinelas foram mortas ou

fugiram, e enxames de índios pularam a paliçada e desceram em tropel pela rua principal. Mas logo veio a seu encontro fôrça grande e bem armada, que tomou posição nas casas ou atrás dos muros e os selvagens foram mortos às centenas. Só quando as ruas ficaram atravancadas de cadáveres é que o resto voltou as costas e fugiu. Seu número foi calculado em dois mil homens. O resto da horda fugiu pelos campos para a aldeia de Altar-do-Chão, a umas vinte milhas de distância, de onde se espalharam pelas margens do Tapajós e deram grandes incômodos aos brasileiros ainda durante muitos anos. De Santarém partiam várias expedições para dominá-los, trabalho em que o Governo foi auxiliado pelos Mundurucús do Alto Tapajós. Grande horda destes últimos, sob o comando de seu tuchaua Joaquim, fez guerra aos índios hostís nas partes baixas do Madeira e do Tapajós, até que êstes foram exterminados.

A terra, em redor de Santarém, não é coberta de floresta densa e elevada como no resto da planície úmida, ribeirinha do Amazonas. É região de campo, zona levemente ondulada e elevada, com ilhotas de mata ou com árvores isoladas. Grande parte do país, nas margens do Tapajós, que corre da grande área de campo, do interior do Brasil, é dêste aspecto. E' por isso que considero a margem oriental do rio perto de sua foz, como continuação para o norte, da terra continental e não uma porção das planícies aluviais do Amazonas. O solo é de areia grosseira; o substrato, visível em alguns pontos, consiste de um conglomerado de arenito, provavelmente da mesma formação que forra a tabatinga em outras partes do vale do Amazonas. O solo é atapetado de capim fino, impróprio para pastagens, crescendo até à altura uniforme de cêrca de um pé. As pequenas matas parecem tufos de árvores no meio dos gramados

e são chamadas pelos naturais *ilhas-de-mato*, nome sugerido, sem dúvida, pela nitidez de seus limites, bem delineados, que lhes dão o aspecto de ilhas no meio do tapete liso de relva que as circunda. São formadas por grande variedade de árvores carregadas de parasitas suculentas e ligadas entre si por trepadeiras lenhosas, como nas matas das outras partes. Estreita faixa de mata densa, de aspecto semelhante ao dessas ilhas e também nitidamente limitada, corre de cada lado, junto do rio. Cruzando-se o campo, a estrada da cidade sobe um pouco durante uma ou duas milhas, atravessando essa pestana de mato. Depois o campo desce suavemente para largo vale, banhado por pequenos regatos, cujas margens são cobertas de mata luxuriante e altaneira. Mais além estende-se uma cadeia de montanhas para o interior inexplorado, indo até onde a vista pode alcançar. Alguns desses montes são longas cristas, nuas ou cobertas de mato; outras são picos cônicos isolados elevando-se, abruptos, do vale. As mais altas provavelmente não vão além de mil pés acima do nível do rio. Um monte notável, a serra de Muruarú, a quinze milhas de Santarém, e que fecha o horizonte para o sul, tem a mesma forma de pirâmide truncada que a cadeia de montanhas perto de Almeirim. Esse trecho tão belo da região está completamente isolado. Os habitantes de Santarém nada sabem do interior e parecem ter muito pouca curiosidade a seu respeito. Algumas estradas, que partem da cidade e cruzam o campo, levam a alguns pequenos sítios, a quatro ou cinco milhas de distância, de propriedade dos habitantes mais pobres do lugar, mas exceto esses caminhos, não há estradas nem vestígios de proximidade de um centro civilizado.

O solo arenoso e o escasso revestimento de árvores são provavelmente as causas da grande secura do clima.



Em certos anos não chove de agosto a fevereiro, embora em outras partes da planície amazônica, tanto abaixo como acima dessa parte média do rio, sejam frequentes pesados aguaceiros durante a estação seca. Muitas vezes vi as nuvens de chuva de novembro e dezembro, quando a vegetação arbustiva parece queimada pelo sol ardente dos tres meses anteriores, que se elevavam ao aproximar-se do ar quente sôbre os campos, ou se afastavam d'elles, para ir descarregar seu conteúdo nas ilhas baixas e cobertas de mata da praia oposta. O vento leste sopra, contudo, com grande fôrça durante os meses secos; quanto mais quente o tempo, mais forte o vento, até que no fim da estação se torna um tufão que impede a descida dos barcos pelo rio.

Algumas árvores que crescem isoladas nos campos são muito curiosas. O cajueiro é muito abundante e em alguns pontos se poderia falar em pomares desta árvore, que parece preferir solos arenosos. Parece haver várias espécies distintas, crescendo juntas, a julgar pelas diferenças de côr, aroma e tamanho dos frutos (363). Este, quando maduro, tem o colorido e o feitio de uma pera, mas apresenta um aspecto muito singular graças ao grande caroço reniforme que cresce fora da porção carnosa do fruto (364). Amadurece em janeiro, e a gente mais pobre de Santarém sai então para os campos e colhe imensas quantidades, com que faz uma bebida ou vinho, como lhe chama, e que é considerada remédio contra certas doenças da pele. Os caroços são assados e comidos. Outra árvore frutífera silvestre é o Mu-

---

(363) Há, efetivamente, algumas espécies de cajús na Amazonia, e que se distinguem pelos nomes de cajú-manso (*Anacardium occidentale*, cultivado), cajú-assú (*Anacardium spruceanum* e *A. giganteum*), cajú-da-mata (*Anacardium parvifolium*) e cajú-do-campo (*Anacardium microcarpum*).

(364) O que Bates chama caroço é, realmente, o fruto, que é uma curiosa drupa.

richí (*Byrsonima*) (365), que se carrega de grande número de pequenas bagas ácidas amarelas. Um cozimento da casca colore o pano de côr parda. É empregado para êste fim, principalmente pelos índios, e os panos grosseiros de algodão, tintos com ele, eram as insígnias distintivas do partido nativista durante a revolução.

Uma árvore muito comum nas ilhas de mato é o breu branco (365), que segrega da parte interna da casca uma resina branca, parecendo cânfora no cheiro e no aspecto. O fruto é uma pequena baga preta, e a árvore inteira, frutos, fôlhas, hastes, têm o mesmo perfume fragrante. Ferindo-se a casca e deixando a resina escorrer livremente, reuni grande quantidade, que me prestou assinalados serviços para proteger minhas coleções de insetos, contra o ataque das formigas e cupins. Outra árvore, muito mais rara que o breu-branco, é o Umirí (*Humirium floribundum*) que cresce nas mesmas localidades, e distila do mesmo modo um oleo da mais requintada fragrancia (367). Mas a produção é muito pequena. As mulheres nativas apreciam

(365) Bates escreve murichí, mas o certo é muricí, nome que dão da Amazônia até ao Ceará a várias especies de Malpigiáceas do género *Byrsonima*, entre outras: *B. punctulata*, *B. lancifolia*, *Bursonima crispata* (muricí da mata), *B. melanocarpa* (muricí-de-flor-branca).

(366) Chamam breu-branco à Burserácea *Protium cordatum*; o breu-branco-do-campo é *P. heptaphyllum*; o breu-branco-da-varzea é *Protium unifoliatum*. No Tapajós chamam breu-branco ao *Protium giganteum* e em alguns pontos da Amazônia ao *Crepidospermum rhoifolium*, outra Planta da mesma familia. As Burseráceas são uma familia da ordem Geraniales (à qual pertencem, entre outras as familias bem conhecidas Rutáceas, Simarubaceas, Malpigiáceas e Euforbiáceas), na qual são comuns as plantas com bolsas de essencias nas folhas e canais resiníferos no caule. O breu branco é uma resina.

(367) O umirí (*Humiria floribunda*) é da familia Humiriáceas, da mesma ordem que as Burseráceas; o perfume é devido ao oleo essencial. O umirí de casca cheirosa é o *Humiria balsamifera*.

muito o seu perfume. Para obter-se um pouco do precioso liquido, fazem-se grandes talhos na casca e metem-se por baixo bocados de algodão. Visita-se a arvore diariamente e, expremendo o óleo do algodão, pode-se encher um frasco de cêrca de uma onça, no fim de um mês. Uma das produções vegetais mais singulares dos campos é a *sucú-uba* (*Plumieria phagedaenica*) (368). Cresce luxuriante nas partes mais secas e forma, com as suas folhas compridas, brilhantes, verde-escuras, frescas e sueulentas mesmo nos sítios mais áridos, e com suas flôres alvãs, parecendo jasmims, uma das mais belas decorações desses lugares solitários. A casca, as fôlhas e seus pecíolos produzem abundante liquido leitoso, que os naturais usam muito frequentemente como emplastro em inflamações locais, pincelando o liquido sôbre a pele e cobrindo o lugar com algodão. Soube de muitos casos que se curaram, mas talvez o bom efeito seja devido ao calor animal, provocado no lugar pela pasta de algodão. O leite corre mais livremente depois das chuvas que caem entre a estação seca e a chuvosa. Esgui-chava então, com grande fôrça, de qualquer parte da arvore que se ferisse com uma faca.

O aspecto dos campos muda muito com as estações. Não há aquela grande uniformidade de aspecto que se observa durante o ano todo na floresta virgem e produz a mais profunda impressão sôbre o naturalista, por mais tempo que êle se demore na região. As estações, nesta parte da Amazônia, apresentam frisante contraste, embora a diferença não seja tão grande como em algumas

---

368) O nome sucúuba é o de tres plantas do género *Plumiera* (*Pl. revoluta*, *Pl. fallax* e *Pl. attenuata*), da familia Apocináceas. Esta familia a que pertencem a espirradeira, o jasmim manga, etc. pertence à Ordem Contortae, cujas familias, quasi todas, são ricas em plantas muito venenosas (Loganiáceas, Genciánáceas, Asclepiadáceas).

regiões tropicais, nas quais durante o período seco, insetos e reptéis caem em sono estival e as árvores perdem simultaneamente as suas fôlhas. À medida que a estação sêca avança (agosto e setembro), a erva dos campos murcha e a vegetação arbustiva perto da cidade vira um restolho seco e amarelo. Mas êsse período não é de torpor ou repouso geral da vida animal ou vegetal. Embora as aves não sejam tão numerosas como na época das chuvas, algumas espécies aí permanecem e nidificam durante êsse período, como, por exemplo, as rôlas (*Chamaepelia*) (369). As árvores se conservam verdes todo tempo e algumas florescem nos meses de estio. Os lagartos não ficam tórpidos, e vêem-se insetos, tanto adultos como em fase larvar, demonstrando que a aridez do terreno não tem uma influência geral sôbre o desenvolvimento da espécie. Algumas borboletas, especialmente as pequenas *Theclae* (370), cujas lagartas se alimentam nas árvores, só aparecem quando o estio está no apogeu. Os moluscos terrestres do distrito são os únicos animais que estiveram: encontram-se agrupados *Bulimi* e *Helices* (371), escondidos no ôco das árvores, com a abertura das conchas fechadas por uma lâmina de muco.

---

369) O nome *Chamaepelia* caiu em sinonímia, por ter *Columbigallina* prioridade; as rôlas desse gênero, que ocorrem na Amazônia são *Columbigallina passerina griseola* (rolinha) e *C. talpacoti talpacoti* (rôla roxa, rôla cabocla).

(370) As teclas (designação que é conservada como nome comum, porque o gênero *Thecia* é hoje *Strymon*) são lindas borboletas da família *Lycaenidae*, de asas posteriores com múltiplos prolongamentos caudiformes.

(371) Os dois gêneros (sensu latu) *Helix* e *Bullmus* são Moluscos pulmonados da família *Helicidae*; os *Helices* têm a concha mais condensada e são bem conhecidos pelo pequeno caramujo dos jardins; os *Bulimi* são geralmente grandes caramujos terrestres, as maiores espécies tendo passado para o gênero *Strophocheilus*, das quais a mais conhecida é o aruá (*Strophocheilus oblongus*).

O bom tempo termina de repente em princípios de fevereiro. Sobrevêm então violentas rajadas de oeste, em direção oposta à do vento geral. Dão muito pouco aviso, e a primeira geralmente apanha a gente de surpresa. Caem à noite e, soprando diretamente no porto, com a primeira lufada arrancam todos os barcos da ancoragem. Em poucos minutos uma porção de embarcações, grandes e pequenas, incluindo escunas de cincoenta toneladas, se entrechocam, confusas, na baía. Tenho motivos para recordar essas tempestades, pois apanhei uma quando cruzava o rio num bote de cobertura, a um dia de viagem de Santarém. São acompanhadas de terríveis explosões elétricas, vindo o estrondo seco dos trovões quasi simultaneamente com os relâmpagos. Torrentes de chuva seguem-se ao primeiro estampido. Depois o vento amaina e a chuva se reduz a uma neblina que dura quasi até ao fim do dia seguinte. Passadas uma ou duas semanas de tempo chuvoso, o aspecto da região fica completamente transformado. Os campos amarelos dos arredores de Santarém sofrem, por assim dizer, uma erupção de verdura: as árvores empoeiradas e lânguidas ganham, sem ter perdido as folhas, velhas, nova roupagem de tenra folhagem verde. Rebenta admiravel variedade de leguminosas de rápido crescimento, e trepadeiras verdes cobrem o solo, as moitas, os troncos das árvores. Lembra-se a gente do súbito advento primavera, nos climas do norte, depois de algumas chuvas quentes. Fiquei tanto mais impressionado com isso, porque nada se passara de parecido nas florestas virgens, em cujo seio eu estivera durante os quatro anos que precederam minha permanência nesse lugar. A relva das campinas é renovada e muitas árvores do campo, especialmente mirtáceas, que crescem abundantemente em certo trecho do distrito, começam a flora-

ção, atraindo pela fragrância de suas flores grande número e variedade de insetos, particularmente coleópteros.

Muitas espécies de pássaros, papagaios e tucanos, que vivem habitualmente na mata, começam a visitar os descampados. Em março ocorrem geralmente algumas semanas de tempo relativamente seco, depois de um ou dois meses chuvosos. As chuvas mais pesadas caem em abril, maio e junho, numa sucessão de aguaceiros, com intervalo de alguns dias de sol brilhante. Junho e julho são os meses em que a pompa da vegetação e a atividade da vida atingem o máximo. Quasi todas as aves completaram a muda, que se estende de fevereiro a maio. Os arbustos estão todos floridos e as inúmeras espécies de Dípteros e Hinenópteros aparecem simultaneamente com as flores. Essa estação pode ser considerada equivalente do verão nos climas temperados e a folhagem nova de fevereiro representa a primavera, mas no equador não há essa marcha simultânea da vida animal e vegetal que vemos nas altas latitudes, embora algumas espécies dependam das outras para os seus atos periódicos da vida e vão par a par com elas, mas são todas afetadas simultaneamente e igualmente pela alterações físicas das estações.

\* \* \*

Farei agora o esboço de meus lugares favoritos de colega nos arredores de Santarém, ao mesmo tempo que a descrição de algumas observações mais interessantes sobre a História natural dessa localidade. A Oeste da cidade há pitoresco caminho pela praia para uma enseada, chamada Mapirí, a cinco milhas da foz do Tapajós. A estrada só era praticável na estação seca. O rio sobe, em Santarém, uns trinta pés, havendo diferença de dez

pés, de um ano para outro. Com isto, durante quatro meses, de abril a julho, a agua alcança a cintura de floresta ribeirinha a que já me referí. Essa excursão ao Mapirí era muitíssimo agradável e proveitosa nos meses de janeiro a março, antes das chuvas serem continuadas. A praia arenosa além da cidade é muito irregular: em certos pontos forma longos promontórios nos quais, quando sopra o vento de Leste, as ondas se quebram em linha de espumas; em outras se retrai, recortando pequenas enseadas tranquilas. Nos suburbios da cidade eu passara por algumas cabanas de índios e gente de côr, pitorescamente situadas à beira da praia branca, com fundo de folhagem luxuriante. A palhoça do índio puro-sangue se distinguia dos mucambos de taipa dos negros e mulatos por sua construção mais leve, com alpendre, onde se viam, a qualquer hora do dia, os escuros moradores deitados em suas redes de largas malhas abertas. A duas milhas pela estrada, alcançava uma serie de pequenas lagoas, chamadas *Laguinhos*, que ficam ligados ao rio na época das chuvas, mas que durante o resto do ano estão separados por alto banco de areia, coberto de arbustos. Há aí uma aberta na franja de mata, vendo-se o campo. Quando as águas alcançam o nivel das lagoas, esse sitio é frequentado por muitas aves ribeirinhas. Garças brancas de duas especies (372) poisam à beira d'água e vêem-se os socós estriados de escuro, meio occultos na sombra das moitas. Os laguinhos são cobertos de pequenos nenúfares e cercados de densa macega. Entre as aves que aí vivem, encontra-se o trupial de peito roseo (*Trupialis guianensis*), ave parecida com

---

(372) As duas espécies de garças brancas, encontradas em toda a América temperada e tropical, são *Casmerodius albus egretta* (garça branca grande, guiratinga ou acará-tinga) e *Leucophotia thula thula* (garça branca pequena); é esta última que vemos agora em grandes bandos na baixada fluminense, alegrando a paisagem.

o nosso estorninho no tamanho e nos hábitos e um pouco também no colorido, com exceção da rica plumagem rósea (373). A água, na época das chuvas, cobre largo trecho do campo, em tôrno das lagoas e os trupiais vêm comer as larvas de insetos, que abundam no solo úmido.

Para lá dos Lagunhos há um trecho de praia plana, coberto de árvores, que formam belo bosque. No mês de abril, quando a água chega até lá, as árvores estão cobertas de flores e formosa orquídea, um Epidendro de grandes flores alvas, que reveste densamente os troncos e floresce profusamente. Várias espécies de martim-pescador acorrem ao sítio, encontrando-se quatro espécies em pequeno espaço: o maior é do tamanho de uma gralha, com um penacho manchado de cinzento e enorme bico (374); a menor não excede o tamanho do pardal (375). Nenhuma é de cores tão brilhantes como nossa espécie inglesa (376). As flores das árvores atraem duas ou tres espécies de beija-flores, sendo vistoso uma grande espécie de cauda de andorinha (*Eupetionema macroura*)

---

(373) É o pássaro conhecido pelo nome comum de policia-inglesa, rouxinol-do-campo, puxa-verão e tentém-do-espírito-santo (*Leistes guianensis*), da família *Icteridae*, negro, com o peito e contornos vermelhos vivos. O estorninho da Europa (*Sturnus vulgaris*) pertence a uma família próxima (*Sturnidae*). Como os Ictéridas não ocorrem na Europa, para fazer-se compreender dos leitores ingleses, cita Bates, frequentemente, animais da fauna britânica. Não há Estúrnidas na América tropical.

(374) Os martins-pescadores são aves da ordem Coraciiformes, sub-ordem *Alcedines* (família *Alcedinidae*). Esta espécie maior, a que se refere Bates, é conhecido vulgarmente por martim-pescador-grande, uarirama, ariramba-grande, martim-cachá, matraca e flecha-peixe; é a *Megasceryle torquata torquata*, bem descrita no texto.

(375) As duas menores espécies de martim-pescador que ocorrem na Amazônia e aí conhecidos por ariramba-miudinho são *Chloroceryle* ainda e *Chloroceryle aenea aenea*.

(376) O martin-pescador comum da Inglaterra é *Alcedo is- pida*, igualmente encontrado em toda Europa e Asia ocidental.



(377), com sua brilhante roupagem verde de esmeralda e azul de aço. Observa-se que ele não permanece tanto tempo diante das flores como as outras espécies menores; pousa mais frequentemente e, às vezes, apanha pequenos insetos a voar. Há um longo trecho de praia arenosa que se segue ao bosque; a terra é alta e pedregosa e a faixa de floresta que orla as margens do rio é muito mais larga que alhures. Chega-se finalmente à baía de Mapirí, depois de contornar uma escarpa arredondada.

A vista do rio é característica do Tapajós; as praias são cobertas de mata, e do lado oposto há uma linha de falejas argilosas, com montanhas ao fundo, revestidas de mata. Pelo meio do rio estende-se longo banco de areia, além do qual há imensa vastidão de água escura, mal se vendo a margem do Tapajós, que surge no horizonte, como delgada linha cinzenta de árvores. A transparência do ar e da água, na estação seca, quando sopra o vento do leste, e a nitidez do recorte das montanhas, matas e baías arenosas dão grandê encanto a êsse ponto.

Os pequenos charcos ao longo da praia eram povoados por várias espécies de moluscos d'água doce. O mais abundante era uma *Melania* de longa concha turriculada, que aí enxameava como as *Limnaeae* em nossa pátria. Não encontrei *Limnaeae* nem nenhum outro gênero de moluscos d'água doce de Europa na região da Amazonia. Depois das primeiras tempestades de fevereiro a costa fervilhava de grandes conchas de *Ampullaria* (378). Estas não são habitantes dos charcos desse lado do rio,

---

(377) Este grande beija-flor ocorre em todo o Brasil (exceto o Nordeste), nas Guianas e no Paraguai.

(378) Melantias e ampulárias são Gastrópodes prosobrânquios Tenoglossos, tipos de duas famílias distintas: as ampulárias são anfibióticas e as melantias, que são vivíparas, exclusivamente d'água doce.

mas são seus visitantes involuntários, sendo arrastadas pelo vento e pelas vagas, junto com plantas higrófilas da terra baixa da praia oposta. Muitos eram animais mortos ou conchas mais ou menos vasias. No tempo chuvoso nunca fiz esse passeio sem ver uma ou mais cobras aquáticas, do gênero *Helicops* (379). Geralmente ficam escondidas sob montões de plantas aquáticas, atirados na praia pelas tempestades e, quando descobertas, vão diretamente para dentro d'água. Rastejam com tal agilidade que raramente consegui apanhar alguma; ao alcançar o rio imediatamente procuram a vasa dos lugares mais profundos. Acredito que tais cobras tenham vindo das terras alagadiças da margem oposta, trazidas com os tufo de canarana e as ampulárias acima citadas. Outros repteis e grande número de insetos são trazidos pelos ventos ou pelas vagas nas fortes rajadas de janeiro e fevereiro. Nenhuma espécie se fixa do lado do rio onde está Santarém. Às vezes o vento traz miríades de coleópteros, de meia duzia de tipos, que se tornam perfeitas pestes para a gente da cidade durante duas ou tres noites, a voar em redor das luzes de todos os compartimentos. Metem-se por baixo das roupas ou nas costas da gente, e passam da lamparina de azeite para a roupa, os livros, os papeis, sujando tudo em qué tocam. As casas de negócio em frente à praia enchem-se deles e quando os fregueses querem fazer uma compra são obrigados a esgueirar-se entre os pingos que caem dos grandes lampeões de cobre em cima do balcão. Tais espécies não são endémicas da margem oriental do rio. Os hóspedes logo desaparecem e os que não podem voltar, morrem desamparados, pois o solo, a vegetação e o clima de Santarém são impróprios para os habitantes da margem oposta.

---

(379) Veja-se a nota n.º 226.

As pequenas lagoas a que me referi, eram habitadas por uma consideravel variedade de insetos (380). Encontrei também grande numero de besouros terrestres, sobretudo carnívoros, sob os seixos e rebotalhos junto à linha d'agua. Eu estava profundamente impressionado com a semelhança das libélulas (cujas primeiras fases se passam dentro d'agua) com as da Gran Bretanha. Uma espécie de libélula de cauda pontuda, que se precipitava sôbre as moitas perto dos charcos, é muito parecida com a nossa *L. quadrimaculata* (381). Mas a semelhança era maior nas pequenas espécies de *Agrion*, de corpo delicado e vôo vagaroso, que qualquer pessoa, que goste de passeios pelo campo, já observou à beira dos rios da Inglaterra. Havia linda espécie, com anel azul pálido na ponta do abdomen, que se parecia de maneira impressionante com uma espécie inglesa comum. Embora tão semelhantes, nem esta nem nenhuma outra, era perfeitamente idêntica às europeias. As maravilhosas libélulas, próprias da América tropical, que se vêem em nossas coleções, são habitantes das florestas, criando-se nos pequenos tanques e regatos sombrios de seus recessos, e não nos marnéis cheios de vegetação dos lugares abertos. Algumas destas espécies da mata são estranhas criaturas de corpo delgado, de sete polegadas de comprimento, com as elegantes asas manchadas de branco ou de amarelo. Voam vagarosamente entre as árvores, apanhando pequenos Dípteros, e parecem no vôo fusos vivos; as asas, pos-

---

(380) Os besouros aquáticos, encontrados nas lagoas, pertenciam a dezessete gêneros, 13 dos quais europeus. Estes gêneros europeus, que formam a maior parte da população dos marnéis nas latitudes norte, faltam de todo na região amazônica; tais são *Halplius*, *Cnemidotus*, *Pelobius*, *Noterus*, *Ilybius*, *Agabus*, *Colymbetes*, *Dyticus*, e *Acylius*; os *Hydroperi* são também muito raros. As espécies mais comuns pertencem aos gêneros *Hydracanthus*, *Copelatus*, *Cybister*, *Tropisternus* e *Berosus*, dos quais tres são desconhecidos na Europa. (*Nota do Autor*).

(381) É a nossa bela e comum *Erythrodiplare umbrata*.

tas na extremidade anterior do longo corpo horizontalmente estendido, movendo-se rapidamente, dão a impressão de movimento rotativo.

Nas primeiras horas da tarde, quando eu descansava à sombra, era meu divertimento observar os hábitos das vespas pedreiras. Uma pequena espécie de *Bembex* (*Bembex ciliata*) (382) verde pálida, era muito abundante em Mapirí. Quando trabalha, vêem-se pequenos jactos de areia que saem do íngreme talude. As pequenas mineiras cavam com as patas anteriores, de constituição robusta e providas de um tufo de fortes cerdas. Trabalham com espantosa rapidez e a areia, impelida por baixo do corpo, sai em fluxo contínuo. Depois de fazer uma galeria de duas a tres polegadas de extensão, obliqua à superfície, a proprietária recua e dá algumas voltas em torno do orifício, à primeira vista para verificar se o trabalho está bem feito, mas de fato, ao que supponho, para tomar nota da localidade de modo que a possa novamente encontrar. Isto feito, a atarefada obreira levanta o vôo, mas volta, depois de uma ausencia que varia, segundo os casos, de alguns minutos a mais de uma hora, carregando nas garras uma mosca e torna a entrar em sua tina. Ao sair outra vez, a entrada é cuidadosamente fechada com areia. Nesse intervalo ela poz um ovo no corpo da mosca, que foi previamente paralizada com uma ferroadada, e servirá de alimento à larva mole e ápode, logo que saia do ovo. Segundo observei, a *Bembex* faz novo buraco para cada ovo a ser depositado. Pelo menos nas duas ou tres galerias que abri havia só uma vítima.

D'sse há pouco que a *Bembex*, ao deixar a toca, toma nota da localidade. Tal parece ser a explicação dessa

---

(382) *Bembex* passou a chamar-se *Bembix*, da família *Bembicidae*.

breve demora, antes de levantar o vôo: erguendo-se no espaço, o inseto geralmente esvoaçava em torno do lugar, antes de afastar-se. Outra espécie próxima, mas muito maior, é *Monedula signata* (383), cujos hábitos observei nos taludes do Alto Amazonas. Às vezes cava sua mina nos declives dos bancos de areia, recentemente postos a descoberto no meio do rio, e fecha o orifício, antes de ir à cata das presas. Nesse caso o inseto tem que fazer o trajeto de, pelo menos, meia milha para procurar a mutuca (*Hadrus lepidotus*) com que aprovisiona sua célula (384). Vi-as muitas vezes fazendo circunvoluções no ar, em tórno do sítio, antes de partir. Na volta vem sem hesitar, em linha reta, para a boca fechada da toca. Eu estava convencido de que os insetos anotavam as relações do ninho e a direção tomada, quando se afastavam.

O processo nêsse e em casos semelhantes (pois li ter sido observado fato análogo nas abelhas) parece ser um ato mental semelhante ao que se passa em nós, quando reconhecemos uma localidade. Seus sentidos devem ser, porém, imensamente mais acurados e a operação mental muito mais segura que no homem. Para minha vista não havia, na superfície arenosa regular, nenhum ponto de referencia que pudesse servir de guia, e a orla da floresta estava a meia milha. Poder-se-ia dizer que o ato da vespa era instintivo, mas parece indiscutível que o instinto não é agente misterioso e incompreensível, mas processo mental em cada individuo, diferindo do que se passa no homem apenas por sua certeza infalível (385). A alma do inseto parece constituída de maneira tal que

---

383) Também o género *Monedula*, da mesma família *Bemblicidae*, passou a chamar-se *Stictia*.

(384) Veja-se a nota n.º 317.

(385) Sobre o sentido de orientação nos animais leia-se o que escrevi em meu livro "A Vida na Selva".

a impressão dos objetos externos, ou as falhas encontradas, leva-o a agir com precisão que nos parece semelhante à de uma máquina, construída para mover-se de certo modo. Observei nos filhos dos índios sentido de direção quasi tão agudo como nas vespas mineiras. Um velho português e eu, acompanhados por um curumim de uns dez anos, perdemos-nos de uma feita na floresta, em ponto dos mais ermos da margem do grande Rio. Nosso caso parecia desesperado, e assim seria se não nos ocorresse consultarmos nosso pequeno companheiro, que se divertira todo o tempo com seu arco e flecha, enquanto caçávamos, parecendo não tomar tenção no caminho. Não nos pôde explicar como sabia. Penso que tomara nota, quasi inconscientemente, do trajeto percorrido. O sentido da direção, nesse caso, parecia instintivo.

A *Monedula signata* é boa amiga dos viajantes destas partes do Amazonas, que são infestadas pela mutuca. A primeira vez que observei seu costume de caçar essa mosca, foi num dia que baixámos à terra para fazer fogo e jantar na orla da mata vizinha, ao banco de areia. O inseto é do tamanho de um moscardo, mas com aspecto mais vespoide. Fiquei apavorado quando uma delas, destacando-se de um enxame que esvoaçava em derredor, voou para meu rosto: ela vira uma mutuca no meu pescoço e vinha apanhá-la. Essa vespa não segura a mosca com as mandíbulas, mas com as patas dos dois primeiros pares e carrega-a apertada ao peito. Onde quer que o viajante desembarque no Alto Amazonas, na vizinhança de um banco de areia, está certo de ser socorrido por uma ou mais destas vespas caçadoras.

\* \* \*

A baía de Mapirí era o limite de minhas excursões diurnas pela margem do rio, a Oeste de Santarém. Mas

uma pessoa pode caminhar a pé enxuto, durante a estação seca, como frequentemente o fazem os índios, cinquenta a sessenta milhas pelas largas praias limpas e arenosas do Tapajós. Os únicos obstáculos são os riachos, quasi todos vadeaveis, quando baixam as águas. Para leste meus passeios estendiam-se até às praias da enseada do Maicá. Este desagua no Amazonas umas três milhas abaixo de Santarém, onde a corrente clara do Tapajós começa a ser toldada pelas águas turvas do grande rio. O Maicá tem larga margem coberta de rica pastagem, limitada de cada lado pela orla elevada e erecta da floresta. Do lado de Santarém é fechado por altas cristas boscosas. Um trecho desta paisagem sempre me produzia impressão de tristeza e solidude que as risonhas florestas virgens, que orlam quasi todas as águas do Amazonas, nunca criaram. As pastagens são despidas de flores e de vida animal, excetuando-se algumas aves de cores mortas e alguns caracarás solitários, tristemente pousados nos ramos das mais altas árvores secas da orla da mata. Alguns colonos construíram suas cabanas de taipa, cobertas de folhas de palmeira, às margens do Maicá, e occupam-se principalmente no pastoreio de pequenas pontas de gado. Parecem viver todos na maior miséria. O gado, embora pequeno, era gordo e lusidio, e o distrito dos mais promissores para os trabalhos agrícolas e pastoris.

Na estação das chuvas as águas sobem gradativamente e cobrem as pastagens, mas há muito lugar, em sítios mais altos, para onde remover o gado. A gente preguiçosa e ignorante, parece de todo incapaz de aproveitar essas pastagens. As casas não têm hortas ou jardins. Disseram-me que não valia a pena plantar, porque o gado comia as plantas novas. Aí é muito raro reunir os trabalhos agrícolas e pastoris, pois o povo pa-

rece não ter a noção de cercar a terra para cultivar. Dizem que é muito incômodo fazer cercados. A construção de uma cêrca duradoura é inegavelmente difícil, pois só há duas ou tres árvores que se prestem para tal fim, por indenes aos ataques dos insetos, e estas só são encontradas mu'to longe, na mata.

Num lugar, onde havia belo trecho de pastagem, cercado pelos bosques, estava estabelecido um criador que fornecia diariamente o leite a Santarém, um mestiço forte, nervoso, provido de um pouco mais de energia que seus vizinhos, e realmente homem muito trabalhador. Tinha terra própria, bem como a duzia de vacas que aí criava. Mas era uma tristeza ver a vida miserável que esse homem levava. A casa, uma tapera, mal o protegia do sol e da chuva, e pouca vantagem levava -sôbre as palhoças dos índios. Queixava-se ser impossível conseguir que a gente livre, embora na miséria, trabalhasse a soldadas. O pobre homem levava vida triste e isolada. Não tinha família e a esposa o abandonara por um motivo qualquer. Levantava-se às quatro horas da madrugada, ordenhava as vacas com auxílio de um vizinho, e ao amanhecer transportava o leite para a cidade em vasilhas de pedra, presas por correias ao dorso dos cavalos. Essa pequena herdade nada mais produzia. Erguia-se a casa no meio do campo nú, sem jardim ou qualquer espécie de plantação em redor. Junto havia um tufo de magníficas palmeiras, em cujos troncos amarrava as vacas para a ordenha. Desconhece-se aí a fabricação de manteiga. Dizem que o leite é muito pobre e de fato é muito raro ver-se uma pelicula de creme, mesmo delgada. e a produção de cada vaca é muito pequena. Nosso leiteiro levava de Santarém, todas as manhãs, o pão, a carne e as verduras para seu consumo diário. Os outros residentes de Maicá estavam em condições ainda piores que êste homem. Sempre tive de trazer minhas



provisões quando aí vinha, pois parece reinar fome perene nesse lugar. Não posso imaginar quão diverso seria o aspecto deste trecho tão fértil da região, se fosse povoado por algumas famílias de agricultores do norte da Europa.

Embora as pastagens fossem campo estéril para o naturalista, os bosques ao lado regorgitavam de vida. Eram verdadeiramente espantosos o número e variedade de insetos que aí se encontravam. A mata era cortada por numerosas veredas que comunicavam as casas dos colonos umas com as outras, e o chão unido, mas as árvores não eram tão altas nem as copas tão densas e embastidas como em outras partes. A luz do sol e o calor tinham, portanto, mais livre acesso ao solo, formando-se o subosque muito mais variado que na mata virgem. Nunca vi juntas tantas qualidades de palmeiras anãs como aí, lindas espécies pequeninas, algumas de uns cinco ou seis pés de altura, carregadas de pequenos cachos de frutos esféricos e que não eram maiores que um bom cacho de uvas. Algumas das árvores da floresta tinham o porte e o aspecto muito ramificado de nossos carvalhos e casca muito semelhante (386).

Aí crescia em abundancia uma nobre palmeira, que dava caracter peculiar ao distrito, o *Oenocarpus distichus*, uma das muitas bacabas dos nativos. Alcança quarenta a cincoenta pés de altura. A copa é verde-escura brilhante e de forma singularmente achatada e comprimida, pois as folhas estão dispostas de um e outro lado, quasi no mesmo plano. A primeira vez que vi esta árvore nos campos, onde o vento leste sopra com fúria noite e dia, meses a fio, pensei que a forma fosse devida

---

(386) Enganado por esse aspecto Gaspar de Carvajal, cronista da viagem de Orellana fala mais de uma vez em ter visto carvalhos, na descida do Amazonas.

a que as folhas seguissem um mesmo meridiano pela ação constante dos ventos. Mas o plano de crescimento nem sempre concorda com a direção do vento, e a copa tem a mesma forma quando a árvore cresce em bosques abrigados. O fruto desta bela palmeira amadurece no fim do ano e é muito apreciado pelos naturais, que com ela fabricam agradável bebida, semelhante ao assaí, que descrevemos em capítulo anterior, destacando a polpa dos caroços e misturando-a com água. Um cacho de frutos pesa trinta a quarenta libras. A bebida tem aspecto leitoso e gosto agradável de nozes. E' muito difícil trepar nestas árvores, por ser o espique muito liso. Por isso os naturais, quando querem apanhar um cacho para um refresco de bacaba, derrubam a árvore que levou uma ou duas duzias de anos a crescer.

Na parte mais baixa das matas de Maicá, perto do rio, há um leito de argila branca e dura, que fornece ao povo de Santarém material para a manufatura da cerâmica grosseira e dos utensílios de cozinha. Todas as panelas, çaçarolas, fornos de mandioca, tijelas, bacias e outros utensílios das classes mais pobres, são feitos dessa mesma argila plástica, que ocorre, com pequenos intervalos, em todo o vale do Amazonas, desde os arredores do Pará até ao interior do Perú, e faz parte do grande depósito de tabatinga. Para que as vasilhas resistam ao fogo, queimam e misturam com o barro a casca de certa árvore, chamada caraipé (387) que dá grande tenacidade aos objetos. Caraipé é um dos artigos de comércio, sendo vendida, em feixes, nos armazéns de quasi todas as cidades. As cacimbas rasas, escavadas no solo argiloso de Maicá, eram muito procuradas por vespas e abelhas, que utilizavam o barro para

---

(387) É a Rosacea *Licantia turtuva*.

a construção dos ninhos. E assim tivemos outro exemplo da curiosa analogia existente entre as artes dos insetos e humanas. Passei uma hora observando os seus processos: um resumo dos hábitos de algumas destas diligentes criaturas pode ser interessante.

A mais vistosa era grande vespa amarela e preta, com uma cintura muito longa e delgada, o *Pelopaeus fistularis* (388). Essa vespa juntava o barro em pequeninas pelotas arredondadas, que carregava na boca, depois de lhes ter dado a forma esférica. Vinha em linha reta, a zumbir alto e, pousando, começava a trabalhar sem perda de um momento, de modo que acabava de amassar sua pequena carga em dois ou tres minutos. O ninho desta vespa tem a forma de uma bolsa, de duas polegadas de comprimento, presa a um ramo ou a qualquer objeto saliente. Um destes incansaveis artifices começou a construir, certa vez, na alça de uma canastra, no camarote de minha canoa, quando ficámos parados durante alguns dias. Era tão atenta ao seu trabalho, que me permitiu observar com uma lente os movimentos da boca, quando aí depositava argamassa. Trazia cada nova pelota com um canto triunfal, que se transformava em alegre sussurro, quando largava a carga e começava a tarefa. Deixava a pequena bola de barro úmido na borda da célula e depois espalhava-a em toda extensão do rebordo circular, servindo-se do lábio, guiado pelas mandíbulas. O inseto ficava de pernas afastadas sôbre a borda para trabalhar e, terminado cada acréscimo à construção, dava uma volta completa, alisando com as patas tanto a face externa como a in-

---

(388) A respeito dos curiosos costumes dessa vespa (*Sceliphron fistulare*), da família *Sphecidae*, há interessante trabalho de Richards; os hábitos dos *Sphecidae* e outras vespas solitárias estão resumidos em meu livro "No Mundo dos Humildes".

terna, antes de voar em busca de nova pelota. Trabalhava somente nos dias de sol e, às vezes, a camada anterior ainda não estava bem seca quando juntava uma nova. Toda a construção consome cerca de uma semana. Deixei êsse ponto antes que a alegre construtora tivesse terminado sua tarefa. Ela não acompanhou a canoa, embora seguíssemos muito lentamente ao longo da praia. Ao abrir ninhos fechados dessa espécie, muito comuns perto de Maicá, sempre os achei providos de pequenas aranhas do género *Gasteracantha* (389) no estado habitual do torpor a que as mães vespas reduzem os insetos que vão servir de alimento aos filhos.

Havia, além de *Pelopaesus*, tres ou quatro especies de *Trypoxylon*, género igualmente ençotrado na Europa e que certos naturalistas supuzeram ser parasito, porque as patas são desprovidas da fila habitual de fortes cerdas adaptadas para cavar a terra, caracteristicas da família a que pertence. Todas as especies de *trypoxylon* são, porém, vespas pedreiras; as duas que observei (*Trypoxylon albitarse* e uma espécie inédita) aprovisionam os ninhos com aranhas; a terceira (*Trypoxylon aurifrons*) prefere pequenas lagartas. Seus costumes são semelhantes aos de *Pelopaesus*: carregam o barro nas mandíbulas e têm canto diferente, quando voam com a carga, do que entoam durante o trabalho. *Trypoxylon albitarse*, que é grande espécie negra, de tres quartos de polegada de comprimento, faz tremendo ruido ao construir a célula. Para tal fim escolhe

---

(389) É uma das particularidades mais notaveis esse aprovisionamento que fazem *Sceliphron* e *Trypoxylon*, com aranhas da mesma espécie, do mesmo género ou mais raramente da mesma família, nunca se encontrando espécies de famílias diversas. Quando da mesma família há dois ou mais géneros na mesma célula, êstes são muito afins. Essa escolha depende da localidade e na mesma espécie de vespa, cada individuo faz sua provisão diferente de outro individuo.

frequentemente as paredes dos quartos, e, quando há duas ou tres trabalhando no mesmo lugar, seu alto zum-bido enche a casa de algazarra. A célula é uma estrutura tubular de umas tres polegadas de comprimento. *Trypoxylon aurifrons*, muito menor, faz ninhozinhos caticas, em forma de botija, que ele enfileira nos ângulos das varandas.

Mas os oleiros mais numerosos e, mais interessantes são as operárias de uma abelha social, a *Melipona fasciculata* (390). As Meliponas da América tropical substituem os verdadeiros Apidas, aos quais pertence a abelha europeia, e que são aí desconhecidos. São geralmente insetos muito menores que a abelha-do-reino e não têm ferrão. A *Melipona fasciculata* regula ser um terço de *Apis mellifica*; suas colonias são formadas por número colossal de indivíduos. Vêm-se geralmente as operárias colhendo polen, do mesmo modo que as outras abelhas, mas há muitissimas que estão ocupadas em apanhar barro. E' de maravilhar a rapidez e precisão de seus movimentos. Primeiro arranham o barro com as mandíbulas. As pequenas porções tiradas, são limpas com as garras anteriores e passam para o segundo par de patas que, por seu turno, as prendem às grandes expansões foliares das tibias posteriores, que estão normalmente adaptadas nas abelhas, como todos sabem, à colheita do polen. Os tarsos médios batem os fragmentos de argamassa nas patas posteriores, para dar-lhes consistencia compacta, à medida que se ajuntam partículas sucessivas. Os pequeninos alvaneis logo obtêm a porção que podem carregar e levantam o vôo. Durante algum tempo foi para mim um enigma o destino que as abelhas davam ao barro; mas tive mais tarde inú-

---

(390) Veja-se nota n.º 108.

meras oportunidades de encontrar a solução. Constroem as colmeias em qualquer fenda favoravel, nos troncos das árvores ou em ribanceiras a pique, e o barro é necessário para construir uma parede que feche a brecha, ficando apenas pequeno orificio, pelo qual entram e saem. Quasi todas as espécies de *Melipona* são a um tempo pedreiros, trabalhadores em cera e coletores de polen. Uma pequenina espécie (iné dita) de menos de duas linhas de tamanho, além de tapar as fendas das árvores onde constroe a colmeia, faz elegante galeria tubular de barro, amassado com certa substância viscosa, e que se projeta fora da entrada. A boca do tubo é afunilada, havendo sempre na entrada alguma dessas abelhas-pigmeus, aparentemente de sentinela.

E' de admirar que nenhuma das abelhas americanas tenha alcançado, na construção da colmeia, o elevado grau de habilidade arquetônica, demonstrada pela abelha doméstica da Europa. As células de cera das *Melíponas* são geralmente oblongas, apenas apresentando tendencia à forma hexagonal nos pontos em que muitas delas são construidas lado a lado. Poderia parecer o Velho Mundo produziu em abelhas, como em outras famílias de animais, formas muito mais avançadas que nos trópicos do Novo Mundo:

Uma colmeia de *Melipona fasciculata*, que ví aberta, continha cerca de duas quartas de mel fluido, de agradável sabor. As abelhas, como já disse, não têm ferrão, mas mordem furiosamente, quando as colonias se alvoroçam. O índio que colheu a colmeia estava completamente coberto delas, que mostravam particular predileção pelos cabelos, onde se agarravam às centenas. Encontrei quarenta e cinco espécies diferentes destas abelhas em diversas partes da região; a maior tinha

meia polegada e as menores eram muito pequenas, não excedendo de um duodécimo de polegada. Estes minúsculos camaradas são, às vezes, muito incômodos nas brenhas, devido à sua familiaridade. Pousam no rosto e nas mãos e, caminhando, entram pela boca e pelas narinas.

A larga expansão das tíbias posteriores das abelhas é utilizada, em algumas espécies, para outros misteres, além do transporte de barro ou de polen. A fêmea da vistosa *Euglossa surinamensis*, negra e doirada, tem as tíbias muito largas. Ela constroi também seu ninho solitário nas fendas das paredes ou das árvores, mas para tapar a abertura emprega, em vez de barro, fragmentos de folhas secas e gravetos colados. Visita os cajueiros e, com as patas posteriores, recolhe pequenas quantidades de resina que exsuda dos troncos. Junta-lhe os outros materiais necessários, que retira dos arbustos vizinhos e, uma vez carregada, voa de volta para o ninho.

Ainda a respeito de abelhas devo mencionar que nos arredores de Santarém e Vila Nova, consegui cerca de 140 espécies. Os géneros são, em sua maior parte, diferentes dos que habitam a Europa. Muitas delas fazem suas células em gravetos e ramos ôcos. Como entre nós, as espécies trabalhadoras e construtoras de ninhos são parasitadas por outras espécies, que não trabalham nem armazenam alimento para a prole, mas depositam os ovos nas células das outras. Algumas, como é bem sabido, imitam a roupagem e aspecto geral das vítimas. Segundo todas as probabilidades, esta semelhança de forma e colorido entre o parasito e a vítima tem por fim enganar a pobre abelha trabalhadora, que de outro modo se vingaria, matando os ladrões. Algumas abelhas parasitas não se parecem, contudo, com as

espécies que assaltam. Provavelmente vivem juntas, nas mais amigáveis relações ou possuem outros meios de afastar as suspeitas. Muitos dípteros são também parasitos de abelhas, e vestem a mesma roupagem que as espécies de que vivem. Os casos que observei em Santarém parecem provar que a roupagem dos parasitos é arranjada em estreita relação com a da vítima. Os gêneros de parasitos daqui não são os mesmos da Europa e quando imitam as abelhas trabalhadoras, são as espécies de colorido e desenho especiais de sua própria pátria as imitadas e não as de outras regiões. O gênero europeu *Apathus*, que mimetiza os moscardos europeus, não ocorre na América do Sul; mas o *Bombus* comum de Santarém, que é notável por ser todo de um negro uniforme, veludoso, é imitado por um parasito também negro-veludoso, de gênero muito diverso. o *Eurytis funereus* (391). Muitas das pequenas Meliponae têm suas contrafacções em pequenos dípteros da família *Syrphidae*; e as brilhantes abelhas azuis ou verdes da região (*Euglossa*) têm os imitadores em abelhas parasitas de côres igualmente brilhantes, pertencentes a gêneros desconhecidos fora dos lugares onde se encontram as *Euglossae*.



Para os lados do Sul meus passeios nunca iam além das praias do Irurá, rio que corre entre as colinas já mencionadas e, passando por largo vale, com matas ciliares aos vários cursos d'água, desagua no Tapajós na extremidade da baía de Mapirí. Mais além, como já

---

(391) Pertence esta pequena abelha parasita ao mesmo grupo Apoidea.



disse, tudo é terra incógnita para os habitantes de Santarém. Os brasileiros residentes nas praias do Amazonas não parecem ter gosto pelas explorações por terra, e eu não encontrei uma só pessoa que me quizesse acompanhar em excursão terra a dentro. Tal viagem seria extraordinariamente difícil nessa região, mesmo que eu obtivesse homens com ânimo de empreendê-la. Além disso havia notícias de um quilombo de ferozes negros fugidos, na serra de Muruarú, e era tido como perigoso afastar-se a gente nessa direção, exceto com grande grupo bem armado.

Durante todo o tempo de minha permanência em Santarém, visitei uma ou duas vezes por semana as praias do Irurá e suas ricas matas marginais, bem como dois ou tres rios na mesma vizinhança, o Panema e o Uruma, aí realizando grandes coleções de produtos naturais. Estes regatos da floresta, com suas aguas límpidas e frias, murmurando sôbre leitos de areia e seixos rolados, por selvagens vales tropicais, sempre tiveram para mim grande encanto. A beleza das clareiras úmidas, frescas e luxuriantes era aumentada pelo contraste que apresentavam com a região estéril que as circundava. As colinas nuas ou cobertas de mato ralo, que cercam o vale, eram castigadas pelos raios do sol a pino. Uma delas, o Pico do Irurá, forma um cono quasi perfeito, elevando-se de pequena planície relvosa até altura de quinhentos ou seiscentos pés, e sua ascensão é excessivamente fatigante, depois de longa caminhada pelos campos, desde Santarém. Tentei um dia subí-lo mas não cheguei ao cume. Denso revestimento de capim alto cobria as vertentes da colina, apresentando aqui e ali uma árvore enfezada das espécies encontradas na planície. Nos pontos nós ficava à mostra o

solo frouxo e vermelho e de um lado havia um maciço de rocha que me pareceu, por sua textura compacta e falta de estratificação, ser porfirítica; mas não conheço bastante geologia para opinar em tais questões. Diz Wallace ter encontrado fragmentos de escórias, e pensa que a montanha seja um cone vulcânico (392). A sul e a leste deste pico isolado, as cristas alongadas das montanhas de cumes chatos atingem altura um pouco maior.

A floresta se reduz, no vale, a um trecho de algumas centenas de jardas de largura, de cada lado dos vários cursos d'água. Nos pontos em que êstes correm pela base das colinas, as vertentes dêsse lado são também ricamente cobertas de vegetação, embora as vertentes opostas sejam nuas ou quasi. As árvores são robustas e de grande variedade, destacando-se colossais exemplares de castanheiros (*Bertholletia excelsa*) e piquiá (393)). Esta última dá um fruto comestível, curioso por apresentar uma câmara ôca entre a polpa e o caroço, provido de duros espinhos que produzem serios ferimentos ao penetrar na pele. A parte comestível não me pareceu muito mais saborosa que a batata crua, mas os moradores de Santarém são loucos por ele e fazem as mais penosas caminhadas a pé para colher um cesto.

A árvore que dá a fava tonca (*Dipteryx odorata*), usada na Europa para perfumar o rapé, é aqui muito

---

(392) No capítulo XIV de sua obra escreve Wallace: "Encontram-se, em área muito extensa, grosseiras escórias vulcânicas com aspecto vítreo. Um pouco além da cidade de Santarém, na barra do Tapajós, existe pequena colina cônica, que tem o aspecto de um monte vulcânico".

(393) É uma árvore da família Cariocaráceas, o *Caryocar villosum*. É esta uma pequena família da ordem Parietales, a qual é constituída por grande número de pequenas famílias, das quais as mais conhecidas são as Gutíferas, Bixáceas (do urucum) Violáceas, Passifloráceas (do maracujá) Caricáceas (do mamão) e Begoniáceas.

comum. Cresce a uma imensa altura e o fruto, que embora seja uma vagem, é de forma arredondada e possui uma única semente, só pode ser colhido quando cai no chão. Santarém exporta anualmente considerável quantidade (mil a tres mil libras), o que representa a produção de toda a região do Tapajós. Cresce nessas intrincadas brenhas infinita diversidade de árvores e arbustos, alguns de formosas flores e fôlhas, outras de curiosos frutos. Seria enfadonho enumerá-las. Eu estava pasmo pela variedade de árvores portadoras de frutos grandes, de diversos feitios, pendentes do tronco e dos grossos ramos, alguns a poucas polegadas do chão, como o cacau. Quasi todos são chamados pelos naturais cupú, e as árvores são de altura insignificante. Uma delas, chamada cupu-aí, (394) tem o fruto elíptico, côr de terra cota, de seis ou sete polegadas de comprimento, casca fina e lenhosa, e pequeno número de sementes, frouxamente envoltas em polpa mole, de sabor muito agradável. Os frutos pendem dos ramos como formigueiros de barro. Outra especie é muito mais parecida com o cacau; tem quasi a forma de pepino e a casca é rajada de verde. Chamam-na cacau de macaco (395) mas as sementes são menores que as do cacau comum. Tentei uma ou duas vezes fazer chocolate com elas. Contêm abundante oleo com o cheiro de manteiga de cacau, e facilmente se reduzem a pasta, mas a bebida toma côr terrosa e gôsto pouco agradável.

Minhas excursões ao Irurá tinham sempre caracter de piquenique. Havia algumas toscas choupanas espa-

---

(394) São todas Esterculaceas do mesmo género que o cacau (*Theobroma*); o cupu-aí ou cupú é o *Theobroma subincanum*.

(395) É o *Theobroma speciosum*.

lhadas pelo vale, mas que só eram ocupadas alguns dias no ano, quando os donos vêm colher e torrar a mandioca de suas pequenas plantações. Geralmente costumávamos levar conosco dois meninos — um negro e um índio — para carregarem as provisões do dia: algumas libras de carne assada ou de peixe frito, farinha e bananas, pratos e uma chaleira. José carregava as espingardas, munição e sacos para guardar a caça, e eu a aparelhagem para coleccionar insetos: — a rêde, grande saco de couro com compartimentos para caixas com cortiça, frascos, tubos de vidro, etc. Costumávamos partir de madrugada, quando estava fresco e era agradável caminhar pelos campos, na grama úmida de orvalho e sob um céu sem nuvens. Os caminhos se reduziã a simples trilhas pouco aparentes, e em nossas primeiras excursões foi difícil encontrar o rumo. De uma feita ficámos completamente perdidos e caminhamos várias horas sôbre o solo ardente sem encontrar a vereda.

Tem-se belo panorama quando se está a meia-altura. Então o fundo do vale aparece como grande e suave talude relvoso, sem uma árvore. As montanhas de formas estranhas, a mata aos pés, com rica variedade de palmeiras, a baía de Mapirí à direita, com as aguas escuras do Tapajós e praias brancas e brilhantes, tudo se desenrola diante de nós, como pintado numa tela. A extrema transparência da atmosfera dá a todas as partes da paisagem tal nitidez de linhas, que desaparece a noção das distâncias, e a gente imagina que tudo está quasi ao alcance da mão. Descendo para o vale era preciso atravessar pequeno riacho e meia milha de planície arenosa, cuja vegetação apresenta particular aspecto, pela predominância de uma palmeira acaule,

o curuá (*Attalea spectabilis*) (396), cujas grandes fôlhas rígidas, belamente penadas, surgem diretamente do solo. O fruto desta especie é semelhante ao côco, contendo água no interior do caroço, mas é muito menor. Aí, como ao longo de toda a estrada, vimos quasi todos os dias da estação chuvosa, rastos de jaguar. Nunca, porém, encontrámos o animal, embora ouvíssemos, às vezes, o seu alto bramido durante a noite, quando deitados na rêde, em casa, em Santarém, e sabíamos que ele devia estar de tocaia nas proximidades.

Meu melhor ponto de caça era certa porção do vale, limitado de um lado por íngreme montanha, cuja escarpa, como o vale a seus pés, apresentava-se coberta de magnífica mata. Costumávamos estacionar em pequeno lugar limpo, toleravelmente livre de formigas e à beira d'água. Aí nos reuníamos depois de fatigante caçada matutina em várias direções, pelas brenhas, e tomávamos nossa refeição bem ganha, sentados no chão. Duas largas folhas de banana silvestre serviam de toalha e, terminado o almoço, ficávamos um bom par de horas ao abrigo do grande calor da tarde. A diversidade de produções animais era tão maravilhosa como a das formas vegetais nessa rica localidade. Vejo em meus apontamentos que não era raro encontrar, num dia de pesquisas, trinta ou quarenta especies novas de belos insetos, mesmo depois de ter realizado certo número de excursões ao mesmo lugar. Era agradável ficar deitado, durante a parte mais quente do dia, e examinar os movimentos dos animais, enquanto minha gente dormia. Às vezes um bando de anús (*Crotophaga*),

---

(396) A *Orbignya spectabilis* é o curuá do Rio Negro, também chamado palha-preta; o curuá do baixo Tapajós é *Orbignya sabulosa* ou *O. agrestis*.

aves de plumagem negra e luzidia, que vive em pequenas sociedades, vinham dos campos, um a um, chamando-se a esvoaçar de árvore em árvore. Ou um tucano (*Rhamphastos ariel*), ficava silenciosamente empoleirado ou subia e descia pelos ramos, a espiar, para dentro das fendas e interstícios. Notas de aves solitárias ecoavam pelos matos. Acidentalmente via-se algum preguiçoso surucuá, pousado num ramo baixo, sem fazer o menor movimento durante uma hora inteira. Viam-se sempre, nas horas calmas do meio dia, grandes lagartos gordos, de dois pés de comprimento, da espécie chamada pelos naturais jacuarú (*Teius teguexim*) (397), a correr com grande bulha sôbre as folhas secas, que pareciam perseguir-se mutuamente. A gordura desse grande lagarto é muito apreciada pelos nativos, que a aplicam como cataplasma para extrair da carne espinhos de palmeiras ou grãos de chumbo. Outros lagartos, de aspecto repelente, de tres pés de comprimento, quando completamente desenvolvidos, metiam-se no lodo ou nadavam na agua, saindo às vezes, para esconder-se nas árvores ôcas das praias do rio, (398) onde certa vez encontrei uma fêmea e o ninho com ovos. O vôo compassado, a grande altura, das grandes borboletas do género *Morpho*, azuis e negras, o zumbido dos insetos e

---

(397) Há dois grandes lagartos conhecidos na Amazônia por jacuarú: um é da espécie encontrada em grande parte do Brasil setentrional e meridional, o teiú ou tejuguassú (*Tupinambis teguexim*); o outro é exclusivo da Amazônia, o *Tupinambis nigropunctatus*. Do Paraná para o sul há outra especie do mesmo género (*Tupinambis dusenti*).

(398) É o jacarerana (*Crocodylus lacertinus*), do qual escreve Goeldi: "É animal pardo pelo lado dorsal, manchado de preto, do comprimento de mais de meio metro, notavel pela cauda, fortemente comprimida e provida de uma dupla crista de escamas erectas dorsais. O jacarerana é difficil de apanhar; perseguido, foge immediatamente para um buraco redondo na ribanceira, que dá entrada para uma galeria comprida debaixo e entre as raizes das árvores e aningas".

muitos sons inanimados contribuíam para a impressão total produzida por essa estranha solidude. Das copas das árvores, que se entrelaçavam a grande altura acima de nossas cabeças, pesados frutos caíam nágua de vez em quando, com ruído cavo. O vento, que se não sentia em baixo, agitava as franças das árvores, pondo em movimento os retorcidos cipós que estalavam e gemiam em grande variedade de notas. A tais ruídos juntava-se a cantiga monótona do regato, que formava pequenas cascatas, com intervalos de vinte ou quarenta jardas.

Frequentes vezes nos encontrávamos com uma índia velha, chamada Cecilia, dona de pequena roça no bosque. Tinha fama de feiticeira e observei, conversando com ela, que se orgulhava de seus conhecimentos de magia negra. O cabelo um pouco crespo mostrava que não era índia de sangue puro. Disseram-me que o pai era um mulato escuro. Foi sempre muito delicada conosco, mostrando-nos os melhores lugares, ensinando-nos os usos e virtudes de diferentes plantas. Eu muito me divertia com as informações que dava da zona. Sua vida solitária e a melancolia da floresta parecem ter enchido seu espírito de supersticiosas quimeras. Dizia que havia ouro no leito do riacho e que o murmúrio da água das pequenas cascatas era a voz da mãe-dagua, revelando o tesouro oculto. Estreita passagem entre os dois lados da montanha era o portão, para dentro do qual, nas margens do rio cobertas de mata, havia uma terra encantada. A montanha, em cujo sopé estávamos acampados, era a residência do encantador e ela gravemente nos disse que muitas vezes tinha tido com ele longas conversas. Tais mitos eram de sua invenção, como tantos outros que se originam nas imaginações

pueris dos habitantes indios e mestiços de diferentes partes da região. Deve-se notar, porém, que os indios se tornam céticos depois de pequeno intercâmbio com os brancos. O poder mágico da pobre Cecilia era de qualidade muito inferior. Consistia em soprar no fogo pitadas do pó da casca de certa árvore e outras substâncias, enquanto murmurava um encantamento (uma oração repetida de trás para diante) com o nome da pessoa sôbre a qual queria que o conjuro operasse. Algumas feiticeiras, porém, fazem embustes mais perigosos do que essa inócua mogiganga. Conhecem os efeitos de muitas plantas venenosas, e embora raramente tenham a coragem de administrar dose fatal, às vezes procuram dar à vítima quantidade suficiente para lhe causar doença grave. O motivo é geralmente o ciúme de outras mulheres em casos de amor. Quando eu residia em Santarém, foi levado ao subdelegado um caso que foi considerado como de feitiçaria, e do qual a queixosa era respeitável senhora. Parece que alguma feiticeira tinha derramado certa quantidade do suco corrosivo de grande arum na roupa que estava corando ao sol, e pensava-se que isso causara grave erupção de que a mesma sofria.

Raramente encontrei animais de grande porte nessas excursões. Nunca vimos nenhum mamal nos campos, mas de vez em quando encontrávamos rastos de tres espécies, além do jaguar: eram de jaguatirica, de um veado e de um gambá. Mas todos devem ser muito raros e, com exceção do veado, de hábitos noturnos. Encontrei nas matas, belo dia, pequeno bando de macacos, e certa vez tive a oportunidade de apreciar os movimentos de uma preguiça. Os macacos eram de espécie linda e rara, uma qualidade de sagui, creio que



*Hapale humeralifer* (399) descrito por Geoffroy de Saint-Hilaire. Não consegui obter nenhum espécimen, mas vi depois um exemplar em mãos de um negociante de Santarém. Parece que só é encontrado nas matas secas que cercam os campos do interior do Brasil. As cores de seu pelágio são lindamente variadas: a parte anterior do corpo é branca, com as mãos cinzentas; a parte posterior é preta, com o posterior e a barriga fulvescentes; a cauda é anelada de negro e cinzento. A cara é parcialmente nua e côr de carne, e as orelhas têm longos pinceis de pelos brancos. O espécimen não tinha mais de oito polegadas de comprimento, sem a cauda. Considero-a a mais formosa especie que vi dessa família. A princípio podia ser tomado como um gatiuho, por seu pequeno tamanho, variedade de côres e maciez do pelágio. Era criatura excessivamente tímida, gritando e mordendo, quando alguém procurava segurá-lo, mas, passados poucos dias, se familiarizou com a gente de casa. Quando tinha fome ou malestar, soltava um gritinho quérulo, uma nota aguda, que às vezes se prolongava tanto que parecia a estridulação de um grilo. A preguiça era da especie chamada por Cuvier *Bradypus tridactylus* (400) e que apresenta um áspero pelágio cinzento. Os naturais chamam-na, em tupi, aí-ibiretê (preguiça da terra firme) para distingui-la do *Bradypus infuscatus*, que apresenta larga faixa negra entre os olhos e é chamada aí-igapó (preguiça das vargens). Alguns viajantes na América do Sul descreveram a preguiça como muito agil em suas matas de

---

(339) *Hapale humeralifer* é sinônimo de *Hapale chrysoleucus*.

(400) É a preguiça de maior area de dispersão; na Amazonia há uma subespecie do litoral (*Bradypus tridactylus blainvilliei*) e outra do interior (*B. t. marmoratus*)

origem, e contestaram a justeza do nome que lhe foi dado. Mas os habitantes da Amazônia, tanto os índios como os descendentes de portugueses, participam da opinião geral e consideram a preguiça como o tipo da indolência. E' muito comum ouvir-se um nativo, reprovando a preguiça de outro, chamá-lo bicho de embaúba, porque as folhas da *Cecropia* são o alimento da preguiça. E' estranho espetáculo ver-se a extravagante criatura, produto legítimo destas sombras silenciosas, mover-se tardamente de ramo em ramo. Cada movimento traduz, não exatamente a indolência, mas a cautela. Nunca deixa o ramo que segura, sem primeiro prender-se a outro, e quando não encontra imediatamente um galho a que se fixe com os ganchos rígidos em que tão curiosamente se transformaram suas garras, levanta o corpo, sustido pelas patas de trás, e guia os braços em busca de apoio. Depois de observar o animal durante meia hora, dei-lhe uma carga de chumbo. Despencou-se com formidável estrondo mas, ao cair, agarrou um ramo com as poderosas garras. Nosso indiozinho tentou trepar na árvore, mas foi agredido por enxames de formigas de fogo, e o pobre rapazinho escorregou tronco abaixo em apuros, e mergulhou no riacho para livrar-se das mesmas. Dois dias mais tarde encontrei o corpo da preguiça no chão: o animal só caíra pelo relaxamento dos músculos, algumas horas depois de morto. Em uma de nossas viagens, Wallace e eu vimos uma preguiça (*Bradypus infuscatus*), atravessando um rio a nado, em ponto que tinha provavelmente trezentas jardas de largura. Creio que não é do conhecimento geral que este animal entre na água. Nossos homens a apanharam e comeram. (401)

---

(401) A observação de Bates foi confirmada experimentalmente por Luederwaldt, que não lera Bates. Escreve o saudoso custos do Museu Paulista: Constatámos o Dr. Afonso de Taunay

Ao voltar dessas excursões éramos, às vezes, surpreendidos pela noite nos campos. Quando havia luar, isso não tinha importancia pois não havia perigo de perdermos o caminho. O grande calor do meio dia abrandava muito por volta das quatro horas da tarde. Pequenos bandos de rolas campestras corriam entre os montículos pedregosos; papagaios passavam sobre nossas cabeças e, às vezes, pousavam nas ilhas; belos piscos pequeninos, de várias espécies (402) principalmente um estriado de pardo-oliva e amarelo, parecido com o nosso verdelhão, mas que penso não ser do mesmo género, saltitavam no ervaçal, alegrando o sítio com algumas notas musicais. O carachué também solta o seu canto doce, parecido com o do nosso melro. Duas ou tres especies de beijaflores (nenhuma das quais, porém, peculiares ao distrito) esvoaçavam de árvore em árvore. Por outro lado, os pequenos lagartos, estriados de azul e amarelo, que abundam entre a relva nas horas ardentes do meio-dia, retiram-se a esta hora para os seus esconderijos, ao mesmo tempo que os insetos diurnos e as numerosas borboletas do campo. Algumas

---

e eu, que *Br. tridactylus* sabe nadar perfeitamente. Fizemos a experiencia com dois exemplares adultos, num tanque do parque do Museu. O primelro puzemo-lo cuidadosamente no elemento a ele desconhecido, começou, porém, a nadar logo, mas com movimentos tão vagarosos e desageitados, como os que realiza no solo plano, remando devagar, quasi como uma tartaruga e progredindo tão pouco que, sem dúvida, uma corrente bem fraca arrastaria o animal. Vimos, contudo, que não tinha medo da água; assim afastou-se da margem, experimentando nadar no meio do tanque. A segunda preguiça foi jogada à agua com certa violência, molhando-se imediatamente por inteiro. Ficou imóvel algum tempo na superficie, de maneira que cremos que tivesse morrido de susto. Começou então a mover-se, levantando a cabeça e nadando em direção à beira do tanque, com movimentos tão fortes, que não julgávamos fizesse este animal”.

(402) Querendo dar uma idéa aos seus leitores dos Fringí-lidas encontrados, mais uma vez apela Bates para aves que lhes sejam familiares.

destas últimas muito se pareciam com as nossas espécies inglesas, encontradas entre urzes, principalmente uma *Fritillaria*, *Argymnis* (*Euptoieta*) *hegeria*, e duas espécies menores que eram de pasmosa semelhança com a pequena *Nemeobius lucina* (403).

Depois do pôr do sol o ar se torna deliciosamente fresco e fragrante, com o perfume dos frutos e das flores. Os animais noturnos aparecem então. Monstruosa aranha peluda, de cinco polegadas de tamanho (*Mygale blondii*), parda, com quatro linhas amarelas ao longo das robustas patas (e que é aqui muito comum, habitando largas galerias tubulares, forradas de seda lisa), podem ser apanhadas quando de tocaia na boca do buraco. Sua galeria tem umas duas polegadas de diâmetro, e desce obliquamente a dois pés da superfície do solo (404). Logo que anoitece, surgem de repente bandos de bacuraus, voando sem fazer rumor, como fantasmas, à caça dos insetos noturnos. Às vezes descem e pousam num ramo baixo ou mesmo caminho, junto ao ponto por onde a gente vai e então, agachados, são difíceis de distinguir do solo. Uma espécie (*Hydropsalis psalidurus?*) tem longa cauda forquilhada. Durante o dia ficam escondidos nas brenhas das ilhas, onde muitas vezes os vi, encolhidos, dormindo no chão, nos pontos mais sombrios. Não fazem ninho, pondo os ovos

---

(403) Estas duas borboletas são da família *Nemeobitidae*, família de pequenas borboletas, de asas anteriores curtas e largas, patas anteriores do macho imperfeitas e em escova, com os tarsos desprovidos de unhas. *Nemeobius lucina* é o único representante europeu da família. A espécie citada por Bates é hoje *Euptoieta hegeria*, borboleta dos campos e lugares abertos, perto das matas e florestas, de cinco a seis centímetros de envergadura, e asas castanho-claras, amareladas, cobertas de manchinhas pardas e orla com estreitas linhas dessa mesma cor.

(404) Já dissemos que no Brasil não há a *Theraphosa blondi*; pela descrição de Bates, parece que essa grande caranguejeira seja a *Acanthoscurria geniculata*.

na terra nua. O tempo dos amores é na estação chuvosa, encontrando-se os ovos de dezembro a junho (405).

Mais tarde ouvem-se as notas singulares dos curiangos, uma espécie a gritar *quau-quau*, outra *chu-cu-cu*. Tais notas se repetem de vez em quando pela noite a dentro, com a mais desesperadora monotonia. Encontram-se, nos caminhos arenosos, sapos em grande número logo depois do pôr do sol. Havia um que era verdadeiro colosso, de sete polegadas de comprimento e tres de altura. Esse grande camarada nunca se afastava do caminho, até chegarmos juntinho de'e. Se o atirávamos longe da vereda com uma vara, ele lentamente se endireitava e se voltava para fitar-nos de maneira impudente. Contei trinta destes monstros numa distancia de meia milha.



A superfície dos campos é desfigurada em todas as direções por montículos de terra e pequenos outeiros cónicos, obra de muitas especies diferentes de cupins. Algumas destas construções são de cinco pés de altura e trabalhadas com material tão duro como a pedra; outras são menores e construídas de modo menos compacto. O chão está por toda parte estriado por estreitas galerias cobertas, que os insetos constroem com grãos de terra de colorido diferente da do resto do solo, e que lhes servem de proteção quando carregam os materiais com que constroem suas cidades (como tais montículos podem ser considerados) ou carregam os filhotes de um

---

(405) Deve ser *Hydropsalis torquata*, conhecido como curiangotesoura, e encontrado desde o Amazonas até ao Rio Grande do Sul. Nas coleções do Museu Paulista há justamente um macho, apanhado em Santarém.

cômodo para outro. Os mesmos caminhos cobertos estão espalhados sobre todos os troncos mortos e em torno das raízes em decomposição, que lhes servem de alimento. O exame dessas passagens tubulares ou arca-das em qualquer parte do distrito, ou a inspeção do interior de qualquer desses montículos, revela sempre um tropel de criaturas ativas e diligentes. Muito me interessei por estes insetos, durante a minha estada em Santarém, onde muitas circunstâncias favoreciam o estudo de seus hábitos, e examinei várias centenas de colônias, esforçando-me por esclarecer pontos obscuros de sua história natural. Muito pouco se escreveu sobre a economia e constituição de suas comunidades, o que sem dúvida é devido a que eles não ocorrem na Europa central e do norte, vivendo, portanto, fora do alcance dos observadores europeus. Darei breve resumo de minhas observações, e com isto terminaremos o estudo de Santarém e seus arredores (406).

Os cupins são pequenos insetos de cor pálida e corpo mole, nada tendo de comum com as formigas (407) exceto haver em cada espécie várias castas distintas, que vivem juntas, em populosas comunidades organizadas. Há em ambos, além de machos e fêmeas, um grupo de indivíduos de sexo imperfeitamente desenvolvido, imensamente mais numerosos que seus irmãos e irmãs, e cuja tarefa é cuidar dos filhotes e trabalhar. Nas legítimas formigas esta casta é constituída por fêmeas

---

(406) Minhas observações originaes sobre Termitas, compreendendo todas as minúcias, foram mandadas ao professor Westwood (Oxford) em 1854 e 1855. Não foram impressas na Inglaterra, mas traduzidas para o alemão e publicadas pelo Dr. Hagen, com sua monografia da família, na *Linnæa Entomologica*, Vol. XII, Stettin, 1858, p. 207. (Nota do Autor).

(407) Veja-se nota n.º 243.

que não se desenvolveram e quando compreende, como se observa em muitas espécies, indivíduos de estrutura diferente, as funções dos mesmos não parecem rigidamente definidas. O contrário acontece nos termitas, e isso mostra talvez que a organização de suas comunidades atingiu um grau mais elevado, sendo mais completa a divisão do trabalho. Os neutros dêstes admiráveis insetos estão sempre divididos em duas castas, soldados e operários; ambas são de indivíduos cegos, e cada qual tem tarefa especial. Uma constroe, faz estradas cobertas, alimenta os filhotes, cuida do rei e da rainha, que são os progenitores de toda a colônia, e assegura a saída dos machos e femeas, quando adquirem asas e voam para as núpcias e propagação da raça; a outra defende a comunidade de todos os intrusos. Formigas e termitas são igualmente muito diferentes em seu modo de crescimento ou, como foi chamado, metamorfose. As formigas, em seu primeiro estadio são tapurús ápodes que, antes de chegar à fase adulta, passam por um estado quiescente (pupa), encerrada em uma membrana. Os termitas, ao contrário, têm a mesma forma, quando emergem do ovo, que a conservada durante a vida inteira e a diferença principal está na aquisição gradativa de olhos e asas nos indivíduos sexuados, nos últimos estadios de crescimento. Termitas e formigas pertencem de fato a duas ordens de insetos muito diferentes, existindo entre êles simples analogia geral de hábitos. O modo de crescimento dos termitas e a condição ativa de suas fases jovens (larva e pupa) tornam a constituição de suas comunidades muito mais difícil de compreender que a das formigas. Foi sempre um enigma para os naturalistas, na falta de observação direta, por que havia tantas castas, de que indivíduos eram as mesmas constituídas, se não machos e fêmeas?

Que estranho espetáculo nos oferece a organização destas comunidades de insetos! Não há nada análogo nos animais superiores. Existem instintos sociais em muitas espécies de aves e mamais, nas quais numerosos indivíduos se unem para construir habitações comuns, como se observou nos tecelões e nos castores. Mas o princípio da divisão do trabalho, a separação de classes de indivíduos para certas ocupações, só ocorrem nas sociedades humanas em estado avançado de civilização. Em todos os animais superiores há somente duas ordens de indivíduos, quanto à estrutura do corpo, isto é, machos e fêmeas. A parte maravilhosa da história das termitas é que, não só há rígida divisão de trabalho, mas a natureza deu a cada classe estrutura corpórea adaptada à qualidade de trabalho que tem de executar. Machos e fêmeas formam classe a parte; não trabalham, mas no curso de seu desenvolvimento adquirem asas que lhes permitem evadir-se e disseminar a raça. Operários e soldados são ápteros, e diferem somente pela forma e armadura da cabeça. A dos operários é lisa e arredondada e a boca adaptada para trabalhar os materiais com que constroem o ninho; nos soldados a cabeça é muito grande e provida, em quasi cada tipo, de órgãos especiais de defesa e de ataque, sob a forma de processos córneos, parecendo forcados, tridentes, etc. Algumas espécies não possuem estas projeções extraordinárias, mas em compensação têm mandíbulas muito alongadas, em forma de foíce em algumas espécies, parecendo sabres ou serras em outras.

O curso dos acontecimentos humanos de nossos dias parece, infelizmente, tornar necessários, mais que nunca, para os cidadãos das comunidades civilizadas e progressistas, haver numerosa classe armada para a proteção do resto; as nações são obrigadas a fazer o que a



a natureza há tanto tempo fez nos cupins. Mas o soldado cupim não tem somente o instinto e a função de combater; é construído como soldado, e carrega suas armas não na mão, mas como excrescências do corpo.

Quando se perturba uma colônia de cupins, os operários são a princípio os únicos membros da comunidade que se vêem; mas êstes rapidamente desaparecem pelas galerias infinitamente ramificadas de que é formado o termitário, e aparecem os soldados. As observações de Smeathman sôbre os soldados de espécie da África tropical são muito repetidas nos livros de História Natural, e dão boa ideia de seus costumes. Sempre me divertia ver a pugnacidade exibida quando, fazendo um buraco nas arcadas da terra cimentada de suas estradas cobertas, uma hoste desses pequenos guerreiros montava guarda na brecha, para proteger a retirada dos operários. As bordas da rutura eriçavam-se de suas cabeças armadas, quando os corajosos guerreiros se dispunham em torno da mesma em linha compacta. Atacavam com fúria qualquer intruso, e logo que as filas da frente eram destruídas, outras tomavam o seu lugar. Quando as mandíbulas se fechavam na carne era mais fácil reduzi-los a pedaços que fazê-los deixar a presa. Poder-se-ia dizer que esse instinto é antes a causa de sua ruína que uma proteção, quando a colônia é atacada pelo notório inimigo dos termitas, o tamanduá; mas são somente os soldados que se agarram à longa língua vermiforme desse animal, e os operários, dos quais depende imediatamente a prosperidade da ninhada, são deixados quasi todos ilesos. Ao enfiar o dedo no meio de uma chusma mista de cupins, notei que somente os soldados se agarravam a ele. Assim sendo, a casta guerreira serve afinal para proteger a espécie, sacrificando-se pelo seu bem estar.

A família dos termitas (408) é formada de grande maioria de operários, de soldados, do rei e da rainha. São estes os moradores constantes do termitário completo. O rei e a rainha são o pai e a mãe da colônia, e estão sempre juntos em grande célula, bem no coração do termitário, de paredes mais fortes que as outras células, e são guardados de perto por destacamento de operários. São ápteros e imensamente maiores que os operários e soldados. A rainha, quando encontrada em sua câmara, está sempre grávida, com o abdomen enormemente distendido, cheio de ovos que, á medida que são postos, são transportados por uma fila de operários, que os leva na boca, da câmara real para as células menores, dispersas pelo termitário. Os outros membros de uma família de cupins são indivíduos alados, que aparecem somente em determinada época do ano, geralmente no começo da estação chuvosa. Foi um enigma para os naturalistas o estabelecimento das relações entre os termitas alados e o rei e a rainha ápteros. Na opinião geral, soldados e operários eram as larvas das formas aladas, êrro desculpavel, pela semelhança que os mesmos apresentam com larvas. Convenci-me depois de estudar diariamente, durante alguns meses, os hábitos destes insetos, que os cupins alados eram machos e fêmeas em número igual e que alguns deles, depois de deixar cair as asas e acasalar-se, se tornavam os reis e rainhas de novas colônias; e que soldados e operários eram indivíduos que tinham atingido seu desenvolvimento completo sem passar pelos mesmos estados que seus irmãos e irmãs férteis.

---

(408) Atualmente os cupins constituem uma ordem, Isópteros, dividida em cinco famílias, tres das quais com representantes brasileiros. Aqui a expressão família está por uma colônia da mesma espécie.

Um termitário, embora de forma, tamanho e textura diferentes, e construído em várias situações, segundo as espécies, é sempre composto por vasto número de câmaras e de galerias irregulares que as comunicam umas com as outras, feito de partículas de terra ou de matéria vegetal, cimentada com a saliva dos insetos. Não há modo visível de ingresso ou saída, pois as entradas estão em conexão com as estradas cobertas, que são os únicos meios de comunicação com o mundo exterior. Tais construções são objetos proeminentes em todas as regiões tropicais. Os enormes montículos de Santarém são obra de muitas espécies distintas, cada uma das quais emprega materias de compacidade diferente, e conserva a sua posição no cômodo. Uma espécie, *Termes arenarius*, sôbre o qual foram principalmente calcadas estas notas, faz pequenos cômodos de estrutura friavel, de um ou dois pés de altura, dos quais é geralmente o único ocupante. Outra especie (*Termes exiguus*) constrôe pequenos edifícios papiráceos, em zimbório. Muitas espécies vivem nas árvores e seus ninhos de barro, de todos os tamanhos, parecem exerescências disformes dos troncos e dos ramos principais. Alguns são inteiramente subterrâneos, e outros vivem sob a casca das árvores ou no interior. São destes últimos os cupins que penetram nas casas, destroem os moveis, livros e roupas. Nem todos os termitários contêm uma rainha e o esposo. Alguns são novas construções e mostram apenas grande número de operários, ocupados a trazer os ovos de velho termitário superpovoado, vindo com eles pequeno destacamento de soldados, evidentemente para sua proteção.

Poucas semanas antes do êxodo das femeas e machos alados, um termitário completo contêm cupins de todas as castas e em todos os estados de desenvolvimen-

to. Fazendo meticoloso exame, verifiquei que os jovens das quatro castas de indivíduos viviam juntos, sendo aparentemente nutridos nas mesmas células. Os operários adultos mostravam o maior cuidado com as larvas jovens, carregando-as na boca, de uma célula para outra, mas não tomavam conhecimento dos que tinham acabado seu crescimento. Não era possível distinguir as larvas das quatro castas, quanto extremamente novas, mas em estado avançado de desenvolvimento era fácil ver quais as que iam dar machos e fêmeas, ou operários, ou soldados. Os operários conservam sempre a mesma forma; os soldados mostram nas ultimas fases de desenvolvimento a cabeça grande e as apófises cefálicas, embora muito menores que nos adultos. Machos e fêmeas se distinguem pelas asas rudimentares e olhos, que aumentam de tamanho depois de tres mudas sucessivas de pele.

Penso, portanto, que as castas de soldado e de operário, como os machos e fêmeas, já se distinguem desde o ovo; não se transformam por diferença de alimentação durante os primeiros estádios e nunca se tornam insetos alados. Operários e soldados alimentam-se da madeira em decomposição e de outras substâncias vegetais. Eu não poderia dizer com certeza de que se nutrem os jovens, mas são vistos de todos os tamanhos, larvas e pupas confundidas nas mesmas células, com as cabeças voltadas para o fundo, e julgo ter surpreendido algumas vezes os operários descarregarem um líquido de suas bocas para o interior das células. O crescimento de uma nova família é muito rápido, e parece completar-se dentro de um ano. Tem lugar então o maior acontecimento da vida do termita: a maioridade das fêmeas e machos e sua saída da colônia.

É curioso observar o termitário, quando tem lugar este êxodo. Vêem-se os operários na maior atividade,

como se pressentissem que a existência da espécie depende da emigração eficaz e dos casamentos de seus irmãos. Abrem caminho para seus corpos volumosos mais frágeis, e fazem furos nas paredes externas, por onde fujam. Não se completa o êxodo em um só dia, mas continua até que todos os machos e fêmeas tenham emergido do tegumento ninfal, e ido embora. Tem lugar nas tardes úmidas e sombrias ou nas manhãs enevoadas. São muito atraídos pela luz das casas, e voam aos milhares no interior dos aposentos, enchendo o ar de um sussurro grave, e caem às vezes em número tal que apagam os lampeões. Logo que tocam no solo, livram-se das asas. Há, para facilitar essa operação, estrutura especial: uma costura cruza transversalmente as asas perto da base e divide as nervuras córneas. Para verificar se esta singular mutilação era voluntária, por parte dos insetos, repetidas vezes procurei destacar as asas à força, mas nunca o consegui quando estavam ainda frescas, pois estas sempre se dilaceravam na base. Poucos são os que escapam aos inumeráveis inimigos, que então ficam alerta e os devoram: formigas, aranhas, lagartos, sapos, morcegos e curiangos. A devastação é formidável. Os poucos que sobrevivem se unem e se tornam reis e rainhas das novas colônias. Certifiquei-me disto por encontrar alguns dias depois do êxodo pares isolados, que sempre examinei, e que eram machos e fêmeas, abrigados sob uma folha, um torrão de terra, ou caminhando sob as bordas de novos cômoros.

O ofício dos termitas nestas regiões quentes é apressar a decomposição da madeira e partes mortas dos vegetais. Executam assim a tarefa que nas latitudes temperadas cabe a outras ordens de insetos. Há ainda muitos pontos obscuros de sua história natural. Vimos que há machos e fêmeas que crescem, atingem o estado adulto

e propagam a sua raça como todos os outros insetos. Mas ao envés dos outros que são sempre, cada qual em sua esfera, providos de meios de sustentar-se na batalha da vida, são criaturas desamparadas que, sem auxílio estranho, logo pereceriam, arrastando a extinção de sua espécie. A família a que pertencem é, portanto, provida de outros membros, nem machos nem fêmeas, mas indivíduos privados de instintos sexuais, e de espírito e corpo de tal maneira dotados, que são adaptados e impelidos a devotar a vida ao bem da espécie. Mas não consegui esclarecer como estes indivíduos neutros, soldados e operários, formam castas distintas. E' isto ainda ponto embaraçado, que não consegui deslindar. Abelhas e formigas neutras são fêmeas que não se desenvolveram. Acho uma hipótese razoavel, tendo em vista a ausência total de indivíduos intermediários, unindo as duas formas, que o operário e o soldado podem ser fêmeas e machos cujo desenvolvimento estacionou, por este ou aquele motivo. Um anatomista francês, Lespès (409), julga ter encontrado, pela dissecção, machos e fêmeas imperfeitos em ambas as castas. A exatidão de suas observações é posta em dúvida por juizes competentes. Se sua conclusão é real, a biologia dos cupins é realmente um mistério.

---

(409) Recherches sur l'organisation et les moeurs du Termitte lucifuge — Annales des Sciences Naturelles, 4ème. série, tome V, fasc. 4 et 5, Paris, 1856. M. Lespès diz também ter encontrado duas formas distintas de pupa na mesma espécie, só uma das quais dá reis e rainhas. Nada observei que se parecesse com isso em Termes arenarius. O Dr. Hagen menciona em sua Monografia, casos de operários bicudos e de soldados alados. Sempre observei que os indivíduos bicudos eram da casta guerreira; quanto aos soldados alados e outras formas curiosas de pupas que ocorreram, são provavelmente monstruosidades, ou pertencem a espécies que têm um modo peculiar de desenvolvimento. Nunca encontrei tais formas, apenas descobri uma espécie cujos soldados eram perfeitamente iguais aos operários, exceto no instinto bellicoso. (Nota do Autor).

## CAPÍTULO IX

### SUBINDO O TAPAJÓS

Preparativos de viagem — Primeiro dia de navegação — Modo de arranjar as questões monetarias e de remeter as coleções no interior — Perda de um bote — Altar do Chão — Excursão na mata — Madeira de valor — Modos de obter peixe — Dificuldades com a tripulação — Chegada a Aveiros — Excursões pelos arredores — Cebus branco e hábitos e disposições dos macacos Cebi — Papagaio manso — Estação missionária — Entrada no rio Cuparí — Aventura com uma sucuri — Macaco de fumeiro — Boa constrictor — Aldeia de índios Mundurucú, e incursão de uma tribo selvagem — Quedas do Cuparí — Arara azul — Nova entrada no Tapajós — Descida do rio para Santarém.

JUNHO, 1852 — Passarei agora a relatar os incidentes de minha principal excursão, subindo o Tapajós, para a qual comecei a preparar-me depois de seis meses de residência em Santarém.

Desta vez fui obrigado a viajar num barco de minha propriedade; em parte porque raramente viajam entre Santarém e os pequenos povoados do rio, canoas de tráfego, com acomodações suficientes para um naturalista; em parte porque eu desejava explorar os distritos à minha vontade, longe da rota ordinária dos regatões. Encontrei logo uma canoa conveniente, uma coberta de dois mastros, de cerca de seis toneladas, solidamente construída de itaúba, madeira de que são feitos os melhores barcos da Amazônia, e que dizem ser mais durável que a teca. Aluguei-a de um comerciante pelo baixo preço de 500 réis por dia (cerca de um chelim e dois dinheiros). Adaptei o camarote, que era, como de cos-

tume, um compartimento quadrado com o soalho acima da linha d'água, ao meu quarto de dormir e de trabalho. De um e outro lado puz as malas, cheias de caixas e vasilhas para os especimes, e acima delas prateleiras e cabides onde estavam arrumados os livros, espingardas, sacos de caça, cartões e material para esfolar e conservar animais, prensa e papeis para botânica, caixas para insetos e aves. A esteira estava estendida no chão, com a rede enrolada (que era usada somente quando eu dormia na praia) a servir de travesseiro. A coberta arqueada da parte anterior da embarcação continha, além do dormitório da tripulação, a bagagem mais pesada, provisão de sal e mantimentos, e uns tantos artigos com que pagar minha estadia entre a gente meio civilizada ou selvagem do interior. Tais artigos eram cachaça, pólvora e chumbo, algumas peças de algodãozinho grosseiro, estampas, anzóis, machados, facões, harpões, pontas de flechas, espelhos, contas de vidro e outras quinquilharias. Estivemos muito ocupados, José e eu, durante vários dias a arranjar estas coisas. Tivemos que salgar a carne e moer o café. Tivemos que providenciar igualmente sôbre os utensílios de cozinha, louça de barro, potes para a água, algumas ferramentas de carpinteiro e muitas outras coisas de que iamós precisar. Puzemos os mantimentos e outros artigos fáceis de estragar em latas de fôlha de Flandres, pois verificáramos que era o único meio de preservá-los da umidade e dos insetos. Tudo terminado, nossa canoa parecia uma venda flutuante.

Consegui muito poucos informes sôbre o rio, exceto vagas notícias sôbre a dificuldade de navegação e sôbre a fome (*famito*) que reinava em suas margens. Como já disse, o rio tem umas mil milhas de extensão e corre do sul para o norte; em magnitude é o sexto dos tributários do Amazonas. Mas só é navegavel pelos barcos a vela até umas 160 milhas acima de Santarém. Minha



maior dificuldade foi contratar a tripulação. José seria meu timoneiro, mas eram precisas pelo menos mais tres pessoas para que nos pudéssemos aventurar nessa travessia. Todas as diligencias para consegui-los foram infrutíferas. Santarém conta com menos índios canoeiros que qualq̃uer outra cidade ribeirinha. Vi, empenhando-me com os negociantes para os quais trouxera cartas de apresentação e com as autoridades brasileiras, que era mais facil obter qualquer favor do que o empréstimo de braços. Mas um estrangeiro é obrigado a ficar na dependência deles, pois é impossivel achar mestiço ou índio que os patrões não digam que lhe devem dinheiro ou trabalho. Por momentos receei que, por êsse motivo, me visse forçado a abandonar meu projeto. Afinal, depois de muitas negativas e desapontamentos, José conseguiu contratar um mulato, chamado Pinto, natural de uma região mineira do interior do Brasil, que conhecia bem o rio. E resolvi partir com estes dois, esperando encontrar os outros na primeira povoação de nosso caminho.

Deixámos Santarém a oito de junho. As águas estavam no máximo de sua altura, e minha canoa fora fundeada junto à porta de trás de minha casa. A manhã estava fria e soprava um vento forte, de modo que rapidamente nos afastámos das casas caiadas de branco da cidade e das palhoças dos índios dos subúrbios. A encantadora enseada de Mapirí logo ficou para trás. Dobrámos então a ponta Maria Josefa, um cabo formado por alta ribanceira de tabatinga, coberta de mata. Forma êle o limite de visão do rio sôbre Santarém, e aí tivemos derradeiro relance da cidade, que aparecia a sete ou oito milhas, como linha clara de casas brancas, repousando nas águas escuras. Erguia-se diante de nós um trecho de costa desabitada e rochosa e estávamos inteiramente dentro do Tapajós.

Alguns de meus leitores podem ter curiosidade de saber como eu conduzia as questões de dinheiro, durante estas excursões pelo interior do continente Sul-Americano. Vou explicar em poucas palavras. Em primeiro lugar tinha um agente em Londres, a quem consignava as minhas colções. Durante a maior parte do tempo saquei sobre ele as somas de que precisava, e uma firma inglesa do Pará (a única que tinha relações regulares e directas com a Inglaterra) descontava as letras. Não encontrei dificuldade no interior do país, pois quasi todos os mais importantes negociantes, portuguezes ou brasileiros, que sempre encontrava em qualquer vila de 600 ou 700 habitantes, aceitava meu cheque sobre a casa inglesa, pois todos tinham correspondentes no Pará em relações com os negociantes estrangeiros. Às vezes os negociantes portuguezes queriam fazer desconto ou obrigar-me a receber uma parte em mercadorias, mas os brasileiros eram geralmente mais liberais. Durante algum tempo, quando fui obrigado a esperar remessas da Inglaterra, estive às vezes curto de recursos, mas bastava dizer uma palavra a estes homens generosos e considerados, para que eles me socorressem, sem aceitar os juros que eu lhes propunha pagar (410).

A moeda corrente no Amazonas variou muito durante os onze anos de minha estadia. A princípio só se viam moedas de cobre e notas do Tesouro brasileiro, das quais a menor representava mil réis (2s. 3d.). Mais tarde (1852-1856), com o aumento do comércio da borracha, houve importação de grande variedade de moedas: soberanos ingleses, dólares mexicanos e espanhois, peças de ouro americanas. Foram o meio mais comum de in-

---

(410) Aproveito esta oportunidade para exprimir meus agradecimentos ao Snr. George Brocklehurst, da firma paraense, por quem, durante os últimos anos de minha viagem pelo interior, foram sempre atendidos os meus pedidos do modo mais pronto e gentil. (Nota do Autor).

tercâmbio no Pará e no Baixo Amazonas, até que a borracha caiu subitamente, em 1855, e o ouro rapidamente desapareceu. No ano de 1857 introduziram-se moedas de prata brasileiras: elegantes peças de valores convenientes, correspondendo quasi às nossas moedas de seis dinheiros, um e dois chelins. Mas nem o ouro, nem a prata, nem o papel eram de grande utilidade numa viagem como a que eu ia empreender nesse momento. Todos os viajantes dos rios secundários têm que levar pano, cachaça e quinquilharias para trocar com os índios por alimento e seus produtos. Torna-se necessário, porém, levar certa quantidade de moedas de cobre, as únicas que têm valor conhecido entre êsses remotos habitantes.

Quando eu precisava mandar coleções para o Pará, para serem embarcadas para a Inglaterra, o que acontecia três ou quatro vezes por ano, costumava entender-me com qualquer negociante que estava despachando um barco para a capital; os proprietários muitas vezes nada me cobravam pela carga. Às vezes precisei despachar caixas cheias de espécimenes escolhidos, para uma viagem de trinta ou quarenta dias. Bastava uma palavra ao piloto, recomendando-lhe que conservasse as caixas ao abrigo da umidade. Nunca sofri nenhuma perda ou avaria.



Nossa viagem seguiu para Oeste umas vinte milhas. O vento aumentou quando nos aproximámos da ponta Cururú, onde o rio se desvia de seu curso para o norte. Aí se estende vasta expansão d'agua para Oeste e para o Sul. e as ondas, com a força do vento, se elevavam a grande altura. Quando dobrávamos a ponta, partiu-se o cabo que levava nossa montaria a reboque, e ao procurarmos recuperar o bote, pois sabiamos quanto seria

difícil desembarcar em muitos pontos da costa sem êle, quasi naufragámos. Tentámos bordejar rio abaixo, vã tentativa com esse vento forte e sem correnteza. Partiram-se os cabos, as velas se esfarraparam e o barco, que víamos agora ser de calado insufficiente, jogava assustadoramente. Contrariando a opinião de José, levei a coberta para pequena enseada, pensando lançar âncora aí e esperar pela montaria, trazida pelo vento; mas a âncora foi arrastada pelo fundo liso e arenoso e o barco levado para o lado da praia rochosa. Com algumas hábeis manobras, mas não sem que tivéssemos sofrido alguns choques graves, conseguimos vencer essa dificuldade, transpondo essa ponta de pedra com o auxílio da bujarrona. Pouco depois fomos atirados nas águas mansas de uma baía abrigada, onde está pitorescamente situada a aldeia de Altar do Chão, e nos vimos obrigados a desistir da ideia de recuperar a nossa montaria.

O pequeno povoado Altar do Chão deve esse nome singular à existencia, na entrada do porto, de uma dessas estranhas colinas de cume chato, tão comuns nesta parte da região Amazônica, com o aspecto do altar-mór das igrejas católicas. Está isolada e é muito mais baixa que as montanhas truncadas, de aspecto semelhante, que se vêem perto de Almeirim, não tendo provavelmente mais de trezentos pés acima do nível do rio. E' despida de árvores mas, em certos pontos, apresenta um revestimento de samambaias. No fim da baía há um porto interno que comunica por um canal com série de lagos que se estendem muito para dentro da terra, entre montanhas. A aldeia é quasi toda povoada de índios semi-civilizados, formando sessenta ou setenta familias, e as casas esparsas formam largas ruas em verde relvado ao sopé de alta serra.

Aí ficámos nove dias. Logo que lançámos âncora, desembarcamos e conseguimos que dois moços mestiços,

em troca de boa recompensa, fossem em busca da montaria perdida. A principal pessoa do lugar, Capitão Tomás, era um mameluco de ar sonolento, a quem fui encontrar em casa de taipa, de camisa e ceroulas, com grande rosário preto no pescoço. Prometeu-me dois índios para completar minha tripulação, se pudesse esperar alguns dias enquanto eles acabavam de fazer uma derrubada para nova plantação. Nesse interim os meus homens fabricaram nova vela e repararam a cordoalha, enquanto eu explorava as ricas matas da vizinhança.

O capitão Tomás um dia mandou o filho para mostrar-me os melhores atalhos. Poucos passos atrás das casas nos encontramos na mata virgem. O solo era arenoso, e o caminho largo subia suavemente para a elevada serra que forma o belo fundo da aldeia. Do alto da montanha descortina-se a baía, entre as copas das árvores. Depois a estrada desce e continua por muitas milhas entre cumes e vales. Mas não há habitações nessa direção; a estrada foi feita pela gente ocupada em tirar madeira. A floresta de Altar do Chão é famosa por sua riqueza em madeiras de lei, e por seus loureiros (411) e itaúbas (412) que são empregados na construção das escunas fluviais. A formosa mirapinima, parecendo tartaruga, estriada e manchada de vermelho e preto, que é trabalhada em bengalas pelos carpinteiros brasileiros, e assim exportada em grande número para Portugal, já foi aí muito abundante (413); é o lenho de uma árvore

1 .

---

(411) Chamam louros ou loureiros na Amazônia a várias Lauraceas, especialmente do gênero *Ocotea* (*O. laxiflora*, *O. optifera*, *O. guianensis*, *O. costulata*), *Acroclidium* (*A. brasiliense*) e *Nectandra* (*N. amazonum*).

(412) Nome comum das Lauraceas *Silvia itauba*, *S. duckei* e *Nectandra rodiei*.

(413) A muiapinima (palavra que quer dizer, segundo Barbosa Rodrigues, pau mosqueado) é o *Brosimum guianense*, uma Morácea.

que julgo ainda desconhecida para a ciência, e que só se obtém em cepos de algumas polegadas de diâmetro. A moira-coatiara, o mais lindo material para trabalhos de marcenaria, de grã muito fina e ricamente estriada de chocolate sôbre fundo amarelo, é uma outra madeira desta região, mas que só dá toros de um pé de diâmetro por dez pés de comprimento (414). Uma outra madeira rara, chamada sapupira, excessivamente dura, de colorido pardo escuro, densamente manchada de amarelo, é também produto destas matas (415). O capitão Tomás mostrou-me um pilão de quatro pés de altura, para pisar café, feito com ela. Aí se encontram muitas outras madeiras uteis e ornamentais, inclusive uma espécie de buxo, do qual vi plainas de carpinteiro, ébano e marupá; esta ultima é de tom esbranquiçado brilhante, da mesma textura que o mogno (416). Embora as árvores tenham sido derrubadas perto da aldeia, disseram-me que as mesmas qualidades existem na mata, estendendo-se até uma distância desconhecida para o interior. Ouvi falar aí também do mururé, árvore soberba que dá um leite amarelo, quando se fazem incisões na casca (417). E' chamada pelos portugueses mercúrio vegetal, pelas curas que produz quando tomada internamente no reumatismo sífilítico. Dizem que produz cruciantes dores nos membros, logo depois de tomada, mas que a cura é certa.

---

(414) A moira-coatiara, mutracotiara (pau manchado, segundo Barbosa Rodrigues) ou pau da rainha é o nome que dão à madeira de duas plantas bem diversas: uma é a Leguminosa *Centrolobium paraense* (da tribu Papilionaceas); a outra é a Anacardiácea *Astronium lecointei*.

(415) Sapupira (chamada em outras regiões do Brasil sebi-pira e sucupira), é o nome de algumas espécies de Leguminosas Papilionáceas do gênero *Bowditchia* (*B. brasiliensis*, a mais comum, *B. nitida*, *B. racemosa*, *B. virgilioides*, *B. major*).

(416) Não há ébano no Brasil; não é possível saber a que planta se refere Bates. O marupá é a Simarubácea *Simaruba amara*; a família Simarubáceas é da ordem Geraniales.

(417) Nome comum de algumas espécies de Boráceas, do gênero *Brosimopsis*, e especialmente ao *Brosimopsis acutifolia*.

Nunca consegui ver esta árvore. Disse-me o capitão Tomás que o único espécimen que êle conhecia, foi cortado. Pessoas de Santarém tentaram mandar amostras do leite para a Europa, para experiências, mas foram mal sucedidas porque as vasilhas de barro, em que ia, se quebraram na viagem.

Caminhámos duas ou tres milhas por essa estrada escura e silenciosa da mata, e depois atravessámos a brenha para outro caminho que corria paralelo, e pelo qual voltámos ao povoado. A meio caminho atravessámos um trecho de mata densamente coberto da palmeira curuá. Os naturais chamam sítio como êste, pindobal. As fôlhas rígidas, elegantemente penadas, de vinte pés de comprimento, crescem, como já tive ocasião de descrever, diretamente do solo. Comumente tive ocasião de encontrar nas matas virgens uma ou outra espécie de palmeira, crescendo abundantemente em sociedade em limitado trecho, embora fôsse rara alhures, sem que se notassem diferença de solo, altitude ou umidade justificando êsse fenómeno. O pindobal cobria área de quatro ou cinco geiras, e todo ele estava sob a sombra das gigantescas árvores da floresta. A última meia milha de nosso caminho corria pela parte mais úmida da mata, perto das praças baixas do lago. Aí vimos o macaco cuxiú (*Pithecia satanas*), grande espécie negra que, conforme já tive ocasião de dizer, tem denso barrete de cabelos, divididos no cocoruto. Estava sentado sozinho num ramo, esgaravatando um tufo de flores que estavam ao seu alcance. Meu companheiro atirou nele, mas fôlhou o tiro, e ele então lentamente se retirou. As margens do caminho eram animadas por bandos de pequenas e delicadas borboletas. Consegui apanhar, em menos de meia hora, oito espécies de um género, *Mesosemia*, grupo notavel por ter as asas ornamentadas com manchas oceliformes, orladas de finas linhas concéntricas, negras

e cinzentas, formando diversos desenhos, segundo as espécies.

\* \* \*

Apreeiei tanto a situação deste povoado, e a abundância de aves e insetos raros que habitavam a floresta, que tornei a visitá-lo no ano seguinte e aí passei quatro meses fazendo coleções. A aldeia em si é lugar abandonado e açoitado pela miséria. O governador (Capitão dos Trabalhadores) era um velho mestiço apático, que aí passara toda a vida. O padre era um desavergonhado; raramente o vi sem estar embriagado, e era, no entretanto homem branco e inteligente. Devo lembrar aquí que um padre moral e zeloso é raridade nessa província: os únicos ministros da religião em toda a Amazônia, que pareciam sinceros em sua vocação, eram o bispo do Pará e os vigários de Ega, no Alto Amazonas, e de Óbidos. As casas do povoado fervilhavam de vérmina: moreegos no telhado, baratas e aranhas nas paredes. Poucas eram as que tinham portas de madeira e fechadura. Altar do Chão fôra primitivamente povoação de aborígenes, chamada Burarí. Os índios foram sempre hostis aos portugueses, e durante as desordens de 1835-36 uniram-se aos rebeldes no ataque a Santarém. Poucos escaparam da carnificina subsequente e, por êste motivo, quasi não se encontra um velho ou homem de meia idade no lugar. Como em todas as aldeias semi-civilizadas, onde se perderam os hábitos ordeiros e trabalhadores dos índios, sem que nada aprendessem com os brancos que os melhorassem, vivem os habitantes na maior pobreza. A escassez de peixe nas águas claras e baías pedregosas dos arredores é sem dúvida uma das causas da pobreza e fome perene que aí reinam. Quando chegámos ao porto, nossa embarcação encheu-se de aldeãos semi-nús, ho-



mens, mulheres e crianças, que vinham pedir um pedaço de piraracú salgado "pelo amor de Deus". Não estão tão desprovidos durante a estação sêca. Os lagos rasos contêm grande quantidade de peixe, que as mulheres e crianças vão fisgar à noite, à luz do candeio. As tochas são feitas de finas maravalhas de casca verde dos pecíolos das fôlhas das palmeiras, amarradas aos feixes. Obtêm-se assim muitas excelentes qualidades de peixe, entre os quais a pescada, cuja carne branca e escamosa tem o aspecto e o gosto do bacalhau; e o tucunaré (*Cichla temensis*) (418), bela espécie, com uma grande mancha oceliforme na cauda, de formoso colorido. Encontram-se também muitos pequenos *Salmonidae* (419), e uma espécie de linguado, chamado aramassá, que se move no fundo arenoso da baía. Nessa ocasião é comum uma raia de ferrão (420) na baía tranquila e os banhistas são frequentemente feridos de maneira grave por elas. A arma deste peixe é robusta lâmina de bordas denteadas, de tres polegadas de comprimento, que cresce do lado da longa cauda carnuda. Certa vez vi uma mulher ferida, quando se banhava; deu um grito medonho, e teve de ser carregada para a rede, onde ficou uma semana, cheia de dores. Conheci homens robustos que ficaram estropiados por muitos meses, por causa do ferrão.

Há aqui um modo de apanhar peixe, que ainda não vira empregado antes, mas que é comum no Tapajós. É pelo emprego de uma liana venenosa chamada timbó

---

(418) O tucunaré (*Cichla ocellaris*) é um Acanthoptergio da ordem Perciformes, família Cichlidae.

(419) A família Salmonidae é exclusiva do Hemisfério norte; certamente Bates quer falar dos *Characimidae*, que são os nossos mais comuns peixes fluviais de escamas.

(420) Trata-se da raia-de-fogo (*Taeniura muelleri*); seu veneno foi recentemente estudado por Vellard. O aparelho venenoso é constituído por dois esporões superpostos, situados perto da extremidade da cauda.

(*Paullinia pinnata*) (421). Ela atua somente nas águas tranquilas dos riachos e pequenas lagoas. Esmagam-se algumas varas de uma jarda de tamanho, que são mergulhadas na água. Esta logo toma tom leitoso, dissolvendo o suco deletério da planta. Em cerca de meia hora todos os peixes menores, em largo espaço em torno do ponto de emprego, vem à tona, boiando de lado e com as guelras muito abertas. O veneno atua evidentemente sufocando os peixes; ele se alastra lentamente na água, e uma quantidade muito pequena da mistura parece suficiente para estuporá-los. Fiquei surpreso, ao bater a água em pontos onde não se viam peixes no fundo claro muitas jardas em redor, de encontrar mais cedo ou mais tarde, às vezes 24 horas depois, numero consideravel boiando à tona.

O povo occupa-se a maior parte do ano com suas pequenas roças de mandioca. Todo o trabalho pesado, tais como derrubar e queimar as árvores, plantar e mondar é feito na roça de cada família por uma congregação dos vizinhos, e que chamam um pucherum (422), costume seme'hante ao que se observa nas matas primitivas de alguns povoados norte-americanos, aí conhecidos por *abelha*. Eles fazem um dia de festa de cada pucherum. Feitos os convites, a família prepara grande quantidade de bebida fermentada, aí chamada tarobá, de bolos de mandioca amassada, e caldo de manicueira. Esta última é uma espécie de mandioca mansa, muito diferente da iuca dos peruanos e da macacheira dos brasileiros (*Manihot aipi*), de longas raizes oblongas, que se tornam muito

---

(421) Dá-se o nome de timbó a um grande número de Leguminosas. dos gêneros *Tephrosia* (*T. toxicaria*, *T. nitens*, *T. brevipes*), *Lonchocarpus* (*L. nicon*, *L. floribundus*), *Derris* (*D. guianensis*), e *Piptadenia* (*P. recurva*, *P. suaveolens*), os tres primeiros Papilionáceas e o último Mimosáceas.

(422) E' o que em outras partes do Brasil chamam mutirão, muxirão, putirão, putirúm.

doces, poucos dias depois de colhidas. Com estas provisões singelas regalam os convivas. Faz-se o trabalho, mas de maneira muito pouco morigerada; todos se furtam de tarobá e o dia acaba numa bebedeira geral.

O clima é mais úmido que o de Santarém. Suponho que isto pode ser atribuído a ser a região vizinha coberta de mata e não campo aberto. Em nenhum outro ponto da Amazônia vi noites de luar mais bonitas do que aqui, na estação sêca. Depois de um dia de trabalho, costumava descer até às praias da baía e deitar-me a fio comprido na areia fria duas ou tres horas antes de ir dormir. A luz pálida e macia, a derramar-se nas largas enseadas arenosas e palhoças, reproduzia o efeito de uma cena do meio do inverno nas regiões frias do norte, quando um manto de neve cobre a campina. Uma vez por semana cai um aguaceiro, e a vegetação herbácea nunca fica dessecada como em Santarém. Entre as chuvas, o calor e a secura aumentam de dia para dia. O tempo no primeiro dia depois da chuva é claro, com intervalos de sol brilhante e de nuvens; no dia seguinte é mais seco e começa a soprar o vento leste; depois se sucedem dias de ceu sem nuvens e o vento vai aumentando de intensidade. Quando isto dura cerca de uma semana, leve nebulosidade se condensa no horizonte; formam-se nuvens; ouve-se o ribombo do trovão e, geralmente à noite, cai uma chuva refrescante. O frio repentino, causado pelas chuvas, produz resfriados, que são acompanhados dos mesmos sintomas que em nossos climas; no mais o lugar é muito saudável.

17 DE JUNHO — Os dois rapazes voltaram sem encontrar minha montaria, e foi impossivel comprar uma nova aqui. O capitão Tomás só me arranjou um tripulante. Era índio de poucas falas mas de boa vontade,

chamado Manuel. Veio para bordo esta manhã, às oito horas, e logo levantámos âncora e continuámos a viagem.

O vento era leve e variavel durante o dia todo, e fizemos apenas cerca de quinze milhas até às sete da noite. A costa formava uma sucessão de longas baías rasas, de praias arenosas, nas quais as ondas se quebravam em longa linha de ressaca. Dez milhas acima do Altar do Chão há conspícuo promontório, chamado ponta Cajetuba. Durante uma calmaria, por volta do meio dia, dirigimos a coberta para a beira dagua, e des-cemos à praia mas a mata era quasi impenetravel e não se via nenhuma ave. A única coisa digna de nota que encontrei, foi grande quantidade de formigas aladas afo-gadas na enseada; eram todas da mesma espécie, a ter-rível formiga de fogo (*Myrmica saevissima*) (423). Seus corpos mortos ou semi-mortos formavam uma linha de uma ou duas polegadas de altura e de largura, milhas e milhas na orla da água. Os inúmeros milhares tinham sido arremessados ao rio, durante súbita tempestade da noite anterior, e depois atiradas na praia pelas vagas. Às sete horas chegámos perto da boca de um riacho que levava a pequeno lago. chamado Aramaná, e tendo ces-sado o vento, lançámos âncora, guiados pelas luzes da praia, perto da casa de um sitiante, chamado Jerônimo, meu conhecido e que logo depois nos mostrou pequeno porto socegado onde podíamos ficar em segurança a noite toda. O rio não terá aqui menos de dez milhas de lar-gura, quasi sem ilhas e sem baixios nesta época do ano. A margem oposta aparecia durante o dia como estreita linha de floresta, com faixa de montanhas cinzentas ao fundo.

---

(423) A formiga de fogo, também chamada giquitara é hoje *Solenopsis saevissima*, e ocorre desde a Argentina até ao México; é da subfamília *Myrmicinae*. Há na Amazônia outra formiga de picada muito dolorosa, a formiga de tabá, que faz os ninhos em caules fistulosos (*Pseudomyrma latino-da*) da subfamília *Pseudo-myrmicinae*.

18 e 19 DE JUNHO — O senhor Jerônimo prometera vender-me uma montaria, de modo que fiquei tres horas depois do sol, na manhã seguinte, esperando que ele apparecesse, mas em vão. Mandeí Pinto e depois José à sua procura, mas estes, em vez de dar o recado juntaram-se ao afavel dono da casa numa beberria matinal. Fui obrigado, quando se me exgotou a paciencia, a ir atrás deles, descendo agarrado a um ramo que se projetava sôbre a coberta para ir à terra, na falta da canoa. Encontrei meus dois homens, o dono da casa e dois ou tres vizinhos, deitados em redes, tocando viola e bebendo cachaça. Conto isto como amostra da classe muito comum de incidentes nas viagens no Brasil. Mestre Jerônimo não cumpriu sua promessa referente à montaria. José e Pinto, que pareciam pensar nada ter feito de censuravel, obedeceram de mau humor à minha ordem de voltar para bordo, e de novo nos puzemos a caminho. O vento cessou no dia 18 pelas tres horas da tarde. Seis milhas acima de Aramanaí contornámos uma ponte rochosa, chamada Acaratingarí, e nesse dia não fizemos mais de doze milhas. Perdeu-se assim a maior parte do dia. Passámos a noite em pequeno porto abrigado pelas árvores.

Hoje, 19, tivemos bom vento que nos levou à beira de um riacho, chamado Paquiatuba, onde residia o inspector do distrito, senhor Cipriano, para quem trouxera uma ordem do capitão Tomás para dar-me outro tripulante. A costa era aquí trecho de terra baixa, densamente coberta de mata, através da qual corria o ribeiro que dá seu nome ao pequeno povoado escondido na brenha; as montanhas estão recuadas duas ou tres milhas para o interior. Grande porção da floresta estava inundada, e os troncos das altíssimas árvores, perto da boca do igarapé, mergulhavam na água uns dezoito pés. Perdemos duas horas a abrir caminho com varas entre

os bosques inundados, à procura do porto. Cada entrada que experimentávamos terminava num labirinto, onde os arbustos se emaranhavam, mas afinal fomos guiados ao sítio correto pelo cantar dos galos. Como gritássemos, pedindo montaria, apareceu um indiozinho, guiando-a entre as moitas escuras. Mas ficou tão alarmado, creio que com o aspecto de um homem branco, de lunetas, a gritar da proa do barco, que rapidamente desapareceu entre as moitas. Voltou ao chamado de Manuel e desembarcámos. A montaria navegava em uma passagem sombria, coberta pela ramaria baixa. As casas estavam situadas à beira de estreito caminho arenoso, orlado de árvores de estupenda altura, cheias de trepadeiras, e com um número extraordinário de longas raizes aéreas, pendentes das epífitas de seus ramos.

Depois de passar por uma cabana baixa e esfumada, meio escondida na folhagem, o caminho se ramificava em várias direções e como o menino nos tivesse deixado tomámos rumo errado. Fomos pouco depois ter a uma casa atraídos pelo ladrar dos cães. Gritámos, como é costume ao aproximar-se à gente de qualquer habitação: "*O' de casa!*" Apareceu então um cafuso escuro, de aspecto desagradavel e antipático, saindo do maciço de arbustos, armado de facão, com o qual dizia estar cortando uma vara. Ensinou-nos o caminho da casa de Cipriano, que ficava a uma milha de distancia, por outra estrada da mata. Meus companheiros estranharam muito a circunstância do cafuzo vir receber as visitas armado e foi por êles comentado em todos os lugares que visitavam, durante vários dias, pois nestes lugares retirados os estranhos são sempre recebidos sem suspeita e cordialmente. Mas, como Manuel observou, bem podia ser que êsse camarada fosse um dos chefes rebeldes, que aí se tinham instalado depois da reconquista de Santarém em 1836, e que viesse com medo de

ser procurado pelas autoridades dessa localidade. Depois de todos os nossos incômodos, não encontramos Cipriano em casa. Sua residência era ampla e cheia de gente, velhos e moços, mulheres e crianças, todos índios ou mamelucos. Algumas choças menores cercavam a morada principal, além de vastos telheiros abertos, com os fornos de mandioca e as grosseiras moendas de madeira, para exprimir a cana e fazer melado. Todas as construções estavam à sombra das árvores. Dificilmente se encontraria recanto mais retirado, e havia um ar de contentamento em todos. A mulher de Cipriano, moça mameluca, estava superintendendo ao enfardamento da farinha. Duas ou tres velhas, sentadas em esteiras, faziam cestas com tiras da casca dos peciolo de folhas de palmeiras, enquanto outras forravam os mesmos com as folhas largas de uma espécie de maranta, enchendo-os então de farinha, que era medida com tosea vasilha quadrada. Parece que o senhor Cipriano era grande produtor desse artigo, vendendo anualmente 300 cestos (de sessenta libras) aos negociantes de Santarém. Fiquei triste por não poder vê-lo, mas seria inutil esperar, pois me disseram que todos os homens estavam agora ocupados em pucheruns, e eu não poderia obter o que desejava. Voltámos para a embarcação à tarde, e depois de ter entrado no rio, lançámos âncora e dormimos.

20 DE JUNHO — Durante todo esse dia tivemos brisa leve e illusória, e fizemos apenas quatorze ou quinze milhas até às seis horas da tarde, quando, por falta de vento, ancorámos na boca de estreito canal, chamado Tapaiuna, que corre entre uma grande ilha e a terra firme. As tres horas passámos defronte de Boím, aldeia da margem oposta. A largura do rio é aí de seis ou sete milhas: confusa mancha branca na ribanceira oposta foi tudo o que vimos da aldeia, não se distinguindo as casas, pela distância. A margem ao longo da qual hoje nave-

gámos é continuação da terra baixa e inundada de Paquiataba.

21 DE JUNHO — Na manhã seguinte navegámos ao longo do canal de Tapaiuna, de umas 400 a 600 jardas de largura. Avançávamos lentamente e parávamos frequentes vezes para passear na praia. Nos pontos de terra arenosa era impossível caminhar, devido aos enxames da terrível formiga de fogo, cuja ferroada é comparada pelos brasileiros à picada de um alfinete aquecido ao rubro. Quasi não se encontrava uma polegada quadrada de terreno sem elas. Às tres da tarde entrámos em pequeno igarapé sombrio e socegado, em cujas margens se instalara um ativo colono branco. Resolvi passar aí o resto do dia e a noite, e diligenciar para obter suprimento fresco de provisões, pois o nosso cabedal de carne salgada estava quasi exgotado. A situação da casa era das mais lindas. O pequenino porto era alegrado pelas plantas aquáticas, *Pontederiae*, agora cheias de flores purpúreas, e das quais bandos de piaçocas levantaram o vôo, aos gritos, quando entrámos (424). O proprietário mandou um menino com os meus homens, para mostrar-lhes o melhor lugar de pescaria no ribeiro, e me vendeu certo número de galinhas, além de cestos de feijão e de farinha. O resultado da pescaria foi um bom suprimento de jandiás (425), belo peixe Silúrida manchado, e piranhas, uma espécie de Salmonidae (*Tetragonopte-*

---

(424) As plantas aquáticas chamam na Amazônia, de modo geral, murerú; as Pontederiáceas mais comuns aí são *Pontederia rotundifolia* (provavelmente a espécie a que se refere Bates), *Eichhornia crassipes* e *E. azurea*.

(425) A designação jandiá é dada no Amazonas a um grande nome de Silúridas d'água doce, principalmente dos géneros *Rhamdia* e *Pimelodus* e corresponde ao que mais para o sul chamam mandí. O de mais larga distribuição é *Rhamdia sebae*, conhecido também por mandí-chorão ou bagre-da-lagoa



rus) (426). Há várias espécies de piranhas, algumas das quais abundam nas águas do Tapajós. São apanhadas com qualquer qualidade de isca, pois seu paladar não faz distinção e seu apetite é dos mais vorazes. Comumente atacam as pernas dos banhistas perto da praia, fazendo-lhes graves feridas com seus fortes dentes triangulares. Em Paquiatura e aqui juntei umas vinte espécies de peixes pequeninos à minha coleção, apanhados com anzol e linha ou com a mão nos charcos rasos, na sombra da floresta.

Meus homens dormiram em terra, e quando voltaram para bordo, de manhã, Pinto estava bêbedo e insolente. Disse-me José, que se conservava sóbrio e estava alarmado com a conduta violenta do outro, que o dono da casa e Pinto tinham passado a maior parte da noite juntos, bebendo aguardente de beijú. Nada sabíamos dos antecedentes deste homem, que era alto, forte e orgulhoso, e começámos a perceber que ele não era companheiro muito seguro, com quem se viajasse em lugares desertos como êste. Julguei melhor apressar nossa viagem até ao próximo povoado, Aveiros, e ver-me livre dele. Nossa viagem hoje correu ao longo de costa pedregosa, alta, que se estendia sem intervalo, por umas oito milhas. A altura das rochas perpendiculares era de 100 a 150 pés; nas fendas cresciam fetos e ervas em flor, e o topo sustentava luxuriante floresta, como o resto das margens do rio. As ondas batiam com rumor cavo no pé destas inhóspitas barreiras. Às duas da tarde passámos pela boca de pequena enseada pitoresca, formada por uma falha na costa alcantilada. Aí se tinham instalado várias famílias. Chama-se o lugar Itapuama, por

---

(426) Veja-se a nota 425. Como diz Bates há várias espécies de piranhas, nome comum aos *Characinidae* do gênero *Serrasalmo*.

causa de notavel rochedo isolado, que se ergue a pique na entrada da pequena angra. Pouco além de Itapuama passámos defronte de Pinhel, da margem oposta e que, como Boim, está situada em terreno elevado. A largura do rio é aqui de seis a sete milhas. Defronte de Pinhel estende-se uma fila de ilhotas, e pouco mais ao sul há uma ilha maior, chamada Capitarí, que está quasi no meio do rio.

23 DE JUNHO — O vento refrescou às dez da manhã do dia 23. Densa nuvem negra começou a espalhar-se pelo ceu, ao longo do rio; mas a tempestade que se preparava não nos alcançou, pois a escura massa ameaçadora cruzou de Leste para Oeste, e o único efeito que teve foi impelir uma corrente de ar frio rio acima, criando vento que rapidamente nos impeliu para diante. À tarde o vento se tornou em furacão; navegámos só com a vela de diante, com dois homens agarrados aos botalós, para impedir que tudo voasse aos pedaços. A costa de rocha continuou doze milhas acima de Itapuama; succedeu então um trecho de terra baixa e alagadiça, que fôra certamente ilha, cujo canal de separação da terra firme se enchera de lodo. A ilha de Capitarí e outro grupo de ilhotas que lhe succedia, chamado Jacaré, do lado oposto, contribuíam para diminuir a largura do rio, que não tinha agora mais de tres milhas. A pequena coberta quasi voava ao longo desta costa, não havendo aí correntes perceptíveis, e passámos por extensos pântanos, marginaes de densa vegetação flutuante. Afinal, ao contornar uma ponta baixa, de novo surgiu terra mais alta na margem direita do rio, e a vila de Aveiros appareceu à vista, no porto onde lançámos âncora já tarde.

Aveiros é pequeno povoado, contando apenas quatorze ou quinze casas, além da igreja; mas é o lugar de residencia das autoridades de grande distrito: o padre, o

juiz de paz, o subdelegado de policia e o capitão dos trabalhadores. O distrito include Pinhel, que passámos vinte milhas mais abaixo, na margem oposta. Cinco milhas além de Aveiros, também da margem esquerda, está a aldeia missionária de Santa Cruz, compreendendo trinta ou quarenta familias de índios Mundurucú batizados, que estão atualmente sob a direção de um frade capuchinho, e são independentes do capitão de trabalhadores de Aveiros.

Era muito extensa a vista do rio, deste ponto para o sul; aí tem ele de largura duas a tres milhas, com ilhotas verdes e, de um e outro lado, uma cadeia de montanhas fecha a perspectiva. Resolvi demorar-me aí algumas semanas para fazer coleções. Ao desembaracar, meu primeiro cuidado foi conseguir casa ou quarto onde pudesse viver em terra. Arranjou-se isto com brevidade; o chefe da localidade, capitão Antônio, tinha tido noticia de minha vinda, e antes da noite todas as caixas e aparelhos de que eu precisava estavam em terra e postos em ordem para trabalhar.

Aqui despedi Pinto, que novamente ficara ébrio e rixoso, poucas horas depois de ter vindo para terra. No dia seguinte, para meu grande alívio, desceu em pequeno barco regateiro que aí tocou e seguia para Santarém. O índio Manuel despediu-se na mesma ocasião, pois tratara acompanhar-me somente até Aveiros. Eu estava dependendo portanto do capitão Antônio para obter novos braços. Os capitães dos trabalhadores são nomeados pelo Governo Brasileiro, para agregar os indios trabalhadores e canoeiros de seus respectivos distritos, e fornecer de homens os viajantes, quando solicitados. Foi dado a estes corpos organização semi-militar; os indios em que se pode ter mais confiança são

nomeados sargentos e todos os membros são passados em revista, na principal aldeia do distrito, duas vezes por ano. Mas os capitães universalmente abusam de sua autoridade, monopolizando o serviço dos homens para seus trabalhos, e só por favor é que deles se consegue o aluguel de um canoeiro. Fui tratado pelo capitão Antônio com grande consideração e êle me prometeu dois índios bons, quando eu estivesse pronto para continuar minha viagem.

Há pouco que contar dos quarenta dias que passei em Aveiros. O tempo se passava nos trabalhos socegados e regulares de história natural: todas as manhãs fazia longo passeio pela mata, que se estendia atrás das casas, e as tardes eram ocupadas em conservar e estudar os objetos colecionados. O padre era um velho esperto, mas um pouco cacete, pois não sabia falar de outra coisa que não fosse a homeopatia, tendo apanhado a mania em recente visita a Santarém. Tinha um Dicionário homeopático português e pequena caixa de couro, com tubos de vidros, cheios de glóbulos, com os quais tratava de toda a aldeia. Parecia haver azeda inimizade entre os membros femininos das famílias do padre e do capitão, que eram as únicas mulheres brancas do povoado. Era divertido ver como se emproavam, quando passavam pelas outras, indo para a igreja aos domingos, com seus vestidos de casa engomada. Aí encontrei um rapaz inteligente, natural da provincia de Goiás, que estava explorando os arredores, procurando ouro e diamantes. Fez viagem subindo um braço do rio e declarou-me que encontrara um diamante, mas não podia continuar suas pesquisas, porque os índios que o acompanhavam, se recusaram a ir mais longe. Atualmente estava esperando que o capitão Antônio lhe fornecesse novos homens, e prometera ao mesmo parte dos

resultados da empresa. Parecia fora de dúvida que se encontra ouro a dois ou três dias de viagem de Aveiros. Mas qualquer pesquisa demorada é impossível, pela escassez de alimento e pela impaciência dos índios, que não vêem valor no precioso metal, e detestam o tédio da ocupação dos faiscadores. E' impossível ir sem eles, porque são indispensaveis como remadores.

O tempo, durante o mez de julho, se conservou invariavelmente belo; não caiu nem uma gota de chuva e o rio baixou rapidamente. As madrugadas, de duas horas até ao nascer do sol, eram muito frias; tínhamos prazer em enrolar-nos nos lençóis, quando nos virávamos nas redes, e em marchar com passo rápido nas primeiras horas da manhã. Mas à tarde o calor era escaldante, pois o sol batia em cheio na frente das casas caiadas e raramente havia brisa que moderasse os seus efeitos. Começava agora a compreender porque os rios secundários do Amazonas são tão insalubres, enquanto no rio principal quasi não se observa a malária. A causa está, sem dúvida, na corrente tarda dos tributários durante a estação seca, e a ausência do vento geral refrescante, que purifica o ar ao longo das margens do rio principal. O vento geral não se desvia de sua rota quasi em linha reta para oeste, de modo que os afluentes, que correm geralmente em ângulo reto com o Amazonas e têm corrente muito lenta a longa distancia da foz, ficam entregues aos horrores do ar e da agua quasi estagnados.

Aveiros foi chamado o quartel-general da formiga de fogo, que pode ser chamada com razão o flagelo deste belo rio. O Tapajós está quasi livre das pestes de insetos de outras partes, tais como mosquitos, borrachudos, mutucas e piuns; mas a formiga de fogo é talvez

praga maior que todas as outras juntas. Só é encontrada nos terrenos arenosos, em lugares descampados, e parece prosperar melhor na vizinhança das casas e em aldeias onde abundam as más ervas, com em Aveiros. Absolutamente não ocorre nas sombras da mata. Eu a encontrei na maioria dos lugares das margens do Amazonas, mas a espécie não é muito comum, e sua presença aí passa quasi despercebida, porque não ataca o homem e o ferrão não é tão virulento como nas margens do Tapajós. Aveiros foi abandonado alguns anos antes de minha visita, por causa deste pequeno flagelo, e os habitantes só recentemente voltaram a suas casas, pensando que o número tinha diminuído. E' especie pequena, de um avermelhado brilhante, não diferindo muito da formiga vermelha comum de nosso país (*Myrmica rubra*), mas a dor e irritação causadas por sua ferroadada são muito maiores. O solo da aldeia inteira está minado por ela; o chão está todo perfurado pelas entradas das galerias subterrâneas, e aqui e ali vê-se um cômodo arenoso arredondado, para onde os insetos trazem os filhotes a receberem o calor perto da superfície. As casas estão atravancadas por elas, que disputam aos habitantes qualquer fragmento de alimento e destroem as roupas por causa do amilo. Tudo que é comestível tem que ficar em cestos pendurados dos barrotes, e as cordas bem untadas de bálsamo de copaíba, único meio de impedir que trepem. Parecem atacar as pessoas fora de casa por pura maldade; se parávamos — alguns instantes na rua, mesmo longe de seus ninhos, estávamos certos de ser inundados e severamente punidos, pois desde o instante em que a formiga tocava a carne, agarrava-se com as mandíbulas, dobrava a cauda e aferroava com toda a fôrça. Quando nos sen-

távamos em cadeiras à tarde, defronte de casa, para palestrar um pouco com os vizinhos, tínhamos tamboretos onde pôr os pés, e cujas pernas, como as das cadeiras, eram untadas com o bálsamo. As cordas das redes devem ser lamburadas do mesmo geito, para impedir que as formigas façam uma visita durante o sono.

Declaram os habitantes que a formiga de fogo era desconhecida no Tapajós, antes das desordens de 1835-36, e acreditam que tais hordas surgiram do sangue dos cabanos assassinaados. Aumentaram, indubitavelmente, dêsse tempo para cá, mas a causa está no despovoamento das aldeias, e formação de capoeiras em lugares antes limpos e bem cuidados. Já descreví a linha de sedimento formado nas praias da porção inferior do rio pelos corpos mortos dos indivíduos alados desta espécie. O êxodo dos machos e fêmeas tem lugar no fim da estação chuvosa, quando os enxames são atirados no rio pelas lufadas de vento e subseqüentemente lançados na praia pelas vagas. Disseram-me que esta destruição de formigas succede anualmente, e que o mesmo amontoado de cadáveres que eu vira apenas em parte, se estende ao longo das margens do rio em extensão de doze a quinze milhas.

A floresta atrás de Aveiros pouca coisa me proporcionou, fora os insetos, mas nestes era riquíssima. Não é muito densa, e largos caminhos ensolarados, revestidos de luxuriantes leitos de licopódios, que formam atraentes lugares de recreio para os insetos, estende-se da aldeia até ao igapó, a uma milha para o interior. Só de borboletas contei bem 300 espécies, vistas ou capturadas no curso de quarenta dias, a meia hora de passeio fora da cidade. E' número maior que o que se encontra em toda Europa.

O único macaco que observei foi *Calithrix moloch* (427), uma das espécies chamadas pelos índios uaiapú-sai. É espécie de tamanho medíocre, revestida de longo pelágio pardo, com as mãos esbranquiçadas. Embora próximo aliado dos *Cebi*, não tem a sua irrequieta vivacidade, sendo animal triste e apático. Anda em pequenos bandos de cinco ou seis indivíduos, correndo pelos galhos mais grossos das arvores. Um dos espécimes que obtive, foi apanhado em fruteira baixa, atrás de nossa casa, ao nascer do sol. Foi o único caso de macaco apanhado em tal posição, de que tive conhecimento. Como a árvore estava isolada, deve ter vindo da mata vizinha e caminhado pelo chão certo trecho para alcançá-la. Os nativos às vezes o conservam amansado, mas não é muito divertido e pouco sobrevive em cativeiro.

Ouvira que se encontrava nas matas da margem oposta do rio o Caiarara branco, espécie de macaco que eu ainda não vira e que muito desejava obter. Um belo dia, em que nosso hospedeiro atravessou o rio em grande bote, aproveitei a oportunidade, e fui à sua procura. Eramos ao todo vinte pessoas, e o bote uma velha carcaça com as costuras gretadas, grosseiramente tomadas de estopa e breu. Além da carga humana levávamos conosco tres carneiros, que o capitão Antônio acabava de receber de Santarém e levava para juntar à sua nova fazenda do outro lado. Dez remeiros índios levaram-nos rapidamente. A largura do rio não devia ser de menos de tres milhas, e a correnteza era quasi imperceptivel.

---

(427) Os uapuças estão hoje no gênero *Callicebus*; a espécie apanhada por Bates (*Callicebus moloch*) é também chamado orabassú e se encontra no Baixo Amazonas, aquém do rio Madeira; a descrição de Bates há a acrescentar que a face ventral é de um avermelhado vivo, que sobe pelos lados do pescoço e da cara até às orelhas.



Quando uma embarcação tem que cruzar o Amazonas, é forçada a subir ao longo das margens meia milha ou mais, para contrabalançar o desvio da correnteza; nesta porção inferior do Tapajós isto não é preciso. Em meio do caminho, um dos carneiros, mexendo-se, abriu um buraco no fundo do bote. Os passageiros consideraram o incidente com muito sangue frio, embora a água jorrasse assustadoramente, e eu pensasse que seria inevitável o naufrágio. O capitão Antônio tirou os tamancos para tapar o buraco, convidando-me e ao juiz de paz, que também já conosco, a fazermos o mesmo, enquanto dois índios tiravam a água com grandes cuias. Conseguimos assim ficar a nado até alcançarmos nosso destino, quando os homens calafetaram o buraco para nossa viagem de volta.

O lugar de desembarque ficava a curta distância da boca de pequena angra sombria, em cujas margens, ocultas entre a mata, estavam as casas de alguns sítiantes, índios e mamelucos. A estrada para a fazenda atravessava a princípio um trecho de floresta alagadiça, depois subia a rampa e saía em bela campina limpa, onde se destacavam alguns grupos de árvores de madeira de lei. A porção florestal ocupava os pontos mais baixos, onde o solo era côr. de chocolate escuro e de natureza turfosa. As partes relvasas, onduladas e mais altas do campo tinham solo mais claro e mais arenoso. Deixando nossos amigos, eu e José mergulhámos na mata em busca dos macacos. Como caminhássemos rapidamente, estive-mos a pique de pisar numa cascavel que estava deitada a fio comprido no caminho arenoso. Ela não fez o menor movimento para afastar-se, e só me livrej do perigo com um salto pronto e repentino, pois não podia conter meus passos na pressa com que caminhava. Procurámos excitar o preguiçoso reptil, atirando-lhe punhados de areia

e de gravetos, mas a única resposta que nos deu foi levantar a cauda disforme e agitar o chocalho. Afinal começou a mover-se com ligeireza quando a despachámos, batendo-lhe na cabeça com uma vara, pois não queríamos atirar para não assustar a caça.

Nada vimos do caiarara branco, mas encontrámos um bando da espécie comum, pardo-clara (*Cebus albifrons*), e matámos um exemplar. Um morador deste lado do rio disse-nos que a espécie branca é encontrada mais para o sul, além de Santa Cruz. O caiarara alazão está largamente distribuído pelas florestas baixas da região. Encontrei-o com frequência nas margens do Alto Amazonas, onde era sempre divertido espetáculo ver um bando a saltar entre as árvores, pois são êles os mais peritos acrobatas de toda a tribu. Os bandos são formados por trinta indivíduos ou mais, que caminham em fila, um atrás do outro. Quando o da frente chega ao ramo mais externo de uma árvore excessivamente robusta atira-se no ar sem um momento de hesitação e cai sôbre o zimbório de folhagem da árvore vizinha, às vezes cinquenta pés abaixo; todos os outros lhe seguem o exemplo. Na queda agarram-se com as mãos e a cauda, endireitam-se em um instante e lá vão pelo ramo e pelo tronco para a árvore imediata. Caiarara deve seu nome (em língua tupí, cabeça de arara ou cabeça grande), de acain, cabeça, e arara) ao tamanho desproporcionado da cabeça em comparação com o resto do corpo. É muito comum encontrá-lo manso nas casas dos nativos. Guardei um comigo durante um ano, que me acompanhou em minhas viagens, e se tornou tão confiado que nas noites chuvosas sempre vinha para debaixo de meu cobertor. É criatura muito irrequieta, mas não é tão brincalhão como a maioria dos macacos americanos; seu desassossego parece depender de grande irritabilidade nervosa e descontentamento. A

expressão ansiosa, dorida e inconstante de seu semblante, a falta de finalidade em seus movimentos parecem traduzir essa irritação. Suas ações são como as de criança manhosa; não parece sentir-se feliz, nem mesmo quando farto de seu alimento favorito, as bananas; mas deixará a própria comida para arrebatá-las os pedaços que estão nas mãos dos companheiros. Difere por estes traços mentais do seu mais próximo parente, outro *Cebus* comum, encontrado nas mesmas partes da mata, o macaco prego (*Cebus cirrhifer?*) (428) que é animal muito mais sossegado e mais jovial, cheio de artimanhas, mas estas geralmente de caráter brincalhão.

O caiarara amansado traz a casa em perpétuo sobresalto: quando alarmado, com fome ou excitado pela inveja, guincha de fazer lástima; mas sempre está fazendo um ruído ou outro, a torcer a boca de vez em quando e a emitir uma série de notas altas, parecendo assobios. O meu, quando solto, costumava correr atrás de mim, sustendo-se durante algum tempo nas patas trazeiras, sem que ninguém lhe tivesse ensinado. Aborreci-me muito com êle no dia em que matou, num de seus acessos de ciúme, outro chirimbo a que eu estimava muito mais, o macaco noturno de cara de coruja (*Nyctipithecus trivirgatus*) (429). Alguém dera a êste um fruto, que o outro ambicionou, e os dois começaram a brigar. O *Nyctipithecus* lutava somente com as unhas, dando pancadas e bufando como um gato; o outro logo conseguiu dominá-lo e antes que eu pudesse intervir, matou o rival, esmagando-lhe o crânio com os dentes. Depois desta proeza eu me desfiz dele.

---

(428) Veja-se a nota n.º 130.

(429) Trataremos dos macacos noturnos no trecho em que Bates mais demoradamente a eles se refere, no penúltimo capítulo desta obra.

Depois de uma caminhada de quatro ou cinco horas, durante as quais José matou lindo lagarto estriado de verde e negro, da família das iguanas, no tronco de uma árvore, e que eu enchi minha caixa de insetos com espécies novas e raras (incluindo a formosíssima borboleta do gênero *Heliconius*, *H. hermathena*) (430), unimo-nos a nossos companheiros em uma cabana, no meio do campo, onde viviam os índios que cuidavam do gado. Uma porção de terra como esta, em que alternam bosques e campinas em extensão de muitas milhas, seria rica propriedade em país mais povoado. As poucas cabeças de gado engordavam com ervas nutritivas, e para completar a propriedade havia pequeno lago nas terras baixas, cercado por palmeiras caraná de fôlhas em ventarola, e onde o gado se podia banhar o ano inteiro. A fazenda era ainda recente e os homens disseram que ainda não tinha sido visitada pelas onças. Os pobres homens pareciam passar miseravelmente. O capitão Antônio tratava todos os seus índios como escravos: não lhes pagava salário e os mantinha com escassas rações de peixe salgado e farinha. Pairava um ar de pobreza e miséria em toda a fazenda que produzia a mais desagradável impressão; não é este certamente o povo capaz de desenvolver os recursos de região formosa como esta.

Tornando a cruzar o rio para Aveiros, à tarde, linda ararinha caiu de grande altura de cabeça para baixo, perto do bote, tendo tombado de um bando que parecia lutar nos ares. Um dos índios apanhou-a para mim e fiquei surpreso de encontrar a ave ilesa. Fôra prova-

---

(430) E' uma pequena borboleta negra: asas anteriores com grande mancha rubra, ovalar, oblíqua, e com uma estria amarela que vai da base à mancha vermelha; asas posteriores com uma faixa amarela que vai da base até quasi o ápice. Uma orla submarginal de pontos amarelos.

velmente querela entre machos, da qual resultara nosso hospedezinho ficar temporariamente atordoado por uma pancada na cabeça, dada pelo bico de algum camarada ciumento. A espécie era o *Conurus guianensis*, chamado pelos nativos maracanã, de plumagem verde, com mancha escarlate sob as asas (437). Eu desejava conservar a ave viva e amansá-la, mas todos os esforços para adaptá-la ao cativeiro foram vãos; recusou o alimento, bicava todos os que se aproximavam dela, e danificou a plumagem, fazendo esforços para libertar-se. Meus amigos de Aveiros disseram-me que esta espécie de papagaio nunca se domestica. Depois de tentar quasi uma semana, aconselharam-me que mandasse a intratavel criatura a uma velha índia que vivia na aldeia e diziam ser hábil amansadora de aves. Em dois dias ela me foi devolvida quasi tão mansa como as aves de estimação de nossos aviários. Conservei minha ararinha por mais de dois anos; aprendeu a falar muito bem, o que era considerado uma maravilha, pois se tratava de ave muito difficil de ser domesticada. Não sei de que artes a velha índia usou. Disse-me o capitão Antônio que ela a alimentou com saliva. A principal razão pela qual quasi todos os animais amansam tão prodigiosamente nas casas dos nativos é porque são tratados com bondade uniforme, sendo-lhes permitido andar à vontade por todos os compartimentos. Nossa maracanã costumava acompanhar-nos em nossos passeios, encarapitada na cabeça de um dos rapazes. Perdeu-se certa vez no meio de longa estrada da floresta, tendo-se agarrado provavelmente a algum ramo baixo e metido na brenha sem que o rapaz desse por isso. Tres horas depois, ao voltarmos pelo mesmo caminho,

---

(431) Essa linda maracanã é encontrada desde o extremo norte da América do Sul até ao Rio Grande do Sul; seu nome científico actual é *Psittacara leucophthalma leucophthalma*.

uma voz nos saudou em tom de conversa, — *Maracanã!* Olhámos em tórno por algum tempo, sem nada ver, até que a palavra foi repetida com ênfase — *Maracanã-ã*. Então descobrimos a pequena madraça meio escondida na folhagem de uma árvore. Ela desceu e deixou-se pegar, evidentemente tão satisfeita com o encontro como nós.

Depois que consegui os dois homens prometidos, dois robustos índios de 17 ou 18 anos de idade, um chamado Alberto e outro Ricardo, fiz segunda visita à margem ocidental do rio em minha própria canoa, estando resolvido a obter, caso fôsse possível, espécimes do *Cebus* branco. Cruzámos primeiro para a aldeia missionária de Santa Cruz. Esta é constituída por 30 ou 40 taperas de taipa, construídas umas junto das outras em tres filas retas sôbre alta margem de cascalho. O lugar deserto, com exceção de dois ou tres velhos de ambos os sexos e algumas crianças. O missionário, frei Isidoro, monge italiano, estava sempre em outra estação, chamada Uichitúba, a dois dias de viagem, subindo o rio. Contava-se que não tinha zêlo pela religião nem devoção ao seu ministério, mas que estava ocupado a comerciar, empregando os índios prosélitos a apanhar salsaparrilha e em outros misteres, com o intento de conseguir meios para retirar-se para seu país. Os índios meio-civilizados, que falam o tupí, chamam-no *Pai tucura* (pai gafanhoto), porque o seu capuz pontudo apresentava divertida semelhança com a cabeça do inseto. Mais tarde travei relações com frei Isidoro, e o achei homem de inteligência superior e grande capacidade. Queixou-se muito do mau tratamento que os índios recebiam das mãos dos contratadores e autoridades civís brasileiras, e disse que tanto êle como seus antecessores tinham incessantemente pugnado pelos direitos assegurados aos aborígenes pelas leis do Império.

O plano de reunir os índios em povoados formais, caiados de branco, pareceu-me muito mal escolhido. Os índios seriam mais felizes em suas tabas esparsas, cercadas de vegetação nas margens dos sombrios igarapés, onde preferem situar-se quando deixados à vontade.

Estende-se atrás da aldeia estreita faixa de floresta; atrás há um campo elevado e nú, de solo argiloso e coberto de cascalho. Para o sul a região ribeirinha apresenta o mesmo aspecto: uma sucessão de colinas com escassas matas, espaços relvosos nús e vales ricos em madeiras de lei. Durante tres dias percorremos em várias direções a mata e o campo sem encontrar macacos, ou antes sem nada encontrar que valesse o tempo e o trabalho. O solo do distrito parece-me sêco demais. Já havia notado em outras partes da região que as aves e os animais, nessa época do ano, procuram pontos mais úmidos da mata. Começámos por isso a explorar cuidadosamente o trecho baixo e em parte alagadiço à beira do rio, ao norte de Santa Cruz. Gastámos dois dias nessa busca, desembarcando em vários sítios e penetrando boa distância para o interior. Embora fossem infrutíferas nossas tentativas, em relação ao *Cebus* branco, o tempo não foi inteiramente perdido, pois acrescentei à minha coleção várias aves de espécies novas. Na segunda tarde surpreendemos grande bando, de uns cinquenta indivíduos, de curioso gavião de bico muito longo, delgado e recurvo, o *Rostrhamus hamatus* (432). Estavam empoleirados nos arbustos que cercavam uma lagoa rasa, separada do rio por faixa de ervas flutuantes. Disseram-me os meus homens que êles se alimentam de sapos e lagartos, encontrados na beira dos marneis. Foi belo espetáculo vê-los levantar o vôo

---

(432) Gavião próprio da parte setentrional da América do Sul (*Helicolestes hamatus*, na nomenclatura atual).

e rodopiar a grande altura. Só conseguimos um espécimen.

Antes de voltar a Aveiros, fizemos outra visita à enseada de Jacaré, ponto de acesso à fazenda do capitão Antônio, com o fim de apanhar mais espécimes de muitos insetos raros e bonitos que aí tínhamos encontrado. Descemos junto ao barracão de um dos sitiantes. O dono da casa não estava em casa, e a mulher, mameluca escura e jovial, de pele limpa e faces rosadas, preparava, em companhia de outra amazonense robusta, o caniço e as linhas para ir pescar para o jantar do dia. Era agora o tempo dos tucunarés, e a senhora Joaquina nos mostrou as iscas para pegar esse peixe, que ela fizera com penas de papagaio. Os caniços eram varas finas de bambú, e as linhas feitas de fibras de ananás. Não é muito comum encontrar, entre as índias e mestiças, mulheres que façam seus utensílios, como estavam fazendo estas duas, embora sejam todas peritas remeiras e muito frequentemente cruzem largos rios em seus frageis botes, sem o auxílio dos homens. E' possível que fosse a vista de bandos de mulheres índias, viajando assim sosinhas, que tenha dado lugar à fábula de uma nação de Amazonas, inventada pelos primeiros exploradores espanhóis da região. A senhora Joaquina convidou-me e a José, para um jantar de tucunaré, nessa tarde e, pondo os remos ao ombro e arregaçando as saias, as duas escuras pescadoras desceram para a canoa. Mandámos os dois índios ao mato a cortar fôlhas de palmeira, para concertarmos o colmo de nossa cobertura, enquanto eu e José caminhávamos pelos bosques que cercam o campo. Na volta encontrámos o mais opíparo serviço em casa de nossa hospedeira. Uma toalha branca, muito limpa, fôra estirada sôbre a esteira, com um prato para cada conviva e uma pilha de farinha cheirosa e fresca ao lado de cada prato. Os tucunarés



foram logo tirados da panela e postos diante de nós. Refleti que deviam ser felizes os maridos que tinham esposas como estas. As índias e mamelucas são indiscutivelmente excelentes donas de casa; são mais trabalhadoras que os homens, e em sua maioria fazem farinha para vender por sua própria conta, sendo seu crédito sempre maior junto aos negociantes que o dos maridos. Fiquei muito surpreso com a quantidade de peixe que tinham pescado; havia que desse para todos, incluindo várias crianças, dois velhos de uma choupana vizinha e meus índios. Eu lhes fiz pequeno presente de agulhas e linha de coser, artigo muito apreciado, e logo depois tornámos a embarcar e de novo cruzámos o rio para Aveiros.

2 DE AGOSTO — Deixámos Aveiros, tendo resolvido subir um afluente, o Cuparí, que entra no Tapajós oito milhas acima desta aldeia, em vez de seguir pelo rio principal. Eu desejava visitar o povoado da tribu Mundurucú, que fica além da primeira cachoeira do Tapajós, se fôsse compatível com outras finalidades que tinha em vista. Mas para fazer essa viagem era preciso barco mais leve que o meu e seis ou oito índios remeiros, o que no meu caso era impossível de obter. Havia, porém, uma oportunidade de ver esta bela raça de gente no Cuparí, pois um grupo se tinha localizado nas cabeceiras dêsse rio. A distância de Aveiros ao último povoado civilizado do Tapajós, Itaituba, é de quarenta milhas. As cachoeiras começam pouco além dêsse lugar. Sucedem-se então dez formidáveis cachoeiras ou corredeiras com intervalo de poucas milhas; as principais são a Coaitá, a Biburé, o Salto Grande, de uns trinta pés de altura, e a Montanha. As canoas dos negociantes de Cuiabá, que descem anualmente a Santarém, são descarregadas em

cada salto, as cargas transportadas por terra, nas costas dos índios, e os barcos vazios arrastados por cordas sôbre os obstáculos. Descreveram-me o Cuparí como fluindo por um rico vale argiloso, coberto de matas e abundante em caça; ao passo que as margens do Tapajós, além de Aveiros, eram campos arenosos e estéreis, com filas de montanhas nuas ou de mata escassa, formando um tipo de região que sempre se mostrara muito pobre em objetos de história natural durante a estação sêca, que atravessávamos agora.

Entrámos pela foz do Cuparí na tarde do dia seguinte (31 de agosto). Não tinha mais de cem jardas de largura, mas muito profundo: não encontrámos fundo no meio com uma linha de oito braças. As margens eram cobertas de esplêndida floresta; a folhagem familiar do cacau, que crescia abundantemente entre o maciço de outras árvores, faziam-me lembrar as florestas do rio Amazonas. Navegámos cinco ou seis milhas, geralmente na direção sueste, embora o rio tivesse muitas voltas bruscas, e parámos à noite em casa de um sitiante, situada em alto barranco e à qual se podia subir por toscos degraus de madeira fixos no barro. Os donos eram dois irmãos mestiços, que aí viviam com suas famílias na espaçosa habitação. Um deles era ferreiro, e o encontrámos trabalhando em sua forja com dois aprendizes índios, em vasto alpendre à sombra de mangueiras. Eram filhos de um imigrante português que aí se instalara há quarenta anos e casara com uma mundurucú. Deve ter sido homem muito mais adiantado que a maioria dos seus patrícios que emigram para o Brasil atualmente, pois havia sinais de extenso pomar atrás de casa, com laranjeiras, limoeiros e cafeeiros, e vasta plantação de cacau ocupava as terras mais baixas.

Na manhã seguinte um dos irmãos me trouxe bela cuíca que apanhara no galinheiro, pouco antes do nascer do sol. Era menor que um rato, de pelágio pardo e macio, mais clara no ventre e no focinho e com uma estria negra em cada bochecha. Foi êste o terceiro rato marsupial que consegui; mas o número dêstes animais é muito consideravel no Brasil, onde êles substituem os musaranhos e toda a ordem de animais insetívoros, que é de todo ausente da América tropical (433). Uma destas cuícas é aquática e tem os pés palmados. As espécies terrestres são de hábitos noturnos, dormindo durante o dia no ôco das árvores, e saindo à noite para caçar as aves nos pousos. É muito difficil criar galinhas nessa região, por causa dêstes pequenos marsupiais, e em alguns pontos não se passa noite sem que as galinhas sejam por êles atacadas.

5 DE AGOSTO — O rio fez-me lembrar alguns pontos do furo Jaburú, pois é apertado entre duas paredes de floresta que chegam a uma altura de pelo menos cem pés, os perfis das árvores escondidos por densa cortina de trepadeiras. A impressão de profusão vegetal e de esmagadora exuberância aumenta a cada passo. O vale estreito e profundo do Cuparí é de clima mais úmido que as margens do Tapajós. Tinhamos agora frequentes aguaceiros, quando deixáramos em Aveiros tudo crestado pelo sol.

---

(433) No original está um belo *opossum*; pelo tamanho do animal traduzimos opossum por cuíca, por ser esta a designação mais geral no Brasil para os pequenos Marsupiais; a espécie a que se refere Bates deve ser o *Philander philander*. A cuíca d'água sul-americana ou japó é o *Chironectes minimus*. Quando Bates escreveu o seu livro efetivamente não se conheciam Insetívoros na América do Sul. Mais tarde foram encontrados nos Andes, da Colombia ao Equador, meia dúzia de espécies de musaranhos do género *Cryptotis*.

Depois de passado o último sítio, avançamos cito milhas e parámos em casa do senhor Antônio Malagueta, sitiante mameluco a quem me tinham recomendado que visitasse. A casa e as construções anexas eram extensas, a terra bem tratada e sentia-se em tudo um ar de conforto e bem-estar que é muito raro na Amazônia. Uma ribanceira de argila branca, bem batida, subia suavemente do porto sombreado pelas árvores até à casa, ostentando de cada lado canteiros de hortaliças e (coisa rara!) com roseiras e jasmineiros em flor. O senhor Antônio, homem de meia idade, mais para alto que baixo, desceu ao porto logo que lançámos âncora, com o semblante a irradiar simpatia e amabilidade. Eu era para êle pessoa inteiramente estranha, mas soubera de minha vinda e tomara providências. Nunca fui recebido de maneira mais cordial. Ao entrar em casa, a mulher que tinha mais as maneiras e tonalidades de pele dos índios que o marido, mostrou-se igualmente afavel e franca ao cumprimentar-nos. O senhor Antônio passara os dias de sua mocidade no Pará, e adquirira profunda consideração pelos ingleses. Ficámos aí dois dias. Meu hospedeiro acompanhou-me nas excursões. Em verdade suas atenções, como as da espôsa e do bando de parentes de todos os graus que constituíam sua família, chegaram a ser impertinentes, pois não me deixaram sósinhô um momento, de manhã à noite.

Fizemos juntos alguns longos e proveitosos passeios pelo estreito caminho que se estende algumas milhas por dentro da mata. Encontrei aí novo inseto nocivo, e que os naturais devem tomar cuidado para que não se espalhe amplamente pela região. Era grande mosca parda da família *Tabanidae* (gênero *Pangonia*), com a probóscida de uma polegada de comprimento e mais fina que a mais

fina agulha (434). Pousam aos pares ou em grupos de tres ao mesmo tempo nas costas da gente, e atravessam as grossas camisas de algodão com suas trombas, fazendo-nos pular e gritar de dor. Apanhei uma ou duas dúzias para a coleção. Como exemplo das áreas extremamente confinadas de certas espécies. pode-se lembrar que eu não encontrei êste inseto em nenhuma outra parte da Amazônia, exceto em trecho de meia milha ou pouco mais desta estrada escura da floresta.

Muito nos divertimos com a mansidão excessiva e quasi absurda de belo mutum, que andava em roda de casa. Era espécie grande, de negro brilhante (o *Mitu tuberosa*), de bico côr de laranja, com uma excrescência do mesmo colorido em forma de fava (435). Parecia considerar-se da família. Assistia a todas as refeições, indo de uma pessoa a outra, em redor da esteira, para que lhe dessem de comer, e esfregava os lados da cabeça, como se quizesse fazer carícias, nas faces ou nos ombros da gente. À noite empoleirava-se num cesto de um dos quartos, embaixo da rêde de uma das meninas a quem êle particularmente se afeiçoara, acompanhando-a por toda parte no terreiro. Esta espécie de mutum é muito comum nas matas do Cuparí, mas é rara no Alto Amazonas, onde a dominante é uma outra espécie próxima, cuja excrescência do bico é arredondada em vez de ser em forma de fava (*Crax globicera*) (436). Estas aves, em seu estado natural, nunca descem das copas das árvores mais altas, onde constroem os seus ninhos e vivem em pequenos bandos. A *Mitu tuberosa*

---

(434) As espécies sul-americanas que eram do gênero *Pan-gonia*, passaram para o gênero *Fidena*; esta terrível mutuca a que se refere Bates deve ser a *Fidena fumifera* Walker.

(435) É o *Crax nigra*, também chamado mutum-poranga.

(436) Al está *globicera* por *globulosa*; a espécie é de Spix.

põe dois ovos brancos, de casca áspera. E' do tamanho de um perú comum, mas a carne, quando cozida, é mais sêca e menos saborosa. E' difficil achar o motivo por que estas soberbas aves não foram reduzidas à domesticação pelos índios, uma vez que se amansam tão facilmente. O obstáculo oferecido por sua não reprodução em cativeiro, que é provavelmente devida aos seus hábitos arborícolas, talvez possa ser vencido por experiências repetidas. Mas para tal, os índios provavelmente não têm paciência ou inteligência bastante. Não podemos buscar uma razão em sua insensibilidade pelo valor de tais aves, pois o perú, que aí foi introduzido, é por elles muito apreciado.

Tivemos desagradável visitante, quando estávamos ancorados no porto de João Malaguiteira. Estando deitado em meu pequeno camarote, fui despertado pouco depois da meia noite por pesada pancada dos lados da canoa, pertinho de minha cabeça, e que foi seguida do som de um corpo pesado que mergulhasse dentro d'água. Levantei-me, mas tudo estava quieto, exceto o cacarejo das galinhas, cuja capoeira estava pendurada em um dos lados da embarcação a tres pés da porta do camarote. Não encontrei explicação, e como todos os meus homens estavam em terra, voltei para a cama e tornei a adormecer até de manhã. Então encontrei as galinhas soltas pela embarcação e grande buraco no fundo da capoeira, que estava a dois pés da superfície da água. Faltavam duas galinhas. Disse o senhor Antônio que o ladrão era uma sucurijú (nome que os índios dão à anaconda ou grande serpente aquática — *Eunectes murinus*), que há alguns meses estava assolando esta parte do rio e já tinha carregado muitos patos e galinhas dos portos de várias casas. Eu estava inclinado a duvidar do fato de uma serpente sair d'água em busca de sua presa, e pensei que

mais provavelmente o culpado fosse um jacaré, embora ainda não tivesse encontrado jacarés no rio. Alguns dias depois os rapazes de diversos sítios combinaram-se para procurar a serpente. Começaram de maneira sistemática, formando dois grupos, cada qual embarcado em tres ou quatro canoas e partindo de pontos separados algumas milhas um do outro, de onde gradativamente se aproximavam, explorando todas as pequenas enseadas dos dois lados do rio. O reptil foi afinal encontrado, quentando sol, sôbre um tronco caído, na boca de pequeno igarapé lodoso e foi arpoado. Eu o vi no dia seguinte. Não era exemplar muito grande, pois apenas media deztoite pés e nove polegadas de comprimento e dezesseis polegadas de circunferência na porção mais larga do corpo. Mais tarde medi peles de sucurí com vinte pés de comprimento e dois pés de largura. O reptil era do mais repelente aspecto, muito larga no meio e afilando para as duas extremidades. E' muito abundante em alguns lugares, mas em parte alguma mais do que no Lago Grande, perto de Santarém, onde comumente aparece enroscada, nos cantos dos pastos, e é detestada por seu hábito de roubar galinhas, carneiros ou qualquer animal ao seu alcance.

Em Ega uma sucurí esteve a pique de devorar um pequeno de dez anos de idade, de um de meus vizinhos. Pai e filho foram certo dia em sua montaria colher frutas silvestres algumas milhas acima de Tefé, descendo em praia íngreme e arenosa, onde o menino ficou tomando conta da canoa, enquanto o pai penetrava na mata. As praias do Tefé formam bosquetes de arazás e outras mirtáceas, e durante a maior parte do ano ficam inundadas pelo rio. Quando o menino estava brincando na água, à sombra dessas árvores, imenso reptil desta espécie furtivamente se enroscou em tórno dele, e, quando

percebeu, era muito tarde para fugir. Aos seus gritos o pai correu em seu socôrro, e, agarrando corajosamente a sucurí pela cabeça, despedaçou-lhe as mandíbulas. Parece fora de dúvida que esta formidável serpente atinge enorme tamanho e vive muitos anos, pois soube de espécimes de quarenta e dois pés, ou seja o dôbro da maior que tive a oportunidade de examinar. Os naturais da Amazônia acreditam todos na existência de monstruosa serpente aquática, de muitas vintenas de braças de comprimento, que aparece em diversas partes do rio. Chamam-na a Mãe-d'água. Esta fábula que é, indubitavelmente sugerida pelo aparecimento de sucurijús de tamanho fora do comum, toma grande variedade de formas, e as suas lendas terríveis constituem o assunto de conversação entre velhos e moços, em roda das fogueiras dos acampamentos.

6 E 7 DE AGOSTO — Deixando o sítio de Antônio Malagueita, continuámos nossa viagem pelas sinuosidades do rio, geralmente na direção sueste ou su-sudeste, mas às vezes diretamente para o sul, numa rota de quinze milhas, quando parámos em casa de um tal Paulo Cristo, que eu conhecera em Aveiros. Aqui passámos a noite e parte do dia seguinte. De manhã fizemos boas cinco horas de trabalho na mata, acompanhados pelo deno do sítio. Na tarde de sete estávamos novamente a caminho. O rio faz curva para este-nordeste, a pequena distância acima do sítio de Paulo Cristo, depois volta abruptamente para sudoeste, correndo nesta direção quatro milhas. A região montanhosa do interior começa então. Seu primeiro indício é uma elevação magnificamente coberta de mata que se eleva quasi verticalmente da água até uns 250 pés de altura. A largura do rio nesse ponto é de sessenta jardas, e a mata tomava novo aspecto, pela



abundância de uricurís, espécie que tem nobre coroa de frondes com folíolos rígidos e simétricos.

De caminho passámos por pequena enseada sombria, em cuja entrada se instalara sob telheiro temporário, para lavar o cascalho em busca de ouro, um velho de rosto encarquilhado e cabelos brancos. Estava sósinho. N'ninguém o conhecia por aqueles arredores, sabendo-se apenas que era um cuiabano (ou natural dos distritos de Cuiabá) e sua pequena montaria estava amarrada junto de seu tóscio abrigo. Ficou sempre segredo quem êle poderia ser, pois se foi embora, depois de tres semanas de estada no lugar, sem comunicar-se com pessoa alguma.

À tarde chegámos à casa do último sitiante civilizado do rio, senhor João Aracú, homem magro e ativo e ótimo caçador, com quem desejava fazer amizade e convencer a acompanhar-me até à aldeia dos Mundurucú e às cachoeiras do Cuparí, a umas quarenta milhas mais acima.

Fiquei no sítio de João Aracú até o dia 19 e, descendo o rio, aí passei outros quatorze dias. A situação era das mais favoráveis para colecionar os produtos naturais do distrito. O subosque era limpo e cortado por muitas milhas de caminhos em várias direções. Aqui eu não podia empregar meus dois homens como caçadores e, para tê-los ocupados, enquanto eu e José trabalhávamos diariamente no mato, mandei-os fazer uma montaria sob a direção de João Aracú. No primeiro dia encontrou-se madeira apropriada para o casco do bote, da espécie chamada itaúba amarela. Êles a derrubaram e cortaram do tronco um toro de dezanove pés de comprimento. Depois o trouxeram da mata, com o auxílio dos homens de meu hospedeiro, por um caminho que tinham preparado com pedaços roliços de madeira, que funcionavam como rolos. A distância era de meia milha e os cabos usados

eram toscas lianas cortadas das árvores vizinhas. Esta parte do trabalho levou uma semana. O toro tinha que ser escavado, o que foi feito com fortes escopros, por fenda aberta em toda a extensão. Terminada a pior porção da tarefa, bastava dilatar a abertura, aprontar duas pranchas para os lados, dois rebordos semicirculares para as extremidades, fazer os bancos e calafetar as costuras.

Aumentar a escavação do toro é operação crítica, e nem sempre bem sucedida, estragando-se muito bote por ter sido fendido ou escavado irregularmente. Primeiro é posto sôbre cavaletes, com a fenda para baixo, em cima de grande fogo, que é mantido durante sete ou oito horas, exigindo ê-se trabalho cuidado constante, para evitar que rache, e fazer com que a prancha se curve com a devida inclinação nas duas extremidades. Metem-se na abertura escoras de pau, feitas de pedaços de madeira elástica, prendendo-as com cunhas. Seu tamanho vai sendo modificado à medida que a obra avança e segundo a parte do bote. Nosso casco ficou muito bom; levou muito tempo a esfriar e foi conservado na forma desejada por meio de travesas de pau. Quando o bote ficou pronto, foi lançado à água pelos homens com grande festa; içaram lenços de côr como bandeiras e remaram acima e abaixo pelo rio para experimentar suas capacidades. Minha gente tinha sentido tanto a falta da montaria como eu, de modo que êsse dia foi de regozijo para todos nós.

Fui aí muito bem sucedido, quanto aos objetivos de minha viagem. Acrescentei à minha coleção vinte novas espécies de peixes e considerável número de pequenos repteis; mas encontrei poucas aves que merecessem ser conservadas. Grande número dos mais vistosos insetos

da localidade eram novos para mim, e mostraram-se como peculiares a esta parte do vale amazônico. Há o mais frizante contraste entre as produções do Cuparí e as de Altar do Chão, nesse departamento; em sua maioria as espécies que habitam um distrito são totalmente desconhecidas no outro. Ao mesmo tempo considerável proporção das espécies de Cuparí era idêntica às de Ega, no Alto Amazonas, região oito vezes mais distante que a aldeia que acabo de mencionar.

A aquisição mais interessante nesse lugar foi grande e belo macaco, de espécie que eu não tinha ainda encontrado, o coaitá de bigodes brancos ou macaco aranha, (*Ateles marginatus*). Certo dia vi um casal na mata, movendo-se lentamente sôbre os ramos de árvore colossal, e matei um deles. No dia seguinte João Aracú trouxe o outro, provavelmente o companheiro. A espécie é quasi do mesmo tamanho da negra comum, da qual já dei descrição em um dos capítulos anteriores. Tem o mesmo corpo magro, com as pernas revestidas de denso pelágio negro; mas difere por ter os bigodes e uma mancha triangular no alto da cabeça, de côr branca. Nunca se encontra nas terras aluviais do Amazonas, nem na parte norte do grande rio, ao que supponho, exceto nas cabeceiras, perto dos Andes, onde Humboldt o descobriu nas margens do Santiago. Sua carne é a mais saborosa que já comi. Parecia carne verde, mas era de gosto mais agradável e mais suave. Durante nossa permanência nessa parte do Cuparí, quasi que só comíamos peixe e como essa dieta não se dá comigo, pois bastam tres dias seguidos para reduzir-me a grande estado de fraqueza, tratei de conservar o melhor possível a carne de nosso coaitá. Em vez de salgar as mantas de carne, nós as defumámos, colocando-as durante algumas horas, em armação de gravetos, posta em cima do fogo, processo

adotado pelos naturais para conservar o peixe, quando lhes falta o sal, e a que chamam *muquiar*. A carne apodrece neste clima em menos de 24 horas e a salga não dá resultado, a não ser que os pedaços sejam cortados em fatias finas e sêcos imediatamente ao sol. Meus macacos duraram quinze dias; o último pedaço foi um braço com a mão fechada, e que eu usava com grande economia, pendurando-o, entre minhas frugais refeições, num prego do camarote. Só a mais dura necessidade poderia levar-me assim tão perto do canibalismo, mas tínhamos aqui grande dificuldade de obter suficiente suprimento de alimento animal. De tres em tres dias éramos obrigados a parar o trabalho da montaria, e todos passavam o dia a caçar e a pescar, muitas vezes sem resultado, pois embora a caça abundasse na mata, estava muito espalhada e não se conseguia nenhuma. De vez em quando Ricardo e Alberto traziam uma tartaruga ou um tamanduá que nos dava para um dia de consumo.

Aqui travámos conhecimento com muitos manjares estranhos, entre os quais os ovos de iguana. Estes são oblongos, com uma polegada de comprimento e de casca flexível. O lagarto põe uns quarenta ovos nos ôcos das árvores. São de gôsto oleoso. Os homens comiam-nos crus, misturados com farinha e uma pitada de sal. Só consegui comê-los, misturados com mólho de tucupi, de que tínhamos sempre uma grande jarra cheia, para temperar os bocados desagradáveis.

Certo dia estava eu caçando insetos, sosinho e desarmado, num igapó sêco, onde as árvores eram bem separadas e o chão coberto de alfômbra de fôlhas sêcas, de oito a dez polegadas de espessura, quando quasi esbarrei com uma Boa constrictor. Acabava de entrar em pequena moita, para apanhar um inseto, e quando o estava espetando, fiquei um pouco assustado ouvindo surdo

rumor na vizinhança. Olhei para o céu, pensando que se preparava uma tempestade, mas nem o mais leve sôpro agitava a ramaria do tôpo das árvores. Ao sair da moita dei cara à cara com horrenda serpente que descia a ribanceira e fazia os gravetos estalarem sob o seu pêso, à sua passagem. Comumente eu me encontrara da mesma maneira com a outra Boa menor, a cotimboia (437), e sabia pelos hábitos da família, que não havia perigo, de modo que fiquei quieto. Ao ver-me, o réptil voltou-se de repente e afastou-se do caminho. Querendo tomar nota de seu tamanho provável, colorido e desenho da pele, fui atrás dela, mas a mesma aumentou a velocidade, e não consegui aproximar-me. O corpo brilhante, a mover-se rapidamente, parecia uma corrente de líquido pardo fluindo por cima do espêso leito de fôlhas mortas, mais do que uma serpente de variegadas côres. Desceu para as partes mais baixas e mais úmidas do igapó. Havia grosso tronco de grande árvore caída atravessado no caminho; ela escorregou por cima dele, sem desviar sua carreira, e pouco depois penetrou numa brenha alagada, onde, naturalmente, não a pude seguir.

Eu sofria terrivelmente com o calor e os mosquitos, quando o rio baixou no curso da estação sêca, embora tivesse feito um toldo com as rêdes, para trabalhar de baixo dele, e dormisse à noite ao relento, com a rêde armada entre os dois mastros. Mas não havia sossego em parte alguma. A embarcação descia cada vez mais na garganta por onde o rio corre entre altas ribanceiras argilosas, e com o sol a pino do meio dia parecia que

---

(437) A acutimboia não é da mesma família da Giboia (*Constrictor constrictor constrictor*), mas um Colúbrida, também conhecido por sacaiboia, boitiaboia e boicipo (*Chironius carinatus*); outro bôida amazônico arborícola é a araramboia ou cobra pagaio (*Boa canina*).

estávamos numa fornalha. Quasi não suportava a roupa durante o dia, das doze da manhã às cinco da tarde, usando apenas ceroulas frouxas, de algodão fino, e leve chapéu de palha, e não me podia acomodar na casa de João Aracú, porque esta era pequena e cheia de crianças barulhentas. Uma noite tivemos terrível tempestade. O calor à tarde fôra maior do que nunca, e ao pôr do sol o céu era côr de cobre. As nuvens negras, que aí flu tuavam, eram iluminadas de vez em quando por grandes clarões dos relâmpagos. Os mosquitos, nessa noite, foram mais incômodos que de costume, e apenas eu acabava de pegar no sono, já exausto, nas primeiras horas da manhã, quando começou a tempestade: verdadeiro dilúvio, com incessantes coriscos e ribombar de trovões. Durou umas oito horas, e a aurora cinzenta surgiu no meio do bramir da tempestade. A chuva gotejava pelas costuras do teto de meu camarote, pois os últimos dias quentes tinham separado as tábuas, e tive imenso trabalho para salvar minhas coleções no meio da confusão. Tinha sido noite má, mas com os aguaceiros, o calor, os mosquitos, a fome e, afinal, a doença, raramente tive uma noite de repouso no Cuparí.

Pequeno riacho atravessava a mata atrás da casa de João Aracú, e entrava no rio poucas jardas abaixo do ponto onde tínhamos fundeado. Costumava atravessá-lo duas vezes por dia, na ida e na volta dos meus sítios de caça. Belo dia notei que a água, à tarde, estava duas ou tres polegadas mais alta do que pela manhã. Êste fenômeno se repetiu no dia seguinte e nos outros, até que o riacho secou, com o abaixamento contínuo do Cuparí, o tempo de mudança de nível diminuindo um pouco cada dia. Conteí o caso a João Aracú, que não o observara antes (pois êste era o seu segundo ano de residência na localidade), mas concordou comigo que

devia ser a maré. Sim, a maré! a oscilação do oceano era sentida neste remoto recanto, a 530 milhas do ponto onde primeiro impele as águas doces na foz do Amazonas. A princípio hesitei em chegar a esta conclusão, mas refletindo que a maré era perceptível em Óbidos, a mais de 400 milhas do mar e que, na estação sêca, uma grande massa d'água do Amazonas entra pela boca do Tapajós, e há pequena diferença de nível entre êsse ponto e o Cuparí, fato demonstrado pela ausência de corrente na estação sêca, não tive dúvida em considerar correta minha conclusão.

O fato da maré ser mantida 530 milhas acima do Amazonas, passando do rio principal para um de seus afluentes a 380 milhas de sua foz, e daí a um ramo de terceira ordem, é prova da extrema planeza da terra que forma a parte baixa do vale Amazônico. Esta uniformidade de nível é também demonstrada pelas vastas expansões d'água, formando lagos perto da foz dos principais afluentes que cruzam o vale para unir-se ao Amazonas.

21 DE AGOSTO — João Aracú consentiu em acompanhar-me às cachoeiras com um de seus homens, para caçar e pescar para mim. Um dos meus objetivos era obter espécimenes da arara azul, cuja área de distribuição começa nos afluentes do Amazonas que correm do sul, pelo interior do Brasil, com as primeiras cataratas. Partimos no dia dezenove; nosso rumo era geralmente de sudoeste. No dia vinte o rumo foi para o sul e sueste. Hoje de manhã (21 de agosto) chegámos à aldeia dos índios, cuja primeira casa está trinta e uma milhas acima do sítio de João Aracú. Aqui o rio tem sessenta a setenta jardas de largura, e corre em zig-zague entre altas ribanceiras argilosas de 20 a 50 pés

de altura. As casas dos Mundurucús, mais ou menos trinta, estão espalhadas pelas margens em distância de seis ou sete milhas. Os proprietários parecem ter escolhido todos os sítios mais pitorescos — trechos de campo no sopé de colinas boscosas, ou pequenas enseadas com praias de areia branca — como se apreciassem as belezas naturais. Quasi todas as habitações são cabanas cônicas, com paredes de ramos entrançados, cheios de barro, e cobertas de fôlhas de palmeira, com largas biqueiras que chegam até quasi ao solo. Algumas são quadrangulares, e não diferem das dos sitiantes semi-civilizados em outras regiões; outras são telheiros abertos ou ranchos. Cada qual serve para uma ou duas famílias.

Na primeira casa soubemos que todos os guerreiros tinham voltado esta manhã de perseguição de dois dias a uma horda nômade de selvagens da tribo Pararauaté, que se tinham desviado de seu caminho para as terras do interior e roubado suas plantações. Pouco adiante chegámos à casa do tuchaua ou chefe, situada no alto de elevada ribanceira, que tivemos de subir por degraus de madeira. Há quatro outras casas na vizinhança, todas cheias de gente. Um belo velho, com o rosto, costas e peito tatuados de riscas transversais, foi o primeiro objeto estranho que chamou minha atenção. Quasi todos os homens estavam deitados ou dormindo nas rêdes. As mulheres ocupadas num telheiro junto, fazendo farinha, muitas inteiramente nuas. Correram apressadamente para suas choças a vestir uma saia, quando nos viram. Nossa entrada tirou o tuchaua de sua sonôca. Depois de esfregar os olhos, adiantou-se e deu-nos as boas vindas com a mais formal polidez e em muito bom português. Era homem alto, bem feito, de ombros largos, aparentando ter trinta anos, com belas feições regulares, não tatuado, e expressão afável no semblante. Tinha



ido várias vezes a Santarém e uma vez ao Pará, aprendendo a língua portuguesa durante essas viagens. Estava em camisa e ceroulas de algodãozinho azul, e não havia o mais leve traço de selvagem em seu aspecto ou em seus modos. Disse-me que chegara à chefia da tribo por herança, e que a horda Cuparí dos Mundurucús, sobre a qual seus antepassados tinham dominado antes dele, era então muito mais numerosa, fornecendo 300 arcs em tempo de guerra. Agora dificilmente poderia reunir quarenta; mas a horda estava em íntima relação política com o corpo principal da tribo, que habita as margens do Tapajós, a seis dias de viagem do povoado do Cuparí.

Aí passei o resto do dia mandando Aracú e os homens pescarem enquanto eu me distraía com o tuchaua e sua gente. Poucas palavras bastaram para explicar minha comissão no rio. Ele compreendeu imediatamente porque os homens brancos admiravam as belas aves e animais da região, e viajavam para colecioná-los. E nem ele nem sua gente disse uma só palavra a respeito de comércio, nem nos deu nenhum incômodo, cobiçando as coisas que tínhamos trazido. Contou-me os acontecimentos dos tres últimos dias. Os parauatés eram uma tribo de selvagens intratáveis, com quem sempre os Mundurucús estiveram em guerra. Não tinham morada fixa e, portanto, não faziam plantações, mas passavam a vida como animais selvagens, a vagar pela mata, guiados pelo sol; onde os surpreendia a noite, aí dormiam, armando suas rêdes de esteira, que são transportadas pelas mulheres, nos ramos das árvores. Atravessam todo o interior do país, desde as cabeceiras do Itapacurá (afluente do Tapajós, correndo de leste, cujas nascentes estão quasi nos 7° de latitude S.) e dos povoados dos Mundurucús no Tapajós (55° de longitude O.) até ao Paca-

jaz (50° de longitude O.). Cruzam os rios, que encontram em sua marcha, em canoas de casca de árvores, que êles fabricam quando chegam junto d'água, e que atiram fora, depois de desembarcar na margem oposta. A tribo é muito numerosa, mas as diferentes hordas obedecem aos respectivos tuchauas (438). Os Mundurucús do alto Tapajós têm uma expedição preparada contra êles, e o tuchaua supunha que a horda que êles expulsaram de sua maloca, eram fugitivos nesta direção. Havia uma centena deles, incluindo homens, mulheres e crianças. Antes que fossem descobertos, já os famintos selvagens tinham arrancado toda a macacheira, as batatas doces e a cana de açúcar, que os Mundurucús tinham plantado para essa estação, do lado leste do rio. Logo que foram presentidos, fugiram, mas o tuchaua rapidamente reuniu todos os homens moços cerca de trinta, que armados com espingardas, arcos e flechas e javelinhas, partiram em sua perseguição. Êles lhes seguiram o rasto pela mata durante dois dias, mas perderam seus traços nas remotas margens do Cuparitinga, afluente que corre de nordeste. Os perseguidores pensaram, certa vez, que estavam junto deles, pois encontraram ainda aceso o fogo de seu último acampamento. Os rastos do chefe distinguiram-se dos outros por seu tamanho e pelo tamanho da passada. Pequeno colar de favas vermelhas foi o único troféu da expedição, com o qual me presenteou o tuchaua.

Vi muito pouco dos outros índios varões, pois passaram toda a tarde dormindo em suas cabanas. Havia dois outros homens tatuados, sob um telheiro aberto, além do velho já mencionado. Um deles era de estranho

---

(438) Os parauatés formam uma família isolada, de índios nômades, de nível de cultura muito baixo, encontrados desde o Tocantins até ao Xingú.

aspecto, com uma risca negra semicircular no meio da face, cobrindo a base do nariz e a boca, linhas cruzadas nas costas e no peito, e estrias nos braços e nas pernas. E' singular que os graciosos desenhos curvos, usados pelos habitantes das ilhas do Mar do Sul, são desconhecidos entre os índios brasileiros; todos são tatuados em linhas ou manchas singelas. O que vi de mais aproximado dessa elegância de desenho, foi entre os Tucunas do Alto Amazonas, alguns dos quais têm um desenho em voluta em cada face, partindo dos ângulos da boca. Parece que o gosto artístico do índio americano é muito menos refinado que o da gente de Taití e da Nova Zelândia.

Para divertir o tuchaua, trouxe da embarcação os dois volumes do Museu Pictórico da Natureza Animada de Knight. Os desenhos lhe prenderam muito a atenção, e êle chamou as espôsas para admirá-los. Soube depois por Aracú que êle tinha tres ou quatro; uma delas era rapariga bonita, com colar e pulseiras de contas azuis. Em breve outras deixaram o trabalho, e tive em roda de mim uma porção de mulheres e crianças, todas demonstrando curiosidade, extraordinária para índios. Não era tarefa facil passar todas as ilustrações, pois não me deixavam perder uma página, fazendo-me voltar atrás, quando eu procurava saltar alguma. As figuras do elefante, dos camelos, dos orangotangos e dos tigres foram as que mais os encheram de pasmo; mas se mostravam interessados por quasi tudo, mesmo pelas conchas e insetos. Reconheciam os retratos das mais maravilhosas aves e dos mamíferos que se encontram em sua região: o jaguar, os guaribas, papagaios, surucuás e tucanos. O elefante foi considerado como grande espécie de tapir; mas fizeram poucos comentários, e estes em língua Mundurucú de que eu entendia só duas ou tres palavras. O

modo de exprimir sua surpresa era um estalido, dado com a língua nos dentes, de modo semelhante ao que usamos, ou uma exclamação reprimida, Hm! Hm! Antes de eu acabar, havia reunidos cinquenta a sessenta; mas não havia empurrões nem grosserias; as mulheres feitas deixavam as mocinhas e os meninos ficarem diante delas, e todos se portaram do modo mais sossegado e ordeiro.

Impressionou-me fortemente a diferença de porte, forma da cabeça e feições dessa gente, que mé demonstrava a falta de uniformidade dos índios brasileiros neste particular, mesmo quando pertencentes à mesma tribu. Os únicos pontos em que todos se pareciam eram o cabelo longo, espesso, muito negro e liso, o tom quente de cobre da pele, e a expressão sossegada, um pouco estúpida, do semblante. Neles não encontrei semblantes tão apoucados como muitos que vi na tribu Mura, nem cabeças do tipo mongol (largas, de maçãs salientes e olhos oblíquos), de que se encontram alguns exemplos isolados entre os canoeiros semi-civilizados do Amazonas. Muitos deles tinham belos rostos ovais, de traços mais para o comprido e bem conformados, lábios delgados e a testa arqueada. Uma menina, de seus doze anos, tinha um conjunto de feições europeias, e o porte notavelmente esbelto. São todos muito asseados; as sáias das mulheres são feitas de algodãozinho grosseiro; comprado aos regatões, e os cabelos presos atrás em um coque, por pentes feitos de bambús. Os velhos tinham os cabelos cortados rente, com exceção de longa franja que lhes descia sobre a testa.

Formam os Mundurucús a tribu mais numerosa de índios que atualmente sobrevivem na região Amazônica. Habitam as praias do Tapajós (principalmente na margem direita), de 3° a 7° de latitude sul, e o interior da região entre essa parte do rio e o Madeira. Disseram-me que, só no Tapajós, podem reunir dois mil

guerreiros, e que a população total da tribo pode chegar a vinte mil. Não se falava deles até noventa anos atrás, quando fizeram guerra aos povoados portugueses. Suas hostes cruzaram o interior do país para Leste do Tapajós e atacaram os estabelecimentos dos brancos na província do Maranhão. Os portugueses fizeram a paz com eles no começo deste século, sendo facilitado o acordo pela causa comum da contenda dos dois povos contra os odiados Muras. Desde êsse momento foram amigos firmes dos brancos. E' de pasmar como êste tratado de amizade se tornou conhecido dos Mundurucús, mesmo das hordas mais remotas e disseminadas. Onde quer que um homem branco encontre uma família, ou mesmo um individuo da tribo, pode estar certo que ele se lembra da aliança. São os mais guerreiros, entre as tribus brasileiras, e são considerados igualmente os mais sedentários e trabalhadores. Mas nisto não são superiores aos Juris e Passés do Alto Amazonas, ou aos Uaupés de perto das cabeceiras do rio Negro. Fazem vastas plantações de mandioca e vendem o excesso de sua produção, que sobe, no Tapajós, de tres a cinco mil cestos de sessenta libras anuais, aos regatões que sobem o rio entre os meses de agosto e janeiro vindos de Santarém. Também colhem na mata grandes quantidades de salsaparrilha, borracha e fava tonca. Os negociantes ambulantes, quando chegam a Campinas (a região escassamente boscosa, habitada pelo corpo principal de Mundurucús, além das cachoeiras), primeiro distribuem suas mercadorias — panos de algodão, machadinhas, cutelaria, quinquilharias e cachaça — pelos chefes menores e depois esperam tres ou quatro meses pelo pagamento em gêneros.

Está se processando rápida mudança nos hábitos destes índios, pelas constantes relações com os brancos,

e os que habitam nas margens do Tapajós raramente tatuam os filhos. O principal tuchaua de toda a tribo ou nação, chamado Joaquim, foi galardoado com uma comissão no exército brasileiro, em reconhecimento do auxilio que prestou às autoridades legais, na rebelião de 1835-36. Seria um erro chamar selvagens aos Mundurucús do Cuparí e de muitas partes do Tapajós. Seu modo de vida regular, seus costumes agrícolas, a lealdade a seus chefes, a fidelidade aos tratados, a delicadeza de trato lhes dão direito a um título melhor. No entretanto eles não mostram aptidões para a vida civilizada das cidades e, como o resto das tribus brasileiras, parecem incapazes de qualquer progresso cultural. Em suas primeiras guerras exterminaram dois povos visinhos, os Jumas e os Jacarés, (439) e atualmente fazem uma expedição anual contra os Parauatés e mais uma ou duas tribus selvagens semelhantes, que habitam o interior da terra, mas que, levados pela fome, vêm às vezes até às margens dos grandes rios roubar as plantações dos índios agricultores. Tais campanhas começam em julho e prolongam-se pelos meses secos. Geralmente as mulheres acompanham os guerreiros para carregar as flechas e javelinas. Tinham o diabólico costume, em seus primeiros dias, de cortar as cabeças dos inimigos mortos, e conservá-las como troféus em torno de casa. Creio que esta, como muitas outras práticas selvagens, foi abandonada nos lugares onde tiveram longo comércio com os brasileiros, pois nunca vi nem ouvi nada a respeito de tais cabeças conservadas. Costumavam eles separar a cabeça com largas facas de bambú

---

(439) Não consegui dados a respeito destas duas tribus; no Marupí e no Japurá encontram-se os Jumanas. Será a mesma gente? Dos cauxlanas diz Spix que são conhecidos porque se alimentam de jacarés. Serão os jacarés, a que se refere o autor, dois ramos de aruaques expulsos pelos caribas?

e; depois de tirar o cérebro e as partes carnuadas, deitá-las de molho em óleo vegetal amargo (andiroba) e expô-las durante vários dias à fumaça ou ao sol. No trecho situado entre o Tapajós e o Madeira, houve uma mortífera guerra de muitos anos entre os Mundurucús e os Araras. Disse-me em Santarém um francês, que visitou essa região, que todos os povoados tinham organização militar. Há, fora de cada aldeia, um telheiro onde os guerreiros dormem, à noite, com sentinelas que dão sinal de alarma com os toques do turé, quando se aproximam os Araras, que escolhem a noite para seus ataques.

Cada horda de Mundurucús tem seu pajé, que é o sacerdote e o médico: fixa o tempo mais propício para atacar o inimigo, exorciza os maus espíritos e declara curar os enfermos. Qualquer doença cuja origem não é muito aparente, é atribuída a um verme na parte afetada. E' esse verme que o pajé finge extrair; sopra no ponto da dor o fumo de grande charuto, feito com grande mistério, enrolando o tabaco em lâminas de tauarí, e depois suga o lugar, tirando da boca o que ele pretende ser o verme. E' cena de esconjuro muito grosseiro. Um destes pajés foi chamado por uma mulher da familia de João Malagueita, para tratar de um menino que sofria muito de dores de cabeça. O senhor João conseguiu ficar na posse do suposto verme, depois de ser executado o embuste em nossa presença, e verificou-se que era longa raiz branca, de alguma planta aérea. Dificilmente consentiu o pajé em operar quando o senhor João e eu estávamos presentes. Não posso deixar de pensar que ele, como todos os outros da mesma profissão, são impostores concientes, transmitindo os segredos singelos de suas adivinhações e artimanhas de geração em geração. A instituição parece ser comum a

todas as tribus, e que se conserva mais tenazmente que qualquer outra. (440)

A margem oposta do Tapajós, pouco acima das cachoeiras, e todo o trecho até aos furos atrás de Vila Nova, são habitados pela tribo Maués, a que já me referi em capítulo anterior. São também gente organizada, agrícola, mas que fala lingua totalmente diversa da dos Mundurucús. Vi em Aveiros vários homens desta tribo, que desciam o rio em uma embarcação de regatão, e que, postos defronte dos Mundurucús, eram incapazes de entendê-los. Há muitos outros pontos de diferença entre as duas tribus. Os Maués são muito menos pugnazes, e não praticam a tatuagem. Suas aldeias são formadas de certo número de pequenas cabanas, ocupadas por famílias isoladas, enquanto as hordas

---

(440) A respeito dos Mundurucús dá Martius a seguinte interessante nota, que vale a pena de ser transcrita, para comparação com os dados de Bates: "Os Mundurucús tatuam todo o rosto ou pintam no meio da face mancha meio elíptica, da qual partem inúmeras linhas paralelas sobre o queixo, mandíbula inferior e pescoço, descendo para o peito. Do meio de uma espádua até à outra, correm sobre o peito duas ou tres linhas separadas meia polegada uma da outra e, abaixo destas, até ao fim do peito, se acham desenhos romboidais perfectos, ora cheios, ora vazios. O resto do tronco é riscado com linhas paralelas ou formando rede. As costas são igualmente tatuadas, porém não tanto, e nas extremidades repete-se a série de linhas, com ou sem rombos. Cada qual faz a seu gosto algumas variantes. Nas mulheres é raro ver-se o rosto todo enegrecido; a malha, que elas trazem, é apenas uma, e figura a lua crescente, de pontas voltadas para cima. Não furam os lóbulos das orelhas em baixo, mas em cima, no primeiro sulco, e ali usam taquinhos de tupé. Na vida livre andam nuas; só os homens é que trazem o suspensório de algodão ou de taconhaoba. Avistei muitas mulheres inteliramente nuas, mesmo na missão, e a custo se conseguia que puzessem um avental, mesmo para entrar na igreja. Por outro lado, são estes índios, além dos Maués, os mais perfectos artistas no trabalho de penas. O seu cetro, chapéu, gorro, guirlandas, de uma vara de comprimento, e borlas que usam com mantilha sobre as espáduas, e aventais de penas de avestruz e outras aves, para cobrirem os rins, rivalizam com os mais delicados trabalhos desse gênero, feitos nos claustros de freiras de Portugal, Baía e Madeira. As penas são separadas com o máximo cuidado pelos Mundurucús que, depois, as amarram ou grudam com cera; para esse fim, conservam elles vivos muitos papagaios e sobretudo mutuns".



separadas de Mundurucús vivem geralmente juntas, cada qual em grande habitação. A horda Cuparí não, forma exceção a êsse respeito, pois até bem pouco tempo viviam juntos em uma destas grandes tabas. Quanto ao aspecto físico, não se distinguem os Maués de seus vizinhos, pois são meios de altura, de largos peitos musculosos e pernas e mãos bem conformadas. Mas os indivíduos das duas tribus facilmente se distinguem dos Muras; menos, contudo, pela estrutura e proporções do corpo do que pela expressão do semblante, que é brando e aberto, em vez de brutal, carrancudo e desconfiado dos últimos. São invariavelmente amáveis com os brancos. Como já mencionei usam o tabaco paricá, hábito inteiramente desconhecido dos Mundurucús. São a única tribu que manufatura o guarana, substância dura, feita com as sementes pulverizadas de uma trepadeira (*Paullinia sorbilis*), (441) que vendem em grandes quantidades aos negociantes, pois é usada em toda parte das províncias interiores do Brasil, raspada e misturada com agua, como remédio na diarréa e nas febres intermitentes.

Os Mundurucús têm tradição de que êles e os Maués formaram originalmente uma só tribu. Antigamente os dois povos eram acerbos inimigos, mas já há muitos anos vivem em paz. Devem ter decorrido muitos séculos desde a sua primeira separação, para que se tenham produzido as grandes diferenças atualmente existentes na lingua e nos costumes das suas tribus. Imagino que a suposta tradição seja apenas um mito, mas sem dúvida transmite uma verdade. Os pontos de semelhança entre todas as tribus que habitam a região

---

(441) A guaraná (*Paulinia cupana*) é uma Sapindácea, família na qual há uma imensa maioria de lianas.

Amazônica são tão numerosas e frizantes, que apesar dos pontos igualmente notáveis de diferenças que algumas apresentam, devemos concluir que não só os Munducurús e Maués, mas todos os vários povos têm origem comum, isto é, derivaram da imigração de uma só região do mundo, feita por um só grupo, e que as tribus subsequentemente adquiriram suas peculiaridades por longo isolamento.

Comprei ao tuchaua dois belos cetros de penas, com suas caixas de bambú. São de forma cilíndrica, de tres pés de comprimento e tres polegadas de diâmetro, e feitas pregando com cera as belas penas brancas e amarelas do peito do tucano em grossos bastões, e com a ponta ornada de longas penas da cauda dos papagaios, surucuás e outras aves. Os Mundurucús são considerados como os trabalhadores mais habéis em plumaria de todas as tribus sul-americanas. Mas é muito difícil conseguir que eles se separem destes objetos, pelos quais têm uma espécie de superstição. Fazem toucados, cintos e túnicas, além dos cetros. As penas são dispostas com bom gosto, num contraste apropriado de cores, e os canhões presos em pano resistente de algodão, tecido com agulhas de malha, segundo a forma desejada. Só se usam estes adôrnos nos festivais, que não se celebram em datas certas mas quando o tuchaua determina. A dança, o canto, os esportes e a bebida parecem ser os únicos objetivos desses fortuitos feriados. Fixada a data, as mulheres preparam grande quantidade de tarobá, e começa o monótono tan-tan, que perdura, com pequenas intermissões, dia e noite, até acabar a estimulante beberagem.

Deixámos a casa do tuchaua ao amanhecer do dia seguinte. A impressão que me causou esta vista d'olhos sobre a vida dos índios em seu estado natural, observa-

da aqui e em outro grupo de casas visitado mais acima, foi proveitoso, apesar do desagradavel incidente da visita dos Parauatés. Os indios são vistos aqui sob um ângulo dos mais favoraveis; abandonaram muitas de suas práticas mais bárbaras, e não se deixaram corromper pelo íntimo contacto com os brancos das classes inferiores e com os mestiços dos povoados civilizados. Suas maneiras são mais singelas, a conduta mais afavel, alegre e franca do que as dos índios que vivem perto das cidades. Eu não podia deixar de notar o contraste entre a sua condição de fartura, e as mostras de costumes ordeiros e trabalhadores, com a pobreza e preguiça da gente semi-civilizada de Altar do Chão. (442) Não creio que a introdução da aguardente tenha sido a causa de muito dano ao índio brasileiro. Tem o seu turno de bebedeira de vez em quando, como os trabalhadores de outros países. Tal era o costume, em seu estado original, antes que os europeus visitassem o país; mas sempre se envergonha disso depois, e se conservá abstmio durante largos intervalos. O modo rude de tratar os escravos, seguido pelos portuguezes e seus descendentes, foi o pior tormento para os índios. Mas os Mundurucús do Cuparí há muitos anos que são protegidos contra os maus tratos. E' este um dos bons serviços prestados pelos missionários, que zelam para que as leis brasileiras em favor dos aborígenes sejam respeitadas pelos regatões brutais e sem princípios que as transgridem. Acho que nenhuns indios podiam estar

---

(442) E' interessante comparar esta observação de Bates com o que escreveu Ehrenreich, quasi trinta anos mais tarde a respeito dos Carajás: "Em geral é de supor que estes selvagens pouco ou mesmo nada tenham que aprender com os representantes da civilização nesta região de Goiás. Pensar em catequese ficará escusado, por enquanto, por isso que os indios vivem em condições incontestavelmente melhores do que os brancos, seus vizinhos".

em uma posição mais feliz do que este singelo, pacífico e amavel das margens do Cuparí. Os membros de cada família vivem juntos e parecem muito pegados uns com os outros; e a autoridade do chefe é exercida da maneira mais suave. Reina perpétuo verão em seu redor; a terra é da mais opulenta fertilidade; moderada porção de trabalho leve produz tudo o que pode ser necessário a suas vidas simples. E' difficil aprender suas noções sobre assunto que requerem um pouco de pensamento abstrato; mas a alma do índio está numa condição muito primitiva. Creio que ele não pensa em coisa alguma, a não ser no que diz respeito aos seus desejos materiais diários. Há ausência quasi completa de curiosidade em sua disposição mental, de modo que ele se preocupa muito pouco com as causas dos fenômenos naturais que o cercam. Não tem ideia de um Ser Supremo mas, ao mesmo tempo, está livre de revoltantes superstições. Suas noções religiosas não vão além da crença num espirito mau, olhado como especie de trãsgo, que está no fundo de todos os seus pequenos insucessos, na pesca, na caça, etc. Com tão pequena atividade mental, e com sentimentos e paixões que lentamente se exaltam, a vida dessa gente é naturalmente monótona e triste, e suas virtudes são, por assim dizer, somente negativas. Mas é muito agradável este aspecto de prazer inocente e singelo que mostram, se o compararmos com o estado das raças selvagens de muitas outras partes do mundo.

\* \* \*

Os homens acordaram-me às quatro horas da madrugada com o som dos seus remos, ao deixarmos o porto do Tuchaua. Fiquei surpreendido de achar denso ne-

voeiro, velando todos os objetos em redor, e o ar frio. A elevada paredé da mata, com as belas copas das palmeiras de assaí, que se destacavam no alto de seus caules delgados e arqueados, surgia indecisa e estranha, através da cortina e neblina. A súbita transformação, pouco depois do nascer do sol, foi de um efeito de magia, pois o veu de nevoas se ergueu como o veu de gaza ante a mudança de cena de uma pantomima, e mostrou a folhagem gloriosa na luz brilhante da manhã, fazendo nas gotas de orvalho. Atingimos as cachoeiras por volta das dez horas. O rio aí não tem mais de quarenta braças de largura, e cai sôbre um leito baixo de rocha que atravessa o rio quasi em linha reta. (443)

Tínhamos chegado ao termo da navegação para barcos maiores, a uma distancia da boca do rio, segundo cálculo grosseiro, de pouco mais de setenta milhas. Achei de melhor alvitre mandar adiante José e um dos homens na montaria com João Aracú, e ficar com a coberta e os outros homens, para colecionar na mata vizinha: Aí permanecemos quatro dias. Todas as tardes um dos botes vinha da parte superior do rio, trazendo a caça diária de meu caçador. Consegui seis bons especímenes da arara azul, além de certo numero de aves menores, uma especie de guariba, que eu ainda não conhecia, e dois grandes lagartos. O guariba era um macho velho, já com o peito e o dorso pelados em muitos pontos, e o corpo desfigurado pelos grandes tumores causados pelos bernes. As costas e a cauda eram de um pardo ferrugem; os membros e a parte inferior do corpo negros. Os homens subiram até às segundas quedas, que formam cachoeira de varios pés de altura, a quinze milhas de nosso ancoradouro. As araras foram

---

(443) E' o que os canoeiros chamam um travessão.

encontradas em pequenos bandos, comendo os frutos de tucumã (*Astryocaryum*). Esses frutos, excessivamente duros, são reduzidos à pasta pelo poderoso bico da ave. Encontrei os papos de todos os espécimes, cheios de pasta azeda a que tinham sido reduzidos os frutos, duros como pedra. Eu gastava tres horas para tirar a pele de cada ave, e ficava ocupado com elas e os outros até meia noite, depois de um dia penoso de caça, a trabalhar no teto do camarote à luz de um lampeão.

O lugar, onde a coberta estava ancorada, formava pequena enseada rochosa, com praia arenosa que subia para a mata, dentro da qual havia as ruínas de uma maloca índia e de grande plantação, invadida pelo mato. O porto fervilhava de peixes, cujos movimentos era divertido apreciar nas águas fundas e claras. Os mais abundantes eram as piranhas. Uma espécie, cujo tamanho variava com a idade, de duas a seis polegadas, mas reconhecível pela mancha negra da base da cauda, era sempre a mais pronta em agarrar qualquer fragmento de comida caído dentro d'água. Quando nada se lhes dava, viam-se apenas alguns espalhados em torno, com as cabeças voltadas para a embarcação em atitude de expectativa; mas logo que algum sobejo caía da canoa, a água ficava escura dos cardumes que de repente acudiam ao sítio. Os que não conseguiam apoderar-se de algum fragmento, lutavam com os mais bem sucedidos, e muitos conseguiam arrebatá-lhes da boca os apetecidos bocados. Quando passava perto d'água uma mosca ou uma abelha, todos se arremessavam nessa direção, como se estimulados por um choque elétrico. Aproximava-se às vezes um peixe maior, e então o cardume de piranhas se alarmava e fugia do lugar. A população da água variava de um dia para o outro. Cer-

ta vez veio um pequeno cardume de um belo peixe, com uma faixa negra, chamado pelos nativos acará-bandeira (*Mesonauta insignis* de Guenther), (444) que deslisava nas águas rasas. De outra vez, pequenos bandos de peixe-agulha (445), animais enguiformes, de mandíbulas dentadas excessivamente alongadas e finas, nadavam, espantando os cardumes de peixinhos miúdos; e na esteira dos peixes-agulhas vinha um peixe de estranha forma, chamado sarapó, (446) que nadava isolado, com movimentos vagarosos. Pescamos com linha e anzol, e isca de pedaços de banana, várias curimatãs (*Anodus amazonum*), (447) peixe delicioso, o mais apreciado pelos naturais, depois do tucunaré e da pescada. A curimatã parecia preferir o meio do rio, onde as águas estavam agitadas abaixo de pequena cascata.

O tempo estava agora firme e seco, e o rio baixa rapidamente — seis polegadas em vinte e quatro horas. Nesse recanto remoto e solitário posso dizer que ouvi pela primeira e quasi única vez, o tumulto da vida ao por do sol, que Humboldt diz ter assistido nas fontes do Orenoco, mas que é desconhecido nas margens dos outros rios maiores. Os ruídos dos animais começam logo que o sol se esconde atrás das árvores, depois de

---

(444) O nome atual do acará-bandeira, hoje criado em cativeiro e muito apreciado como peixe ornamental, é *Pterophyllum scalare*.

(445) O peixe agulha do Amazonas, cujo nome científico é *Potamorhaphis guianensis* é um Acanthoptérgio Sinentognato da família Belónidas.

(446) O nome sarapó é dado a vários *Gymnotidae* do gênero *Gymnotus*, sendo a mais conhecida o *Gymnotus carapo*. Os *Gymnotidae* são *Ostariophysos* da ordem *Gymnoti*, à qual pertence igualmente o poraquê.

(447) O nome comum curimatã é dado em várias localidades do Brasil a peixes da família *Characnidae*; a curimatã do Amazonas é *Prochilodus brevis*.

tarde abafadiça, deixando o céu tinto de azul intenso. Dois bandos de guaribas, um perto de nossa embarcação, o outro a um oitavo de milha de distância, enchiam as matas de seu horrendo bramido. Bandos de papagaios, incluindo as araras azuis que buscávamos, começaram a passar e os diferentes estilos de guinchos e crocitos faziam terrível desafinação. Juntavam-se a estes ruídos os cantos de estranhas cigarras. Uma grande especie pousava nos ramos altos das árvores em torno de nossa pequena enseada, fazia o mais estrídulo zangarreiço: começou com as notas ásperas e dissonantes, comuns de sua tribo, mas estas gradativamente se tornaram mais agudas até que terminaram em nota alta, parecendo o silvo de uma locomotiva. Meia duzia destes pasmosos executantes tomavam parte consideravel no concerto vespertino. Já ouvira antes a mesma especie no Pará, mas era aí muito rara. Aqui obtivemos um exemplar para a minha coleção com uma pedrada feliz. O ruído de animais, aves e insetos demorou pouco tempo; o céu perdeu rapidamente o seu tom intenso e a noite caiu. Começaram então as rãs — quack-quack, drum-drum, hu-hu. Estas, acompanhadas por um melancólico bacuráu, soltaram seus monótonos gritos até tarde da noite.

Meus homens encontraram nas margens do rio um jaguar e um tigre preto, e estavam com muito medo de dar de cara com os Parauatés, de maneira que depois do quarto dia não consegui que eles fizessem outra viagem. Começamos a descer o rio no dia 26 de agosto. À noite, rio e floresta estavam novamente envoltos em nevoeiro, e o ar antes do nascer do sol era muito frio. Há uma correnteza consideravel das cachoeiras até à casa de João Aracú, e cobrimos essa distância, com seu auxilio e dos remos, em dezessete horas.



21 DE SETEMBRO — Às cinco da tarde saímos no largo Tapajós, depois de atravessarmos o canal confinado, estreito e sufocante que serve de desagudouro ao Cuparí, e de novo respiramos livremente. Quanto me alegrou a vastidão desse panorama, depois de tanto tempo de reclusão: as costas montanhosas, a distância cinzenta, as águas escuras agitadas pelo vento fresco! Calor, mosquitos, alimentação insuficiente e má, trabalho rude e cuidados tinham prejudicado seriamente meu estado de saúde; e agora estava ansioso por voltar a toda a pressa para Santarém.

Tocámos em Aveiros, para embarcar algumas caixas que aí tinha deixado e ajustar contas com o capitão Antônio. Encontrei quasi todos doentes com febre e vômitos, de nada tendo valido os glóbulos homeopáticos do padre. Há alguns anos que o Tapajós tem estado livre de epidemias, embora fosse antes rio muito insalubre. Parecia que uma quadra doentia estava voltando. De fato, o ano seguinte ao de minha visita (1853) foi dos mais terríveis nessa parte do país. Irrompeu uma febre pútrida que atacou igualmente a gente de todas as raças. As noticias que recebiamos em Santarém eram das mais aflitivas. Meus amigos do Cuparí sofreram muitíssimo. João Aracú e a familia vitimados, com exceção da esposa. Meu bom amigo João Malagueita também morreu, bem como grande parte da gente da aldeia Mundurucú.

A descida do Tapajós no auge da estação sêca, que justamente estávamos atravessando, é muito perigosa, por causa dos ventos fortes, ausência de correnteza e águas com muitos baxios longe das margens. Em fins de setembro o rio está trinta pés mais baixo que em junho. Em muitos lugares grandes lagedos ficam a des-

coberto ou apenas escondidos sob pequena camada d'água. Eu fôra prevenido de tais circunstâncias por meus amigos, mas não fiz ideia precisa do que teria de sofrer. As embarcações, na descida, só viajam de noite, quando o terral sopra de leste. De dia fortes rajadas sopram de baixo, sendo impossivel lutar contra elas, pois não há correnteza, e as vagas que se levantam, sob a sua ação, em dezenas e dezenas de milhas de águas rasas, são perigosas para as pequenas embarcações. As margens, na maior parte não oferecem abrigo; há, porém, certo numero de pequenos portos, chamados *esperas*, que os canoeiros calculam, arranjando cuidadosamente suas viagens noturnas, de modo a alcançá-las antes do vento da manhã seguinte.

Deixámos Aveiros na tarde de 21, e navegámos brandamente com a suave brisa terral, a cerca de uma milha da margem Leste. Era noite de luar magnífico. e os homens remavam com gôsto, quando o vento afrouxava; o terral trazia da mata suave perfume lembrando o do resedá. À meia noite tomámos uma xicara de café e ás tres da madrugada chegámos ao sitio do pai de Ricardo, um indio chamado André, onde ancorámos e dormimos.

22 DE SETEMBRO — O velho André e a esposa vieram a bordo hoje de manhã. Trouxeram tres tracajás, uma tartaruga, uma cesta de ovos de tracajá, para berganhar comigo por panos de algodão e cachaça. Ricardo que há algum tempo estava muito descontente, ao matar agora as saudades dos pais, alegremente concordou em acompanhar-me a Santarém. A perda de um homem nesta conjuntura teria sido muito incômoda, com o capitão Antônio doente em Aveiros, e não se conseguiria nenhum homem nos arredores. Mas se não parássemos

no sitio de André, não teríamos evitado que Ricardo se fosse embora no primeiro pouso. Era um rapaz esparto, irrequieto, e, embora a princípio fôsse impertinente e desavergonhado, se tornara muito bom empregado: seu companheiro, o Alberto, era de ânimo inteiramente diverso, extremamente taciturno e cumprindo todos os seus deveres com a mais sossegada regularidade.

Partimos às 11 horas da manhã, e progredimos pouco, antes que o vento começasse a soprar de baixo, quando fomos novamente obrigados a fundear. O terral começou às seis da tarde, e com êle navegámos e passámos a longa linha de rochedos da margem perto de Itapuama. Às dez horas soprou furiosa rajada, de uma fenda entre as montanhas, apanhando-nos de velas cingidas ao vento, e impeliu a embarcação quasi até aos vaus, quando estávamos a cerca de uma milha da costa. José teve a presença de espirito de afrouxar a vela principal enquanto eu pulava para a frente e abaixava a espicha da vela de diante; os dois índios ficaram moveis e apatetados na prôa. Era o que os canoeiros chamam *trovoada seca*. O rio, em poucos minutos, era um lençol de espuma. O vento cessou dentro de meia hora, mas o terral durou a noite toda, de modo que navegámos para a margem, em busca de um ancoradouro.

Chegámos à Tapaiuna à meia noite do dia 23, e na manhã de 24 alcançámos Retiro onde encontrámos astuto negociante de Santarém, meu conhecido, senhor Chico Honório, que tinha embarcação maior e muito melhor guarnecida que a nossa. O vento soprou forte o dia inteiro, de maneira que aí ficámos em sua companhia. Ele tinha a mulher consigo e certo número de índios de ambos os sexos. Armámos nossas redes em baixo das árvores e almoçámos e jantámos juntos, estendendo a toalha numa sombra da praia arenosa. Aí matámos

grande quantidade de peixes com um pouco de timbó, que trouxéramos de Itapuama. À noite estávamos novamente a caminho, aproveitando o terral. Havia baixios até grande distância da margem e como nossa embarcação fôsse mais leve ia adiante, nosso sondador gritando as profundidades aos companheiros: havia apenas uma milha de distância da margem. Passámos o dia seguinte na boca de pequeno igarapé, chamado Piní, que está bem defronte da aldeia de Boim, e na noite imediata avançámos doze milhas. Cada ponta se prolongava em longa língua de areia de uma ou duas milhas em direção ao meio do rio, e era preciso dobrá-la em largo circuito. O terral nos abandonou á meia noite, quando estávamos perto de uma espera, chamada Marai, na boca de um riacho raso.

26 DE SETEMBRO — Não me sorria a perspectiva de passar um triste dia em Maíra, onde era impossível caminhar em terra, pois a floresta era inteiramente impenetravel, e a terra ainda parcialmente alagada. Além disso, eu gastara minha última acha de lenha em ferver nosso café de madrugada, e não podia obter provisão fresca nesse lugar. Como reinasse morta calmaria sobre o rio, pela manhã, dei ordens para sairmos do porto e tentar alcançar a remo Paquiatuba, que estava apenas a cinco milhas de distância. Dobrámos o baixio que estreita a boca do igarapé, e cruzávamos alegremente a baía, em cuja extremidade estava o porto do pequeno povoado, quando sobressaltados observámos, algumas milhas abaixo, os sinais do violento vento diurno que vinha de baixo em nossa direção: — linha de espuma que avançava rapidamente, com a água escura em sua esteira. Os homens fizeram todos os esforços por alcançar o porto, mas em vão. Lançámos âncora

com tres braços de profundidade, com duas milhas de água cheia de pareceis, entre nós e a terra que tínhamos a sotavento. As ondas encapeladas arrebetavam de encontro à embarcação e alagavam-nos com os berrifos. Eu não tinha confiança que a âncora aguentasse. Larguei, contudo, todo o cabo e fiquei observando o resultado da proa. José poz-se ao leme, e os homens ficaram firmes na bujarrona e na vela do traquete, de modo a estarmos prontos, se garrássemos, a tentar a passagem do banco de Marai, que estava agora quasi em calma-ria. Nosso pedacinho de ferro conservou-se, porém, no lugar, pois o fundo, felizmente, não era tão arenoso como em outras partes; agora era o nosso cabo fraco que nos causava preocupações. Aí ficámos, nessa posição, o dia inteiro sem comer, pois tudo fôra atirado fora do lugar: caixas de provisões, cestos, panelas e louça de barro. À tarde o vento aumentou de intensidade, quando o sol em fogo mergulhou atrás das colinas nevoentas da margem ocidental, e a tristeza da cena era aumentada pelos estranhos contrastes de côr: a água negra como tinta e o azul sombrio dos céus. Pesadas vagas batiam de vez em quando de encontro à proa da embarcação, com uma fôrça que parecia que ela ia arrebetar. Se desembarcássemos neste lugar, todas as minhas preciosas coleções teriam ficado inevitavelmente perdidas, mas nós poderíamos ter facilmente galgado a terra e tornando a embarcar com o senhor Honório, que ficara atrás, em Piní, e passaria dentro de dois ou tres dias. Quando caiu a noite, eu me estendi, exausto de vigilância e fadiga, a dormir, como os meus homens tinham feito algum tempo antes. Por volta das nove horas fui despertado pelos trancos da montaria nos lados da embarcação, que subitamente mudara de rumo, e a lua cheia, a princípio de popa, dava agora em cheio no camarote.

O vento amainara de repente, sendo substituído pelos leves sôpros do terral, e deixando longas ondas a rolar para dentro da baía rasa.

Depois disto resolvi não dar um passo além de Paquiataba sem mais um homem que conhecesse a navegação do rio nesta época. Atingimos esse ponto às dez da noite e fundeámos na boca de um igarapé. De manhã passeámos pelas belas aléas sombrias da mata que em junho, quando aí estivemos na subida do rio, eram furos para a casa do inspetor Cipriano. Depois de infinito trabalho, consegui que ele me desse outro indio. Há cerca de trinta famílias estabelecidas nesse lugar, mas os homens válidos tinham sido quasi todos requisitados pelo Governo, nas últimas semanas, para acompanhar uma expedição militar contra negros fugidos, que se encontravam em aldeias do interior. O senhor Cipriano era um mameluco de ar simpático e extremamente delicado. Na noite de 28 ele nos acompanhou rio abaixo umas cinco milhas, até à ponta Jaguararí, onde morava o homem que pretendia mandar comigo. Fui feliz em encontrar o meu novo tripulante: um indio casado, de meia idade e sossegado. Já o seu nome era boa promessa, Angelo Custódio (Anjo da Guarda).

Depois de 26 de setembro, o vento diurno de noroeste soprou todas as manhãs com a mesma fôrça, começando pelas dez ou onze horas e cessando de súbito às sete ou às oito da noite. A lua era minguante, e tivemos alguns dias e noites de ceu claro e escampo. Creio que êste vento está em íntima conexão com o vento geral do Amazonas. De fato, para ser o mesmo, reflectia-se de oeste, depois de refrescar a superfície da terra nesse trimestre até muito abaixo do ponto da super-

fície aquecida pelo sol do estagnado Tapajós. O vento sempre começava de manhã, depois que o ar, na direção de noroeste, fôsse esfriado durante a noite; e cessava à noite, quando se restabelecia o equilíbrio de temperatura entre o Tapajós e o Amazonas. A suave brisa terrenal de leste, que sempre começa a soprar, depois de ter cessado o forte vento noroeste, é de maneira análoga, atribuível a estar então a superfície florestal da terra mais fria que o ar sôbre o rio. O terrenal durava geralmente das sete às onze da noite, mas depois da meia noite geralmente virava gradativamente para nordeste, e soprava deste quadrante pela madrugada.

A ponta Jaguararí forma, nessa estação do ano, alto banco de areia, que se prolonga em estreita língua, por tres milhas para o meio do rio. Contornámo-la com grande dificuldade na noite de vintenove, e antes de amanhecer alcançámos bom abrigo, atrás de um banco de areia parecido, na ponta Acaratingarí, cabo situado apenas a cinco milhas em linha reta no nosso último fundeadouro. Aí ficámos o dia inteiro. Os homens bateram timbó em socegada lagoa entre o banco de areia e a terra firme, e conseguiram grande quantidade de peixe, onde escolhi seis espécies novas para a minha coleção. Fizemos melhores progressos nas duas noites imediatas, mas o terrenal agora sempre soprava forte de nor-nordeste depois da meia noite, e assim limitava as horas em que podíamos navegar e nos forçava a buscarmos o abrigo mais próximo, para não recuarmos mais depressa do que avançávamos.

A dois de outubro chegámos à ponta Cajetuba e passámos agradável dia em terra. O cenário do rio e seus arredores é da maior formosura. Vêm-se algumas casas dos moradores no fundo da larga baía de

Aramanaí, no sopé de uma cadeia de montanhas muito ricas em madeiras de lei, e praia alta, de areias brancas de neve, estendia-se em curva íngreme, de ponta a ponta. As praias do outro lado do rio estavam a dez ou onze milhas de distância, mas ao norte há horizonte claro de céu e água. A região perto da ponta Cajetuba é semelhante à dos arredores de Santarém — campos com árvores esparsas. Colhemos grande quantidade de frutas silvestres: cajús, umirís, aapirangas (448). O fruto do Umirí (*Humirium floribundum*) é uma drupa negra, semelhante no aspecto à ameixa preta, e de gosto um tanto parecido. A aapiranga é baga de um rubro brilhante, de casca dura e polpa viscosa e doce, encerrando as sementes. Entre essa ponta e Altar do Chão há longa extensão de praia arenosa, com águas moderadamente profundas. Nossos homens pegaram nos remos e impeliram a coberta com boa velocidade até chegarmos à aldeia. Aí passou por nós uma canoa muito carregada, com mineiros das províncias do interior. Era tripulada por dez índios que impeliam o barco com varas. Os homens, cinco de cada lado, corriam um atrás do outro, sôbre uma prancha disposta para tal fim, de popa à proa.

Gastámos duas noites para dobrar a ponta Curucú, onde, como já disse, o rio muda de direção, além de Altar do Chão. Um confuso amontoado de rochedos, sôbre os quais muitos barcos carregados de farinha tinham sossobrado, estendia-se desde a alta margem alcantilada até muito para dentro do rio. Na primeira noite fomos arrastados para trás por umá rajada. O suave terral nos estava levando agradavelmente em tórno do cabo quando pequena nuvem negra, que se erguia

---

(448) Para o umirí veja-se nota n.º 367. A aapiranga (*Mouriria apiranga*) é uma *Melastomácea*.



perto da lua, foi de repente impelida para o norte; o terral cessou e fortes lufadas começaram a atravessar o rio. Com grande dificuldade voltámos à nossa *espera*. Soprou quasi um furacão durante duas horas, e todo esse tempo o ceu sôbre nossas cabeças se conservou maravilhosamente claro e cheio de estrelas. Nosso abrigo, a princípio, não era muito seguro, pois o vento açoitava os cabos das velas e fazia a ancora garrar. Mas Ângelo Custódio tomou de um cabo que estava preso ao traquete e pulou em terra. Se ele tal não fizesse, provavelmente seríamos arrastados muitas milhas rio acima pelas ondas encapeladas. Depois que a nuvem passou, começou a soprar o vento leste regular e não avançámos mais esta noite (3 de outubro). No dia seguinte desembarcámos, depois de segurar bem a embarcação, e dormimos das onze horas da manhã até às cinco da tarde, à sombra das árvores.

A distância entre a ponta Curucú e Santarém foi coberta em tres dias, tendo que vencer os mesmos ventos furiosos e contrários, as águas cheias de baixios e as margens rochosas. Mas eu podia finalmente dar graças, por ter voltado em segurança à minha casa, com todas as minhas coleções, feitas com tantas privações e perigos, postos em terra sem perda nem estrago de um espécimen. Os homens, depois de descarregada a embarcação e entregue a mesma ao dono, vieram receber o pagamento. Levaram parte em mercadoria e parte em dinheiro e, depois de boa ceia, na noite de sete de outubro, arrumaram as trouxas e se foram por terra, para suas casas, em viagem de umas oitenta milhas. Eu estava um pouco pasmo da boa disposição que mostravam estes índios ao partir. Disse-me Ângelo Custódio que quando eu quizesse fazer outra viagem, subindo o

Tapajós, estaria sempre pronto a servir-me de piloto. Alberto, como de costume, não deu demonstrações de seu sentir. Ricardo, com quem eu tivera tantas questões azedas, desfez-se em lágrimas quando me apertou a mão e me disse o final adeus.

## CAPÍTULO X

# O ALTO AMAZONAS — VIAGEM A EGA

**Partida de Barra — Primeiro dia e primeira noite no Amazonas superior — Aspecto desolado do Rio na estação das cheias — Índios Cucama — Condição mental dos índios — Rajadas — Peixe boi — Floresta — Pedras-pomes flutuantes, vindas dos Andes — Terras caídas — Ega e seus habitantes — Vida diuturna de um naturalista em Ega — Costumes, comércio, etc. — As quatro estações no Alto Amazonas.**

Devo agora levar o leitor da região pitoresca e montanhosa do Tapajós e de suas águas escuras e sem correnteza, para as planícies infinitas e cobertas de matas do Alto Amazonas e para a corrente turva do Solimões. Vou primeiro resumir a narrativa de minha primeira viagem subindo o rio, narrativa que foi interrompida em Barra do Rio Negro, no sétimo capítulo, para dar lugar à descrição de Santarém e seus arredores.

Embarquei em Barra a 26 de maio de 1850, tres anos antes dos navios a vapor navegarem pelo alto Amazonas. Tomei uma coberta que voltava de Santarém, onde fora com carga de talhas de barro, cheias de óleo de tartaruga, para Ega, a primeira e única cidade de alguma importância nas vastas solidões do Solimões. O proprietário, velho português de cabelos brancos, chamado Daniel Cardoso e negociante em Ega, estava então em barra, servindo como jurado, cargo público que é

exercido sem remuneração, e que o teve fora de seus negócios umas seis semanas. Ele também ia deixar Barra em pequena embarcação, e aconselhou-me a mandar adiante minha bagagem pesada na coberta e a viajar em sua companhia. Chegaria a Ega, a umas 370 milhas de barra, em doze ou quatorze dias, enquanto o barco grande gastaria trinta ou quarenta. Mas eu preferi ir com a minha bagagem e aproveitar as muitas oportunidades que teria de desembarcar e fazer coleções nas margens do rio.

Embarquei as coleções feitas entre o Pará e o Rio Negro em grande cutter que estava descendo para a capital e depois de um dia de pesado trabalho, puz todas as minhas caixas a bordo da embarcação para Ega às oito da noite. Todos os índios já estavam embarcados, sendo que um deles fôra trazido completamente embriagado, e deixado por seus companheiros a cozinhar a bebedeira nas bordas úmidas do tombadilho. O cabo, moço branco, vivo e ativo, chamado Estulano Alves Carneiro, e que depois se tornou figura importante da nova p̄vincia do Alto Amazonas, deu ordens para levantar âncora. Os homens tomaram os remos, e em poucas horas cruzámos a larga embocadura do rio Negro. A noite era clara, e estrelada, e a superfície das águas, negras como tinta, lisa como um lago.

Quando despertei na manhã seguinte, estávamos subindo pela margem esquerda do Solimões por espia. Era então a estação chuvosa na região por onde corre o grande rio. Os bancos de areia e todas as terras baixas já estavam debaixo d'água, e a poderosa corrente, duas ou tres milhas de largura, arrastava contínua fila de árvores arrancadas e ilhotas de plantas flutuantes. A paisagem era das mais melancólicas; o único som que se ouvia era o murmúrio surdo das águas. A margem ao longo da qual viajámos o dia todo, estava atravancada, a cada

passo, por árvores caídas, algumas das quais tremiam nas correntes que cercavam alguns pontos mais salientes. Nossa velha peste, a mutuca, começou a atormentar-nos logo que o sol esquentou. Viam-se bandos de garças brancas à beira d'água, e em alguns lugares os beija-flores se espanejavam em redor das flores suspensas. O desolado aspecto da paisagem aumentou depois do por do sol, quando a lua apareceu, mergulhada em névoas.

Os brasileiros falam sempre do Alto Amazonas ou Solimões como de um rio distinto. Isto é devido em parte, como já fiz notar, à direção que parece tomar, no ponto em que se encontra com o rio Negro, pois os habitantes do país não são capazes, por conhecimento parcial, de compreender todo o sistema do rio em conjunto. Mas há muitas particularidades que o distinguem do seu curso inferior. O vento marinho, que sopra de leste e chega, no auge da estação seca, até à foz do rio Negro, a 900 ou 1000 milhas do Atlântico, nunca sopra no Solimões. A atmosfera é, portanto, mais estagnada e abafada e os ventos aí dominantes são de direção irregular e curia duração. Grande parte da terra ribeirinha do Baixo Amazonas é montanhosa; há extensos campos e longas praias de solo arenoso, revestidas de florestas mais ralas. O clima é, por conseguinte, comparativamente seco, passando-se muitos meses a fio, durante a estação seca, sem que caia chuva. Tudo isto está mudado no Solimões. É uma raridade uma quinzena de tempo claro e de sol. Toda a região na qual correm o rio e seus afluentes, depois de deixar os últimos contrafortes orientais dos Andes, que Poeppig (449) descreve como uma parede

---

(449) Eduardo Frederico Poeppig nasceu em Plauen, em 1798 e morreu em Leipzig em 1868. Em 1822 viajou por Cuba e América do Norte. Em 1826 chegou a Valparaíso, visitou o Chile para o Norte, foi por mar a Lima, viveu dois anos entre os índios da região dos Malnas, e em 1828 regressou à Europa descendo o Amazonas. E' de 1835 sua obra Viagem pelo Chile, Perú e rio Amazonas.

que se ergue a 240 milhas do Pacífico, é vasta planície, de umas mil milhas de comprimento e 500 ou 600 de largura, coberta de floresta alta, impérvia, úmida e uniforme. Não há trechos de solo arenoso, mas sempre argila pegajosa de alúvio ou terra vegetal que em certos pontos desbarrancados mostra ter de vinte a trinta pés de profundidade. Com solo e clima como estes, o vigor da vegetação e a abundância e beleza das formas animais, que já são tão notáveis na região perto do Atlântico, aumentam no Alto Amazonas. Os frutos, tanto silvestres como cultivados, comuns às duas secções da Amazônia, atingem progressivamente maior tamanho, quando se avança para oeste, e algumas árvores que florescem apenas uma vez por ano no Pará e em Santarém, estão sempre cobertas de flores e de frutos nos arredores de Ega. O clima é salubre, embora a gente viva constantemente num banho de vapor. Mas não devo dar aqui uma descrição prolixa da região, quando estamos ainda no limiar. Ao todo residi e viajei pelo Solimões durante quatro anos e meio. A região é, em conjunto, imensa brenha magnífica onde o civilizado difficilmente tem conseguido pôr o pé, e a área cultivada, do Rio Negro aos Andes, se reduz apenas a algumas dezenas de geiras. Constitue o homem, selvagem ou civilizado, figura insignificante nestas vastas solidões. Deve-se mencionar que o Solimões tem 2 130 milhas de comprimento, se o medirmos a contar da nascente que é geralmente considerada como origem do grande rio (lago Lauricocha, perto de Lima); mas que são 2500 milhas pelo Ucaiale, o ramo mais consideravel e praticavel da parte superior do rio (450). É navegavel em todas as estações, por grandes

---

(450) Durante muito tempo se considerou o Tunguragua como o principal ramo do Amazonas, nascendo no lago Lauricocha. Hoje, porém, está bem estabelecido que o grande rio sul-americano nasce na penepianície de Vilcanoto, com esse mesmo nome, continuando-se depois com o Urubamba-Ucayale baixo Maraçon-Soll-

barcos a vapor, até mais de 1400 milhas da foz do Rio Negro.



No dia 28 passámos pela boca do Arianú, estreita passagem que o comunica com o rio Negro, no qual desemboca perto de Barra. Nossa embarcação quasi foi arrastada para dentro dela pela violenta correnteza que vinha do Solimões. O cabo de reboque foi atado a uma árvore robusta, trinta jardas acima, e foi precisa toda a força da tripulação e dos passageiros para puxá-lo através dessa embocadura. Passámos o Guariba, segundo furo reunindo os dois rios, no dia 30, e a 31 passámos por Manacapurú (451), pequeno povoado perdido em praia alta e pedregosa. Muitos cidadãos de Barra possuem sitios nesse lugar, apesar das oitentas milhas que o separam pela estrada mais curta. Vêm aqui passar algumas semanas na estação seca, por economia, e matar o tempo a fazer pequenas plantações, pescar e negociar. O costume de ter dois lugares de residência é muito generalizado em toda a região, e existe também entre os aborígenes, pelo menos nas tribus mais adiantadas. Algumas das moradias de Manacapurú são grandes e antigas, como o demonstram o número e tamanho das mangueiras e

mões e Amazonas. É interessante transcrever o que já escreveu Acuña em 1643: "A oitenta léguas de Curaray, da mesma banda (isto é, na margem direita) desemboca o famoso rio Tunguragua que, como já disse, faz-se de tal modo respeitar do das Amazonas, que, tendo este reunido todo o seu caudal, detém algumas léguas antes seu curso ordinário, dando lugar a que aquele, espraído por mais de uma légua de boca, entre, a beljar-lhe a mão, pagando não só o tributo ordinário que cobra de todos, senão outro, muito abundante, de muitas qualidades de peixe, que até à boca deste rio não se conhecem no das Amazonas". Tivera o jesuíta espanhol uma visão perfeita do que só tres séculos mais tarde se verificou ser exato.

(451) Dizem viajantes e exploradores sem escrúpulos, que, subindo o Solimões, deixa a gente a vergonha em Manacapurú, para só a readquirir na volta.

outras árvores frutíferas. As casas, embora espaçosas, estão agora abandonadas e em ruínas. Descemos, Estuano e eu, em uma das casas, onde o proprietário, velhinho extraordinariamente vivo, chamado Feyres, nos deu ao jantar porco do mato assado. O lugar parecia sujo e desolado; tinham caído das paredes grandes pedaços de estuque e caliação; portas e janelas estavam quebradas e arrancadas das dobradiças; o chão de terra batida estava sujo e coberto de palha e os campos cultivados em redor de casa tomados pelo mato. O alto barranco, e com ele o povoado, termina na boca de estreito canal que leva a grande lago interior, abundante em peixe, tartarugas e peixe boi.

Além de Manacapurú cessa qualquer vestígio de terras altas; mas as margens do rio, por milhas e milhas, são chatas, exceto em alguns pontos, onde a formação de tabatinga aparece em elevações argilosas de vinte a quarenta pés acima do nível máximo das águas. A região é tão completamente desprovida de leitos de rocha ou cascalho, que não se encontra um seixo que seja durante muitas semanas de viagem. A nossa travessia era agora muito monótona. Depois de deixarmos a última casa de Manacapurú, viajamos dezanove dias sem ver habitação humana, pois os poucos moradores estão localizados nas margens dos furos ou dos lagos, a alguma distância das praias do rio. Só encontramos um barco em todo o tempo da viagem, e esse não pode ser chamado à fala, pois descia ao sabor da corrente, pelo meio do rio, a duas milhas de distância da margem ao longo da qual o nosso subia penosamente à sirga.

Depois de dois ou tres dias caímos a bordo num modo regular de vida. A tripulação era composta de dez índios da nação Cucama, cuja pátria de origem é uma porção das terras ribeirinhas da vizinhança de Nauta, no Perú. Os Cucamas falam a lingua tupí tendo



contudo acento mais áspero do que o comum entre os índios semicivilizados de Ega para baixo. São gente engenhosa e muito trabalhadora, e os únicos índios que se empregam de boa vontade e em grupos para conduzir os barcos dos mercadores. O piloto, homem resoluto e fiel, chamado Vicente, disse-mé que ele e os companheiros estavam longe das famílias há quinze meses, e que, chegados a Ega, aproveitariam a primeira oportunidade para ir a Nauta. Nada havia no aspecto destes homens, que os distinguisse do geral dos canoeiros. Alguns eram altos e bem feitos, outros tinham a cara chata, ombros largos e braços e pernas excessivamente grossos. Não havia dois com as cabeças perfeitamente iguais: Vicente tinha o rosto oval, com feições finas e regulares, enquanto um rapazinho rechonchudo, que era o brincalhão do bando, era um mongol na largura e proeminência das maçãs, distância das ventas e obliquidade dos olhos. Formavam os dois os extremos quanto ao rosto e aspecto. Não havia nenhum tatuado ou desfigurado de qualquer maneira e eram todos imberbes. Os Cucamas eram notórios no rio por seus hábitos de poupança. O desejo de adquirir propriedade é traço tão raro nos índios que os hábitos dessa gente são apontados com surpresa pelos brasileiros. A primeira posse que eles tratam de adquirir, quando descem o rio para o Brasil, que todos os índios peruanos consideram país mais rico que o seu, é um baú de madeira, com chave e fechadura. Aí guardam eles todos os seus ganhos convertidos em roupa, machadinhas, facas, pontas de harpão, agulhas e linhas, etc. O salário varia de quatro a seis dinheiros por dia, que são pagos em mercadorias, por preço cento por cento acima dos do Pará, de modo que eles levam muito tempo para encher a mala (452).

---

(452) Os Cucamas pertencem à família Tupi-Guaraní, vivem sobre o baixo Ucalale e nos arredores de Nauta, na margem esquerda do Marañon.

Seria difícil conseguir melhor grupo de viagem do que estes pobres índios. Durante os trinta e cinco dias de travessia viveram e trabalharam juntos na mais perfeita camaradagem. Nunca ouvi um desaforo entre eles. O senhor Estulano deixava-os conduzir o barco a seu modo, só exercendo sua autoridade de longe em longe, quando se mostravam propensos à preguiça. Vicente regulava as horas de trabalho. Estas dependiam da escuridão das noites. Nos dois primeiros quartos de lua eles a levavam com espia ou remos até meia noite, mais ou menos; nos dois últimos quartos iam dormir logo depois do pôr do sol, e acordavam às tres ou quatro horas da madrugada para recomeçar o trabalho. Nos dias frios e chuvosos, todos nós dávamos uma mão na espia, trotando de pés descalços, sobre o tombadilho molhado, em fila indiana, ao som do coro de alguns dos barqueiros. Só tivemos vento favorável dois dias, nos trinta e cinco, e então fizemos umas quarenta milhas; o resto de nossa longa viagem foi literalmente puxando o barco de árvore em árvore. Quando encontrávamos remanso perto da praia, fazíamos alegremente algumas milhas a remo; mas isto era ocorrência rara. Nas horas de folga os índios cosiam. Vicente tinha boa mão para cortar nossas calças e camisas, e era o mestre alfaiate de todo o bando. Cada qual tinha um dedal grosso de aço e agulhas e linhas de sua propriedade. Fez-me Vicente um jogo de camisas de algodão azul durante a travessia.

A bondade destes índios, como a de quasi todos os outros com quem convivi, consistia talvez mais na ausência de más qualidades ativas que na posse de boas; por outras palavras, era mais uma bondade negativa que positiva. O temperamento fleugmático e apático, a frieza de desejo e embotamento de sensibilidade, a falta de curiosidade e o baixo grau de inteligência fazem dos

índios amazonenses são companheiros muito desinteressantes. Sua imaginação é de qualidade obtusa e obscura, e nunca parecem abalados pelas emoções: — amor, piedade, admiração, medo, espanto, alegria, entusiasmo. Tais são as características de toda a raça. A boa camaradagem dos Cucamas pareceu-me provir não de quente simpatia, mas simplesmente da falta de amor-próprio em pequenos assuntos. De manhã, quando soprou o vento favorável, um dos homens da tripulação, rapaz de seus dezessete anos, estava em terra, tendo ido sózinho em uma das montarias, para colher fruta silvestre. Içaram-se as velas e navegámos várias horas à grande velocidade, deixando o pobre companheiro a remar atrás de nós contra a correnteza. Vicente, que podia ter esperado alguns minutos no ponto de partida, e os outros apenas riam quando se aludia aos apuros do companheiro. Alcançou-nos à noite, tendo remado o dia inteiro sem um bocado de alimento. Sorriu quando chegou a bordo, e do outro lado não disseram nem uma duzia de palavras.

É extrema a sua falta de curiosidade. Certo dia tivemos descomunal tempestade. A tripulação estava deitada no tombadilho e depois de cada explosão todos caíam na gargalhada; o folgazão do bando exclamava: “Lá está meu tio velho dando outro tiro!” Expressão que mostrava a completa ausência de espírito do rapaz. Perguntei a Vicente o que é que ele pensava ser a causa do raio e do trovão. Respondeu: “*Timá ichoquá* (Não sei)”. Nunca dera ao assunto um momento de reflexão! E o mesmo acontecia com outras coisas. Perguntei-lhe quem fizera o sol, as estrelas, as árvores. Não sabia e nunca ouvira falar disso em sua tribu. A lingua tupí, pelo menos como é ensinada pelos velhos Jesuítas, tem uma palavra — Tupana — que significa Deus. Vicente às vezes empregava este vocábulo, mas demonstrava por

sua expressão, que não lhe ligava a ideia de Criador. Parecia pensar que significava alguma divindade ou imagem visível que os brancos veneravam nas igrejas que vira nas aldeias. Nenhuma das tribus de índios do Alto Amazonas tem ideia do Ser Supremo, e, portanto não tem palavra em suas línguas que corresponda a essa expressão. Vicente pensava que o rio que navegávamos cercava o mundo todo, e que a terra era uma ilha como as que via na corrente, embora maior. Aqui se revela um vislumbre de curiosidade e imaginação na alma do índio: foi sentida a necessidade de uma explicação da terra e da água e se sugeriu uma teoria. Em todos os outros assuntos, que não estão ligados às necessidades comuns da vida, o espírito de Vicente era uma folha em branco. E foi esta sempre a minha impressão no caso dos índios em seu estado natural. Poderia ser de outro modo numa comunidade de qualquer raça humana, isolada durante séculos na solidão como a dos índios amazônicos, associados em pequenos números, inteiramente ocupados a procurar a subsistência, e sem linguagem escrita, ou classe desocupada que transmitiesse os conhecimentos adquiridos de geração em geração?

Certa vez leve rajada nos trouxe pequeno auxílio. Veio com chuvinha fria e miuda que envolvia a desolada paisagem como nevoeiro. A mata farfalhava e bramia com a força do vento, e bandos de aves eram sacudidos em alarma sobre as franças das árvores. De outra feita veio uma rajada parecida, mas de quadrante desfavorável, que nos apanhou desprevenidos, quando estávamos com todas as velas a secar, e atirou-nos de encontro ao barranco. A embarcação foi levantada nos arbustos que orlam as ribanceiras, mas não tivemos avarias, tendo apenas a cordoalha embaraçada nos ramos. Dias e noites passávamos geralmente em morta calma, ou com

leves brisas intermitentes que vinham de montante e portanto completamente contrários para nós. Baixávamos à terra duas vezes por dia para dar aos índios e a nós um pouco de repouso e de mudança de vida, e, para cozinhar as refeições — almoço e jantar. Havia comigo outro passageiro — português prudente, de meia idade, que ia estabelecer-se em Ega onde seu irmão já vivia há longos anos. Acomodara-se no camarote da frente, ou coberta arqueada sobre o porão. Eu ocupava o camarote principal com os senhores Estulano e Manuel, sendo êste jovem mestiço, cunhado do dono da embarcação, com quem obtive bons progressos em lingua tupí durante a viagem.

Nossos homens faziam turnos, dois de cada vez, para ir pescar. Tínhamos para isso uma montaria de sobejo. O mestre trouxera de Barra, como provisões, apenas velho pirarucú salgado — peixe meio-assado, cortado em fatias largas, delgadas e rançosas — farinha, café e melão. Nestas viagens os passageiros têm que viver à sua custa, pois se cobra somente o frete da carga que levam. O português e eu tínhamos trazido guloseimas, tais como feijão, açúcar, biscoitos, chá, mas nos sentíamos como que obrigados a reparti-las com os nossos dois companheiros e o piloto de maneiras que, antes de terminado um terço da viagem, a nossa pequena provisão já acabara. Em compensação compartilhávamos de tudo o que os homens traziam. Às vezes eram mal sucedidos, pois o peixe é muito difícil de encontrar na época das cheias, pois tanto as terras baixas entre os furos, como a infinita cadeia de lagoas e lagos ficavam inundadas pelo rio, tornando assim dez vezes maior a área à disposição da população de barbatanas. Na maioria dos dias traziam, contudo, dois ou tres belos peixes, e de uma feita harpoaram um peixe boi, ou vaca ma-

rinha (453). Foi esse um dia de festa; a embarcação ficou parada seis ou sete horas e todos fomos para a mata ajudar a esfolar e cozinhar o animal. A carne foi cortada em pedaços cúbicos e cada pessoa espetava mais ou menos uma dúzia em longa vara. Fizeram-se fogos, e os espetos foram cravados no solo e postos inclinados sôbre as chamas para assar. O tempo todo caiu uma molinha, e o solo em tórno fervilhava de formigas

---

(453) E' o Sirênio *Trichechus inunguis*. Ao peixe-boi amazônico já se refere o padre Acuña nestas palavras. "Há entre todos o que como rei af domina, e do qual está povoado todo o Rio, desde as suas nascentes até que deságua nos mares, é o peixe-boi, peixe que de tal só tem o nome, pois não há pessoa que, quando o come, não tenha por carne temperada; é do tamanho de um bezerro de ano e meio e na cabeça, se tivesse chifres e orelhas, não se diferenciaria dele; tem por todo o corpo alguns pelos, não muito compridos, a modo de cerdas moles, e se move dentro d'água com dois braços curtos, que em forma de pás lhe servem de remos, de baixo dos quais mostra a fêmea os seus peitos, com que nutre com leite os filhos que pare". Dele nos dá nosso Alexandre Rodrigues Ferreira uma boa descrição, da qual me pareceram interessantes os seguintes trechos, referentes à sua história e usos: "A semelhança que este mamal aquático tem com o boi, e mais precisamente com a vitela, na configuração da cabeça e do focinho; nos costumes e usos dietéticos das diferentes partes de seu corpo, lhe fez dar o nome de peixe boi ao macho e de vaca marinha à fêmea. Como os espanhóis, diz Oviedo, dão o nome de mãos aos pés dianteiros de todos os quadrúpedes, e o peixe boi os não tem trazeiros, a analogia, que tem as suas barbatanas com as mãos dos referidos quadrúpedes, na economia animal do movimento progressivo, lhe deu, entre eles, o nome de manati, como querendo dizer peixe com mãos. Porém desta etimologia se afasta Mr. de Buffon, em data de 28 de março de 1764. O nome de manate, diz êle, foi posto a este animal pelos galibes da Guiana, e os caraiabas das Antilhas, que falam quasi a mesma língua, com pouca diferença. Os índios do Pará lhe dão o nome de luaraua..... Harpoado que seja, largam harpoeira pela qual vai puxando; e a canoa assim puxada, por estar prêso a ela o cabo, o vai também seguindo, enquanto não sangra de todo. Tanto que desfalece o puxam; e à borda da canoa lhe dão com um pau algumas pancadas fortes na cabeça e no focinho; que é quando o peixe-boi geme de maneira que comove à compaixão, por se representar a quem ouve, que está ouvindo gemer uma criança. Daí se pretende que proceda o nome de lamantim, que lhe dão os francezes — a lamento..... De suas peles apenas se servem os habitantes para alguns chicotes que fazem. As suas pás servem às índias para com elas moverem nos fornos a farinha. Os índios fabricam delas suas colheres. De suas costelas torneiam-se algumas pequenas peças curiosas".

de fogo, atraídas pelas entranhas e muco que estavam espalhados pelo chão.

A carne do peixe boi tem o sabor da carne de porco, mas a gordura que forma espessas camadas entre as partes magras, é de côr esverdeada e de gosto desagradavel de peixe. O animal era grande, medindo quasi dez pés de comprimento e nove de circunferência na parte mais larga. O peixe boi é uma das poucas coisas que excitam a curiosidade embotada dos índios, apesar de sua frequência. O fato dele amamentar os filhotes ao peito, sendo animal aquático com aspecto de peixe, parece surpreendê-los como coisa muito estranha. O animal, deitado de costas, com sua larga cabeça arredondada e focinho curto, o corpo afilando para trás, e a pele lisa, espessa, côr de chumbo, fazia-me lembrar esses jazigos egípcios, feitos de pedra escura e lisa, e talhados com forma humana.

Raramente acontecia apanharmos qualquer coisa perto da embarcação; mas certo dia, como avançássemos vagarosamente ao léu de um remanso, passámos por espêsso leito de ervas flutuantes e os homens viram grande pirarucú, o peixe que, salgado, constitue o principal alimento de todas as classes na maioria dos lugares do Baixo Amazonas. Passou com grande velocidade quasi à flôr d'agua mostrando sua ornamental cota de malha feita de grandes escamas largas marginadas de vermelho vivo. Um dos índios tomou do harpão e, pulando para dentro da montaria, estava no seu encaço em poucos instantes. Foi morto à distancia de poucas jardas, quando mergulhava entre as ervas entrelaçadas. Era peixe quasi chegado ao seu completo desenvolvimento, que media oito pés de comprimento e cinco de circunferência, e forneceu a todos nós duas lautas refeições. Só as melhores partes foram cozidas; o resto foi imprevidentemente atirado aos urubús. O nome

indígena pirarucú ou peixe urucú (de pira, peixe e urucú, vermelho) é alusão à côr vermelha das bordas das escamas, e amostra de estilo figurado da nomenclatura da nação tupí.

Apesar do mau passadio, do confinamento da embarcação, do tempo cruel — chuvas frequentes e copiosas e lampejos de sol coruscante — e da triste desolação do cenário do rio, gostei da viagem em conjunto. Não éramos muito incomodados pelos mosquitos, e, portanto, passávamos as noites agradavelmente, dormindo no tombadilho, embrulhados em lençóis ou velas velhas. Quando as chuvas nos enxotavam para baixo, ficávamos menos bem acomodados, pois havia pequeno espaço na cabine para ficarmos os tres juntos, e o ar confinado era sufocante. Acostumei-me aos piuns ao cabo da primeira semana. Todas as partes expostas de meu corpo estavam então tão cobertas de pontinhos negros que os pequenos sugadores de sangue já não encontravam facilmente lugar desocupado onde pudessem operar. O pobre Miguel, o português, sofreu horrivelmente com esta peste, com os tornozelos e punhos tão inflamados, que ficou preso na rede, armada na proa, durante semanas. Em cada escala eu fazia um passeio pela mata, enquanto os pele-vermelhas faziam o fogo e cozinhavam a comida (454). O resultado era diário aumento de minha coleção de insetos, répteis e conchas. Às vezes os arredores do nosso acampamento de ciganos era um trecho de mata seca e espaçosa, agradável para passear; mas mais frequentemente era uma brenha na qual não se podia penetrar muitas jardas, atravancada de árvores caídas, teias de monstruosas trepadeiras lenhosas, moitas de bambús espinhosos, pântanos ou obstáculos de um ou de outro tipo. As terras mais secas eram às vezes

---

(454) Frequentemente Bates, falando de nossos índios, chama-os de peles-vermelhas.



extraordinariamente aformoseados por moitas de palmeiras urucurí (*Attalea excelsa*), que crescem aos milhares sob as copas das gigantescas árvores da mata; hastes colunares e lisas são todas quasi da mesma altura (quarenta ou cinquenta pés) e largas fôlhas finamente pinadas se cruzam no alto, formando arcadas e docéis de formas elegantes e variadas. O fruto desta palmeira amadurece no Alto Amazonas em abril, e durante nossa viagem vi imensas quantidades espalhadas pelo chão, nos lugares em que acampámos. É do tamanho e forma de uma tâmara, e sua polpa carnuda é de agradável sabor. Os índios não o comiam. Eu estava surpreso com isto, pois eles devoravam sofregamente muitas outras qualidades de fruto de palmeiras, cuja polpa rançosa e fibrosa era muito menos gostosa. Vicente balançou a cabeça, quando me viu um dia comendo certa quantidade de frutos de uricurí. Não sei se não foram eles os causadores de uma grave indigestão que sofri durante muitos dias!

Passando lentamente ao longo dos intermináveis barrancos cobertos de mata, semana após semana, observei que havia tres tipos toleravelmente distintos de costa e correspondente floresta, nessa porção do Alto Amazonas. Primeiro havia depósitos aluviais mais recentes — uma mistura de terra e lama, coberta de ervas altas, de folhas largas, ou com os caniços antes descritos, cujas inflorescências plumosas se elevam à altura de quatorze ou quinze pés. As unicas árvores altas que aí crescem são as *Cecropiae*. Muitas das ilhas menores e mais novas eram deste tipo. Em segundo lugar havia os barrancos moderadamente elevados, só parcialmente inundados, no auge da estação das chuvas; são cobertos de florestas magníficas e variadas, nas quais grande diversidade de palmeiras e *Marantaceas* de fôlhas largas formam imensa proporção da vegetação. A folhagem

geral é de um verde claro e vivo e a linha d'agua coberta, às vezes, de variegada massa de verdura; mas quando a correnteza ataca com fúria as margens argilosas e friáveis, que na vasante têm vinte-cinco a trinta pés de altura, estas são arrastadas, e expõem uma secção de mata onde os troncos das árvores, carregadas de epífitas, aparecem como maciças colunatas. Pode-se dizer com segurança que tres quartos das terras ribeirinhas do Alto Amazonas, em um milheiro de milhas, são deste segundo tipo. O terceiro aspecto da costa é a terra mais alta, ondulada, argilosa, que só aparece com longos intervalos, mas estende-se, às vezes, por muitas milhas ao longo das margens do rio. A costa nestes pontos é declive e composta de argila vermelha ou variegada. A mata é de caráter diferente da dos pontos mais baixos, de perfil mais arredondado, mais uniforme em seu aspeto geral; as palmeiras são muito menos numerosas e de especies particulares: — a estranha espécie de caule dilatado, *Iriarteia ventricosa* e a delgada bacabaí (*Oenocarpus minor*), de folhas lustrosas, são especialmente características, e a vida animal que dá um pouco de alegria às outras partes do rio, raramente aparece. Esta “terra firme”, como é chamada, e grande porção da fértil terra baixa, parecem bem adaptadas às povoações. Algumas partes eram originariamente povoadas por aborígenes, mas estes há muito tempo se extinguiram ou se amalgamaram com os imigrantes brancos. Soube depois que não havia mais de dezoito a vinte familias instaladas em toda a região, de Manacapurú a Quarí, em distância de 240 milhas, e estas mesmas, como já observei, não vivem nas margens do rio principal, mas nas praias dos furos e lagos.

Por duas vezes trouxeram-me os pescadores pedaços arredondados de pedra pomes muito porosa, que tinham apanhado a boiar na superficie da principal corrente do

rio. Foram para mim objetos de grande curiosidade, pois que eram mensageiros dos distantes vulcões dos Andes: Cotopaxi, Llanganete ou Sangai, que erguem os cumes entre os regatos que alimentam alguns dos primeiros tributários do Amazonas, tais como o Macas, o Pastaza e o Napo. As pedras devem ter feito viagem de 1.200 milhas. Encontrei-as depois com frequência. Usam-nas os brasileiros para tirar a ferrugem das espingardas, e acreditam firmemente que elas são a espuma do rio solidificada. De uma feita, quando morava em Santarém um amigo me levou grande pedaço que encontrara no meio da correnteza, abaixo de Monte Alegre, 900 milhas mais abaixo. Tendo alcançado esta distância, as pedras-pomes certamente seriam arrastadas para o oceano, e flutuando na corrente noroeste do Atlantico, seriam levadas até praias a muitos milhares de milhas dos vulcões que as lançaram. Às vezes ficam encalhadas nas margens, em diferentes partes do rio. Refletindo nesta circunstância, depois que cheguei à Inglaterra, pensei na probabilidade de tais fragmentos servirem para o transporte de sementes de plantas, ovos de insetos, desova de peixes d'agua doce, etc. Seu aspecto arredondado de seixo rolado, demonstravam que rolaram durante muito tempo nas aguas rasas, perto das nascentes dos rios, ao pé dos vulcões, antes de saltar por cima das cachoeiras e embarcar nas correntes que levam diretamente ao Amazonas. Podem ter sido originalmente da terra e depois carregadas para os rios pelas enxurradas; neste caso os ovos e sementes de insetos e plantas terrestres podem ter sido introduzidos e guardados em segurança, com partículas de terra em suas cavidades. Como se verificou que a velocidade da corrente na estação chuvosa, é de tres a cinco milhas por hora, podem percorrer imensas distâncias sem que os ovos ou sementes sejam destruídos. Sinto-me envergo-

nhado de dizer que perdi a oportunidade, quando aí residia, de verificar o valor desta hipótese. Só ultimamente se voltou a atenção dos naturalistas para os meios acidentais de ampla disseminação das espécies e animais. Enquanto não se demonstre quais são eles será impossível resolver alguns dos mais difíceis problemas conexos com essa distribuição. Algumas espécies, com limitadíssimos poderes de locomoção, foram encontradas em pontos opostos da terra, sem existir em regiões intermediárias. Até que se demonstre que tenham emigrado ou sido acidentalmente transportados de um ponto para o outro, teremos que chegar à estranha conclusão de que a mesma espécie foi criada em dois distritos separados.

\* \* \*

Os barqueiros do Alto Amazonas vivem em constante terror das "*terras caídas*", que acidentalmente ocorrem nos barrancos alcantilados e terrosos, especialmente quando as águas estão subindo. Grandes barcos são às vezes esmagados por estas avalanches de barro e árvores. Eu pensaria que as narrativas fossem exageradas, se não tivesse tido a oportunidade de assistir a uma em grande escala, durante esta viagem. Certa manhã fui despertado antes do raiar da aurora por insólito som, parecendo o troar da artilharia. Estava deitado sósinho, em cima do camarote. A noite era muito escura e todos os meus companheiros dormiam, de modo que fiquei escutando. Os sons vinham de considerável distância, e o estrépito que me acordara foi sucedido por outros muito menos formidáveis. A primeira explicação que me ocorreu, foi que se tratasse de um terremoto pois, embora a noite fosse de calmaria, o largo rio estava muito agitado e o barco jogava terrivelmente. Logo depois outra estrondosa explosão se fez ouvir, aparentemente muito mais

próxima que a primeira. Seguiram-se outras. O ribombão de trovoadas rolava acima e abaixo, ora parecendo ao alcance da mão, ora afastando-se; os súbitos estampidos eram, às vezes, seguidos por uma pausa ou por prolongado estrondo surdo. Com a segunda explosão Vicente, que estava roncando perto do leme, acordou e me disse que era a "terra caída", mas eu custava a acreditar. O dia amanheceu quando os estrondos duravam há uma hora, e então vimos o trabalho de destruição avançando do outro lado do rio, a umas tres milhas. Grandes massas de floresta, incluindo arvores de tamanho colossal, provavelmente com 200 pés de altura, eram abaladas aqui e alí e caíam a fio comprido, dentro do rio. Depois de cada avalanche, as ondas por ela levantadas voltavam, batendo com furia sôbre o barranco que se esboroava, e causava a queda de outras massas, minando-as por baixo. A porção de costa sôbre a qual se estendia o aluimento, era de uma ou duas milhas, mas a sua extremidade ficou escondida de nossas vistas por uma ilha. Era um grande espetáculo; cada desabamento criava uma nuvem de neblina; a concussão em um ponto provocava a queda de outras massas a uma longa distância, e assim os estrondos continuaram, com poucos indícios de um fim.

\* \* \*

No dia nove de abril passámos pela boca de estreito canal que comunica com extenso lago, chamado Anurí, e situado no fundo de longa enseada, do lado esquerdo do rio, em torno da qual se faz sentir toda força da correnteza. A companhia de vapores estabeleceu perto daí uma estação para abastecer de lenha seus barcos. Algumas milhas adiante, do lado oposto, vimos a boca prin-

cipal do Purús, rio muito grande, cujas nascentes ainda são desconhecidas. Os apanhadores de salsaparrilha e copaíba, únicos viajantes de suas águas, subiram por ele, em pequenas embarcações até uma distância de dois meses de viagem sem encontrar qualquer obstáculo à navegação. Isto mostra que o seu curso está, em extensão muito grande, no mesmo nível do Alto Amazonas. A foz não tem mais de um quarto de milha de largura, e a água é de côr oliva escura (455).

Passámos no dia 12 por Cucajá, que é um furo que comunica com extenso sistema de lagos, entre esta parte do rio e o Japurá, a duzentas e cinquenta milhas para oeste. Os habitantes do Solimões dão o nome de Cupiíó a esse sistema hidrográfico pouco conhecido. Um português, meu conhecido, certa vez o percorreu em toda a extensão, e descreveu a região em palavras apaixonadas. As águas são claras, alguns dos lagos de grande magnitude e por toda a parte a terra plana e coberta de luxuriante vegetação. E' uma solidão mais completa que as margens do grande rio, pois toda a zona é apenas povoada por poucas famílias de Muras selvagens. Os habitantes de Ega, que se empregam durante a estação de verão a salgar pirarucú, fazem, às vezes, suas estações de pesca nas praias arenosas de um ou outro destes lagos. O maior de todos, cuja margem oposta se vê a custo do lado do sul, é o lago Mura, muito raramente visitado.

Há certo número de ilhas perdidas no meio do rio além de Cudajá. No dia 18 passámos pela boca do Mamilá, rio de águas pretas, e a 19 chegámos na entrada do lago Quarí. Não é propriamente um lago mas a ex-

---

(455) Talvez tenha influido este trecho de Bates na decisão da Sociedade Geográfica de Londres, de enviar em 1865 a William Chandless explorar o Purús; mas as suas nascentes só ficaram decisivamente determinadas em 1905. Leia-se o livro de Euclides da Cunha "A Geografia do Purús".

pansão dos leitos unidos de vários afluentes do Solimões, formada pelo movimento lento das águas dos tributários que se espalham sôbre o grande vale aluvial plano, para o qual descem das regiões mais altas, em vez de diretamente despejar-se na corrente rápida do Solimões. Daí para diante quasi todos os afluentes apresentam estas expansões de seus leitos, formando uns como lagos. O mesmo fenómeno toma grande variedade de formas, e é igualmente encontrado do Tapajós e outros tributários do baixo Amazonas. A boca do Quari, o canal que une o lago ao Solimões, tem apenas 200 a 300 jardas de largura, e de correnteza muito fraca. Tem meia milha de comprimento, e abre-se numa larga superficie de água sem imponente magnitude, pois é apenas pequena parte do lago que forma um cotovelo agudo em sua parte inferior de modo que não pode ser todo visto de uma vez. Há pequena aldeia nas praias da parte interior, a doze horas de viagem por bote da embocadura. Fundeámos dentro da boca, e visitámos na montaria dois ou tres moradores, cujas casas são construídas em situações pitorescas nas praias do lago inferior, não muito para dentro. Varios pequenos igarapés navegáveis desaguardam aí no Quari. A terra parecia fertilíssima. Cruzámos a pé uma nesga de terra entre dois ribeiros, atravessando extensas plantações de café, feitas a esmo entre as árvores da mata. Um dos moradores era certo judeu de Gibraltar, aí estabelecido há muitos anos, e completamente adaptado com os modos de vida dos habitantes semi-civilizados. Encontrámo-lo de pés no chão, calças arregaçadas até acima dos joelhos, muito occupado com certo número de índios — homens, mulheres e crianças — a descascar e secar cacau, que cresce expontâneo e em imensa profusão nos arredores. Parecia pessoa viva e sensível; era grande admirador da terra, do clima, do povo, e não tinha desejos de voltar para a Eu-

ropa. Foi o único judeu que encontrei no Alto Amazonas; há vários estabelecidos em Santarém, Cametá e Pará, onde, como são muito mais honestos em suas transações do que os negociantes portugueses, fazem muito comércio e vivem em termos amigáveis com os brasileiros.

Nosso objetivo aqui era comprar sortimento de farinha fresca e qualquer coisa mais que pudéssemos encontrar como provisões, pois nossa farinha já estava moída e imprópria para comer e já estávamos em pequenas rações há alguns dias. Conseguimos tudo que necessitávamos, exceto açúcar. Não se encontrou nem uma libra deste artigo de luxo, e fomos obrigados d'aí por diante a adoçar o café com melado, como é costume generalizado nessa parte do Brasil.

Deixámos Quari antes do nascer do sol do dia vinte. A vinte e dois penetrámos no paraná-mirim de Arauaná, um dos numerosos furos que oferecem passagem para as embarcações, longe do rio, e não raro poupam longa volta em roda de uma ilha ou promontório. Navegámos meia milha em magnífico leito de Vitórias régias, cujos botões começavam a desabrochar. Além da boca do Catuá, canal que leva a outro grande lago e que atravessámos no dia 25, o rio era muito mais largo. Durante tres dias percorremos largo trecho que tanto a montante como a jusante apresentava horizonte de água e céu. Esta ampla perspectiva era devida à ausência de ilhas, mas renovava a impressão de magnitude da corrente, que aqui, a 1.200 milhas da foz, mostrava tão pequena diminuição de largura. Mais a Oeste começa uma série de grandes ilhas, que dividem o rio em dois, às vezes em tres canais, cada qual com cerca de uma milha de largura. Seguimos pela margem sul, viajando todo o dia 30 de abril junto de alto barranco íngreme.

À tarde chegámos a estreita abertura, que poderia ser tomada por um estranho como sendo o furo de al-



gum rio insignificante: era a boca do Tefé, em cujas margens está situada Ega, térmo de nossa viagem. Depois de ter lutado durante trinta e cinco dias contra as correntes turvas e as pestes de insetos do Solimões, era indizível alívio encontrar-se a gente novamente em rio de águas escuras, liso como um lago e livre dos piúns e mutucas. O perfil arredondado, a pequena folhagem, e o verde sombrio das matas, que pareciam repousar no espelho das águas, faziam agradável contraste com os montões tumultuosos de deslumbrante vegetação verde-clara, e as margens cheias de madeiras de lei, a que durante tanto tempo nos acostumáramos no Solimões. Os homens remaram preguiçosamente até ao cair da noite quando, tendo feito pesado dia de trabalho, pararam e foram dormir, pretendendo chegar a Ega de manhã. Não se pensava mais em amarrar a embarcação nas árvores ou lançar âncora, pois não havia correnteza. Fiquei sentado duas ou tres horas, depois que meus companheiros foram deitar-se, para gozar da calma solene da noite. Não soprava a mínima viração; o céu era azul escuro, e as estrelas apareciam bem destacadas; não se ouvia o mínimo rumor de vida nas matas, exceto a nota melancólica de alguma ave noturna, que se ouvia de longe em longe. Eu pensava em minha vida vagabunda: tinha alcançado agora o termo da terceira etapa de minha viagem, e estava agora além do meio do Continente. Precisava, por muitos motivos, encontrar uma localidade, rica para explorações de História Natural, e aí instalar-me alguns meses ou anos. Seriam os arredores de Ega o ponto propício, e iria eu, estrangeiro solitário numa missão estranha, encontrá-la acolhida entre sua gente?

Nossos índios retomaram os remos ao alvorecer do dia seguinte (primeiro de maio) e depois de uma hora de navegação pelo estreito canal, cuja largura varia de

100 a 500 jardas, dobrámos uma ponta baixa e coberta de mata, e saímos de repente no chamado lago de Ega, magnífico lençol d'água de cinco milhas de largura, porção expandida do Tefé. E' semeado de ilhas, e curva-se de novo para oeste e para o sul, de modo que não é inteiramente visível desse lado. À esquerda, em suave declive relvoso, no ponto de junção de largo tributário com o Tefé, está o pequeno povoado: grupo de umas cem casas de taipa, caídas e cobertas de telhas vermelhas, todas com seus pomares com laranjeiras, limoeiros bananeiras e goiabeiras. Tufos de palmeiras, com suas estipes delgadas e copas de folhas em pluma, destacavam-se acima dos edificios e das arvores mais baixas. Larga rua, atapetada de grama, ia da praia arenosa e estreita até à igreja tosca, com o crucifixo de madeira na praça em frente, no centro da cidade. Via-se o gado pastando diante das casas, e vários nativos de pele escura estavam tomando seu banho matinal, entre as embarcações de vários tamanhos que estavam fundeadas no porto ou amarradas a estacas. Fizemos as salvas do estilo com foguetes, em regozijo de nossa chegada a salvamento, e logo depois desembarcámos.

Alguns dias de experiência da gente e das matas da vizinhança demonstraram-me que aí podia demorar numa estadia longa, agradável e ocupada. Pode-se ter ideia da gente com quem ia viver pela narrativa das minhas primeiras relações no lugar. Ao desembarcarmos, o dono da embarcação matou um boi para comemorar nossa chegada, e no dia seguinte deu comigo uma volta pela cidade para apresentar-me às principais pessoas do povoado. Em primeiro lugar ao delegado de policia, senhor Antônio Cardoso a quem me referirei frequentemente. Era homem robusto, de rosto largo, passando por branco, mas com um tom de sangue negro, apesar de em sua face rosada não transparecer a mistura. Recebeu-me de

maneira cordial e encantadora. Mais tarde tive ocasião de admirar a bondade sem limites dêsse homem, cujo maior prazer parecia ser fazer sacrificios por seus amigos. Era paraense, e veio para Ega como negociante; mas não sendo bem sucedido, fez-se agricultor em pequena escala, e empregava na colheita dos bens naturais da região, meia duzia de índios. Visitámos depois o comandante militar, official do exército brasileiro chamado Praia. Estava almoçando com o vigário, e encontrámos os dois em trajas menores (chambre aberto no pescoço e ceroulas), sentados a uma grosseira mesa de madeira, em varanda de chão de terra batida, atrás da casa. O comandante Praia era homenzinho de cabelo muito crespo (também com um pouco de mulato), sempre alegre e gostando muito de facécias. Sua esposa, uma senhora de Santarém, que se vestia afetadamente, era quem ditava as modas do povoado. O vigário, padre Luiz Gonsalvo Gomez, era índio quasi puro-sangue, natural de uma das aldeias vizinhas mas educado no Maranhão, cidade da costa do Atlântico. Depois estreitei relações com ele, que era pessoa agradável, sociavel gostando muito de ler e de ouvir falar dos países estrangeiros, e inteiramente despido dos predonçeitos que se podiam esperar em pessoa de sua profissão. Era homem integralmente honrado, sincero e virtuoso. Sustentava velha mãe e irmãs solteiras, de modo muito decente, com a pequena cômgrua e magros emolumentos. E' um prazer falar nestes termos de um padre brasileiro, pois raramente se encontra oportunidade como esta.

Ao deixarmos estes novos e agradaveis conhecidos acabarem seu almoço, fomos procurar o Diretor dos índios do Japurá, senhor Crisóstomo Monteiro, mameluco nervoso, e a pessoa mais empreendedora do lugar. Todos os rios vizinhos com suas numerosas tribus selyagens,

estão sob a superintendência de um Diretor, que é nomeado pelo Governo Imperial. Não há agora missões na região do Alto Amazonas: os gentios são considerados sob a administração e proteção destes déspotas que, como os capitães dos trabalhadores, já mencionados, empregam os nativos para seus trabalhos privados; o senhor Crisóstomo tinha então duzentos índios Japurá trabalhando para ele. Era também meio índio, mas senhor muito pior para os índios do que geralmente os brancos. Terminámos o giro, apresentando nossos respeitos a um comerciante nativo, senhor Romão de Oliveira, velho alto, corpulento, simpático de aspecto, que nos recebeu com ingénua e original cortesia. Fôra, em sua mocidade, muito ativo e empreendedor e construíra bom correr de casas e armazéns. Esse velho esperto e capaz nada conhecia do mundo, fora das brenhas do Solimões e seus poucos milhares de habitantes isolados; mas podia conversar bem e com ponderação, fazendo comentários acerca dos homens e das coisas, de modo tão perspicaz como se poderia esperar da longa experiência da vida numa capital europeia. Os índios semicivilizados respeitavam o velho Romão e ele tinha um grande número à sua soldada em diversas partes do rio. Seus barcos sempre se enchiam mais com os produtos naturais que os de seus vizinhos. Quando nos despedimos, ele poz a casa e o armazem à minha disposição. Não era isto oferecimento de mera polidez, pois algum tempo depois, quando quiz fazer as contas pelas mercadorias que dele recebera, não quiz receber pagamento.

\* \* \*

Fiz de Ega meu quartel-general durante todo o tempo que me demorei no Alto Amazonas (quatro anos

e meio). Minhas excursões pelas regiões vizinhas estenderam-se às vezes a 300 e 400 milhas dessa localidade. Nos capítulos a seguir, farei a narrativa destas excursões. Entre uma e outra levava vida quieta e sem novidades nesse povoado, prosseguindo em minha tarefa de maneira tão regular e tranqüila como o poderia fazer um naturalista em qualquer aldeia da Europa. Muitas semanas a fio meu diário regista pouco mais que as notas sôbre as minhas capturas diárias. Tinha uma casa sêca e espaçosa, cujo compartimento principal era a sala de trabalhos e de estudos. Aí coloquei grande mesa e minha pequena livraria de consulta estava arrumada em prateleiras de toscas caixas de pau. Os engradados para secar os espécimenes estavam suspensos dos caibros por corda bem untada com óleo vegetal amargo, para impedir a descida das formigas. Os ratos e camondongos eram evitados colocando a meia altura, nas cordas, cuias invertidas. Tinha sempre à mão grande parte de minha coleção privada que continha um par de cada espécie ou variedade, para comparar as velhas com as novas aquisições. Minha casa fôra caiada internamente, no ano anterior, pelo proprietário, um negociante indígena. O chão era de terra batida e a ventilação perfeita, pois o ar exterior, às vezes também a chuva, entrava livremente pelas fendas do alto das paredes, abaixo dos algerozes, e pelas frinchas das portas. Por mais rústica que fosse a habitação, volvo com prazer os olhos para trás, para os muitos meses felizes que aí passei. Geralmente erguia-me com o sol, quando as ruas tapizadas de relva, estavam úmidas de orvalho e descia ao rio para banhar-me. Gastava cinco ou seis horas, todas as manhãs, a colecionar na floresta, cuja orla ficava apenas a cinco minutos de minha casa. As horas quentes da tarde, entre as tres e seis horas, e os dias chuvosos, eram passados a preparar

e rotular as espécies, tomar notas, dissecar e desenhar. Frequentemente fazia pequenos passeios por água em pequena montaria, com um rapazote índio para remar. Os arredores me proporcionaram, até o último dia de minha residência, ininterrupta sucessão de formas novas e curiosas das diferentes classes do reino animal, especialmente de insetos.

Vivia como já se pode ter visto, nas melhores relações com os habitantes de Ega. Sociedade refinada, naturalmente, não se encontrava; mas havia umas vinte famílias socegadas e decentes que constituíam a classe superior do lugar e eram muito sociáveis. Suas maneiras apresentavam curiosa mistura de ingênua rusticidade e cerimoniosa polidez; o grande desejo de serem considerados civilizados leva os mais ignorantes desta gente (e são todos muito ignorantes, embora de inteligência pronta) a mostrarem-se cortezes e amáveis com os estrangeiros da Europa. Nunca fui molestado, por parte do povo destes lugares do interior, com essa impertinente curiosidade de que alguns viajantes se queixam em outros países. Os índios e mestiços das classes baixas (pelo menos os que deram opinião a respeito) pareciam achar natural que os estrangeiros colecionassem e mandassem para fora as belas aves e os insetos de seu país. Todos concluíam que as borboletas eram desejadas como padrões para as chitas de côres berantes. Quanto às pessoas mais educadas, não tive dificuldade em fazer compreender que cada capital europeia tinha um museu público, no qual se procurava guardar todos os produtos naturais dos reinos animal, vegetal e mineral. Eles não podiam compreender que um homem pudesse estudar ciência por seu gosto; mas eu lhes disse então que estava colecionando para o Museu de Londres e era pago para isto, o que eles compreendiam muito bem. Certo dia, logo depois de minha che-

gada, quando eu explicava estas coisas a um círculo de ouvintes, sentados nos bancos da rua, um da roda, importante negociante, mameluco natural de Ega, se tomou de súbito entusiasmo e exclamou: "Como são ricas estas grandes nações da Europa! Nós, criaturas semi-civilizadas, nada sabemos. Tratemos bem este estrangeiro, para que ele fique entre nós e ensine nossos filhos!" (456)

Muito frequentemente tínhamos reuniões sociais com dança e outros divertimentos, dos quais mais tarde falarei. As maneiras da população indígena, também me divertiram durante muito tempo. Nos últimos tempos de minha residência, tres viajantes franceses e dois italianos, sendo alguns deles pessoas de boa educação, descendo dos Andes para o Amazonas, enamoraram-se desta localidade tranquila e deliciosamente situada, e resolveram estabelecer-se aqui pelo resto da existência. Tres deles acabaram por casar-se com mulheres nativas. A sociedade destes amigos me foi muito agradável.

Há, naturalmente, muitos inconvenientes às amenidades do lugar como residência para um europeu; mas

---

(456) Pareceu-me interessante comparar a observação de Bates, com este pequeno trecho de Wallace sobre Baião: "A janela da casa onde estavam hospedados, e que dava para a rua, ficava quasi sempre apinhada de meninos e de alguns homens que aí permaneciam horas inteiras, de infatigável curiosidade, acompanhando e observando minhas operações, quando eu preparava os insetos ou tirava as peles das aves. Sempre que viam uma pele já pronta, exclamavam: "Que paciência dos Brancos! E um cochichava para o outro: — Será que ele tira toda a carne? — Eu ainda não vi, respondia o outro; — Olha como ele faz os olhos de algodão. Travavam-se diálogos a respeito dos fins a que seriam destinados os animais. Quasi sempre a conclusão era: — Para mostrar. Mas, ao mesmo tempo, parecia que achavam isto pouco satisfatório, não acreditando que os ingleses fossem tão ingênuos, que se satisfizessem em ver algumas peles de pombos e papagaios. Quanto às borboletas, segundo o seu modo de pensar, diziam uns que era para servirem de modelos a novos padrões de tecidos, e outros que os horríveis insetos eram destinados a mesinhas". Essa noção de que o naturalista caça em busca de remédios ainda persiste em nossa gente do interior, e ainda a ouvi correntemente mesmo em pessoas de certa educação, que me encontravam em minhas caçadas de insetos e aranhas.

não são da natureza que os meus leitores talvez imaginem. Quasi não há a temer animais selvagens e parece quasi ridículo refutar a ideia de perigo dos indígenas numa região onde até a incivilidade para com um estrangeiro inofensivo é raridade. Mas certa noite fomos visitados por um jaguar. Isso foi considerado acontecimento extraordinário, mas os homens que saíram a atacá-lo com espingardas, arcos e flechas, fizeram tanto barulho que o animal foi-se embora e nunca mais se ouviu falar nele.

Os jacarés eram muito incómodos no período da sêca. Durante esses meses havia sempre um ou dois à espreita perto da praia de banhos, esperando qualquer coisa que aparecesse à beira d'água: cão, carneiro, criança ou índio bêbedo. Quando este visitante estava por perto, todos tomavam as maiores cautelas ao banhar-se. Eu costumava imitar os nativos, não me afastando muito da margem e sempre a olhar para êsse monstro, que fica na superfície com os olhos fitos, numa odiosa expressão de velhacaria, o corpo submerso até ao nível dos olhos, sendo as únicas porções visíveis o alto da cabeça e parte da crista dorsal. Quando se percebia leve movimento da água atrás da cauda do réptil, os banhistas eram obrigados a bater em rápida retirada. Nunca me assustei, mas vi muitas vezes bandos de mulheres e crianças fugindo apavorados quando o animal fazia qualquer movimento em sua direção, quando se banhavam; havia então sempre uma debandada geral para a praia no meio de ruídos das gargalhadas. Os homens sempre podem destruir estes jacarés, quando se querem dar ao trabalho de tomar as montarias e harpões para tal fim, mas nunca o fazem, senão quando algum destes monstros, mais atrevido que de costume, põe alguma vida em perigo. Só isto os desperta, e então perseguem o inimigo com a maior pertinácia; e quando está meio



morto, trazem-no para terra e o acabam de matar em meio de impropérios. Mas pode-se estar certo que, passados alguns dias ou algumas semanas vem outro ocupar o lugar vago. Fora os jacarés, os únicos animais a temer são as serpentes peçonhentas. Embora sejam comuns no meio da mata, nunca soube de nenhum acidente durante todo tempo de minha residência aí.

Afligiram-me muito mais a dificuldade de ter noticias do mundo civilizado, da parte inferior do rio, e irregularidade de recebimento de cartas, pacotes de livros e periódicos, e para o termo de minha estadia, a precariedade de minha saúde por causa da alimentação insufficiente e má. Sentia também intensamente a falta de uma sociedade intelectual e os variados estímulos da vida européia, e isto, em vez de amortecer-se com o tempo, foi aumentando até tornar-se quasi insuportavel quando fui forçado, afinal, a chegar à conclusão de que a contemplação da natureza, só por si, não basta para encher a alma e o coração humanos. Sentia isso muito bem quando recebia o correio da Inglaterra de 2 em 2 ou de 4 em 4 meses pelo vapor. Costumava ser muito economico com o meu cabedal de leituras, com medo que acabasse antes da próxima chegada e me deixasse completamente destituído. Atirava-me aos periódicos (o *Athenaeum*, por exemplo) com grande deliberação, percorrendo cada número tres vezes; da primeira vez devorava os artigos mais interessantes; da segunda lia o resto dos artigos; e da terceira todos os anuncios, de cabo a rabo. Se se passavam quatro meses (dois navios) sem nova encomenda, ficava extremamente desanimado. As coisas foram as piores no primeiro ano, 1850, quando se passaram doze meses sem carta ou encomenda. No fim desse tempo minhas roupas tinham virado frangalhos; eu estava sem sapatos, grande inconveniente nas

matas tropicais, apesar das afirmativas em contrário, publicadas por muitos viajantes; meu criado foi embora e eu fui roubado em todo o meu dinheiro em cobre. Vi-me então obrigado a descer até ao Pará, mas voltei, depois de terminar o exame da parte média do Baixo Amazonas e do Tapajós, em 1855, trazendo meu auxiliar em Santarém e mais prevenido para fazer coleções no Alto Amazonas. Esta segunda visita foi em prosseguimento do plano, já assentado no Pará, no ano de 1851, de explorar minuciosamente todo o vale do Amazonas.

Durante tão longa permanência houve, naturalmente, algumas modificações no lugar. Alguns dos bons amigos que me tinham tão cordialmente recebido em minha primeira visita, morreram e acompanhei os seus restos mortais até à ultima morada, no rústico cemiteriosinho na orla da floresta que cercava a cidade. Aí vivi o bastante para ver os meninos crescerem, e assistir ao seu casamento e batismo dos filhos, deixando-os já como chefes de numerosas famílias. Em 1850 Ega era apenas uma aldeola, dependente do Pará, que estava a 1400 milhas de distância, como capital da província ainda indivisa. Em 1852, com a criação da nova província do Amazonas, foi elevada a cidade e mandou seus representantes à assembléia provincial de Barra; teve seu tribunal, seus juizes residentes, e foi elevada a cabeça de comarca. Um ano mais tarde, em 1853, foi introduzida a navegação a vapor no Solimões e, a partir de 1855, havia regularmente um navio de dois em dois meses, entre o Rio Negro e Nauta no Perú, tocando em todos os povoados, e cobrindo na subida a distância de 1.200 milhas em dezoito dias. Mas o comércio e a população não aumentaram com essa mudança. Tornou-se o povo mais "civilizado", isto é, começou a vestir-se segundo as últimas modas parisienses, em vez de andar de tamancos sem meias e em mangas de camisa; adquiriu o gosto de

ganhar dinheiro e ter um emprego; dividiu-se em partidos, e perdeu parte de sua primitiva simplicidade de maneiras. Mas a localidade ficou, quando a deixei em 1859, quasi como era quando aí cheguei pela primeira vez em 1850 — aldeia meio-india, que era nos hábitos e noções de sua gente, muito mais parecida com pequena povoação do norte da Europa do que com povoado sül-americano. O lugar é saudavel e quasi livre da peste dos insetos; os arredores estão perpetuamente verdes; o solo é de maravilhosa fertilidade, mesmo para o Brasil; os incontaveis rios e o labirinto de canais fervilham de peixes e de tartarugas; uma frota de vapores pode, em qualquer época do ano, fundear no lago que está em comunicação directa, por agua, com o Atlântico. Que belo futuro se reserva para a pequenina e sonolenta aldeia tropical!

Depois de falar de Ega como sendo uma cidade, será ridiculo mencionar que o número total de seus habitantes é apenas de cerca de mil e duzentos. Conta exatamente 107 casas, das quais a metade é de miseraveis choupanas, cobertas de folhas de palmeira. Um quarto da população está quasi sempre ausente, comerciando ou colhendo produtos naturais pelos rios. Os arredores, dentro de um raio de trinta milhas, e incluindo dois outros pequenos povoados, contam provavelmente mais duas mil pessoas. A localidade é das mais antigas da região, tendo sido fundada em 1688 pelo padre Samuel Fritz (457), jesuita húngaro, que convenceu várias tribus de índios dóceis, então espalhadas pela região visinha, a se localizarem aí. Fez-se a derrubada

---

(457) O padre Samuel Fritz nasceu em Ratenau, Boêmia, em 1654 e morreu em 20 de março de 1728. Entrou para a Sociedade de Jesús em 1673. Em 1684 foi mandado para Quito, como missionário. Ficou 42 anos entre os índios do Alto Marañon, onde converteu os Omáguas. Desceu o Amazonas até ao Pará em 1689. Seu mapa foi impresso em Quito em 1707 e copiado por La Condamine em 1745.

de 100 a 200 geiras de terreno declive em tórno desse ponto, mas tal é o vigor da vegetação nessa região, que o sitio rapidamente voltaria a ser mata se os habitantes se descuidassem de arrancar todas as gérmulas que surgem. Há exigente lei municipal que obriga cada morador a limpar determinado espaço em tórno de suas habitações. Todos os meses enquanto eu aí residia, um inspetor fazia o seu turno com as insígnias de autoridade, e multava todos os que não tinham cumprido com o regulamento. Os índios de região vizinha nunca foram hostis aos moradores europeus. Os rebeldes do Pará e do Baixo Amazonas, em 1835-36, não conseguiram sublevar os naturais do Solimões contra os brancos. Quarenta rebeldes subiram o rio para êste fim, mas chegados a Ega, em vez de encontrar os simpatizantes das outras localidades, foram derrotados por pequeno corpo de residentes armados, e recebidos a tiro sem misericórdia. O comandante militar de então, que foi o primeiro a organizar esta resistencia da ordem contra a anarquia, era negro leal e corajoso, chamado José Patricio, official conhecido em todo o Alto Amazonas por sua inquebrantavel honestidade e amor da ordem, e que eu tive o prazer de conhecer em S. Paulo, em 1858. Ega foi o quartel-general da grande comissão científica, que aí esteve em 1781 a 1791 para demarcar os limites entre os territórios portugueses e espanhóis da América do Sul. O commissário chefe, por parte de Espanha, D. Francisco Requena, aí morou algum tempo com a família. Só encontrei uma pessoa em Ega, meu velho amigo Romão de Oliveira, que se recordava ou tivera conhecimento desse importante período, quando numeroso estado maior de astrónomos, superintendentes e desenhistas exploravam grande parte da região em redor, com grande corpo de soldados e índios.

Mais da metade dos habitantes de Ega era de mamelucos. Não há mais de quarenta ou cinquenta brancos puros; o número de negros e mulatos é provavelmente um pouco menor, e o resto da população é de índios puros. Cada chefe de família, inclusive os índios e negros forros, tem direito a um voto nas eleições municipais, provinciais e imperiais, e está sujeito a ser chamado como jurado ou para a guarda nacional. Tais privilégios e deveres de cidadania não parecem atualmente ser bem apreciados pela gente de côr ignorante. Mas está havendo, neste particular, progresso gradual. Antes de minha partida houve disputada eleição para a Presidencia da Câmara Municipal, e quasi todos os votantes tomaram vivo interesse. Houve também eleição de membros para representarem a Provincia no Parlamento Imperial do Rio de Janeiro, e no qual cada partido lutou com ardor pela vitória de seu candidato. Por essa ocasião foi mandado pelo partido do governo um advogado sem escrúpulos, para aliciar a opposição para o seu bando; muitos dos mestiços, chefiados por meu velho amigo Romão da Cunha, que então morava em Ega, lutou firme, embora com perfeita legalidade e bom humor, contra esse poderoso interesse. Não foram bem sucedidos, e embora o agente do governo cometesse muitos atos ilegais e tirânicos, o partido derrotado aceitou tranquilamente a derrota. Numa cidade maior creio que o governo não ousasse tanto para controlar as eleições. Penso que ví o bastante para concluir que a máquina do governo constitucional, com um pouco mais de experiencia, funcionará bem com esta população mista de índios, brancos e negros, mesmo nesse ponto remoto do Império brasileiro. Também assistí, antes de minha partida, a uma sessão do tribunal, e admirei os negros, brancos, mestiços, e índios, sentados gravemente lado a lado no banco dos jurados.

A maneira de agir das raças coloridas, sob o estado de livre cidadania, é assunto muito interessante. Os estadistas brasileiros parecem ter abandonado a ideia, se é que algum dia a tiveram, de fazer o seu império tropical nação de brancos, com uma classe de trabalhadores escravos. A maior dificuldade do Amazonas é com os índios. A inflexibilidade de caráter, geral na raça, e seu horror às restrições da vida civilizada, fazem deles súditos indomáveis. Mas alguns, que aprenderam a ler e escrever, e cuja aversão pela vida nas cidades foi vencida na meninice, tornaram-se muito bons cidadãos. Já citei o padre, que é bom exemplo do que uma educação precoce pode conseguir. Não há dúvida que, se os doces índios amazonenses fossem bondosamente tratados e educados, não seriam tão prontos em deixar as cidades e voltar à sua condição semi-selvagem, com o avanço da civilização nos pontos em que se localizaram. A inflexibilidade de caráter, embora orgânica, pode às vezes ser dominada. O melhor alfaiate de Ega, senhor Macedo, era também índio, e pessoa muito susceptível. As vezes exercia pequenos empregos no govêrno da localidade. Costumava vir frequentemente à minha casa palestrar, e estava sempre esforçando-se por adquirir sólido conhecimento das coisas. Quando apareceu o cometa de Donati, ele se interessou muito pelo fato. Vi-mo-lo em seu maior brilho de 3 a 10 de outubro (1858), quando era visível no horizonte, a oeste, logo depois do pôr do sol. A cauda estendia-se para o norte e formava um objeto sublime. Macedo consultou todos os velhos almanaques da localidade para verificar se era o mesmo cometa de 1811, do qual dizia estar bem lembrado (458).

---

(458) O cometa de Donati foi descoberto pelo astrônomo Giambattista Donati, nascido em Pisa em 16 de dezembro de 1826 e morto em Florença em 19 de setembro de 1873; antes do Donati os mais célebres cometas observados no século passado foram o de Biela, de 1826 e o de Halley, de 1835.

Antes que os índios se civilizem em grandes números, é quasi certo que se tenham extinguido como raça. Há menos dificuldade com os mamelucos, os quais, mesmo quando a proporção de sangue branco é muito pequena, podem tornar-se gente empreendedora e flexivel. O elemento índio do sangue e do caráter parece inteiramente perdido ou dominado nos filhos de mamelucos com brancos, isto é, nos frutos de segundo cruzamento. Vi um exemplo muito eloquente na familia de um ferreiro francês, que vivera longos anos nas margens do Solimões e se casara com mulher mameluca. Todos os seus filhos podiam passar por naturais do norte da Europa, um pouco queimados pela viagem no estrangeiro. Um deles, encantadora mocinha, chamada Isabel, era clara, de olhos garços, cabelo castanho claro e feições delicadas; e sua avó era índia tatuada da tribu Tucuna.

Muitos dos índios de Ega, inclusive todos os criados de servir, eram selvagens trazidos dos rios vizinhos: o Japurá, o Içá, e o Solimões. Aí vi indivíduos de pelo menos 16 tribus diferentes, quasi todos vendidos ainda crianças pelos chefes nativos. Esta espécie de escravatura, embora proibida pelas leis brasileiras, é consentida pelas autoridades, porque, sem ela, não haveria meio de obter criados. Todos se libertam, quando crescem, e nunca demonstram a mais leve inclinação para voltar à vida selvagem completa. Mas os meninos fogem e embarcam nas canoas dos mercadores, e as meninas geralmente são mal-tratadas por suas senhoras, as mulheres brasileiras, ciumentas, apaixonadas e mal-educadas. Quasi todas as inimidades que surgiam entre os moradores de Ega e outras localidades, eram causadas por disputa a respeito de criados índios. Quem tenha vivido exclusivamente nos países de velha população, onde o serviço é facilmente conseguido, nunca poderá imaginar as dificuldades e aborrecimentos de uma terra

onde a classe servil ignora o valor do dinheiro, e só se podem obter braços, seduzindo os empregados de outros patrões.

Há grande mortalidade das pobres crianças cativas, quando chegam em Ega. Mais uma circumstancia singular: os índios que residem no Japurá e outros tributários sempre adoecem quando descem para o Solimões, e o inverso se passa com os habitantes das margens deste rio, que nunca deixam de adoecer de febres intermitentes, quando sobem pela primeira vez estes afluentes, restabelecendo-se na volta.

As tribus mais finas de selvagens que habitam a região de Ega, são os Juris e Passés. Mas estão agora quasi extintos, restando apenas poucas famílias nas margens de igarapés retirados, ligados ao Tefé, e em outros tributários entre o Tefé e o Jutai. São povo pacato, delicado e trabalhador, devotado à agricultura e à pesca, tendo sido sempre amigos dos brancos. Terei ocasião de falar novamente dos Passés, que formam raça franzina e superior de índios, que se distinguem por tatuagem quadrangular no meio das faces. Parece que a principal causa deste declínio seja a moléstia que sempre os acomete quando uma aldeia é visitada por gente de povoados civilizados: febre lenta, acompanhada pelos sintomas de resfriado comum, "*defluxo*," como chamam os brasileiros, terminando provavelmente pela consunção. A doença se manifestava mesmo quando os visitantes pareciam inteiramente livres da mesma; o simples contacto com os homens civilizados era sufficiente para criá-la, por algum meio misterioso. E' geralmente fatal aos Juris e Passés. A primeira pergunta que os pobres e pacientes indios agora fazem, quando se aproximam de uma canoa é: "*Você traz defluxo?*"



Meu auxiliar José, no ultimo ano de minha estadia em Ega, resgatou (eufemismo em uso para a compra) dois indiosinhos, um menino e uma menina, de um mercador do Japurá. O menino teria seus doze anos e era de pele extraordinariamente escura, parecendo mais cafuso, filho de indio e negro. Pensava-se que fosse de alguma tribu inteiramente selvagem e sem domicilio, semelhante aos Pararauatés do Tapajós, e de que há várias nas diferentes partes do interior da América do Sul. O rosto era oval e regular, mas seus olhos negros e brilhantes tinham expressão medrosa e desconfiada, como a de animal selvagem; mãos e pés eram pequenos e bem conformados. Logo depois de chegado, ao ver que nenhum dos meninos e meninas de sua raça das casas dos vizinhos lhe entendiam a lingua, tornou-se desconfiado e reservado; não se obteve dele nem uma palavra durante muitas semanas, até que de repente começou a dizer frases completas em português. Esteve doente, com o fígado e o baço inflamados, resultantes de febres intermitentes, mesmo depois de algum tempo em nossas mãos. Foi difficil curá-lo, devido ao hábito quasi invencível de comer terra, argila cozida, cera e outras substâncias parecidas. Muitas crianças do Alto Amazonas têm esse estranho costume, não só os indios, como brancos e negros. Não é, portanto, peculiar aos famosos Otomacs do Orenoco, descritos por Humboldt, ou mesmo aos indios, e parece originar-se de fome mórbida e insaciavel, resultado de dieta insufficiente de peixe, frutos silvestres e farinha de mandioca. (459) Demos ao nosso selvagemzinho o nome de Sebastião. O trabalho destes meninos indios é encher os jarros d'água no rio, buscar lenha na mata, cozinhar e remar nas mon-

---

(459) Sabe-se hoje que este appetite depravado é um dos sintomas da anquilostomose.

tarias, durante as excursões. Sebastião foi frequentemente meu companheiro nos matos, onde era muito útil para encontrar os passarinhos que eu matava, e que caíam às vezes nas brenhas entre confusas massas de folhas mortas e ramos caídos. Era admiravelmente perito em apanhar lagartos com a mão e em trepar nas árvores. As hastes mais lisas das palmeiras não apresentavam dificuldade. Então apanhava algumas braças de lianas fortes e flexíveis; com elas fazia uma alça para segurar os pés, passava-a em tórno do caule es-corregadio e subia por uma sucessão de pequenos saltos. Era muito divertido, nas primeiras semanas, testemunhar a alegria e o orgulho com que me trazia os cachos de frutos colhidos em árvores quasi inacessíveis. Evitava a companhia dos meninos de sua raça, e evidentemente se sentia vaidoso de ser o servo de um legítimo branco. Trouxemo-lo conosco para o Pará; mas não demonstrou qualquer emoção diante dos aspectos estranhos da capital; os barcos a vapor, os grandes navios, os vastos edifícios, cavalos e carruagens, a pompa das cerimônias religiosas, nada. Nesse ponto mostrava a mesma falta de sensibilidade e pensamento apoucado do índio. Tinha contudo compreensão muita aguda e rapidamente aprendia qualquer arte mecânica. José, que reassumira seu antigo officio de ourives, pouco antes de eu deixar o país, o tomou como aprendiz e ele fez progresso muito rápido. Depois de uns tres meses de aprendizado veio um dia mostrar-me com ar radiante, um anel feito por ele.

O destino da menina, que veio com segunda leva de crianças, todas doentes de febres intermitentes, e chegou um mês ou dois depois de Sebastião, foi muito diverso. Foi trazida para nossa casa, logo depois de desembarcar, numa noite da estação chuvosa, quando cho-

via a cantaros, magra e feia, molhada até aos ossos e a tiritar de febre. Uma india velha a trouxe até à nossa porta, gritou *aqui a encomenda* e foi embora. Havia muito pouco de selvagem em seu aspecto e era de tom mais claro que o menino. Vimos que era da tribo Miranha, cujos membros se distinguem todos por uma incisão feita no meio das asas do nariz e na qual introduzem, nas ocasiões festivas, grande batoque feito de marisco perliífero do rio. (460) Cercámos nossa doen-

---

(460) Formam os Miranhas uma família isolada (não filiada aos caribas, aruaques ou tupis) de muito baixo nível cultural. Deles escreve Martius: "A sua tribo é a mais numerosa e poderosa em toda a bacia do Japurá, a léste da grande catarata; avalla-se em seis mil o número de indivíduos, que vivem desde o rio Caulmarí, a oeste, entre o Içá, o Japurá e o rio dos Enganos e, portanto, no lado meridional do Japurá. Rudes até à animalidade, foi como encontrei esses miranhas, que conheci de bem perto; mas não existiam neles a dissimulação, timidez e disposição mesquinha, que fazem muitas vezes dos índios aldeados um objeto de desprezo dos vizinhos. E' uma tribo de índios robustos, bem proporcionados, de tés escura. O peito largo condiz com a largura do rosto, que parece ainda mais torto e repuxado pelo costume medonho de furar as narinas e de nelas introduzirem cilindros de pau ou conchas. Este distintivo desfigura o rosto, mais do que qualquer outro que tenho visto, quando a dilatação das ventas é tão excessiva que desnuda a cartilagem do nariz. Em tal hedlondo excesso de deformidade, precisam de ser escoradas as narinas e, por isso, são forradas por dentro com lascas de folha de palmeira. As mulheres, que sempre acham prazer e tempo para enfeitar-se, esticam-nas o mais possível; vi algumas cujas asas das narinas precisavam de apoiar-se sobre as orelhas, para não penderem frouxas. O aguçamento dos dentes caninos em ponta concorre para bestializar completamente o rosto desses selvagens. Raramente usa o miranha uma taboca atravessada na cartilagem do nariz; onde mais frequente se lhes vê esse adorno ou um tufo de penas de arara, é nas orelhas. As tabocas são, em geral, de polegada e meia de comprimento, da grossura do tubo de uma pena de cisne, tendo as extremidades pintadas de vermelho. Poucos usam tatuagem no rosto. Por vezes enegrecem todos os dentes. Distintivo muito generalizado dessa tribo é uma faixa de entrecasca branca de turiri, que tem quasi a forma de uma funda. Só nesta tribo avistei semelhante uso, pois aqui a faixa não faltava em um só homem adulto. Essa cinta de duas polegadas de largura, é esticada sobre a região lombar, e o outro pedaço da entrecasca, torcido como corda, passa entre as coxas. Essa corda é atada na frente e sobra atrás, na região do sacro, onde é amarrada na cinta, e pende solta, de sorte que isso provavelmente deu motivo à lenda dos índios caudados".

tinha de todos os cuidados; teve as melhores amas da cidade, foi fomentada diariamente, demos-lhe quinina e os alimentos mais nutritivos, mas foi tudo sem resultado; enfraquecia rapidamente; o fígado estava enormemente aumentado e duro como pedra. Havia um não sei que de extraordinariamente agradável em seus modos, inteiramente diverso do que eu observara até então entre os índios. Em vez de mostrar-se taciturna, estava sempre a sorrir e a tagarelar. Tínhamos uma velha da mesma tribo para cuidar dela, que nos explicava o que nos dizia. Muitas vezes pedia para ser levada ao rio tomar banho; pedia frutas ou cobiçava coisas que via no quarto, para brincar. Seu nome nativo era Oria. Nas duas últimas semanas não se levantou da cama que lhe preparámos num canto seco da sala. Quando fazia esforço para levantar-se, o que acontecia com frequência, não queria que ninguém a ajudasse a não ser eu, chamando Cariva, única palavra tupí que parecia conhecer. Era de cortar o coração vê-la deitada a repetir horas e horas os versos que aprendera a recitar com suas companheiras na aldeia nativa: algumas sentenças repetidas vezes sem conta, com acento rítmico, e referente a objetos e incidentes da vida selvagem da tribo. Nós a batisámos antes de morrer, e quando isto aconteceu, em oposição aos desejos da gente importante de Ega, insisti em enterrá-la como filho de brancos, isto é, como *anjinho*, de acordo com o costume Católico Romano do país. Vestimos o cadáver com um vestido de chita fina, cruzámos-lhe as mãos sobre uma palma de flôres, e puzemos uma corôa de flôres na cabeça. Dezenas de crianças desamparadas, como a nossa pobre Oria, morrem em Ega ou na estrada, mas geralmente não lhe dão o mínimo cuidado durante sua doença. São os escravos feitos pelas sortidas

desapiedadas de uma secção dos Miranhas ao território de outra e vendidos aos mercadores de Ega. As aldeias das hordas atacadas são tomadas de surpresa, e homens e mulheres morrem ou fogem para os matos sem tempo de salvar os filhos. Parece fora de dúvida que os Miranhas são canibais, e o resgate desses cativos provavelmente os salva de pior destino. Mas o pedido deles em Ega atua como causa direta do fornecimento, estimulando os chefes sem escrúpulos, que recebem todos os proveitos para empreender estas expedições assassinas.

E' admiravel como os selvagens de várias nações, cada qual com a sua língua propria e, ao que parece, muito diferente das outras, aprendem o tupí quando chegam em Ega, onde é este o idioma comum. Talvez se possa attribuir isto a que seja a mesma a forma grammatical de todos os idiomas dos índios, embora as palavras sejam diferentes. Tanto quanto pude apreender, é regra comum a todas colocar a preposição depois do nome, tornando-se de fato uma proposição. Assim "*ele veio a aldeia de; vai ele com, a plantação para*", e assim por diante. As ideias a exprimir em sua esfera limitada de vida e pensamento são poucas; por conseguinte o cabedal de palavras é muito pequeno. Além disso todos os índios têm o mesmo modo de pensar e os mesmos objetos de que falar; tais circunstâncias também contribuem para a facilidade com que aprendem a língua dos outros. As hordas da mesma tribo, vivendo nos mesmos afluentes, falam entretanto línguas ininteligíveis; isto acontece com os Miranhas do Japurá e com os Colinas (461) no Juruá; ao passo que o Tupí

---

(461) Os cullinos, segundo Martius, pertencem à família cariba. O autor se refere a eles como habitando o Juruá. Spix encontrou-os em S. Paulo de Olivença, escrevendo a respeito dos indígenas da margem meridional do Solimões: "Os habitantes daqui são os campevas, tecunas, cullinos e aralcús, povos que andam

é falado com pequena corrutela ao longo das margens do Amazonas, numa distancia de 2500 milhas. A pureza do Tupí é conservada pela frequente comunicação entre os nativos, de uma extremidade à outra do rio principal. Como deve ter sido completo e longo o isolamento em que viveram os pequenos grupos de selvagens em outras partes, para provocar uma segregação tão completa de dialetos! E' provavel que a estranha inflexibilidade da organização do índio, tanto no corpo como no espirito, seja devido ao isolamento em que cada pequena tribu viveu, e ao estreito âmbito de vida e pensamento, e casamentos consanguíneos durante incontaveis gerações, que são os resultados forçosos. Sua fecundidade é muito baixa, pois é muito raro encontrar uma familia de índios com quatro filhos, e já vimos com que facilidade adoecem e morrem ao ser removidos de um lugar para outro.

Já fiz notar o modo diferente pelo qual o clima desta região equatorial afeta índios e negros. Não há quem viva muito tempo entre os índios do Alto Amazonas, que não se impressione com sua aversão constitucional pelo calor. Os europeus certamente toleram melhor as temperaturas elevadas do que os habitantes primitivos da região. Sempre observei que eu suportava tão bem a exposição ao sol e o calor excessivo como os índios, embora ainda não estivesse, por natureza, bem adaptado ao clima quente. Sua pele é sempre quente ao tacto, e suam pouco. Nenhum dos índios moradores de Ega consentia em demorar-se no povoado (onde se sente mais calor que na mata), durante muitos dias a fio. Banham-se muitas vezes por dia, mas

---

nús e pintam o corpo de diferentes modos. As raparigas dos cullnos, quando chegam à puberdade, são suspensas numa rede à cumieira da casa, onde, expostas a constantes fumigações, jejuam tanto tempo quanto podem\*.

não mergulham na água; tomam apenas banho de asento, como vemos fazer os cães nos climas quentes, para esfriar as partes inferiores do corpo. Mulheres e crianças, que ficam em casa, quando os homens estão fora muitos dias a pescar, sempre acham pretexto para ir para as sombras da mata nas horas quentes da tarde. São irrequietos e descontentes nos dias quentes e secos, mas alegres nos dias frios, quando a chuva lhes escorre pelos dorsos nus. Quando têm febre, só uma assistência muito severa, impede que eles vão ao rio banhar-se ou que comam grandes quantidades de frutos sumarentos, embora tais imprudências sejam frequentemente a causa da morte. São sujeitos a males do fígado, desinteria e outras doenças dos climas quentes e, quando sobrevém qualquer epidemia, adoecem mais depressa e sofrem mais que os negros ou mesmo que os brancos. Como tudo isto é diferente com o negro, filho legítimo dos climas tropicais! Aos poucos se foi firmando esta impressão em meu espírito, que os índios vivem como estrangeiros ou imigrantes nestas regiões quentes, às quais seu organismo não estava adaptado e nunca se adaptou perfeitamente. Outras raças humanas que vivem na terra estariam melhor preparadas a gozar e utilizar este rico domínio abandonado. A não ser as terras povoadas pelo negro e pelo branco, a América tropical não tem indígenas adaptados a suas condições, e foi povoado por uma raça estranha, de outro continente.

O elemento índio é muito proeminente nos divertimentos do povo de Ega. Todos os dias de festas da Igreja Católica são comemorados com todo entusiasmo; confundem-se os rudes festejos dos índios com as cerimônias introduzidas pelos portugueses. Além destes, os aborígenes celebram seus próprios festivais, nos

quais todas as tribus estão de acordo, pois, na maioria dos casos, as manifestações de alegria são originariamente iguais em todas. A ideia que um índio tem de um feriado são os foguetes, as procissões, as mascaradas, especialmente a imitação de diferentes espécies de animais, o som confuso de tambores e pífaros, as danças monótonas que se sucedem de hora em hora sem interrupção e, ponto mais importante de todos, levando gradativa e completamente à embriaguês. Mas ele liga uma especie de significado a estes atos e pensa que os festejos anexados aos dias santos da Igreja Católica, tais como são celebrados pelos portugueses, fazem parte essencial das cerimônias religiosas. Mas a este respeito os brancos sem educação e os mestiços não são mais esclarecidos que os pobres índios de alma bronce. Todos eles consideram uma festa religiosa como um divertimento, no qual o padre representa a parte de diretor e ator principal.

Qualquer acontecimento extraordinário, independente dos dias santos, é motivo de festa para a gente mais abastada e sociável das classes de brancos e mamelucos; funerais, batizados, bodas, chegada de estranhos, etc. O costume de "*velar o morto*" é também aproveitado. Poucos dias depois de minha chegada, fui despertado em meio de noite úmida e escura, pelo senhor Cardoso, para ir com ele à casa de um vizinho cuja esposa acabava de falecer. Encontrei o corpo deitado em cima de uma mesa, com o crucifixo e velas acesas na cabeceira, e a sala cheia de mulheres e raparigas sentadas em tamboretas ou acoradas. Os homens estavam sentados em redor da porta aberta, fumando, bebendo café e contando histórias; o pobre viuvo fazia o possível para conservar alegre, aquela gente durante o resto da noite. A gente de Ega parece apreciar qual-



quer pretexto para fazer da noite dia; é tão fresco e agradável, e eles podem ficar sentados horas e horas ao relento, vestidos apenas de calça e camisa, sem banhar-se em suor.

A padroeira era Santa Tereza, cuja festa durava, como quasi todas as outras, dez dias. Começa muito sossegadamente com ladaínhas noturnas, cantadas na igreja, e que são assistidas pela maior parte da população, todas vestidos de roupas leves e claras de chita e de cambraia; as moças trazem jasmims ou outras flores naturais nos cabelos. As senhoras de qualquer classe não usam nenhum toucado ou outro enfeite de cabelo. As noites correm alegremente; o interior da igreja é iluminado por velas de cera e o exterior por grande número de pequeninas lâmpadas de azeite — toscas taças de barro ou a metade das espêssas cascas de laranjas amargas — que eram pregadas em toda a fachada. Os fieis parecem muito atentos, e as respostas da ladaíinha de Nossa Senhora, cantadas por duzentas vozes femininas frescas, erguem-se agradavelmente no silêncio da aldeia. No fim do festival começa o divertimento. Os organizadores da festa conservam as casas abertas, dançando, batendo bombo ou tocando violão e a bebida desenfreada de ambos os sexos, moços e velhos, continua por algum tempo, dia e noite, com pequenos intervalos. Os modos desta gente em tais festejos, dos quais há muitos durante o ano, sempre me surpreenderam, por muito diferentes dos que vira nos antigos costumes das aldeias retiradas da Inglaterra. Os velhos ficam muito palradores depois de seus copos; as crianças aproveitam-se de pequena indulgencia extra; os homens, geralmente reservados, tornam-se loquazes, apertam-se as mãos ou batem nas costas uns dos outros, descobrindo, de repente, que são grandes amigos. As pessoas de

mau gênio ficam rixentos; e os amorosos meigos de mais. O índio, de ordinário tão taciturno, encontra o uso da língua, e fornece os mínimos detalhes de alguma pequena discussão que teve com o patrão há alguns anos e que qualquer pessoa teria esquecido, tal como observei nos trabalhadores estúpidos da Inglaterra, quando meio tocados. A gente não pode deixar de refletir, quando testemunha estes rasgos de caráter, na semelhança da natureza humana, quando se comparam as classes cujo estado de cultura e condições de vida são mais ou menos os mesmos.

Os índios tomam parte saliente nos festejos de véspera de S. João e em um ou dois outros dias antes que ocorrem nesta mesma época do ano — fins de junho. Em alguns divertimentos é visível o elemento índio, em outros o português; mas devemos recordar que as mascaradas, as cantigas e muitas outras coisas são comuns em sua origem aos dois povos. Grande número de homens e meninos se disfarçam para representar diferentes figuras grotescas, animais ou pessoas. Dois ou tres se fantasiam em gigantes, com auxílio de uma armação. Um representa o papel do caipora, especie de divindade silvestre, semelhante ao curupira, a que já me referi. A crença neste ser parece comum a todas as tribus do grupo tupí. Segundo a figura que formaram em Ega, é monstro deforme e corpulento, de pele vermelha, e longos cabelos felpudos que chegam até ao meio das costas. Acreditam que têm suas roças subterrâneas e campos de caça na mata bem guarnecida de pacas e veados. Não é objeto de veneração nem de medo, exceto para as crianças, pois é considerado simplesmente como uma especie de duende. A maioria dos mascarados se fantasiam em animais — touros, veados, magoarís, onças, etc. com auxílio de leves armações, co-

bertas de velhos panos tintos ou pintados, e com a forma do objeto representado. Algumas das imitações que vi eram admiráveis. Certo camarada engenhoso arranjou um pedaço velho de lona com a forma do tapir, colocou-se em baixo dele, e andou de gatinhas por toda parte. Construiu uma tromba elástica, para imitar a do tapir e fez diante da porta de todos os moradores, imitação tão perfeita do animal a pastar, que atroavam as gargalhadas por onde ia. Outro homem caminhava pela ruas sósinho, mascarado de jabirú (grande animal de uns quatro pés de altura) (462) e imitava o andar e os hábitos da ave de maneira extraordinária. Um ano certo rapaz índio imitou-me, para divertimento infinito do povo da cidade. No dia anterior veio a minha casa pedir emprestado uma blusa velha e um chapéu de palha. Fiquei um pouco espantado quando o vi, na noite da fantasia, vestido de entomologista, com uma rede de insetos, o saco de caça, e a pregadeira. Para fazer a imitação completa, pedira emprestada a armação de um velho par de óculos, e passeava com eles escarrapachado no nariz. De vez em quando o *jaguar* fazia uma surtida entre os meninos vestidos de veados, cabras, etc. Os mascarados geralmente iam juntos, de casa em casa, e as exhibições eram dirigidas por velho músico, que cantava as ordens e explicava aos espectadores o que estava acontecendo, numa especie de recitativo, acompanhando-se ao violão. A mistura de costumes portugueses e índios era em parte devida a serem os imigrantes europeus destas localidades homens sem educação que, em vez de introduzir a civilização européa, desciam ao nível dos índios, e adotavam al-

---

(462) O jabirú, jaburú, tuiulú, tuluguassú é o *Jabiru mycteria*, grande Ciconiforme que se encontra desde o México até à Argentina.

gumas de suas práticas. Os espetáculos têm lugar à noite e duram cinco a seis horas. Acendem-se fogos de artifício nas ruas, e as famílias da melhor sociedade sentam-se à porta, gozando do divertimento selvagem mas bem-humorado.

Celebra-se uma festa puramente indígena na primeira semana de fevereiro, e que é chamada a festa das frutas. Várias espécies de frutas silvestres amadurecem por esse tempo, mais particularmente o umarí e o uchí duas qualidades que são alimento muito apreciado pela gente dessa província, apesar do gosto amargo e desagradavel para os europeus. (463) Tem lugar nas casas de algumas famílias da tribu Jurí, ocultas no denso da mata, nas margens de um igarapé a tres milhas de Ega. Assisti um pouco da mesma quando estava caçando nos arredores com um auxiliar índio. Havia cerca de 150 pessoas reunidas, quasi todos índios, e via-se que a orgia da noite anterior tinha sido composta pela desordem e confusão que se observava por toda parte, e pelo número de homens ébrios que dormiam sob as árvores e telheiros. As mulheres tinham preparado bebidas espirituosas com mandioca, bananas e ananazes, enchendo grandes talhas de barro. Não creio que haja muito simbolismo ligado aos festivais aborígenes dessa especie. O tempo da colheita do umarí e uchí é uma das estações de abundância, e naturalmente aproveitam a ocasião para suas festas loucas de embriaguez. Aprenderam a arte de distilar o alcool com os primeiros portugueses, mas só uma ou duas tri-

---

(463) O umarí (*Poraqueiba sericea*) é uma Icacinacea (Família da ordem Sapindales); talvez esteja aqui por umirí (*Humirita floribunda*), a Humiriácea a que já me referi em nota anterior. O uchí (*Saccoglottis uchy*) é uma Humiriácea; há outra planta do mesmo género, que chamam uchícoroa ou uchícuruá (*Saccoglottis verrucosa*).

bus mais adiantadas, tais como os Juris e Passés, a praticam. Os índios do Alto, como os do Baixo Amazonas, usam mais comumente bebidas fermentadas (chamadas aqui caisuma), feitas de bolos de mandioca e várias espécies de frutos.

Não vi muita fruta em redor. Algumas velhas estavam em baixo dos telheiros, cozinhando mingaus de banana em grandes panelas de barro. Era por volta do meio dia, quando repousavam um pouco, antes de recommear a orgia noturna; mas havia pequeno grupo de homens e mulheres que dançavam com o acompanhamento de tambores, feitos de troncos ôcos e batidos com às mãos. Os homens formavam uma curva externa e as mulheres linha semelhante; do lado interno e de frente voltada para os seus pares. Os homens seguravam com a mão direita uma taboca, representando uma javelina, e apoiavam a mão esquerda no ombro do vizinho. Todos se moviam, primeiro para a direita, depois para a esquerda, com passo tardo, cantando um verso monótono e arrastado, em linguagem que não consegui entender. A mesma figura era repetida do modo o mais triste que se pode imaginar, durante pelo menos meia hora, e isso constituía toda a dança. A assembléia compreendia individuos da maioria das tribus que viviam na região em redor de Ega, mas em sua maioria eram Miranhas e Jurí. Não tinham chefe comum, parecendo que um Jurí de meia idade, chamado Alexandre, e empregado do senhor Crisóstomo, de Ega, tivesse tomado a direção. Esta festa das frutas era a única ocasião em que os índios dos arredores se reuniam ou mostravam indícios de qualquer ação em conjunto. Ela diminuia de importância de ano para ano, e sem dúvida muito em breve será abandonada.

O comércio de Ega, como o de todas as praças do Alto Amazonas, consiste em colher os produtos das matas e das águas, e trocá-los por artigos europeus ou norte-americanos. São empregados no tráfico uns doze grandes barcos, escunas e cobertas, de propriedade dos negociante do lugar. Faz-se uma única viagem ao Pará, a qual dura de quatro a cinco meses, e é arranjada de modo que o barco esteja de volta antes do meio da estação seca, quando são enviadas com sortimento de pano, ferragens, sal, alguns artigos de luxo, tais como vinho, biscoitos, etc, para as estações de pesca a fim de comprar os produtos para a próxima viagem à capital. Embora aparentemente se tenham grandes lucros, pois os preços a retalho dos artigos europeus são 40 a 80 por cento mais altos e os preços de compra dos produtos os mesmos quarenta a oitenta por cento mais baixos, os negociantes não enriquecem rapidamente. Um velho português, que negociava com proveito durante trinta anos em Ega, era considerado ao morrer um homem rico: suas economias montavam a nove contos de reis ou pouco mais de mil libras esterlinas. O valor do produto varia muito e, portanto, às vezes há prejuízo. Dá-se crédito excessivamente longo; o sistema é fiar as mercadorias aos que extraem os produtos com doze meses de antecedência; e se nesse ínterim acontece alguma coisa ao freguês, a dívida está perdida para sempre.

Os artigos de exportação do Alto Amazonas são cacau, salsaparrilha, castanha do Pará, estopa para calafetar navios (a entrecasca de várias espécies de Lecitidáceas) bálsamo de copaíba, borracha, peixe salgado (pirarucú), óleo de tartaruga, mixira peixe boi em conserva) e redes de palha. (464) O valor total dos

---

(464) Chamam mixira (ou mixira, como escreve José Veríssimo) a conserva feita na gordura do próprio animal; há, por-

produtos anualmente exportados de Ega foram por mim calculados em sete a oito mil libras esterlinas. Quasi todos os artigos são colhidos nas matas pelos homens de Ega, que levam consigo as famílias e vivem nos matos meses a fio, durante a estação propicia. Alguns dos produtos, tais como a salsaparrilha e o bálsamo de copaíba, de há muito desapareceram das vizinhanças das cidades, pelo menos perto das margens dos rios, únicas partes que já foram exploradas, e atualmente só são obtidos por mercadores mais afoitos, em suas longas viagens pelos pequenos afluentes. A exploração da borracha só começou ultimamente; a árvore parece crescer em abundância em alguns rios, mas só uma insignificante fração da imensa mata foi até agora examinada. As redes são manufaturadas pelas tribus selvagens e compradas em grandes quantidades pelos apanhadores de salsaparrilha. São tecidas com simples varinhas, exceto as maiores que são feitas em grosseiros teares de madeira. As fibras de que são fabricadas não são de capim, mas de folíolos novos de certas especies de palmeiras (*Astriocaryum*), cortados ao comprido e as tiras trançadas em cordões de duas e tres, enrolando-as com os dedos nas coxas nuas. O peixe salgado e a mixira são preparados pelos mestiços e indios semi-civilizados, que estabelecem as estações de pesca (feitorias) nas grandes praias arenosas, postas a descoberto

---

tanto, a de peixé-boi, a de tartaruga (as mais conhecidas), etc. Sobre a de peixe-boi escreve Alexandre Rodrigues Ferreira: "A mexira é feita do seguinte modo: retalhada a ventrexia em postas compridas, leva ao fogo uma fervura; dependuram-se as postas, em ordem a escorrerem a água, e repartidas em pequeno, as fregem em manteiga das banhas do mesmo peixe, para nelas se conservarem, dentro em potes. Como são conservadas no óleo extraído das banhas, além de terem sido fritas, aturam bastante tempo, sem se arruñarem. Por isso todos preferem a sua compra; não só porque aturaram muito, em razão da preparação e da conserva, mas porque são gostosas de se comerem".

quando as águas baixam, nos pontos em que abundam o peixe, a tartaruga e o peixe-boi, e passam toda a estação seca nessa ocupação. O óleo de tartaruga é feito dos ovos de grande tartaruga fluvial e é uma das principais produções do distrito; o modo de apanhar os ovos e preparar o óleo será descrito no próximo capítulo.

Conheço algumas pessoas que conseguiram, com trabalho e sobriedade, sustentar as famílias muito folgadoamente e economizar dinheiro em Ega, apenas como coletores dos produtos espontâneos dos arredores. Mas cada família, além deste negócio, tem sua pequena plantação de mandioca, café, feijão, melancia, tabaco e que é cuidada quasi exclusivamente pelas mulheres. Algumas não se davam ao trabalho de derrubar um trecho de floresta para esse fim, mas aproveitavam as margens declives e argilosas do Solimões, que ficam a descoberto uns oito ou nove meses por ano, tempo suficiente para o amadurecimento das roças de mandioca, feijão etc. O processo de cultura da mandioca, que é o pão da região, é muito singelo. Um grupo de mulheres tomam alguns feixes de maniva (hastes da mandioca) em dia claro de julho ou agosto, quando o rio já baixou alguns pés, e os plantam no rico solo aluvial, sabendo com a mais absoluta certeza, que terão rica colheita quando voltarem em janeiro ou fevereiro. Todas as plantações regulares estão situadas a algumas distâncias de Ega, do outro lado do rio, pois na terra firme, perto da cidade, não há segurança, por causa do gado, de que há algumas centenas de cabeças, que são criadas pela gente da cidade a pastar pelas ruas. Todas as manhãs, logo depois do nascer do sol, vêem-se mulheres remando em suas montarias para os trabalhos diários das roças; são as donas de casa com grupos de criadas



indígenas. O termo agricultura não se pode aplicar a esta tarefa, pois nesta região primitiva, o arado, a enxada e a pá nem de nome se conhecem. O povo perde a maior parte do tempo em suas roças, e não tem sistema quando trabalha, de modo que cada um raramente produz mais do que o indispensavel para o próprio sustento.

As índias e mestiças, quando velhas, são quasi todas dadas ao uso do ipadú, pó das fôlhas de uma planta (*Erythroxylon coca*), produto bem conhecido das partes orientais do Perú, e que é para os indígenas destas regiões o mesmo que o ópio para os turcos e o betel para os malaios. As pessoas que tomam ipadú em Ega, são vistas com tal aversão, que guardam em segredo o seu vício. Diz-se por isso, e sem dúvida com razão, que o magro resultado das visitas diárias das mulheres às suas roças, seja devido ao uso excessivo de tal droga. Fazem pequenas plantações da árvore em recantos excusos da mata, e guardam as provisões do pó em esconderijos, perto das cabanas que constroem em cada roça. Tomado com moderação, o ipadú tem efeito estimulante, mas em excesso é muito debilitante, pois destroi o apetite e ao fim de algum tempo provoca grande esgotamento nervoso. De uma feita tive a oportunidade de ver prepará-lo em casa de um índio Marauá, nas margens do Jutai. As fôlhas são sêcas no forno de mandioca, e depois piladas em pilão de madeira longo e estreito. Quando meio pulverizadas, queimam-se no chão grandes fôlhas de *Cecropia palmata*, e as cinzas, sujas de terra, são misturadas com o pó. Os comedores de ipadú dizem que isso previne os maus efeitos que viriam do uso da fôlha pura, mas eu penso que a mistura dessa imundície indigesta deve ter efeito contrário.

Alimentávamo-nos em Ega, na maior parte do ano, de tartaruga. A grande tartaruga do Amazonas alcança

enorme tamanho no Solimões, chegando a medir tres pés de comprimento por dois de largura, e é uma carga para o índio mais robusto. Todas as casas têm no quintal pequeno tanque, chamado curral, para guardar provisões dêstes animais para o tempo da escassez — os meses de chuva. Os que têm certo número de índios como empregados, mandam-nos por um mês, quando as águas estão baixas, apanhar provisão; e os que não têm empregados, compram as que precisam, o que difficilmente conseguem, pois raramente são oferecidas à venda. O preço das tartarugas, como o de todos outros gêneros alimentares, subiu muito com a introdução dos barcos a vapor. Quando aí cheguei, em 1850, uma tartaruga de tamanho médio podia ser facilmente comprada por oito ou nove chelins. A abundância de tartarugas, ou antes, a facilidade com que podem ser achadas e apanhadas, varia com a vasante anual das águas. Quando o rio baixa menos que a média, são muito escassas; mas quando descem mais, podem ser apanhadas com fartura, pois as enseadas e lagoas da mata têm apenas profundidade muito pequena. A carne é macia, gostosa e saudável, mas empacha muito e todos acabam, mais cedo ou mais tarde, por sentir-se fartos. No fim de dois anos eu a aborrecia tanto, que nem lhe tolerava o cheiro, e ao mesmo tempo não tinha outra coisa para comer, de modo que atualmente passava fome. As naturais a cozinham de diversos modos. As entranhas são picadas e com elas se faz deliciosa sopa, chamada sarapatel, que geralmente é preparada na casca dorsal côncava do animal, usada como panela. A carne macia do peito é misturada com fariuha e o plastrão é então assado ao fogo, dando quitute muito agradável. As mantas cortadas do peito e cozidas na gordura, formam outro prato muito gostoso. Fazem-se grandes salsichas com o espesso estômago, que se enche de carne picada e é cozido.

Os quartos cozidos em caldeirada com mólho de tucupí, formam outro acepipe. Quando a gente se farta de tartaruga, preparada de todas as outras maneiras, as partes magras, assadas no espêto e apenas temperadas com um pouco de vinagre, constituem agradável derivativo. A espécie menor de tartaruga, a tracajá (465), que aparece no Amazonas e põe os ovos um mês antes da espécie maior, é de menos utilidade para os habitantes, embora sua carne seja superior, pela dificuldade de conservá-la viva, pois sobrevive ao cativoiro apenas muito poucos dias, embora sejam postas nos mesmos currais, que as grandes tartarugas suportam bem dois ou tres anos.

Os que não podem caçar nem pescar, e cujos estômagos recusam a tartaruga, estão em más condições em Ega. O peixe, inclusive muitas espécies de grandes e deliciosos Salmonidae, é abundante na estação sêca; mas cada família pesca para si e não há sobras para vender. Um índio pescador demora-se fora de casa o tempo justo para apanhar o que considera como suficiente para seu consumo durante alguns dias. O peixe-boi é o grande recurso na época das chuvas; ou é harpoado, o que exige grande dextresa, ou apanhado em rêdes fortes, feitas de corda grossa, e postas fechando pequenos igarapés. Poucos europeus conseguem comer a carne dêste animal. Embora haja grande quantidade de gado nos arredores da cidade, e o pasto seja abundante o ano todo, só se tem carne verde quando as rêzes morrem por acidente. A causa mais comum da morte é o envenenamento por beberem tucupí crú, o suco da raiz da mandioca. Põem no chão bacias deste suco, nos telheiros onde as mulheres

---

(465) A tracajá (*Podocnemis cayennensis*) pertence ao mesmo gênero da grande tartaruga ou lurararetê (*Podocnemis expansa*).

preparam a farinha. Isto geralmente se faz por descuido, mas às vezes é feito intencionalmente e por ódio, quando as rêzes desgarradas devastam as plantações dos pobres. O suco é quasi certo ser bebido pelo gadó que vaga perto do sítio, e a morte o resultado seguro. Os donos matam um animal que apresenta sintomas de ter sido envenenado, e vendem a carne a retalho na cidade. Embora saibam todos não ser saudável, tal é a escassez de carne e o desejo insopitável de comer carne, avidamente a compram, ao menos os moradores vindos de outras províncias, nas quais a carne constitue o principal alimento. Caça de qualquer qualidade é escassa na mata perto da cidade, exceto nos meses de junho e julho, quando um número imenso de grande e bonita ave, o tucano de Cuvier (*Rhampastos cuvieri*) (466) faz seu aparecimento. Vêm bem nutridos, e são mortos em quantidades tais, que durante muitas semanas todas as famílias diariamente se banqueteiavam com tucanos assados e cozidos. Os mutuns são abundantes nas margens do Solimões, mas a caça de um ou dois pares exige o sacrifício de alguns dias de viagem. A anta, de carne deliciosa e nutritiva, é morta de quando em vez por um caçador afortunado. Guardo ainda bem viva a recordação dos agradáveis efeitos que experimentei ao comer durante alguns dias carne de tapir fresca, depois de ter sido levado a penoso estado de depressão física e mental por meses de escassas rações de peixe e farinha.

As vezes tínhamos em Ega pão fresco, feito com farinha americana, vinda do Pará, mas que era vendido a nove dinheiros a libra. De uma feita estive dois anos sem provar pão de trigo, e em parte attribuo a êste fato

---

(466) O tucano de Cuvier (*Rhampastos monilis cuvieri*) é atualmente considerado apenas como subespécie do tucano de peito branco, pia-pouco ou quirina (*Rhampastos monilis monilis*).

a deterioração gradativa de minha saúde no Alto Amazonas. A farinha de mandioca é substitutivo pobre e fraco do pão; é deficiente em gluten e, portanto, não pode formar massa levedada, mas tem que ser cozida em grãos duros para poder durar algum tempo. Fazem-se bôlos com farinha meio-torrada, mas que se estragam em poucas horas. Há um tipo superior de farinha, feita em Ega com a mandioca doce (*Manihot aypi*). Esta é feita com mistura do amido da raiz, e portanto gênero alimentício muito mais saudável que a farinha comum que se faz no Amazonas, apenas com a polpa, depois de extraída a goma, pondo-a de môlho na água. Quando não conseguíamos ter pão nem biscoito, achava a tapioca molhada no café o melhor substitutivo nativo. Raramente ficávamos sem manteiga, pois todas as embarcações, voltando do Pará, onde é importada, em grande quantidade, de Liverpool, trazia uma ou duas barricas. Obtínhamos o chá do mesmo modo; êste é servido como artigo de luxo nas festas de batisado ou de casamento. A princípio essa gente não sabia como prepará-lo, pois costumava cozinhá-lo numa panela, misturado com açúcar bruto, mexendo-o com uma colher. Às vezes tínhamos leite, mas só quando havia alguma vaca com cria; a lactação de cada vaca é muito pequena e dura apenas algumas semanas em cada caso, embora o pasto seja bom, e os animais nédios e gordos.

Havia geralmente os frutos tropicais comuns. Eu estava surpreso com a variedade das espécies silvestres, e do sabor delicioso de alguns. Muitos são totalmente desconhecidos nas regiões mais perto do Atlântico, e produtos peculiares desta região tão altamente favorecida e tão pouco conhecida. Alguns foram plantados pelos naturais em suas roças. O melhor era o jabutí-pué, ou pé de cágado, fruto escamoso, provavelmente da ordem

anonáceas. E' mais ou menos do tamanho de uma maçã comum; quando maduro a casca é moderadamente delgada e encerra, com as sementes, grande quantidade de polpa cremosa de delicioso sabor. Vem logo a seguir o cumá (*Callophora sp.*), do qual há duas qualidades, e que parece uma pequena pera arredondada; mas a casca é um pouco dura, e contém um leite viscoso, e a polpa é quasi tão deliciosa como o jabutí-pué. A árvore de cumá é de moderada altura, e cresce mais viçosa nos pontos mais elevados e mais secos (467). Terceira espécie é o pamá, que é uma drupa, semelhante no colorido e aspecto a uma cereja, mas de forma oblonga (468). A árvore é das mais gigantescas da floresta e, ao que supponho, nunca foi selecionada para cultura. Para colher o fruto, os nativos são obrigados a trepar até uma altura de uns cem pés, e cortar os ramos muito carregados. Já falei do umarí e do uchí: ambos são atualmente cultivados. A polpa gordurosa e amarga que envolve o caroço destes frutos é comida com farinha e muito nutritiva. Outro fruto cultivado é o purumá (*Puruma cecropiaefolia*, Martius), baga redonda, que forma grandes cachos e é de gosto como o das uvas. A árvore é de folhagem muito parecida com a das embaúbas. Outra espécie menor, chamada purumá-í (469) é espontânea nas matas junto de Ega, e ainda não foi plantada. O mais singu-

---

(467) O cumá ou sorva é o nome dado a três espécies de Apocináceas do gênero *Couma* (*C. utilis*, *C. guyanensis* e *C. macrocarpa*). Chamam sorva do Perú (em Belém) ou guajará (no Amazonas) a Sapotácea *Chrysophyllum excelsum*.

(468) O pamá provavelmente é uma Anacardiácea, mas não consegui obter outra informação além da encontrada em certos dicionários que o dão como fruto silvestre do Brasil.

(469) As purumas são Moráceas; conhecem-se, além de *Pourouma cecropiaefolia*, *P. cuminata* e *P. bicolor* (puruma-1).

lar de todos estes frutos é o uiquí (470), de forma oblonga e que parece crescer atravessado na ponta do pedúnculo. Quando maduro, a espessa casca esverdeada abre-se por fenda mediana e mostra uma semente oval, do tamanho do damasco, mas de colorido carmezin vivo. Este tom brilhante é devido a delgada camada de polpa que, quando as sementes são desfeitas num prato de bananas cozidas, dão à mistura agradável cor rósea e gosto de nata muito agradável. O mingau de bananas, temperado e colorido com uiquí é um dos pratos prediletos de Ega. O fruto, como quasi todos os que acabo de mencionar, amadurece em janeiro. Há muitos outros frutos menos importantes, tais como o guajurú (provavelmente uma espécie de *Achras*), do tamanho de uma uva espinha, que cresce isolado e contém polpa doce e gelatinosa, que envolve duas grandes sementes negras e lustrosas (471); o cachiparí arapaá, baga oblonga escarlate; duas qualidades de bacurí, o bacurí-siuma e o bacurí-curuá, frutos ácidos, cor de limão, quando maduros, etc. (472).

A famosa pupunha das nações tupí (*Guilielma speciosa*) é comum em Ega. O nome palmeira de pêssegos é, ao que suponho, alusão à cor do fruto e não ao seu sabor, pois é sêco e farináceo, e o sabor pode ser comparado a uma mistura de castanhas com queijo. Os urubús devoram-nos ávidamente e vêm em bandos baru-

---

(470) O uiquí parece ser uma Sapindácea. Caminhoá regista uiquê ou uique, uma sapotacea de grande fruto (*Achras* mamosa, que certamente não é o uiquí de Bates.

(471) O nome guajurú (ajurú ou uajurú) é dado na Amazônia a Rosaceas do género *Licania* (*L. parviflora*, *L. apetala*, *L. incana*) *Chrysobalanus* (*C. icaco*) e *Hirtella* (*H. americana*), e não correspondem à descrição de Bates; guajará é que é o nome que dão às Sapotaceas do género *Lucuma*.

(472) O nome bacurí é dado a várias Gutíferas dos géneros *Rheedia*, *Platonia* e *Moronobea*.

lhentos quando as árvores frutificam. Os cães também os comem. Não me lembro de ter visto os gatos fazerem o mesmo, embora vão voluntariamente aos matos comer tucumá, fruto de outra palmeira (473). A árvore que cresce em touceiras, ao lado das palhoças, é nobre ornamento, atingindo cinquenta a sessenta pés de altura e geralmente direita como coluna. Um cacho de frutos maduros é boa carga para um homem robusto, e cada árvore dá vários. A pupunha é espontânea em todo o Amazonas. E' dos poucos produtos vegetais (incluindo tres espécies de mandioca e a espécie americana de banana) que os índios cultivam desde tempos imemoriais, e trouxeram consigo em sua migração original para o Brasil. Mas é somente entre as tribus mais adiantadas que a vemos cultivada. A superioridade do fruto do Solimões sôbre o do Baixo Amazonas e dos arredores do Pará é muito considerável. Em Ega é geralmente do tamanho de um pêssego grande e, fervido, é quasi tão farináceo como a batata; no Pará não excede o tamanho de uma nóz e de polpa fibrosa. Em ambos os distritos aparecem rachos de frutos estéreis e sem semente. E' dos principais artigos alimentares em Ega, quando no tempo, sendo comido cozido com sal ou com melaço. Uma dúzia de frutos sem os caroços, dá um prato nutritivo para uma pessoa adulta. E' crença geral que há mais nutrição na pupunha que no peixe ou no peixe-boi.

\* \* \*

As estações do Alto Amazonas oferecem alguns pontos de diferença das do Baixo Amazonas e do distrito do Pará, cujas duas secções já vimos que também diferem

---

(473) Tucuma ou tucumá é o nome das palmeiras *Astrocaryum tucuma*, e *A. vulgare*.



muito. O ano de Ega é dividido segundo a cheia e vazante do rio, o que coincide com os períodos sêco e de chuvas. Todas as transações principais da vida dos habitantes são reguladas por estes fenômenos anuais. A peculiaridade desta região consiste em haver duas cheias e duas vazantes por ano. A grande cheia anual começa em fins de fevereiro e continua até meados de junho, na qual rios e lagos, confinados na época das secas aos seus leitos ordinários, gradativamente crescem e transvasam, inundando todas as terras baixas. A inundaçào progride suavemente, polegada por polegada e é sentida em toda parte, mesmo no interior das matas das terras altas, a milhas de distância do rio; estas são atravessadas por numerosos regos, que na época sêca formam vales secos espaçosos e gradualmente se transformam, pela pressão da inundaçào, em largos igarapés navegaveis por pequenos barcos sob a copa das árvores. Todos os incontáveis enxames de tartarugas de várias espécies deixam o rio pelas lagoas internas. As margens arenosas ficam debaixo d'água, e os bandos de aves aquáticas emigram para o norte, para as nascentes dos tributários que vêm desta direção, ou para o Orenoco, cujos cursos durante o período de chuvas no Amazonas, estão gozando de céu sem nuvens durante a estação sêca. As famílias dos pescadores que, durante os quatro ou cinco meses anteriores, estavam ocupadas a harpoar e salgar o pirarucú e a matar tartarugas nos grandes lagos, vòltam agora para as aldeias e cidades; seus edifícios temporários de pesca aos poucos se submergiram, com as ilhotas arenosas e as baías onde instalaram. Mas é nesta estação que a castanha do Pará e o cacau amadurecem, e muita gente sai para colher os frutos, ficando ausente durante os meses de março e abril. As chuvas, nesses meses, não são contínuas; caem de vez em quando torrencialmente,

mas raramente duram vinte e quatro horas, e são intercaladas de muitos dias agradáveis de sol. Mas o céu está quasi sempre coberto de nuvens, com chuviscos, de vez em quando.

Na primeira semana de junho a cheia chega ao seu apogeu, com a água uns quarenta e cinco pés acima do ponto mais baixo, mas varia uns quinze pés de um ano para outro. A "*enchente*", como é chamada pelos natu-rais, que acreditam que este grande movimento anual das águas é da mesma natureza que as marés da boca do Amazonas, terminou e todos começam a esperar pela vazante. As provisões feitas para a penúria da estação chuvosa já estão quasi exauridas; o peixe é difficil de obter e muitos dos habitantes menos providentes ficam reduzidos a uma dieta de mingaus de farinha e frutas.

A bela estação começa por alguns dias de tempo claro: — sol furioso, quente, com algumas nuvens passageiras. Homens e mulheres sem occupação, cançados da estagnação e confinamento da estação da cheia, começam a cantar, quando voltam de seu banho matinal: "*As águas estão paradas*". As ruas enlameadas secam em poucos dias. Vêem-se bandos de rapazes sentados do lado da sombra, fora de casa, fazendo flechas e tecendo rêdes de pescar com fibra de tucúm; outros estão occupados em concertar e calafetar as embarcações, grandes e pequenas. De todos os lados fazem-se preparativos para o "*verão*" e a "*migração*" do peixe e da tartaruga, isto é, sua descida das lagoas inacessíveis da mata para o rio. Em meados de julho começam a reaparecer os bancos de areia acima da superfície das águas, e com esta mudança chegam bandos de curicacas e gaivotas, que annunciam o advento da boa estação como fazem os cucos na primavera européia. Ouvem-se incessantes seus gritos lastimosos, quando voam sôbre as águas rasas e as praias

arenosas. Quasi todas as aves de rica plumagem acabaram a muda e começam a ser mais ativas na mata.

A vasante continua até meados de outubro, com interrupção de uma cheia parcial, chamada *repiquete*, de algumas polegadas, em meados de setembro, causada pela contribuição de algum grande afluente superior do rio. O nível do descaimento varia também muito, mas nunca chega a interromper a navegação pelas grandes embarcações. Quanto maior, mais abundância há na estação. Toda a gente é próspera quando as águas estão baixas; as enseadas rasas e as lagoas ficam então superlotadas com a população concentrada de peixes e tartarugas. Todos, homens, mulheres e crianças, deixam as aldeias e passam as poucas semanas de bom tempo a caminhar pelas vastas áreas onduladas e arenosas do meio do Solimões, pescando, caçando, apanhando ovos de tartaruga e tarambola, e divertindo-se o mais que podem. Os habitantes sempre rezam por uma *vasante grande*.

De meados de outubro a princípios de janeiro vem a segunda época chuvosa. Às vezes a cheia não vai além de quinze pés, mas em alguns anos é muito mais considerável, deixando as grandes ilhas arenosas debaixo d'água antes que sáiam os filhotes de tartaruga. Um ano, quando eu residia em Ega, esta segunda inundaçãõ atingiu a marca de dez pés do nível mais alto da água, marcado pelas manchas nos troncos das árvores da beira do rio.

A segunda sêca vem em janeiro e se prolonga por todo o mês de fevereiro. O rio baixa geralmente apenas alguns pés, mas um ano (1856) eu o vi a cinco pés de seu nível mais baixo de setembro. E' conhecido por "*Verão do Umari*", por causa da época do amadurecimento dêsse fruto. Quando a baixa é grande, é o melhor tempo para apanhar tartarugas. No ano acima referido, quasi todos os moradores que tinham barco e podiam

remar, saíram em sua perseguição no mês de fevereiro, e apanharam umas duas mil em poucos dias. Parece que elas haviam sido perturbadas em sua migração para as lagoas do interior da mata pela sêca súbita dos cursos d'água, tornando-se assim fácil presa.

O ano é dividido em Ega em quatro estações: duas de tempo sêco e vasante e duas que são o inverso. Além disto há, no mês de maio, uns dias de frio muito intenso, circunstância das mais surpreendentes nesse clima de calor uniforme. E' provocado por vento frio continuado, que sopra do sul, sôbre as florestas úmidas que se estendem sem interrupção do norte do equador até 18° de latitude na Bolívia. Infelizmente eu não tinha comigo um termômetro em Ega; o que trouxera da Inglaterra, perdera-se no Pará. A temperatura abaixa tanto, que os peixes morrem no rio Tefé, e são atirados aos montes nas praias. Um ano examinei muitos dêstes peixes mortos e inteiriçados. Eram todos alevinos de diferentes espécies de *Characini*. O vento não é forte, mas traz tempo nublado, e dura tres a seis dias. Todos os habitantes sofrem muito com o frio, e muitos se enrolam nas roupas mais quentes que têm (os cobertores aqui são desconhecidos) e se fecham dentro de casa com um fogareiro de carvão aceso. Quanto a mim, achei a mudança de temperatura deliciosa, que não exigia roupa suplementar. Mas era tempo ruim para a minha tarefa, pois aves e insetos desaparecem nos seus esconderijos e ficam inativos. O período de duração deste vento é chamado o "*tempo da friagem*". Segundo presumo, o fenômeno deve ser atribuído ao fato de ser maio inverno na zona temperada sul, e que as correntes frias, viajando para o norte em direção ao equador, sejam pouco aquecidas em seu trajeto, por ser a região intermediária vasta, planície parcialmente inundada e coberta de úmidas florestas.

## CAPÍTULO XI

### EXCURSÕES NOS ARREDORES DE EGA

O rio Tefé — Passeios pelos recantos da baía — Excursão à casa do chefe Passé — Carater e costumes da tribo Passé — Primeira excursão às ilhas arenosas do Solimões — Hábitos da grande tartaruga do rio — Segunda excursão — Pesca da tartaruga nas lagoas de terra a dentro — Terceira excursão — Caçadas com os nativos pelas matas — Volta a Ega.

Passo agora a dar uma notícia das mais interessantes excursões que realizei pelos arredores de Ega. Os incidentes de viagem mais longas, que me tomaram alguns meses, serão contados em capítulo à parte.

A povoação, como já escrevi, está situada numa clareira da extremidade leste do lago, a seis ou sete milhas do Solimões, com o qual o lago comunica por estreito canal. Na praia oposta da porção mais larga, há pequena aldeia chamada Nogueira, cujas casas só se vêem de Ega nos dias muito claros; a margem onde está Nogueira é alta e se estende muito longe para sudoeste. A parte superior do rio Tefé não é visitada pela gente de Ega, por sua insalubridade e escassez de salsaparrilha e outras mercâncias. Para os europeus parece a coisa mais surpreendente que o povo de um lugar civilizado, de 170 anos de fundado, ignore completamente o curso do rio em cujas margens o seu lugar natal, para o qual orgu-

lhosamente reclamam o título de cidade, está localizado. Seria muito difícil para o particular fazer sua exploração, pois seria necessário um número de remeiros indígenas impossíveis de obter. Só conheci uma pessoa que tinha subido o Tefé até considerável distância, mas esta mesma não me podia dar notícia precisa do rio. A única tribu que se sabe que vive em suas margens, são os Cataucís (474), gente que perfura os lábios em todo o seu contorno, e metem varinhas finas nos buracos; seu território está localizado entre o Purús e o Juruá, abraçando as duas margens do Tefé. Um rio bem considerável, o Bararuá, entra no lago pelo lado de oeste, umas trinta milhas acima de Ega. A largura do lago é muito diminuída pouco abaixo da foz dêsse tributário, mas de novo se expande para o sul e termina abruptamente onde o Tefé propriamente dito deságua com forte correnteza, formando a sua cabeceira.

Toda a região, em centenas de milhas, é coberta de florestas pitorescas mas ínvias, apenas percorridas por duas estradas, pelas quais se podem fazer excursões por terra. Uma delas é simples trilha de caçadores, de duas milhas de comprimento, que atravessa a floresta atrás do povoado. A outra é caminho extraordinariamente aprazível, ao longo da praia, para oeste da cidade. Esta só é praticável durante a estação sêca, quando fica a descoberta branca faixa arenosa, ao pé das margens do lago cobertas de mata, cujas árvores, como não há subosque, formam espaçosa e sombria alameda. Eu passeava diariamente, nas semanas de cada estação sêca, por esta estrada deliciosa. As árvores, muitas das quais são murtas (*Eugenia egaensis* de Martius) e araçás (*Psidium*),

---

(474) Os Cataucís se chamam de Hewadiê, formam uma família isolada, com tribus entre o Purús e o Madeira (7° 30' e e 6° S.), entre o Purús e o Juruá (ao nível de 5°) e sobre o Juruá, em sua margem esquerda, ao sul de Riozinho.

de caules lisos e amarelos, estavam então em flor e as águas crespas do lago, sob as sombras frescas, limitavam o caminho em toda sua extensão. O lugar era o ponto de reunião dos martins-pescadores, trepadores verdes e azues, tangarás de cabeça vermelha e beija-flôres. Mas as aves não são numerosas, em geral. Todas as árvores eram habitadas por cigarras, cujas notas roucas formam essa música estrídula e dissonante que é o acompanhamento geral de qualquer passeio pelos bosques, nos climas quentes. Uma espécie era muito bonita, com as asas ornadas e manchas verdes e escarlates (475). Era muito comum, vendo-se, às vezes, tres e quatro na mesma árvore, agarradas, como de costume, aos ramos. Quando a gente se aproxima de uma árvore assim povoada, pode ver pequenos jatos de líquido claro que esguicham lá de cima. Muitas vezes recebi as descargas bem dirigidas em pleno rosto; mas o líquido é inócuo, de gosto adocicado, e lançado pelo anus do inseto, provavelmente em defesa própria ou por medo. O número e variedade de borboletas de côres claras, que esvoaçavam nesse caminho nos dias de sol, era tão grande, que as manchas brilhantes e movediças davam fisionomia particular ao sítio. Era impossível caminhar sem assustar bandos delas que se erguiam da areia à beira d'água, onde se tinham reunido para sugar a umidade. Eram de quasi todas as côres, tamanhos e feitios. Contei ao todo oitenta espécies, de vinte e dois gêneros diferentes. E' fato singular que, com poucas exceções, todos os indivíduos destas várias espécies, que assim esvoaçavam nos lugares cheios de sol, fossem do sexo masculino; suas companheiras, de côres mais sombrias, e muitíssimo menos

---

(475) Deve ser *Carineta formosa*, que Costa Lima considera uma das mais belas cigarras que ele conhece,

numerosas, se confinavam nos lugares sombrios da mata. Todas as tardes, quando o sol se punha, eu costumava apreciar estes guapos mancebos amantes do sol voltando para a mata onde suponho que iam encontrar as namoradas e espôsas. As mais abundantes eram as *Callidryas* (sete espécies) de colorido amarelo enxofre e laranja, e umas doze espécies de *Cybdelis*, de grande envergadura, muito vistosas nas suas roupagens de azul escuro e púrpura. Uma criatura magnífica, a *Callithea markii* (476), de asas espessas e lindamente ornada de azul safira e alaranjado era um visitante accidental. Em certos dias de tempo muito calmo, duas pequenas espécies de um verde dourado (*Symmachia trochilus* e *S. colibris*) (477) literalmente enxameavam na areia, com as asas metálicas largamente abertas. A praia termina a oito milhas além de Ega, na boca de um riacho; então o carater da costa muda, e as margens do rio são ocultas pela linha de ilhotas baixas, no meio de um labirinto de canais.

Em todas as outras direções minhas constantes excursões eram por água. As mais interessantes das que realizei nos arredores imediatos da cidade, foram as que tinham como destino as casas dos índios nas margens de escusos igarapés. Bastará a narrativa de uma destas viagens.

---

(476) O nome *Callidryas* é atualmente sinônimo de *Catopsilia* (família *Pieridae*). *Cybdelis* é um gênero da família *Nymphalidae*, representado em nossa fauna por quatro espécies. *Callithea* é outro gênero de *Nymphalidae*, do qual se encontram na bacia do Amazonas 14 espécies.

(477) São duas pequenas borboletas da família *Erycinidae*, hoje postas no gênero *Caria*; a primeira (*Caria colibris*) tem as asas salpicadas de manchas de escamas de um verde metálico na página dorsal e uma grande mancha vermelha na página inferior das asas posteriores; a segunda (*Caria trochilus*) difere por faltar-lhe a mancha rubra inferior.



No dia 23 de maio de 1850, em companhia de Antônio Cardoso, o delegado, visitei uma família da tribo Passé, que vive perto das cabeceiras do igarapé que corre do sul para o Tefé, desaguardo em Ega. O igarapé tem mais de um quarto de milha perto da cidade, mas gradativamente se estreita poucas milhas para dentro, até que se torna simples riacho, fluindo em largo vale da mata. Quando o riozinho sobe, enche o vale; os troncos das árvores gigantesas ficam então muitos pés mergulhados na água, e as pequenas canoas podem navegar numa distância de um dia de viagem, sempre na sombra, abrindo caminhos regulares entre os ramos das árvores mais baixas. Tal é o caráter geral da região do Alto Amazonas: uma terra de pequena elevação e abruptamente ondulada, as partes mais baixas formando estreitos vales nos meses secos e profundos canais navegáveis nos meses de chuva. Nos recantos mais retirados das margens destes riachos sombrios algumas famílias ou pequenas hordas de aborígenes ainda se conservam em seu estado quasi primitivo, restos de tribus dantes numerosas. A família que pretendíamos visitar nesta viagem era a de Pedro-uassú (Pedro o grande ou Pedro alto), um velho tuchaua dos Passés.

Partimos ao nascer do sol, em pequena igarité, remada por seis índios moços. Depois de percorridas tres milhas da porção larga do igarapé (que, cercada de matas, mais parecia grande lagoa) chegámos a um ponto onde nossa rota parecia impedida por impenetravel sebe de árvores e arbustos. Ficámos algum tempo sem encontrar a entrada, mas quando mergulhámos inteiramente na sombra, apresentou-se diante de nós uma cena notável. Era a primeira vez que eu penetrava nestes caminhos aquáticos. Estendia-se diante de nós, em longa distância, uma aléa toleravelmente reta; de um e outro

lado estavam copas de arbustos e árvores novas, formando como que orla do caminho, e os troncos das mais altas árvores erguiam-se da água com intervalos regulares, suas copas cruzadas muito acima de nossas cabeças, a formarem espesso docel. Delgadas raízes aéreas caíam aos feixes e os cipós bambaleavam em largas alças, pendentes dos ramos mais baixos; touceiras de capins, *tilandsiae* e fetos descansavam nas forquilhas dos ramos principais e os troncos das árvores mostravam, à flôr d'água, massas aderentes de esponjas d'água doce (478). Não havia correnteza perceptível, e a água tinha colorido oliva escuro, mas se viam até grande profundidade os caules submersos. Viajámos com boa velocidade durante umas tres horas por esta estrada sombria, pois a casa de Pedro distava de Ega umas vinte milhas. Quando os remadores descansavam algum tempo, a meia luz e o sossêgo do lugar eram quasi dolorosos. Nossas vozes despertavam ecos soturnos quando conversávamos, e o ruído feito pelos peixes que acidentalmente açoutavam a superfície das águas nos enchia de susto. Um ar frio, úmido, viscoso enchia êsses ermos sem sol.

A largura do vale é, a princípio, provavelmente de mais de meia milha, vendo-se então, de um e outro lado do caminho, considerável distância, entre as colunatas irregulares das árvores. Outros caminhos aí se ramificam para a direita e para a esquerda, partindo da estrada principal, em direção às casas esparsas dos índios na terra firme. Mas o vale se vai contraindo aos poucos para as nascentes do ribeiro e a mata se torna mais densa; o caminho aquático também diminue de largura, e fica

---

(478) Segundo A. Ducke a essa esponja espinhosa que se desenvolve nas plantas inundadas anualmente durante vários meses, chamam no Amazonas *cauí* ou *cauíxi*; encontram-se na *Amazônia* esponjas dos gêneros *Mayenia*, *Tubela*, e *Pármula*.

muito sinuoso, por causa do crescimento muito denso das árvores. Os ramos de algumas estendiam-se pouco acima de nossas cabeças, carregados de epífitas. Chamou-me particularmente a atenção uma orquídea de flôres de um amarelo vivo, crescendo nas pontas de longas hastes. Alguns dos troncos, especialmente os das palmeiras, eram revestidos de densas massas de *Pothos* (479) brilhantes, misturados com fetos. Chegamos a esta parte, estávamos de fato no coração da mata virgem. Não ouviamos o rumor de animais nas árvores, e vimos somente uma ave, a cotinga azul-celeste (480), pousada solitária em alto ramo. Durante certo trecho a vegetação mais baixa era tão densa que a estrada seguia sob uma arcada de folhagem, cortando-se os ramos o suficiente para a passagem da pequena canoa. Estas brenhas são formadas principalmente de bambús, cuja folhagem delgada e ramos curvos se dispõem em elegantes caramancheis plumosos. Mas contribuem também para êsse emaranhado outras plantas sociais: delgadas trepadeiras herbáceas, com gavinhas que tão avidamente procuram agarrar-se aos ramos mais altos, que parecem como que providas de energia animal, e certas árvores baixas de largas fôlhas elegantemente venuladas contribuem igualmente para tornar mais densa a mata. De quando em vez encontrávamos uma árvore caída, atravessada no caminho, com sua vasta copa ainda sustida pela cordoalha espessa dos cipós, que a prendiam às árvores ainda de pé, e em tais casos eramos obrigados a fazer largo circuito, sendo às vezes difícil encontrar de novo o caminho certo.

---

(479) O gênero *Pothos* (de Aráceas) não ocorre no Brasil, sendo próprio da Asia tropical e de Madagascar; certamente quer referir-se Bates ao gênero *Anthurium*, que é da mesma tribu do gênero citado.

(480) Anambé azul ou cururá (*Cotinga cotinga*).

Afinal chegámos ao termo de nossa viagem. Estávamos então em ponto escuro e muito denso da mata mas podíamos ver a terra firme dos dois lados do canal e à nossa direita pequena clareira cheia de sol, o ponto de desembarque para as moradas dos indígenas. A água chegava até junto do barranco, e um caminho limpo subia do porto sombrio até às habitações que ficavam a um estádio de distância. O meu amigo Cardoso era padrinho de um neto de Pedro-uassú, cuja filha se casara com um índio estabelecido em Ega. Ele mandara dizer ao velho que pretendia visitá-lo; éramos, portanto, esperados.

Quando desembarcámos, Pedro-uassú veio receber-nos em pessoa, descendo até ao porto; nossa chegada tinha sido anunciada pelo ladrar dos cães. Pedro-uassú era homem alto e magro, de semblante sério mas benévolo e maneiras muito mais despidas de timidez e desconfiança do que é hábito entre os índios. Estava vestido com camisa de tecido grosseiro de algodão, tinto de murichí, e calças do mesmo pano, arregaçadas até aos joelhos. Suas feições eram fortemente delineadas, mais do que em qualquer outro rosto de índio que eu vira até então, de lábios delgados e nariz alto e afilado. Grande mancha negra, quadrangular, ocupava o meio da face que, como as outras partes do corpo, era de colorido trigueiro-avermelhado, em vez de ter o tom de cobre usual. Veio de vagar, com o porte erecto e, chegando junto de nós, cumprimentou Cardoso com o ar de pessoa que deseja que saibam que estão tratando de igual para igual. Meu amigo apresentou-me e elle me deu as boas vindas com o mesmo modo cerimonioso. Parecia ter muitas perguntas a fazer; mas estas foram principalmente sobre a senhora Felipa, caseira índia de Cardoso em Ega, e eram simplesmente de amabilidade. Esta polidez estudada é

perfeitamente natural nos índios das tribus agrícolas mais adiantadas. A língua usada foi o Tupí e não ouvi falar outra o dia inteiro. Devia vir à mente que Pedro-uassú nunca tivera relações com os brancos; apesar-de batizado, era índio primitivo, que sempre vivera retirado. A cerimônia do batismo fôra realizada, como geralmente acontece entre os aborígenes, simplesmente com o desejo de ficar bem com os brancos.

Quando chegámos à casa, fomos recebidos pela esposa de Pedro, velha magra, enrugada, ativa, tatuada justamente como o marido. Tinha feições fortes, mas suas maneiras eram mais vivas e cordiais que as do esposo: falava muito e com grande inflexão de voz, ao passo que a do velho era descaçada e de tom lamuriento. Sua roupa era uma sáia comprida de algodãozinho grosseiro e uma camisa muito curta, que não chegava à cintura. Eu estava admirado de ver os campos em redor da casa mais limpos do que em qualquer *sítio* dos que vira no Alto Amazonas, mesmo de gente civilizada. O cabedal de utensílios e trastes caseiros de todas as qualidades era muito maior, e os sinais de trabalho regular e fértil muito mais numerosos que os que geralmente se percebem nas fazendas dos índios civilizados e dos brancos. Os edificios eram da mesma construção da dos mais humildes sitiantes da região. A família vivia em grande telheiro aberto, oblongo, feito à sombra das árvores. Duas construções menores, destacadas do telheiro e de paredes de barro, com portas baixas, continham aparentemente o quarto de dormir dos vários membros da família. Pequeno moinho para moer a cana de açúcar, feito de dois cilindros dentados de madeira dura, gamelas de pau, panelas para ferver a garapa e fazer melaço estavam sob um telheiro separado, havendo perto dele grande casa de taipa para as aves domésticas; à

curta distância outra palhoça e um telheiro, habitados por família subordinada a Pedro. Estreito caminho através das matas luxuriantes levava a outras habitações da mesma espécie. Havia abundância de árvores frutíferas em tórno do lugar, incluindo a infalível banana, com suas grandes fôlhas largas e moles, de verde pálido, e grupos de palmeiras pupunhas em completo desenvolvimento. Havia também grande número de cafeeiros e algodoeiros. Entre os utensílios vi cestos de diversas formas, feitas de hastes chatas de maranta, e tintos de várias côres. Sua fabricação é uma arte original dos Passés, mas creio que também praticada por outras trîbus, pois encontrei vários nas casas dos índios semi-civilizados do Tapajós.

Só encontrámos tres pessoas em casa, além do velho casal; todos os mais achavam-se ausentes, mas vários chegaram no correr do dia. Primeiro veio uma filha de Pedro, que tinha tatuagem oval em cima da boca; depois um netinho e afinal o genro de Ega, compadre de Cardoso. A velha estava ocupada, quando entrámos, em distilar num alambique de barro, feito por ela, aguardente de cará, raiz comestível semelhante à batata. O licor tinha tom avermelhado, mas o cheiro não era muito agradável. Contudo apreciámos bem uma taça dessa bebida, ainda quente do alambique, depois de nossa longa viagem. Cardoso gostava dela; encheu o copo e o tornou a encher em poucos minutos. A mulher falava sem parar, sôbre uma série de nonadas, no desejo de agradar às visitas. Sentámo-nos em rêdes de tucum, armadas nos postes do telheiro. A moça de boca azul (que, embora casada, era tão envergonhada como qualquer donzela de sua raça) logo se ocupou em escaldar e depenar as galinhas para o jantar, perto do fogo feito no chão, na outra extremidade da habitação. O genro, Pedro-

uassú e Cardoso logo começaram longa conversa a respeito da falecida espôsa, filha e comadre (481). Parece que ela morrera de tuberculose — “tísica”, como a chamavam, palavra portuguesa adotada pelos índios. O viuvo contava e repetia de vez em quando, quasi com as mesmas palavras, a história da doença. Pedro concordava em côro e Cardoso lamentava e raciocinava. Eu acho que o cauim tinha boa parte na torrente de palavras e no ardor dos sentimentos dos tres: o viuvo bebeu e chorou até que as lamentações se tornaram um suspiro e acabou por adormecer.

Deixei-os a conversar, e fiz longo passeio pela mata. Pedro mandou o neto, rapaz risonho e bem criado, de seus quatorze anos, para mostrar-me os caminhos, e o meu companheiro levava consigo a zarabatana. Este instrumento é usado por todas as tribus de indígenas do Alto Amazonas. Tem geralmente nove ou dez pés de comprimento, e é feito de duas porções separadas de madeira, excavadas de modo a formarem juntas um tubo. Para conseguir isto com a necessária precisão, é preciso trabalho imenso e paciente, e considerável habilidade mecânica, pois as ferramentas usadas são apenas os incisivos de paca e de cutia. Os dois meios tubos, quando terminados, são presos por uma fita muito apertada, enrolada em espiral e feita com lâminas de jacitára, ou seja do lenho da palmeira trepadeira. O todo é afinal calafetado com cêra preta, produto de uma abelha *Melipona*. O tubo vai afilando para a ponta, tendo na extremidade mais larga um bocal de madeira. Uma zarabatana grande é pesada, e só pode ser utilizada por índio adulto com grande prática. Os rapazinhos apren-

---

(481) O termo exprime a relação da mãe com o padrinho do filho. (Nota do Autor).

dem a atirar com tubos menores e mais leves. Quando Wallace e eu tivemos lições do emprêgo da zarabatana com Júlio, um índio Jurí, empregado de Mr. Hauxwell, inglês colecionador de pássaros, achámos muito difficil segurar com firmeza os longos tubos. As flechas são feitas da casca muito dura do pecíolo das fôlhas de certas palmeiras, cortado em delgadas taliças, e tornadas finas como agulhas, afilando as pontas a canivete ou com o dente de um animal. Eram aladas com pequena massa oval de sêda de samaúma (dos pêlos sedosos das sementes de *Eriodendron samauma*), pois o algodão seria muito pesado. A bola de samaúma pode adaptar-se perfeitamente ao orifício da zarabatana e ser impelida com tanta fôrça pelo sôpro, que faz um ruído surdo semelhante ao das buxas das espingardas de ar comprimido. Meu pequeno companheiro estava equipado com um carcaz cheio dêsses dardos, alguns dos quais, suficientes para o divertimento de um dia, tinham as pontas ervadas com o veneno fatal urarí. O carcaz era um objeto ornamental, com sua borda larga feita de linda madeira côr de cereja (a moiraporanga ou pau-vermelho do Japurá), muito polida (482). O corpo era um trançado de hastes de *Marranta* bem achatadas e a faixa com que era suspenso aos ombros, era decorada com borlas e franjas de algodão.

Caminhámos duas milhas por um caminho bem trilhado, que atravessava alta capoeira. Grande proporção das árvores era de Melastomáceas, carregadas de frutos peludos e amarelos, quase tão grandes e perfumados como

---

(482) O nome moiraporanga, muiraporanga, muirapiranga ou mirapiranga é dado a várias plantas de madeira vermelha. Cabe à *Cesalpinia echinata*, segundo Barbosa Rodrigues; Alberto Sam-palo cita *Brosimum paraense* (Morácea), *Minusops balata* (Sapotácea), *Eperua bijuga* (Leguminosa).



nossa groselha. Mas já tinham quasi todas passado de tempo. De um e outro lado da estrada havia uma orla de elegantes licopódios. Uma disposição artificial das árvores e arbustos difficilmente conseguiria aspecto tão agradável como o desta avenida naturalmente decorada. O caminho terminava em uma roça de mandioca, a maior que vi depois de ter deixado os arredores do Pará. Havia provavelmente umas dez geiras de clareira aberta, e parte do roçado era plantado de milho, melancias e cana de açúcar. Além deste campo havia apenas uma picada de caçador, que penetrava na mata ínvia. Disse-me meu companheiro que nunca ouvira dizer que houvesse moradores nessa direção (para o sul). Atravessámos a floresta dêsse ponto para outra clareira menor e depois caminhámos, de volta para casa, através de duas milhas de capoeira de várias idades, sítios de antigas plantações. Os únicos resultados de nosso passeio foram alguns insetos raros e um japú (*Casicus cristatus*), belo pássaro de plumagem colorida de oliva e açafão, e que vagava em grandes bandos na copa das árvores. Meu pequeno companheiro o derrubou de uma altura que calculei em trinta jardas. Mas a zarabatana, nas mãos de um índio adulto perito, pode propeler as setas até cinquenta a sessenta jardas de distância. A pontaria é mais certa quando o tubo é soprado na vertical ou quasi. E' arma muito mais útil na mata que espingarda, pois o barulho dos tiros alarma os bandos de aves e macacos que estão numa árvore, ao passo que o silencioso dardo envenenado derruba os animais um por um até que o caçador tenha a seus pés um montão de caça morta. Mas só os índios podem usá-la eficientemente. O veneno que deve ser fresco para matar prontamente, só é obtido com os índios que vivem além das cachoeiras dos rios que correm do norte, especialmente do Negro e

do Japurá. Seu principal ingrediente é o lenho da *Strychnos toxifera* (483) árvore que não cresce nas matas úmidas das planícies dos rios. Encontra-se relato mais circunstanciado do urarí e de uma expedição organizada para procurar a árvore na Guiana, no trabalho de Sir Robert Schomburgk.

Quando voltámos para casa, depois do meio dia, Cardoso ainda estava tomando golinhos de cauim e parecia agora excessivamente feliz. O dia estava terrivelmente quente; o bom camarada, sentado na rêde, tinha uma cuia cheia nas mãos, o largo rosto simpático em fogo; o suor lhe escorria pelo peito descoberto, pois a camisa desabotoada lhe caía abaixo dos ombros. Pedro-uassú não bebera muito; e era conhecido, como soube depois, por sua temperança. Mas estava de pé, como o deixara duas horas antes, falando a Cardoso no mesmo tom monótono, e parece que a conversa não afrouxara um só momento. Nunca ouvi falar tanto entre índios. O viuvo dormia. A velha e a filha preparavam ativamente o jantar, que ficou pronto pouco depois de minha volta. Consistia de galinhas cozidas e arroz, temperadas com grande pimentas verdes e suco de limão, e pilhas de farinha nova e cheirosa e bananas cruas. Foi servido em pratos de fabricação inglêsa, em um tupé, grande esteira de junco trançado, tal como é feita geralmente no Amazonas pelos indígenas. Surgiram então tres ou quatro índios de ambos os sexos, que tomaram parte na refeição. Sentámo-nos todos no chão. As mulheres, como de costume, só comeram depois que os homens acabaram. Antes de sentar-se o nosso hospedeiro pediu desculpas, com seu modo sossegado e cortêz, por não ter facas e garfos. Cardoso e eu comemos com colheres de pau; os índios usavam os dedos. O velho esperou que

---

(483) Veja-se nota n.º 262.

todos nos servíssemos para começar a comer. No fim da refeição uma das mulheres trouxe água em bacia de barro pintado, de fabricação indígena, e toalha limpa de algodãozinho, para lavarmos as mãos.

A horda de Passés, dos quais Pedro-uassú era o tuchaua, estava então reduzida a número muito exíguo de indivíduos. A doença a que já me referi no último capítulo, fizera neles grandes estragos em gerações sucessivas; muitos deles tinham entrado para o serviço dos brancos em Ega e, nestes últimos anos, eram frequentes os casamentos com brancos, mestiços e índios civilizados. O velho lamentava-se a Cardoso do fado de sua raça com lágrimas nos olhos. "O povo de minha nação", dizia, "sempre foi amigo dos carivas mas antes que meus netos envelheçam estará esquecido o nome dos Passés" (484).

---

(484) Martius já se refere a essa tribo, como vivendo nas margens do Japurá e do Negro. Escreve: "Albano, o principal dos Pacés, apresentou-me 31 de seus companheiros da tribo que, certamente pelas bonitas feições e pela esbelteza do porte alto, justificavam a voz geral, segundo a qual são esses os mais belos índios do Rio Negro. Já a cor mais branca do rosto os distingue dos seus vizinhos; tinham, porém, ainda a mais delicada estrutura dos membros e a altura e simetria, que em geral faltam na raça americana. As extremitades mais finas do que as dos outros índios, pescoço mais comprido, a clavícula fortemente saliente, o peito mais estreito, porém de musculatura mais carnuda, o abdomen menos saliente, os quadris mais esguios. tudo fazia lembrar a estrutura caucásica. Também os traços do rosto são distintos, em geral agradáveis, até bonitos, às vezes. Isto, entretanto, mais nas mulheres que nos homens; a verdadeira beleza máscula exige o ornamento da barba, que igualmente lhes falta. Os olhos dos pacés pareceram-me mais abertos, mais finamente talhados, mais separados um do outro e não obliquamente elevados, as maçãs menos salientes, o nariz um tanto achatado, mas delicadamente formado, mesmo direito, às vezes até um tanto arqueado, com a ponta fina curvada para baixo, o que lhes dá notável expressão de mobilidade e um certo ar astuto, modificado, entretanto, pela bondade que exprime a boca fina, de lábios pouco grossos. El justamente essas feições simpáticas são desfiguradas com a horrenda marca distintiva da tribo. O pacé tem tatuado no rosto uma mancha que começa em baixo dos olhos, no ponto onde eles são talhados de través em linha reta e abrange faces, nariz e lábios e até a cova do queixo". Pertencem os Pacés ao grupo Aruaque e vivem atualmente no baixo Içá, a cerca de 2°30' N. mas outrora ocupavam toda a vasta região compreendida entre esse Rio e o Negro.

Uma vez que os Passés se tenham amalgamado com os imigrantes europeus ou seus descendentes tornando-se cidadão brasileiros civilizados, não há motivos para lamentar que êles desapareçam como nação. Mas a gente se enche de tristeza ao saber quantos morrem prematuramente de doença que parece surgir apenas porque respiram o mesmo ar que os brancos. O território primitivo da tribo deve ter sido muito extenso, pois dizem que os primeiros colonizadores portugueses os encontraram no Rio Negro. Antigo povoado dêsse rio, Barcelos, era habitado por êles, quando os portugueses aí se estabeleceram, e formavam também parte da população original de Fonteboa, no Solimões. Suas hordas espalham-se, portanto, sôbre uma região de quatrocentas milhas de leste para oeste. E' provável, porém, que tenham sido confundidos pelos colonizadores com outras tribus que também tatuam o rosto, tais como os Jurís, Uainumás, Arauás e Tucunas (485). A extinta tribo dos Iuri-

(485) Formam os Jurís uma família isolada do Alto Amazonas; tanto Martius como Bates chamam a atenção para a beleza de proporções dêsses índios, só igualada pela dos Pacés. Viviam no baixo Japurá, desde o delta até aos primeiros declives e entre este rio o Içá, principalmente no Pará superior, ao nível do 2° 30' S. Os uainumás são da família aruaque. Dêles escreve Martius: Os uainumás, outrora uma das mais poderosas tribus do Japurá, está quasi de todo desaparecida. Apenas ainda uns 600 devem habitar em liberdade as matas entre o Upi, afluente do Içá, e o Caninari, que desagua no Japurá acima das cachoeiras. Os uainumás moram em grandes cabanas cônicas, onde estão dispostas duas portas pequenas, fronteiras uma a outra. Cultivam mandioca, mas pouca farinha fazem. Nas danças enfeitam-se com profusão de penas. Essas danças festivas realizam-se em determinadas ocasiões: duas quando amadurecem os frutos das palmeiras pupunhas e quando as garças aparecem nas suas águas. Fabricam boas redes e são, sobretudo, industriosos, ativos, de boa índole e afelçoados aos brancos. No seu próprio idioma chamam-se Inabicanas. As suas diversas hordas se diferenciam pela extensão da tatuagem no rosto".

Os Uainumás, outro ramo da família Aruaque, vivem nas florestas entre o Upú e o Caninari, afluentes do Japurá.

Os Chumanas, xomonas ou jumanas são também da família Moseten. Dêles escreve Martius: "Da nação dos jumanas (*xomonas*), que vivem no Içá, entre êsse rio, o Purús e o Guamí, chamados tecunas pelos espanhols de Mainas, ainda-ficaram uns restan-

mauas ou Soñimoas, dos quais o rio Solimões deriva o nome, parecia-se com os Passés em seu porte esbelto e amigável disposição, segundo tradição que colhi em Ega. Estas tribus (com outras que se encontravam entre elas) povoavam as margens do rio principal e seus afluentes, desde a foz do Rio Negro até ao Perú. Os legítimos Passés viviam, em seu estado primitivo, nas margens do Içá, a 240 milhas a oeste de Ega, segundo se lembram pessoas que ainda vivem. A única horda de alguma importância que ainda existe, está localizada no Japurá, a 150 milhas de Ega; apesar-disso a população desta horda não excede, ao que me disseram, de 300 a 400 pessoas. Julgo provável que a parte inferior do Japurá e seu extenso delta formavam a pátria original desta tribu gentil de índios.

Os Passés são considerados sempre nesta região como as nações de índios mais adiantadas da região amazônica. Ví ao todo uns trinta indivíduos desta tribu, e geralmente me pareceram diferentes dos outros índios por sua côr mais clara, feições mais finas e sem-

---

tes em Maripí, e mesmo estes trazem, assim como diversos descendentes da mesma tribu, moradores em Ega, o seu distintivo, um comprido oval, tatuado em volta da boca, o qual frequentemente também cobre os lábios e continua nas faces numa linha horizontal, abrangendo tudo mais. A lingua dos jumanas tem muita semelhança com a dos ualnumás e dos oauixanas. A própria tribu divide-se em diversas hordas; citaram-me como as mais importantes os caruanás, varaumás, jocacuramás, lamaraná, urizamás, jajunamas (ualnumás), bicuanas, jamolapas e mallnumás. Montelero assinalou um estranho costume dos jumanas: diz-se que eles queimam os ossos dos seus mortos e tomam as cinzas nas bebidas, crentes de que a alma reside nos ossos, e que dêsse modo os mortos vivem de novo naqueles que os beberam. A familia Moseten ocupa a região montanhosa do Beni; divide-se em Moseten propriamente ditos, nã nascentes do Maniquí e do Securé (afluentes do Mamoré) e Tsumane, ao norte dêstes.

Constituem os arauáes outro ramo da familia aruaque, localizado na bacia da Juruá, no baixo Chiné e baixo Chunã, afluentes da margem direita.

Os tucunas, tecunas ou ticunas são também uma tribu da familia aruaque, do Alto Amazonas, atualmente habitando principalmente a Bolívia e o baixo Javari.

blante mais aberto. Mas êstes pontos de distinção não eram invariáveis, pois vi indivíduos das tribus Jurí e miranha do Alto Japurá; dos Catoquinos, que habitam as margens do Juruá, a trezentas milhas de sua foz, e dos Tucunas de S. Paulo, que difficilmente se distinguiam dos Passés em qualquer dos caracteres já apontados. E' notável que uma pequena tribu, os Caichanas, que vivem bem no meio de todas estas tribus superiores, são tão aviltados física e mentalmente como os Muras, a mais atrasada de todas as tribus do Amazonas (486). Vistos separadamente, muitos Caichanas não se poderiam distinguir dos Miranhas ou Jurís, embora nenhum deles tenha aspecto tão esbelto ou seja tão franco em suas maneiras, que possa confundir-se com os Passés. Faço estas ponderações para mostrar que as diferenças entre nações ou tribus indígenas não são absolutas e que, portanto, não há uma base para supôr que qualquer 'delas tenha tido origem inteiramente diferente do resto. Por isso mesmo é difficil adivinhar quais as influências que modificaram tão profundamente certas tribus, tais como os Passés, que são tão distintos em seus lineamentos men-

---

(486) Os catoquinos ou catuquinas formam uma família isolada, ocupando larga região que se estende do Purús até quasi o Javarí. Estão repartidos em dois grupos: o Pidaduapá, estabelecido no médio Jutai, particularmente em seus dois afluentes Mutum, e Pia; e o Catuquina, que se estende da margem direita do Taraocá à margem esquerda do Purús. Os caichanas ou cauixanas constituem igualmente uma família isolada de nível de cultura muito baixo. Dêles diz Spix. "O Tonantín é habitado pela tribu dos cauixanas, conhecidos por se alimentarem de jacaré. Ao meu aparecimento em suas moradas no mato, mostraram-se assustados no primeiro momento, mas logo saíram das cabanas os homens completamente nus e atrás deles diversas de suas mulheres e filhos, com os rostos salpicados de preto e vermelho, enfeitado com tiras de entrecasca e penas nos braços e pernas. Essas choças de tecto cônico são feitas com fôlhas de palmeiras e têm uma porta baixa pela qual a gente entra e sai de gatinhas. Homens, mulheres, crianças e cães ajuntam-se nessa morada escura e cheia de fumaça". Habitavam o Mamoré, perto das nascentes do Machupo.

tais, sociais e corporais. Os hábitos de trabalho, fidelidade e brandura de disposição dos Passés, sua docilidade e, pode-se acrescentar, sua beleza pessoal, especialmente das crianças e mulheres, tornaram-nos desde o início muito atraentes para os colonizadores portugueses. Por isso mesmo, foram aliciados em grande número, abandonando as aldeias e trazidos para Barra e outros povoados dos brancos. As espôsas dos governadores e oficiais militares da Europa sempre mostravam desejar ardentemente obter filhos dos Passés para seus empregados domésticos. As meninas aprendiam a coser, cozinhar, fazer rêdes, renda de bilros e outras prendas. Geralmente eram tratados com bondade, especialmente pelas famílias educadas dos povoados. É-me grato poder afirmar que nunca soube de um ato de violência praticado, de uma ou de outra parte, nas relações entre os colonos europeus e esta nobre tribo de selvícolas.

Sabe-se muito pouco dos costumes primitivos dos Passés. O modo de vida de nosso Pedro-uassú não differia muito do dos mamelucos civilizados, mas êle e seu povo se mostravam mais trabalhadores, eram mais francos, alegres e generosos no trato do que muitos mestiços. Estes tuchauas são capazes de dirigir os serviços de seus súditos, pois fornecem homens às autoridades brasileiras, quando requisitados; mas nenhum deles, mesmo os das tribus mais adiantadas, fazem uso de sua autoridade para enriquecimento; geralmente só exigem os serviços de guerra. Se a ambição dos chefes de algumas dessas tribus trabalhadoras se dirigisse para a aquisição de riqueza, teríamos provavelmente, no coração da América do Sul, nações indígenas civilizadas, semelhantes às que foram encontradas nos Andes do Perú e no México. E' muito provável que os Passés tenham desde cedo adotado muitas

maneiras dos brancos. Ribeiro (487), oficial português que viajou por estas paragens em 1774-5, e escreveu um relatório de sua viagem, conta que êles enterravam os mortos em grandes vasos de barro (costume ainda observado em outras tribus do Alto Amazonas) e que, para o casamento, os jovens conquistavam as espôsas em assinalados feitos de guerra. Refere também que possuíam uma cosmogonia, na qual a crença de que o sol era um corpo fixo, com a terra girando em tórno dele, era ponto proeminente. Diz, porém, que acreditavam em um Criador de todas as coisas e numa vida futura de recompensas e punições. Tais noções estão muito além das idéas de todas as outras tribus de indígenas e é tão pouco provável que tenham sido concebidas e aperfeiçoadas por povo sem linguagem escrita nem classes sedentárias, que devemos supor terem sido as mesmas recolhidas pelos dóceis Passés de algum dos primeiros missionários ou viajantes. Nunca achei nos Passés mais curiosidade ou atividade intelectual que nas demais tribus. Não há traços de crença em vida futura entre os índios que não tiveram muito intercâmbio com os colonos civilizados, e mesmo entre aqueles que estão em relações com os europeus, só alguns individuos de maior capacidade mostram qualquer curiosidade a este respeito. Seu espirito tardo parece incapaz de conceber ou sentir o desejo de uma teoria da alma, e das relações do homem com o Criador ou o resto da Natureza. Mas não acontece o mesmo com gentes inteiramente sem educação e isoladas, mesmo nas partes mais civilizadas do mundo? As boas qualidades dos Passés pertencem à parte moral do character: eles levam vida sem ambições, satisfeita e amavel, sossegada,

---

(487) O ouvidor do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que publicou o "Diário de Viagem que em visita e correção das Povoações da Capitania do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma, no ano de 1774 e 1775".



ordeira e doméstica, apenas quebrada por algumas bebedeiras acidentais e pelas excursões de verão. Não são tão astutos, enérgicos e senhoris como os Mundurucús, mas aprendem mais facilmente, porque são mais submissos que os Mundurucús ou qualquer outra tribo.

Partimos de volta para Ega às quatro da tarde. Nossos generosos hospedeiros encheram-nos de presentes. Quasi não havia lugar para nos sentarmos na canoa, pois aí tínhamos posto dez grandes feixes de cana de açúcar, quatro cestas de farinha, tres tâboas de cedro, uma pequena canastra de café e dois pesados cachos de banana. Quando já estávamos embarcados a velha veio trazer-me um presente de despedida, grande prato de mingau fumegante de banana. Era para eu comer na viagem, “para conservar o estômago quente”. Ambos ficaram parados no barranco, quando impelimos o barco para fora e nos deram seus adeuses — *Icuana Tupanarum* (Vão com Deus) — forma de saudação aprendida com os missionários Jesuitas. Tivemos viagem das mais desconfortáveis, pois Cardoso estava completamente embriagado e não fiscalisara o carregamento do bote. A carga tinha sido colocada muito na frente, e para tornar as coisas ainda piores, o meu pesado amigo insistiu em escanchar-se em cima da pilha em vez de tomar seu lugar perto da popa. De seu poleiro cantava as cantigas mais indecentes, sem preocupar-se com o incômodo de ter de abaixar-se quasi a cada minuto, para passar por baixo dos ramos e cipós, pois íamos bem depressa. A canoa fazia água, mas a principio não era de assustar. Muito antes do pôr do sol a escuridão começou a tornar-se mais densa nesses caminhos sombrios, e o nosso homem do leme não podia evitar de meter o bote de vez em quando numa moita. Da primeira vez que tal succedeu, quebrou-se a rodela (uma peça da

proa); da segunda vez ficámos imprensados entre duas árvores. Pouco depois deste último acidente, como estivesse sentado perto da popa, com os pés no fundo do bote, senti de repente a agua fria acima dos tornozelos. Alguns minutos mais e teríamos naufragado, pois se abriera um buraco em baixo da pilha de canas de açúcar. Dois de nós começámos e esgotar o barco e, pelos mais estrénuos esforços conseguimos mante-lo flutuando, sem ser preciso atirar fora nossa carga. Os índios foram obrigados a remar com extrema lentidão, para evitar fazer agua, pois a nossa proa estava quasi à flor; mas Cardoso não consentiu em mudar de lugar. O sol se poz, passou o rápido crepúsculo, e logo depois a lua começou a brilhar por entre o espêsso docel da folhagem. A perspectiva de ficar mergulhado nesta horrenda solidão não era das mais agradaveis, embora eu contasse com a possibilidade de nadar para uma árvore e achar bom abrigo na forquilha de algum grosso ramo, onde passasse a noite. Afinal, depois de quatro horas de enfadonho progresso, saímos de repente na largura do lago, onde o luar faiscava em larga esteira sôbre as aguas levemente encrespadas. Foi preciso ainda mais cuidado no remar. Os índios calcularam os seus impulsos com a maior habilidade; as luzes de Ega (os lampeões de azeite das casas) logo surgiram junto à muralha negra da mata, e em pouco tempo desembarcámos em paz e salvamento.

\* \* \*

Alguns meses depois da excursão que acabei de contar, acompanhei Cardoso em muitas outras pelo Solimões, nas quais visitámos as praias (ilhas arenosas), as lagoas de tartarugas nas matas, e os furos e lagos do grande rio deserto. Seu objetivo era principalmente

superintender o trabalho de cavar ovos de tartaruga dos bancos de areia, pois tinha sido eleito comandante por um ano, pelo conselho municipal de Ega, da praia real de Chimuní, uma das mais próximas de Ega. Há quatro destas praias reais no distrito de Ega (a uma distância de 150 milhas da cidade), todas elas visitadas anualmente pela gente de Ega para apanhar ovos e extrair óleo de suas gemas. Cada praia tem o seu comandante, cuja tarefa é arranjar as coisas de modo a assegurar a todos os habitantes uma probabilidade igual de apanhar ovos, colocando sentinelas para proteger as tartarugas durante a postura. As tartarugas quando estão no tempo da desova, descem das lagoas interiores para o Solimões em julho e agosto, antes que os furos sequem e buscam, em bandos incontáveis, suas praias favoritas, pois há poucas praias escolhidas por elas, entre as inúmeras existentes. Os animais novos ficam nas lagoas durante a estação seca. Estes lugares de criação das tartarugas ficam então vinte a trinta pés acima do nível do rio, e só são acessíveis, abrindo-se caminhos através da mata densa.

Em nossa primeira viagem, para visitar as sentinelas que protegiam as tartarugas na postura, partimos de Ega a 26 de setembro. Nossa embarcação era uma igarité solidamente construída, arranjada para dez remeiros, e tendo grande toldo arqueado na popa, sob o qual três pessoas podiam dormir muito confortavelmente. Ao descermos o estreito canal para a foz do Tefé, observei que as águas amarelas do Solimões corriam lentamente para dentro do lago, mostrando como nesta época a corrente do grande rio era mais cheia e mais forte que a do seu tributário. Chegados ao largo rio, descemos rapidamente, levados pela veloz correnteza de sueste, até a extremidade inferior da grande ilha

de Bariá, que aí divide o rio em dois grandes canais. A distancia era de umas doze milhas; a ilha de Chimuní fica no meio do canal de nordeste, e é atingida contornando-se a ponta da ilha de Bariá. Duas milhas mais abaixo, no rio largo, turvo e bravio, fica a pequena ilha de Curubarú, orlada, como as outras, por larga praia, mas não frequentada pelas tartarugas, por causa da natureza grosseira e saibrosa do depósito. Parece que as praias arenosas só se formam onde há remanso, e as ilhas cobertas de mata a que estão geralmente ligadas, provavelmente se originaram de acúmulos de areia.

Desembarcámos em Curubarú. Cardoso queria examinar os poços que aí há, como nas outras praias, entre o banco de areia e a ilha, para o peixe e as tracajás. O sol estava então quasi a pino, e a areia grosseira e aquecida pelo sol queimava-nos os pés. Caminhámos, ou antes trotámos quasi uma milha antes de chegar aos poços; não havia uma nuvem nem a mais leve brisa para moderar o calor do meio dia, e os índios que carregavam as redes de pesca sofriam muito. Quando chegámos aos poços a agua estava quente; as redes colheram apenas dois ou tres peixinhos, e assim fizemos fatigante jornada sem proveito.

Tornámos a embarcar e remámos para Chimuní, alcançando o começo da praia uma hora antes do pôr do sol. A ilha, propriamente, tem umas tres milhas de comprida por meia milha de larga; a floresta que a cobre atinge imensa altura uniforme, mostrando de todos os lados impenetravel muralha. Aqui e ali uma árvore singular, chamada pau mulato, (488) de tronco

---

(488) A designação pau mulato é dada a várias árvores de tronco muito liso e pardo esverdeado ou cõr de tijolo; há paus mulatos que são Leguminosas (*Peltogyne paniculata* e *P. paraxa*, também conhecidas como coataquissaua e *Apuleia molaris*, a muirajuba), Voquisiáceas (*Qualea ditizii*) Rubiáceas (*Calycophyllum spruceanum* e *Capitrona hubertianum*);

muito liso, verde-escuro, ergue-se altaneira no meio do maciço de vegetação. A praia arenosa, que ocupa a extremidade superior da ilha, estende-se por várias milhas e apresenta superfície irregular e fortemente ondulada, com depressões profundas e cristas. Quando em cima dela, a gente tem a sensação de que está percorrendo uma vastidão arenosa quasi sem limites, pois para sueste, onde não há linha de mata limitando a vista, a planície branca e ondulada se perde no horizonte. O canal de nordeste, que fica entre as areias e a margem do rio, tem pelo menos duas milhas de largura; o canal médio, entre as duas ilhas Chimuní e Bariá, tem pouco menos de milha.

Encontrámos as duas sentinelas alojadas em um canto da praia, justamente onde esta começa ao pé da grande mata; aí tinham construído pequeno rancho com varas e folhas de palmeira. E' preciso muita cautela para não perturbar as sensíveis tartarugas, as quais, antes de cavar a areia para a postura, reúnem-se em grandes bandos na praia. Os homens, durante esse tempo, tomam a precaução de não aparecer e avisam aos pescadores que querem passar perto desse lugar para que se afastem. Fazem fogo em depressões profundas, perto das orlas da floresta para que não se veja a fumaça. A passagem de um bote pelas aguas rasas onde se congregam estes animais, ou a vista de um homem ou de fogo na praia impediriam as tartarugas de deixar a água nessa noite para pôr os ovos, e se a causa de alarma se repete uma ou duas vezes, abandonam essa praia por um outro lugar mais sossegado. Logo que chegámos, os homens foram com as redes apanhar um pouco de peixe para o nosso jantar, e dentro de meia hora trouxeram quatro ou cinco grandes cestos

cheios de acará (489). O sol se poz pouco depois de nossa refeição estar cozida. Fomos obrigados a apagar o fogo e levar a ceia para o pouso de dormida, numa lingua de terra uma milha mais além; esta caminhada se fez necessária por causa dos mosquitos que enxameiam à noite na orla da mata.

Uma das sentinelas era índio taciturno, de aspecto rabugento, mas sóbrio e honesto, chamado Daniel; o outro era pequeno mameluco magricela, Carepira, figura muito conhecida em Ega por sua chocarrice, propensão para as bebidas fortes e por estar endividado com todos os negociantes. Ambos eram barqueiros e caçadores intrépidos, e ambos perfeitamente à vontade em qualquer parte dessas temerosas vastidões de mata e água. Carepira levava consigo o filho, menino sossegado de seus nove anos. Os homens construíram em poucos minutos pequeno telheiro, com quatro estacas direitas e fôlhas de canarana (490) sob o qual Cardoso e eu armámos nossas redes. Mas só fomos dormir depois de meia noite pois, uma vez acabada a ceia, ficámos deitados na areia, com uma garrafa de cachaça e passámos essas horas tranquilas ouvindo as histórias de Carepira.

Saltei da rede ao raiar da aurora, tiritando de frio. Uma praia é, por causa da intensa radiação de calor durante a noite, o lugar mais frio que se pode encontrar nesse clima, nas horas da madrugada. Cardoso e os homens já estavam espiando as tartarugas. As sentinelas tinham levantado para tal fim um estrado de cinquenta pés de altura, em árvore alta perto do sítio por elas visitado, e ao qual se subia por escada feita de

---

(489) Veja-se nota n.º 268

(490) Dão coletivamente essa designação a quasi todas as gramíneas higrófilas, dos géneros *Paspalum* e *Panicum*.

cipós. Ficavam assim capacitados, observando as tartarugas de sua torre de espreita, a verificar as datas das posturas sucessivas, e podiam guiar o comandante na fixação da data para o convite geral ao povo de Ega. As tartarugas põem os ovos à noite, deixando a água quando nada as perturba, e vão em vastos bandos arrastando-se para as partes centrais e mais altas da praia. Tais lugares são, forçosamente, os últimos a ser inundados quando, nas estações extraordinariamente chuvosas, o rio sobe antes que os ovos sejam chocados pelo calor da areia. A gente poderia ser levado a crer que os animais tinham premeditado a escolha do lugar; mas esta é simplesmente uma das muitas ocorrências em que os hábitos inconcientes dos animais têm o mesmo resultado da previsão conciente. As horas de maior atividade são entre a meia noite e a alvorada. As tartarugas cavam fundos buracos na areia fina com suas largas patas palmadas: a primeira que chega, em cada caso, faz uma cova de uns tres pés de profundidade, põe os ovos (cerca de cento e vinte) e os cobre de areia; a seguinte faz a postura por cima da que a antecedeu e assim por diante, até que a cova fica cheia. Um bando de tartarugas que frequenta a mesma praia leva a acabar sua postura quatorze ou quinze dias, mesmo quando não há interrupção. Terminada a operação a área por elas excavada (chamada pelos brasileiros *taboleiro*) se distingue o resto da praia apenas por leves sinais de ter sido a areia levemente mexida.

Ao levantar-me, fui ter com os meus amigos. Poucas lembranças da Amazónia são mais vívidas e agradáveis do que as desse passeio pelo mar branco da areia nessa fria manhã. O ceu era sem nuvens; o sol, que acabava de nascer, estava oculto por trás da escura massa de floresta de Chimuní, mas a longa linha de mata de oeste,

na Bariá, com suas decorações de pluma das palmeiras, era iluminada por seus raios horizontais, amarelos. O frouxo côro dos passaros canoros vinha afagar-nos o ouvido, cruzando as águas, e bandos de gaivotas e maçaricos gritavam lamentosamente nas margens onduladas da praia, onde seus ovos eram postos em ninhos feitos em pequenas covas na areia. Viam-se rastos de tartarugas desgarradas na superfície lisa e branca da praia. Os animais que assim se afastam do seu bando, pertencem de direito às sentinelas; tinham apanhado duas antes do sol nascer, e uma delas foi o nosso jantar. No meu passeio espantei alguns pares do pato selvagem côr de chocolate e pardo claro (*Anser jubatus*). (491) A alegria que se sentè ao caminhar por estes espaços livres e abertos é sem dúvida aumentada pela novidade do cenário, pois é muito grande a mudança para quem está habituado às paisagens monótonas da mata, que se mostra por toda a parte.

Ao chegar à orla da mata, subi ao estrada das sentinelas, justamente a tempo de ver as tartarugas que se retiravam para a agua do lado oposto da praia, depois da postura. O espetáculo valeu o incômodo de subir a balouçante escada. Viam-se a uma milha de distancia, a superfície da areia preta da multidão que se arrastava para o rio. A beira da praia era um pouco alcantilada, e todas pareciam cair na agua de cabeça para baixo.

Passsei a manhã de 27 colecionando insetos nas matas de Chimuní. À tarde ajudei meu amigo a bater um grande tanque, em busca de tracajás, pois Cardoso queria levar para casa um fornecimento. O tanque teria uma milha de comprimento, e estava situado de um

---

(491) Grande pato relativamente comum nos rios e lagos do interior desde as Gulanas até S. Paulo, conhecido em alguns pontos por marrecão e ganso (*Neochen jubata*).



dos lados da ilha, entre a mata e a margem. As areias acumulam-se muito curiosamente em redor destas coleções d'agua isoladas; no caso presente, formavam barranco quasi a pique de cinco a oito pés de altura. Não tenho a menor ideia da causa desta formação. Essas pequenas lagoas sempre contêm peixes, tartarugas, tracajás e aissuás (492), que aí ficam presos. O modo commum de apanhá-los é bater a água toda com varas, durante algumas horas do dia; êste tratamento provoca a saída dos animais. Mas eles esperam pela noite seguinte para sair. Nossos índios ficaram assim occupados durante muitas horas, e quando a noite baixou, puzeram-se, com as sentinelas, ao longo da beira d'água, de distância em distância, para estar prontos a capturar as fugitivas. Cardoso e eu, depois da ceia, fomos para a lagoasinha e tomámos nosso posto em uma das extremidades.

Mas afinal de contas não conseguimos apanhar muitos tracajás, depois de todo esse trabalho. Foi isto devido em parte à intensa escuridão da noite e em parte, sem dúvida, porque as sentinelas já estavam exaustas, apesar-de suas declarações em contrário. A espera dos animais é preciso ser feita em silêncio, o que não é modo agradável de passar a noite; apenas se cochichava, e estava-se sem fogo em lugar propicio a ser visitado por algum jaguar que andasse por ali. Cardoso e eu sentámo-os em um cômodo de areia, com as espingardas carregadas ao lado, mas estava tão escuro que difficilmente nos víamos um ao outro. À meia noite a tempestade começou a rugir em tôrno de nós. A leve brisa que soprava sôbre as águas, desde o pôr do sol, cessou completamente; no alto empilhavam-se den-

---

(492) Especímenes desta espécie de tartaruga estão rotulados na coleção do Museu Britânico como *Podocnemis expansa* (Nota do Autor)

sas nuvens, acabando por esconder todas as estrelas, e de vez em quando os raios cortavam a escuridão da noite. Sugeriu a Cardoso que já tínhamos esperado bastante, e lembrei um cigarro. Nesse momento ouvimos um passo apressado sobre a areia e, tomando das espingardas, puzemos-nos de pé. O quer que fosse, parecia ter passado a nosso lado e alguns momentos depois apareceu um vulto negro, movendo-se em outra direção do declive oposto do cômodo arenoso onde estávamos. Preparámo-nos para atirar, mas felizmente Cardoso tomou a precaução de gritar primeiro: "*Quem vem lá?*". Tratava-se da taciturna sentinela Daniel, que nos respondeu mansamente que ouvira uma raposa passar por nós. A raposa é uma espécie de cão selvagem, de focinho muito longo e pontudo, de pelos mosqueados de branco e preto (493). Daniel era capaz de distinguir todas as espécies de animais na escuridão, por seus rastos. Começou a tropejar e nossa posição estava ficando muito desagradável. Daniel não vira os outros índios e achava que era inútil esperar as tracajás. Mandámo-lo então chamar os outros e fomos o mais depressa possível para a embarcação. Passámos o resto da noite miseravelmente, como foram, aliás, muitas das minhas noites no Solimões. Desabou sobre nós furioso temporal; o vento levou as roupas e as esteiras que tínhamos fixado nas extremidades do toldo arquea-

---

(493) Só uma vez tive oportunidade de examinar um espécimen deste animal, provavelmente novo para a ciência. Pelo menos não consegui achar uma descrição já publicada que conviesse a esta espécie. O espécimen a que me referi foi tirado de uma toca das matas que orlam o Tefé, perto de Ega (*Nota do Autor*). Certamente refere-se Bates ao cachorro do mato de orelhas curtas (*Atelocynus microtis*) a respeito do qual escreve Cabrera: A raposa de orelhas curtas só foi encontrada até agora na margem sul do Amazonas, nos bosques que se estendem entre o alto Tapajós e o Ucaiale. É um dos mamíferos mais raros da América do Sul, considera-se feliz o museu ou jardim zoológico que possui um ou dois exemplares".

do da canoa, para nos abrigarmos, e a chuva escorria no ponto em que devíamos dormir. Aí ficámos os dois transidos, Cardoso e eu, esperando pela manhã.

Uma xícara de café forte e quente nos retemperou ao nascer do sol; mas a chuva continuava a cair, transformada agora em persistente molinha. Todos os nossos homens tinham voltado da lagoa, tendo apanhado apenas quatro tracajás. Terminada a incumbência, que trouxera até aí, Cardoso e eu voltámos para Ega, deixando uma vez mais as sentinelas na solidão das areias. Nossa viagem de volta teve lugar pelo canal de nordeste do Solimões, raramente percorrido, e pelo qual correm parte das águas de seu grande tributário, o Japurá. Viajámos durante cinco horas ao longo da desolada praia de Bariá, coberta de matas altas. O canal é de imensa largura, vendo-se a margem oposta como linha baixa de mata. Às tres da tarde dobrámos a extremidade superior da ilha, e cruzámos então para a foz do Tefé, por largo canal transversal, que corre entre Bariá e outra ilha chamada Quanará. Há pequena praia arenosa na ponta noroeste de Bariá, chamada Jacaré; parámos aí para jantar e depois pescámos de rede. Caía ainda uma chuvinha fina, e tivemos magnífico resultado, pois em tres lances apanhámos mais peixe do que podia conter convenientemente a nossa canoa. Eram de duas especies apenas, o surubim e a piarepieua (espécie de *Pimelodus*), (494) peixes muito bonitos, de quatro pés de comprimento, de cabeças achatadas, em forma de colher, e pele manchada e estriada.

Em nossa viagem de Jacaré para a boca do Tefé, tivemos pequena aventura com o jaguar negro. Re-

---

(494) Esse piarepieua deve ser corrutela de pirapeba, peixe ao qual já antes Bates faz referências. Sobre o surubim e a pi-rapeba ver a nota n.º 327.

mávamos rapidamente, passando por enseada alongada de lama seca, quando os índios se mostraram de repente muito excitados, gritando: "*Ecuí jauaretê, jauaripixuna*". (Olha o jaguar, o jaguar negro). Olhámos para diante e vimos o animal socegradamente bebendo à beira d'água. Cardoso imediatamente ordenou ao timoneiro que nos dirigisse para a praia. Quando desembarcámos, o tigre nos viu e dirigiu os passos para a mata. Sob o acicate do momento e sem pensarmos no que estávamos fazendo, tomámos das espingardas (a minha era uma espingarda de dois canos, um com carga BB e o outro com chumbo miudo) e atirámos. O animal aumentou sua velocidade, e alcançada a borda da mata, meteu-se no denso maciço de ervas de fôlhas largas que lhe formavam a fronteira. Espreitámos pela aberta que nele fizera, mas nossa coragem por esse tempo arrefecera, e não julgámos prudente penetrar nas brenhas atrás dele. O tigre negro (495) parece ser mais abundante que a onça pintada nas vizinhanças de Ega. O método mais seguro de encontrá-lo é ir à caça com um cordão de índios que gritam e espantam a caça adiante deles, nas estreitas restingas, durante a época da cheia, onde ficam isoladas pela inundação.

Chegámos a Ega por volta das oito horas da noite.

\* \* \*

No dia seis de outubro deixámos Ega em segunda excursão. Desta vez o principal objetivo de Cardoso era explorar algumas pequenas lagoas da mata, em bus-

---

(495) O tigre-negro dos viajantes estrangeiros, o iauari-pixuna dos indígenas é apenas a forma melânica do jaguar (*Panthera onca*), considerada em alguns pontos como mais feroz que a forma típica.

ca de tartarugas novas. A situação exata destes escondidos lençóis d'água só é conhecido de poucos caçadores práticos. Levámos conosco um desses homens de Ega, um mameluco chamado Pedro, e de passagem chamámos Daniel, em Chimuní, para servir de guia suplementar. Partimos da praia no dia sete, ao nascer do sol, em duas canoas com vinte tres pessoas, das quais dezenove eram índios. A manhã estava nublada e fria, e soprava vento fresco do lado de leste, contra o qual tivemos que lutar com toda a fôrça de nossos remos, ajudados pela correnteza. Os barcos jogavam muito desagradavelmente e faziam bastante água. Passada a ponta inferior do Chimuní, tínhamos diante de nós grande trecho do rio não dividido por ilhas: estendia-se ao longe, para sudoeste, magnífico lençol d'água. Mas a região da margem esquerda não é terra firme, e sim porção de terra aluvial que forma o extenso e complexo delta do Japurá. Todos os anos fica inundada no tempo das cheias, e percorrida por muitos canais estreitos que servem de desaguadouros para o Japurá, ou, pelo menos, estão ligados a este rio pelo sistema hidrográfico interior do Cupiió. Esta porção inhospita da região estende-se por várias milhas, e contém um sem número de pântanos e lagos, habitados por multidões de tartarugas, peixes, jacarés e serpentes aquáticas. Nosso destino era um ponto dessa costa, situado vinte milhas abaixo do Chimuní, e à curta distância da embocadura do Ananá, um dos muitos canais que ligam o Solimões com o Japurá. Depois de viagem de tres horas pelo meio do rio, rumámos para a terra e encalhámos em barranco muito ingreme, de terra frouxa, disposta em uma série de degraus ou terraços, marcando as várias paradas que fazem as águas do rio na vazante. A linha de costa era quasi reta numa extensão de mui-

tas milhas, e a altura média do barranco de trinta pés acima do nível do rio; no alto via-se a orla ininterrupta da mata. Ninguém adivinharia que existissem coleções d'água em terra tão elevada. Ao desembarcarmos, a primeira preocupação foi tratar do almoço. Enquanto dois rapazes índios faziam fogo, assavam peixe e faziam café, os outros subiram o barranco e começaram a abrir caminho na mata com os facões de caça. A lagoa, chamada Aningal, estava a uma milha de distância. Depois do almoço cortámos grande numero de pequenos toros de madeira, que foram postos atravessados no caminho, guindaram-se as tres leves montarias que tínhamos trazido conosco, puxando-as com cipós, e foram empurradas sôbre os toros de pau para ser postas na lagoa. Depois disso desembarcou-se grande rede, de umas setenta jardas de comprimento, que foi levada para lá. Encurtou-se o trabalho com rapidez, e quando Cardoso e eu chegámos ao sitio da lagoa, já encontrámos alguns dos índios mais velhos, inclusive Pedro e Daniel, entregues ao seu divertimento. Tinham subido a pequenos estrados, feitos de estacas e pranchas de madeira, amarradas com cipós, e d'aí atiravam com arco e flecha nas tartarugas que vinham à tona d'água. Parecia que os índios achavam que pescar as tartarugas com a rede, como Cardoso propuzera, não era esporte leal, e queriam antes ter uma ou duas horas da velha prática com suas armas.

A lagoa cobria uma área de quatro ou cinco geiras, e era completamente cercada pela floresta, a qual na pitoresca variedade e no agrupamento das árvores excedia quasi tudo o que antes vira. As margens, até certa distância, eram pantanosas e cobertas, de touceiras de

capim fino, chamado matupá (496). Em alguns pontos estas touceiras eram afogadas pelas samambaias e, por fora delas uma fila compacta de aruns arborescentes (497), que cresciam até à altura de quinze a vinte pés, formava verde palissada. Por fora de tudo estavam as árvores mais altas da mata; cecrópias de folhas palmadas; delgadas palmeiras de assaí, de trinta pés de altura, com suas copas delicadas, de fôlhas como plumas, coroando as hastes finas e levemente curvas; e como fundo a todas estas formas aéreas, erguiam-se as massas volumosas das árvores comuns da selva, com guirlandas, festões e cordoalhas de cipós verdes que lhes pendiam dos ramos. A lagoa tinha atualmente mais de cinco pés de profundidade, sendo que um pé não era de água mas de lama fina e mole.

Cardoso e eu passámos uma hora a remar. Eu estava pasmo da dextreza que os índios demonstravam em matar as tartarugas. Não esperavam que elas viessem à tona respirar, mas espreitavam os mais leves movimentos na água, que revelavam sua presença. Esses pequenos vestígios na água são chamados sirirí. Mal um era apercebido e logo uma flecha silvava do arco do homem mais próximo, e nunca deixou de perfurar a carapaça do animal submerso. Quando a tartaruga estava muito distante, naturalmente o alvo tinha que ser feito com elevação considerável, mas os índios atiradores preferiam maior alcance porque a flecha cai então mais perpendicularmente sôbre a carapaça e penetra mais profundamente.

---

(496) Parece que matupá não corresponda a uma espécie determinada mas seja designação coletiva para toda a vegetação de gramíneas aquáticas ou higrófilas, que cresce na beira dos lagos e marneis.

(497) Aningas.

A flecha usada para matar tartarugas tem robusta ponta de aço, em forma de lanceta, adaptada a uma cavilha que penetra na ponta da seta. A cavilha é presa à seta por um torçal feito de fibras de folha de ananás, caprichosamente enrolado em tórno do corpo da flecha. Quando o missivo entra na carapaça, a cavilha se destaca e o animal desce com ele para o fundo, deixando a seta a boiar na superfície. Feito isto, o caçador rema em sua montaria para o lugar e delicadamente puxa o animal pelo torçal, comprazendo-se em largar a rédea quando ela mergulha, até que é de novo trazida à superfície, quando a fere com segunda flecha. Com o auxílio de duas cordas não tem mais dificuldade em trazer para terra a presa. (498)

Até ao meio dia os homens tinham morto umas vinte tartarugas quasi adultas. Cardoso deu ordens então

---

(498) Tal flecha é, a sararaca, assim descrita por José Veríssimo em seu interessante e já raro livrinho sobre A pesca na Amazônia: "A sararaca compõe-se de tres partes, a flecha propriamente dita, empenada na parte superior ou cabeça, a qual tem o nome de "haste", o fuso ou suumba, de madeira, em geral de paracuuba (*Andira* sp.), embutido na extremidade inferior da haste, a espoleta ou virote, da mesma madeira, movel, no qual se encaixa a ponta, que nesta arma é em geral de aço, aguda, farpada, de 5 a 8 centímetros. A suumba está preso o virote por um fio fino, mas resistente, de 3 a 12 metros de comprimento, que se desenrola facilmente quando, com a ponta d'aço cravada no casco, mergulha e foge o animal. Esta linha ou fio é em geral de algodão ou linho de fabricação estrangeira e dão-lhe comumente, como a outros da mesma grossura que nas suas pescas utilizam, o nome genérico de cabinho. São entretanto melhores e preferidos os feitos na terra, por eles mesmos, de fibras de bromeliáceas, sobretudo as do curuá, não só por terem com menor peso maior resistencia, como por serem menos permeaveis, e se não ensopearem tanto como os de algodão ou linho.

Do facto do desenrolar automático do fio velo a esta arma o nome de sararaca, do verbo tupi-guaraní sará, desatar a corda, desprender, soltar e o seu frequentativo sarará, formando o gerundio, o que se desenrola, desenrolando. É a sararaca em geral mais curta que as outras flechas.

Como em geral todas as suas armas de pesca, não é a sararaca um objeto de fabricação grosseira. É ao contrário notavel o cuidado, o esmero, o apuro mesmo, com que é feita."



para que se lançassem as redes. A natureza esponjosa e alagadiça das margens tornava impossível tanto lançar a rede como arrastá-la depois para a praia. Por isso adotou-se outro meio. A rede foi segura por dois índios e estendida em curva numa das extremidades da lagoa, que era de forma oval, e depois mantida em posição por duas estacas verticais, fixas nas extremidades. A largura da rede era mais ou menos igual à profundidade da água, de modo que os pesos repousavam no fundo da água e as boias a sustinham na superfície, e o todo, quando se juntassem as duas extremidades, formaria perfeita armadilha. Os outros homens espalharam-se pelo alagadiço, do lado oposto da lagoa e começaram a bater as densas touceiras de matupá com fortes varas, procurando enxotar as tartarugas para o meio. Durou isto cêrca de hora e meia, a medida que os bate-dores cada vez mais se aproximavam uns dos outros, impelindo o bando de animais adiante deles. O numero de pequeninos focinhos que constantemente apareciam à flor d'água, mostrava que as coisas iam correndo bem. Ao aproximar-se da rede os homens andaram mais depressa, gritando e batendo com muita fôrça. As pontas das redes foram seguras por muitas mãos robustas e puxadas subitamente para diante, ao mesmo tempo que as procuravam unir, para encerrar todo o botim num círculo. Os homens saltaram todos para dentro do cercado, os barcos foram trazidos para junto e as tartarugas facilmente apanhadas à mão e postas dentro dos mesmos. Saltei com os outros, embora tivesse descoberto pouco antes que a lagoa fervilhava de sanguessugas vermelhas, horrendas, quadrangulares, pois vira abrindo caminho através das fendas da montaria, alguns destes *deliciosos* animais, que às vezes se agarram nas pernas dos pescadores, embora nesse dia não nos ti-

vessem incomodado. Cardoso, que ficara com as montarias, não poudo virar de costas os animais com a pressa desejada, de modo que muitos treparam na beirada e de novo se soltaram. Mas assim mesmo apanhámos umas oitenta no espaço de vinte minutos. Foram então levadas para terra, onde os homens as pearam, amarrando-lhes as pernas com embira.

Cheias as canoas duas vezes, demos por terminado o trabalho, depois de penoso dia. Quasi todos os animais eram jovens, devendo ter, segundo os cálculos de Pedro, de tres a dez anos de idades; seu comprimento variava de seis a dezoito polegadas e todas estavam muito gordas. Cardoso e eu nos alimentámos quasi exclusivamente delas durante alguns meses. Assadas no casco formam um dos mais deliciosos manjares. Estas tartarugas novas nunca migram com as mais velhas na vasante, deixando-se ficar nas lagoas tépidas, engordando a comer frutos caídos e, segundo os nativos, a lama fina muito nutritiva. Apanhámos algumas femeas adultas, que immediatamente se reconheciam porque os escudos córneos do plastão ventral tinham saído, mostrando que se tinham esfregado na areia para pôr os ovos no ano anterior. Evidentemente tinham errado, não deixando a lagoa na época propícia, pois estavam cheias de ovos, que teriam, antes do fim da estação, lançado no terreno pantanoso, em desespero de causa. Encontrámos também vários machos, ou capitarís, como são chamados pelos nativos. São imensamente menos numerosos que as fêmeas e se distinguem por seu tamanho muito menor, formato mais circular, e maior comprimento e espessura da cauda. Sua carne é considerada insalubre, especialmente para pessoas apresentando sinais externos de inflamações. Todas as doenças, como seus remédios e artigos alimentares, são classificados pelos

habitantes destes lugares como “quentes” e “frios”, e carne de capitari é posta, por consenso unânime, na lista das comidas quentes.

Jantámos nas margens do rio, pouco antes do pôr do sol. Os mosquitos começaram então a importunarnos e, vendo que era impossível dormir aqui, embarcámos todos e cruzámos o rio para uma praia arenosa, a tres milhas de distância, onde passámos à noite. Cardoso e eu dormimos em nossas redes, armadas em estacas verticais, enquanto o resto de nossa gente estendeu-se na areia, em roda de grande fogueira. Ficámos acordados, a conversar, até depois da meia noite. Era real prazer ouvir as histórias contadas por um dos mais velhos, pois eram ditas com muito espírito. As narrativas sempre se referiam a lutas com alguns animais intratáveis — jaguar, peixe boi ou jacaré. Ele empregava muitas interjeições e gestos expressivos, e no fim vinha de repente um — “Pá! terra!”, quando o animal era vencido por um tiro ou uma pancada. Contaram-se muitas histórias misteriosas do boto (como chamam ao grande golfinho do Amazonas). Uma delas falava do costume que tinha o boto de tomar as formas de bela mulher, de cabelos soltos, chegando até aos calcanhares, e que caminhava à noite pelas ruas de Ega, para seduzir os rapazes e levá-los para a água. Se algum se enamorava e a seguia até à beira d’água, ela abarcava sua vítima pela cintura e mergulhava nas ondas com um grito triunfante. Nenhum animal do Amazonas é assunto de tantas fábulas como o boto; mas é provavel que estas não tenham sido inventadas pelos índios mas pelos colonizadores portugueses. (499) §6

(499) Entre as lendas a respeito do boto são mais comuns as que o dão, como diz José Veríssimo, como uma espécie de D. Juan fluvial. Sob a sua forma feminina confunde-se com a ulara. Eis o que nos conta Raimundo Moraes, concordando com a ori-

depois de muitos anos consegui que um pescador harpoasse botos para mim, pois ninguém mata estes animais voluntariamente, embora sua gordura forneça excelente azeite para as candeias. O povo supersticioso acredita que o emprego desse óleo nas candeias traria a cegueira. Afinal consegui o que queria com Carepira, oferecendo-lhe boa paga, num momento em que as suas finanças estavam muito por baixo; mas ele amargamente se arrependeu dessa façanha, declarando que a sua sorte o tinha abandonado desde esse momento.

No dia seguinte batemos de novo a lagoa. Embora tivéssemos a prova de haver ainda grande número de

---

gem ibérica das duas lendas: "A Iara, filha certamente da exaltação marítima do Ibero lido em Homero, modelada nas serenas irresistíveis de Ulisses, fundador mitológico de Lisboa, é o espantalho do homem destas plagas. Metade mulher, metade peixe, lindos cabelos compridos, busto cheio, cauda de escamas multicores, a formosa ninfa vive nas margens dos igarapés, nas bordas dos lagos, nos taludes dos rios seduzindo os tapulos, encantando-os e carregando-os para o fundo. Sempre que desaparece um rapaz, perdido ou morto, atribue-se a desgraça aos ardis apaixonados da Iara. Em forma de lontra, no perfil da garça, sob as penas da cigana, surpreende o imprudente e leva-o para os seus domínios, lá nos pântanos profundos, onde os palácios de coral, recobertos de ouro, cravejados de safiras, enfeitados de algas, fazem as delícias dos que se deixam conduzir por aquela traíçoira daldade. O boto, especie de toninha dos mares frios, vermelho ou bruno de pele, é, por sua vez, o flagelo das donzelas, das casadas e das viúvas. De quando em quando, ferida no coração, esquecendo pai, mãe, irmãos, a família toda, uma cunhatã, ao bater agourento da meia noite, é arrastada pela voz penetrante do monstro que, transformado num joven príncipe de espada à cinta, pluma no chapéu, gola dos Médicis, punhos de renda, dedilha o bandolim sentado num tronco da ribanceira. A moça comovida, deslumbrada ante figura tão distinta, atrai-se aos braços do mancebo, até que a aurora, em diluída cõr de opala e rosa comece a destacar das sombras e contorno das coisas. Vê então a rapariga, com espanto, que os pés de seu amante apresentam os calcanhares voltados para a frente. Percebe ter sido vítima do demónio das águas e, aterrada, num lampejo fugidío da memória, recapitula os prudentes conselhos maternos. Ao gritar espavorida, olhos fora das órbitas, pedindo socorro, o galã, tresandando a pitidã, dá um pulo e mergulha na corrente para, logo, traíndo a identidade, vir à tona mostrar o focinho vermelho e soprar zombeteiro um jato d'água na direcção da infeliz. Em torno da canoa de guarnições ou passageiros femininos, os malditos botos, aos pares, aos bandos, bolam, fungam, saltam, mostrando o dorso e as formas, na faceirice magnetisadora da conquista".

tartarugas, tivemos muito pouco successo. Os índios velhos nos tinham dito que assim aconteceria, pois as tartarugas eram ladinas e não tomariam conhecimento das batidas do segundo dia. Quando a rede se fechou em círculo e os homens pularam para dentro, viu-se que aí ficara preso um jacaré. Ninguém se alarmou, pois o único receio foi de que ele estragasse a rede. Primeiro um grito: "*Agarrei a cabeça*". E logo outro: "*Ele arranhou minha perna*". Um dos homens, miranha magro, perdeu o equilibrio e então foi um nunca acabar de gritos e gargalhadas. Afinal um rapaz de seus quatorze anos, obedecendo ao que eu lhe aconselhava da margem, agarrou o reptil pela cauda com firmeza até que, vencendo a resistência que lhe opunha o animal, conseguiu trazê-lo para terra. — Abriu-se a rede e o rapaz arrastou pela água lamacenta, numa distância de cem jardas, a fera perigosa mas covarde. Nesse ínterim eu tinha cortado de uma árvore robusta vara, e logo que o jacaré foi puxado para terra firme, dei-lhe forte pancada no alto da cabeça e o matei instantaneamente. Era individuo de bom tamanho; as maxilas tinham bem mais de um pé de comprimento, bem capaz de quebrar ao meio uma perna humana. A especie era o jacaré-uassú dos indios da Amazónia (*Jacare nigra*) (500).

No terceiro dia mandámos nossos homens pescar tartarugas em outra lagoa maior, cinco milhas mais abaixo no rio, e no quarto voltámos para Ega.

Vou contar aqui alguns casos referentes ao grande jacaré, os quais, como o que acabo de referir, servem para illustrar a esperteza, covardia e ferocidade deste réptil.

---

(500) Atualmente o grande jacaré constitue sosinho um género à parte e seu nome é *Melanosuchus niger*.

Até agora tive poucas oportunidades de falar nos jacarés, embora eles se encontrem aos miríades nas aguas do Alto Amazonas. Os naturais falam em muitas especies diferentes. Eu só vi tres, e destas só duas são comuns: uma, o jacaretinga, especie pequena (de uns cinco pés, quando completamente desenvolvido), tem um focinho longo e delgado e a cauda com faixas negras; a outra é o jacaré-uassú, da qual tratam especialmente estas notas; e a terceira é o jacaré-curuá, mencionado no capítulo anterior. (501) O jacaré-uassú chega até dezoito a vinte pés, e atinge enorme volume. Como as tartarugas, o jacaré tem suas migrações anuais, pois se retira para as lagoas do interior e florestas inundadas durante a estação da cheia, e desce para o rio durante a estação seca. Nos meses da cheia é, portanto, muito difficil de ver um único individuo no Solimões. Na parte média do Baixo Amazonas, perto de Óbidos e Vila Nova, onde muitos dos lagos, com os seus canais de comunicação, secam durante os meses sem chuva, o jacaré enterra-se na lama e fica estivado, a dormir até que volta a estação das chuvas. No Alto Amazonas, onde nunca é excessiva a estação, êle não tem êste hábito e se conserva ativo o ano inteiro. Não é exagero dizer que as águas do Solimões são tão ricas em grandes jacarés, durante a estação sêca, como qualquer poça na Inglaterra em girinos, durante o verão. Numa viagem de cinco dias, que fiz em vapor do Alto Amazonas, em novembro, víamos quasi a cada passo os jacarés ao longo da costa, e os passageiros divertiam-se

---

(501) As tres espécies referidas por Bates estão hoje em tres gêneros distintos e são respectivamente: o jacaretinga *Caiman sclerops*; o jacaré-assú *Melanosuchus niger* e o jacaré-curuá (ou curubana) *Jacaretinga trigonatus*. Encontram-se mais na Amazonia o jacaré-de-papo amarelo (*Caiman latirostris*) e o jacaré comum em todo o resto do Brasil *Jacaretinga palpebrosus*.

em matá-los à bala de rifle. Eram muito numerosos nas enseadas tranquilas, onde as chusmas amontoadas se entrechocavam, fazendo ouvir o ruído áspero de suas cotas de malha, quando o vapor passava.

Os nativos, ao mesmo tempo que despresam, temem o grande jacaré. De uma feita passei um mês em Caiçara, pequena aldeia de índios semi-civilizados, a vinte milhas a oeste de Ega. Meu hospedeiro, o único branco do lugar, e dos meus melhores e mais constantes amigos, senhor Inocência Alves Faria, certa vez me propoz meio dia de pesca a rede no lago — expansão do pequeno rio onde a aldeia está situada. Partimos em canoa aberta, com seis índios e dois dos filhos de Inocência. As águas tinham baixado tanto, que a rede foi dobrada ao meio pelos índios, e no primeiro lance trouxemos dois jacarés de tamanho médio para terra. Foram desembaraçados e, com a mais fria indiferença, deixaram que voltassem para a água, embora duas crianças aí estivessem brincando, a poucas jardas de distância. Continuámos a pescar, prestando-nos mútuo apoio, e em cada lance apanhávamos certo número de reptéis de diferentes idades e tamanhos, alguns dos quais eram jacaretingas. O lago fervilhava de jacarés. Depois de apanharmos grande quantidade de peixe (eu me dei ao trabalho de contar as diferentes espécies e vi que não havia menos de trinta e cinco), preparámos-nos para voltar e os índios, por sugestão minha, agarraram um dos jacarés, com a intenção de soltá-lo entre os bandos de cães da aldeia. Escolheu-se um indivíduo de oito pés de comprimento. Um homem agarrou-o pela cabeça e outro pela cauda, enquanto um terceiro tomou de algumas braças de uma liana flexível, e amarrou as maxilas e as patas. Assim amarrada, a fera foi deitada sobre os bancos onde nos sentámos durante a hora

e meia de viagem para a povoação. Estávamos um pouco amontoados, mas nosso amavel passageiro não nos deu nenhum incômodo durante o caminho. Chegados à aldeia, puzemos o animal no meio da praça, diante da igreja, onde os cães estavam reunidos, e aí lhe demos liberdade, dois de nós armados de longas varas para impedirmos que fosse para a água e os outros açularam os cães. O jacaré demonstrou grande terror, embora os cães não avançassem, e procurou fugir para a água a toda pressa, caminhando de pés espalhados como os patos. Tentámos fazê-lo voltar com as varas, mas ficou enraivecido e mordendo a que eu segurava, quasi a arrancou de minhas mãos. Fomos obrigados, afinal, a matá-lo, para evitar que fugisse.

Estes pequenos incidentes mostram a timidez e covardia do jacaré. Nunca ataca o homem, quando sua pretensa vítima está atenta, mas é bastante esperto para conhecer o momento em que o pode fazer com impunidade. Poucos dias depois tive a prova disto em Caiçara. O rio descera a ponto muito baixo, de modo que o porto e sítio de banhos da aldeia estava agora ao pé de longo barranco ingreme, e grande jacaré fez seu aparecimento nas águas rasas e lamacentas. Eramos obrigados a tomar cuidado quando nos banhávamos. Quasi toda gente se contentava em usar uma cabaça, com que despejava água no corpo, ficando na beira do rio. Grande embarcação de carga, de propriedade de um negociante de Barra, chamado Soares, aí chegou e a tripulação de índios, como de costume, passou os dois primeiros dias em terra na bebedeira e no deboche. Um dos homens, nas horas mais quentes do dia, quando quasi todos estavam dormindo a sesta e completamente embriagado, deu-lhe na veneta de ir sosinho tomar banho. Só foi visto pelo Juiz de Paz, pobre velho que estava deitado



na rede, na varanda aberta que ficava atrás de casa, no alto do barranco e que gritou ao índio doido que tomasse cautela com o jacaré. Antes que pudesse repetir o aviso o homem tropeçou, e um par de mandíbulas abertas, aparecendo de repente acima da tona d'água, fecharam-se em torno da cintura e o arrastaram para baixo d'água. Um grito de agonia *Ai Jesus* foi o último sinal dado pela angustiada vítima. Toda a aldeia despertou; os rapazes, com louvável prontidão, apanharam seus harpões e correram barranco abaixo; mas era muito tarde; um rasto sinuoso de sangue à flôr d'água foi tudo o que puderam ver. Mas embarcaram nas montarias, determinados a tomar vingança; descobriram a pista do monstro e quando, depois de curto lapso de tempo, veio à tona respirar (com uma perna do homem segura entre os dentes) foi morto com acerbas maldições.

\* \* \*

A última das pequenas excursões que vou narrar (mais uma vez em companhia do senhor Cardoso, com o acréscimo de sua caseira, senhora Felipa), foi realizada na época em que toda a população das aldeias sai para cavar ovos de tartaruga, e passar o tempo em festas nas praias. Pregaram-se cartazes nas portas da igreja de Ega, anunciando que a excavação no Chimuní começaria no dia 17 de outubro, e no Catuá, sessenta milhas abaixo do Chimuní, no dia 25. Saímos a 16, em nossa afamada igarité, e em caminho passámos por grande número de gente, homens, mulheres e crianças, em canoas de todos os tamanhos, dirigindo-se para o grande dia de festa da apanha. Na manhã de 17 já havia umas 400 pessoas reunidas à beira da praia. Ca-

da família levantara um telheiro temporário, com estacas e folhas de palmeiras, para proteger-se do sol e da chuva. Viam-se, espalhados pela areia tachos de cobre, para o preparo do óleo e centenas de vasos de barro vermelho.

A excavação do taboleiro, apanha dos ovos e purificação do óleo tomavam quatro dias. Tudo se fazia segundo o sistema estabelecido pelos antigos governadores portugueses, provavelmente há mais de século. Primeiro o comandante tomou os nomes de todos os chefes de família, com o número de pessoas que cada qual pretendia ocupar na excavação, cobrando a taxa de 140 réis (cerca de quatro dinheiros) por cabeça, para indenizar os gastos com as sentinelas. Permittia-se então que todos fossem para o taboleiro. Dispuzeram-se em largo círculo, cada pessoa armada de um remo, para ser usado como pá, e a um sinal dado por ordem do comandante, (o rufar dos tambores) todos começaram a cavar. Era aspecto animado apreciar o largo círculo de cavadores rivais, levantando nuvens de areia em seu enérgico trabalho, e caminhando gradativamente para o centro do anel. Repousaram um pouco durante as horas mais quentes do meio dia, e à tarde os ovos foram levados em cestas para as cabanas. No fim do segundo dia o taboleiro estava exgotado: Viam-se grandes pilhas de ovos, algumas de quatro e cinco pés de altura, ao lado das choupanas, e que representavam o resultado da tarefa da família.

Na pressa de cavar, escapavam alguns dos ninhos mais profundos; para encontrá-las vai a gente com longa varinha de madeira ou de aço experimentando a areia, e a presença dos ovos é descoberta pela maior ou menor facilidade com que entra a ponta na areia. Quando não há mais ovos a encontrar, começa o processo da

mistura. Os ovos, como devemos lembrar, têm a casca coriácea e flexível; são completamente esféricos e maiores que os de galinha. Todo o amontoado é posto dentro de uma canoa vazia e mexido com forcados de madeira; mas às vezes índios e meninos nús pulam para dentro da massa e a pisam com os pés, melando-se de gema e espalhando em tórno a sujeira que se pode imaginar. Terminada essa parte, põem água na canoa, e deixam que a mistura gordurosa seja aquecida pelo calor do sol durante algumas horas, durante as quais o óleo se separa e sobe à superfície. O óleo que sobrenada é então escumado com longas colheres, feitas de grandes conchas de mariscos, presa na ponta de varas, e purificado ao fogo em tachos de cobre.

A destruição feita todos os anos dos ovos de tartarugas é enorme. Exportam-se pelo menos 6000 jarras de tres galões de óleo, todos os anos, do Alto Amazonas e do Madeira para o Pará, onde o mesmo é usado na iluminação, para frigir peixe e outros misteres. Pode-se calcular francamente que mais duas mil jarras sejam consumidas pelos habitantes das aldeias do rio. Ora, são precisos pelo menos doze cestos de ovos (cerca de seis mil) para fazer-se uma jarra de óleo, graças ao desperdício do processo empregado. O número de ovos anualmente destruídos sobe, portanto, a quarenta e oito milhões. Como cada tartaruga põe cerca de 120 ovos, conclue-se que é destruída anualmente a descendência de quatrocentas mil tartarugas. Escapa, contudo, grande número, que passa despercebido; e estas provavelmente seriam suficientes para conservar a população de tartarugas destes rios, se o povo não seguisse a prática destruidora de espreitar os jovens recém-nascidos e apanhá-los aos milhares para comer, pois sua carne macia e os restos de vitelo que ficam em suas entranhas são

considerados delicioso manjar. Os principais inimigos naturais das tartarugas são os urubús e jacarés, que devoram os filhotes, quando estes descem em magotes para a água. Devem ter destruído um número imensamente maior antes dos colonos portugueses terem começado a apropriar-se dos ovos. Mas é muito duvidoso que essa perseguição natural tivesse ação tão efetiva, inibindo o aumento de tartarugas, como o faz atualmente a destruição artificial. Se dermos crédito às tradições dos índios, aquela era muito menos eficiente, pois dizem que antigamente as águas fervilhavam de tartarugas em número igual ao de mosquitos no ar. A opinião geral dos moradores do Alto Amazonas é que a tartaruga tem diminuído muito e que continua decrescendo de ano para ano. (502)

\* \* \*

Deixámos Chimuní no dia vinte, com toda a flotilha de canoas e descemos o rio para Catuá, onze horas de viagem a remo, a favor da correnteza. Catuá tem seis

---

(502) Depois as coisas ploraram muito. Já em 1863 escrevia o major Silva Coutinho: "Modernamente nenhuma destas prescrições mais é respeitada. As tartarugas são caçadas e perseguidas já durante a arribação. Um grande número destes quelônios espantados deposita, durante uma cega e precipitada fuga, os seus ovos em lugar não apropriado, abandonando-os assim pela razão exposta a uma perdição certa. Se hoje em dia uma cova com ovos ainda escapa através de todas estas influências destrutivas, pode-se chamar já um acaso assás raro. Faz alguns anos a Assembléa Provincial do Amazonas resolveu, a bem da protecção das tartarugas, fortemente ameaçadas na sua existência, a reintrodução legal das anteriores regras convencionais. Mas o resultado não correspondeu ás bem intencionadas esperanças do governo legislativo provincial: a culpa disto cabe aos inspetores encarregados da fiscalização e colheita dos ovos. Por diversas vezes nomeou-se, oficialmente, um "inspetor de praia" mas este era o primeiro a dar ruim exemplo por sua venalidade, corrupção e ganância". Atualmente a grande tartaruga está em declínio cada vez maior, ameaçada de extinção.

milhas de extensão, e é quasi completamente cercada pela praia. As tartarugas tinham escolhido um sitio que estava atualmente a vinte pés acima do nivel actual do rio; os animais, para chegar até lá, devem ter subido um declive. Quando nos aproximámos da ilha, viam-se numerosos animais vindo à tona para respirar, em pequena enseada rasa. Os que tinham montarias ligeiras, avançavam para mata-los de arco e flecha. Carc-pira foi o primeiro; tendo pedido emprestado um barco pequenino e muito leve de Cardoso, embarcou com o filhinho. Depois de apanhar um par de tartarugas e quando estava guindando a terceira perdeu o equilíbrio; a canoa virou e ele e o filho tiveram de nadar para salvar as vidas, no meio de numerosos jacarés, quasi uma milhá para a terra. O velho teve de suportar uma saraivada de pilhérias dos companheiros ainda durante alguns dias depois de seu desastre. Tais accidentes são apenas motivo de riso para esta gente quasi anfíbia.

O número de pessoas congregadas em Catuá era muito maior que no Chimuní, pois se juntara a população das margens de vários lagos vizinhos. A linha de cabanas e telheiros estendia-se por meia milha, e havia aí fundeados vários grandes barcos à vela. O comandante era o senhor Macedo, o ferreiro índio de Ega, ao qual já me referi, e que manteve excelente ordem durante os quatorze dias que durou o processo de excavação e manufatura do óleo. Havia também aqui muitos índios primitivos, vindos dos rios vizinhos, entre os quais uma família de Chumanas gente afavel e inofensiva de Baixo Japurá. Todos eles eram tatuados em roda da boca, e a tinta azul formava uma orla para os labios e se estendia pelas faces até às orelhas. Não eram de aspecto tão esbelto como os Passés da família

de Pedro-uassú, mas suas feições se desviavam do tipo indígena ordinário quasi tanto como as dos passés. Via-se isto principalmente na boca relativamente pequena no queixo pontudo, nos lábios delgados e no nariz alto e afilado. Uma das filhas, mocinha de seus dezessete anos, era realmente linda. A cor da pele aproximava-se do tom trigueiro claro das mulheres mamelucas, o rosto quasi sem defeitos e a boca azul, em vez de a desfigurar, dava um que de cativante ao seu semblante. Pescoço punhos e tornozelos estavam enfeitados de fierras de contas azuis. Mas era excessivamente acanhada, nunca se aventurando a olhar de frente os estranhos e nunca saindo por muitos minutos de perto do pai e da mãe. A família tinha sido ignominiosamente roubada por algum negociante vilão de outra praia. Quando chegámos o pai veio expor o seu caso ao senhor Cardoso, como delegado de polícia do distrito. O modo brando pelo qual o velho, sem nenhum sinal de cólera, fez a sua queixa em um Tupi estropiado, atraíram todas as nossas simpatias em seu favor. Mas Cardoso não lhe podia dar remédio. Convidou, porém, a família a fazer o seu rancho perto do nosso, e no fim pagou-lhe o preço mais alto pelo excesso de óleo que prepararam.

Em Catuá nem tudo era trabalho; havia de fato muito mais pagodeira que lida. A gente fazia uma especie de feriado em tais ocasiões. Todas as noites limpas, moças e rapazes se reuniam na praia e danças e jogos se prolongavam pela noite a dentro. Mas a necessária vivacidade para tais divertimentos nunca vinha sem boa dose preliminar de aguardente. As moças eram tão envergonhadas que os rapazes não conseguiriam pares suficientes sem lhes dar alguns goles da indispensavel cachaça. A frieza das espantadiças senhoras índias e mamelucas nunca deixava de desaparecer depois de

um pouco dessa bebida forte, mas era espantosa a quantidade imensa que podiam beber durante o decurso de uma noite. O acanhamento nem sempre é sinal de inocência nessa gente, pois a maioria das mestiças do Alto Amazonas têm uma pequena carreira de leviandade, antes de casar e tomar assento na vida; e é notavel que os homens nada vejam de mais que suas esposas tenham tido um ou dois filhos de pais diferentes antes de casar. As mulheres só perdem a reputação quando se tornam totalmente depravadas, mas neste caso são severamente condenadas pela opinião pública. Mas a depravação é rara, pois todas precisam ser mais ou menos cortejadas antes de entregar-se. Nunca assisti nas praias a qualquer quebra de decência (embora eu sempre estivesse imiscuído com toda liberdade entre os moços). Os divertimentos eram realizados perto dos ranchos, onde os cidadãos mais graves de Ega, os maridos com as esposas e as filhas moças, fumando gravemente os longos cachimbos, sentados nas redes, assistiam a brincadeira. À meia noite ouvíamos frequentemente, entre risos e galhofadas, o surdo bramir das onças que rondavam pela mata, no meio da praia. Havia sempre entre os moços varios tocadores de viola e um rabequista mais perseverante, de modo que não faltou música.

O divertimento favorito era a pira-purasseia ou dança do peixe, um dos jogos originaes dos índios, embora atualmente um pouco modificada. Rapazes e moças, misturados, faziam roda, deixando um no meio, que representa o peixe. Marchavam todos em redor, em fila indiana, os músicos no meio dos outros, e cantava côro monótono mas agradável, cuja letra era inventada (sob uma certa forma) por um do bando que atuava como chefe. Acabada a cantiga, todos se davam as mãos e se perguntava à pessoa que estava no meio que quali-

dade de peixe podia ser. A tais perguntas o do meio tinha que responder e depois corria para a roda, procurando fugir, e se conseguia escapar, a pessoa culpada ia para o seu lugar. Marcha e cômico recomeçavam e a brincadeira durava horas e horas. O tupí era a língua mais usada, mas às vezes também se cantava e falava em português. Os detalhes da dança variavam às vezes. Em vez dos nomes dos peixes serem dados pela pessoa do centro, dava-se o nome de algum animal, flor ou outro objeto a cada novo ocupante. Havia boa oportunidade para demonstrar inteligência na invenção dos apelidos, e frouxos de riso saudavam algum epíteto particularmente feliz. Assim um rapaz muito magro foi chamado o magoarí; um homem úmido, de olhos garços e de perfil que lembrava comicamente o de um peixe, foi batizado jaraquí (503) especie de peixe, e que foi considerada a melhor saída; uma mocinha mameluca, de olhos claros e cabelos castanhos, recebeu o galante nome de rosa-branca; um rapaz que recentemente chamuscara as sobancelhas pela explosão de um foguete, foi alcunhado Pedro queimado. Em resumo, todos receberam sua alcunha, e de cada vez o cognome era introduzido na cantiga, quando todos marchavam à roda.

Os portugueses e brasileiros que moram nas cidades de Baixo Amazonas diziam que havia nestas reuniões rústicas das praias de tartarugas do Alto Amazonas muita desordem e toda sorte de imoralidade. Posso apenas afirmar que nunca vi tal coisa nas ocasiões a que assistí. Mas devo acrescentar que não havia presentes os mercadores das partes *civilizadas* para darem

---

(503) O jaraquí é um peixe da família Characínidae que vive em grandes cardumes e muito comum em toda a bacia amazônica, pertencendo ao mesmo gênero que as curimatãs; é o *Prochilodus binotatus*.



os maus exemplos. Os índios criados nas cidades e os mestiços podem tornar-se desordeiros e rixentos, como a gente sem educação de qualquer parte, quando cheios de bebidas intoxicantes. Quando os mercadores portugueses, que são certamente inferiores a estes rústicos a quem desprezam, chegam às praias, seduzem as mulheres e embriagam os índios com cachaça, para roubar-lhes o óleo. Tais procedimentos, forçosamente, dão lugar a desordens. Não houve nenhum destes *brilhantes* exemplos da civilização superior da Europa na assistência de Catuá. Os patrões conservaram seus índios sob estrita fiscalização; os moços divertiram-se com toda inocência, e a sociabilidade foi geral em todas as classes e cores.

Nosso rancho era grande, e fôra erguido no mesmo alinhamento dos outros, perto da orla da praia, que descia quasi abruptamente para a água. Durante a primeira semana foram todos mais ou menos incomodados pelos jacarés. Meia duzia deles, bem desenvolvidos, estavam agrupados perto da praia, boiando na água mansa e lodosa. A secura do tempo aumentara, depois que deixáramos Chimuní, as correntes tinham afrouxado e o calor do meio dia era quasi insuportavel. Mas ninguém podia descer a tomar banho, sem ser atacado por um ou outro destes monstros famintos. Havia muito rebotalho atirado no rio e isso naturalmente os atraía para o sítio. Certo dia eu me diverti em apanhar um cesto cheio de pedaços de carne, fora da linha dos ranchos e atrair a mim os jacarés, dando-lhes de comer. Eles se comportaram como o fazem os cães quando recebem comida; apanhavam os ossos que eu lhes atirava nas imensas fauces, e se aproximavam e mostravam mais ávidos depois de cada bocado. A enorme abertura de suas bocas, com as gengivas de um vermelho sangui-

neo e as longas filas de dentes, bem como a forma extravagante de seus corpos formavam um todo de insuperável fealdade. Uma ou duas vezes atirei pesada carga de chumbo, visando a parte vulnerável do corpo, que é pequeno espaço entre os olhos, mas eles apenas davam grunhido rouco e se sacudiam. Imediatamente depois voltavam a receber outros ossos que eu lhes atirava.

Cada dia estes visitantes se tornavam mais atrevidos; afinal chegaram a tal grau de impudência que eram intoleráveis. Cardoso tinha um cãozinho chamado Carlito, que certo viajante agradecido, a quem ele cumulava de gentilezas, lhe mandara do Rio de Janeiro. Ele tinha orgulho de seu cachorrinho, conservando-o bem tosquiado e com o pelo mais alvo que era possível, lavando-o com água e sabão. Dormíamos nas redes armadas nos pilares externos do rancho; no meio se acendera grande fogueira (alimentada com uma madeira abundante nas margens do rio e que se conserva acesa a noite inteira), ao lado da qual dormia Carlito em pequena esteira. Certa noite acordei com grande alarido. Era Cardoso que brandia uma acha de lenha acesa, e dizia improperios a grande jacaré que se arrastara pelo barranco e passara por baixo de minha rede para o lugar onde estava deitado Carlito. O cão dera alarme a tempo; o réptil recuou e despencou-se do barranco na água; as chispas dos tições que lhe tinham arremessado saltavam de sua pele ossea. Com grande surpresa nossa o animal (supomos que fosse o mesmo individuo) repetiu a visita na noite seguinte, desta vez passando pelo outro lado de nosso telheiro. Cardoso estava acordado, e meteu-lhe um harpão, mas sem lhe causar perda. Depois disto julgou-se necessário fazer esforço para afastar os jacarés. Convencemos então al-

guns homens a que tomasse as montarias e destinassem um dia a matar jacarés.

Os rapazes fizeram algumas caçadas durante quatorze dias de nossa estadia em Catuá, aos quais me associei com todo prazer, tomando parte nas mesmas. Eram estas as únicas ocasiões em que pude acrescentar alguma coisa a minhas coleções nestas areias desertas. Só duas destas excursões tiveram incidentes que mereçam ser contados.

A primeira, que teve lugar nas matas do interior da ilha de Catuá, não foi muito bem sucedida. Éramos doze, todos armados de espingardas e compridos facões. Muito antes do nascer do sol, os meus amigos me acordaram em minha rede, onde eu dormia, como de costume, com as roupas que usava durante o dia. Depois de cada qual tomar um copo de cachaça e genebra (prática muito geral pela madrugada nas praias), começámos nossa marcha. A lua pálida ainda brilhava no céu claro e uma quietação profunda envolvia o campo adormecido, a floresta, o rio. Ao longo da linha dos ranchos brilhavam os fogos feitos pelas famílias para assar os ovos de tartaruga, postos em pequenos girais de madeira sôbre o fumeiro. Do lugar onde acampáramos até à floresta haveria duas milhas, ou quasi toda a extensão da praia, que era também muito larga; a porção mais elevada, coberta de salgueiros anões, mimosas e juncos, ficava perto dos ranchos. Vadiamos muito pelo caminho, e o dia amanheceu quando ainda estávamos na estrada: a areia nestas primeiras horas era muito fria para os pés descalços. Logo que pudemos distinguir as coisas, vimos que a praia estava salpicada de pequenos objetos negros. Eram filhotes recém-nascidos de tartarugas aiacá (504), que caminha-

---

(504) A aiacá é a tartaruga *Podocnemis sextuberculata*.

vam em linha reta para a água, pelo menos a uma milha de distância. Os jovens desta especie se distinguem dos da grande tataruga e do tracajá, porque as bordas do plastrão peitoral são levantadas dos lados, de modo que, quando andam, fazem duas linhas paralelas na areia. As bocas destas pequenas criaturas estavam cheias de areia, porque tiveram que abrir o seu caminho através de muitas polegadas de areia que as cobria, para chegar à superfície, quando saíram dos ovos enterrados. Era divertido observar como se voltavam sempre na direção do rio distante, depois de apanhadas e postas na areia com a cabeça virada na direção oposta. Vimos também muitos esqueletos do grande jacaré (alguns com o revestimento corneo e ósseo do animal quasi perfeito), mergulhados na areia. Lembravam-me os restos dos *Ichtyosauri* fossilizados em leitos do liássico com a diferença de estarem enterrados na areia fina em vez da lama azul. Marquei o lugar de um, que tinha o crânio bem conservado, e no dia seguinte voltei para buscá-lo. O especimen está agora na coleção do Museu Britânico. Havia também muitos rastos de jaguar na areia.

Entrámos na floresta quando o sol rompia acima dos topos das árvores muito ao longe, do outro lado do rio. O bando logo se dividiu; segui com a secção que era guiada por Bento, o carpinteiro de Ega, que conhecia a mata admiravelmente. Depois de curtá caminhada, chegámos à beira de lindo lagozinho, de margens cobertas de erva e água límpida e escura, em cuja superfície boiavam espessos leitos de nenúfares. Cruzámos depois um riacho lamacento que se despejava no lago, e nos vimos então numa *restinga* ou língua de terra entre duas águas. Estando-se à vista de uma ou de outra não havia perigo de perdermos o caminho; todas

as outras precauções eram desnecessárias. A selva era toleravelmente limpa no subosque, e portanto poderíamos caminhar facilmente por ela. Não tínhamos ido longe, quando ouvimos um assobio suave e demorado, que traía a presença de mutuns nas árvores. As copas, a cem pés ou mais acima de nossas cabeças, eram tão densas e emaranhadas que dificilmente se distinguiam as aves, mas o olhar perspicaz de Bento as descobriu e matou um belo macho; o resto do bando voou e foi pousar à pequena distância. A especie era *Crax globicera*, cujo macho apresentava uma bola vermelha no bico. A perseguição aos outros levou-nos a grande distância para o interior da ilha, e caminhámos em linha reta tres horas, sempre tendo o lago à nossa direita. Chegados afinal à extremidade do lago, Bento dobrou para a esquerda, atravessando a restinga, e logo nos encontramos em espaço sem árvores, coberto de ervas altas e que parecia ser o leito seco de outro lago. Nosso guia foi obrigado a trepar numa árvore para verificar a nossa posição, e viu que o espaço claro fazia parte de um riacho, cuja foz cruzáramos há pouco. As margens eram revestidas de árvores baixas, quasi todas da mesma especie, um araçá (*Psidium*), e o chão atapetado de erva fina e delicada, agora em flor. Viam-se pousadas, nos troncos lisos e brancos das árvores, numerosas borboletas de asas vermelhão e carmezin (*Catagrama peristera*, macho e femea). (505) Também tive o grande prazer de ver pela primeira vez o raro e curioso toropichi (*Cephalopterus ornatus*) (506), especie que se asseme-

---

(505) Veja-se nota n.º 278.

(506) Bates escreve "Umbrella Bird" (pássaro umbrela), que preferimos traduzir pelo nome comum pelo qual o pássaro é conhecido na Amazõnia, onde também õ chamam pavão-do-mato e anambé-preto (*Cephalopterus ornatus ornatus*). É estranho que

Iha no colorido, no tamanho e no aspecto com a nossa gralha comum, mas que apresentando o ornamento de uma crista de longas penas curvas, muito finas, de longos canhões nus, as quais, quando erectas, formam uma como umbela franjada em cima da cabeça. Possui também um estranho enfeite, parecendo uma pelerina, suspensa do pescoço e formada por espesso coxim de penas reluzentes, azuis de aço, que crescem em comprida excrecencia carnuda. Este lobo está em conexão (como verifiquei em espécimens esfolados) com insólito desenvolvimento da traquéa e dos órgãos vocais, aos quais deve o pássaro sem dúvida o seu canto singularmente profundo, alto e demorado, parecendo o som de uma flauta. O nome indígena desta estranha criatura é uirá-mimbéu ou pássaro-pifano (507), em alusão ao tom de sua voz. Tivemos a felicidade depois de ficarmos quietos durante alguns momentos, de ouvir a sua execução. Ergueu-se no ramo em que estava empoleirado, estendeu largamente a crista em guarda-sol, dilatou e sacudiu o avental lustroso do peito e emitiu sua nota alta e suave, com a cabeça um pouco estendida para a frente. Obtivemos um casal: a fêmea tem apenas rudimentos de crista e o avental é de tom mais baço que o macho. A área de distribuição deste pássaro parece estar confinada às planícies do Alto Amazonas (especialmente nas florestas de igapó), não tendo sido encontrado a leste do Rio Negro.

---

o tradutor das Viagens de Wallace tenha traduzido a expressão *umbrella-bird* por gavião-de-penacho, o que é enorme absurdo. O *toropichi* é um pássaro da família *Cotingidae*.

(507) Mimbéu é o nome indígena de uma espécie de flauta de pan grosseira, usada pelos catchanás e outras tribus. (*Nota do Autor*). Em Wallace encontramos escrito *ueramimbé*, com a significação de pássaro-trombeta. Stradelli diz que a designação exata é *uira-membí*, pássaro-flauta.

Bento e nossos outros amigos ficaram desapontados de não encontrar mais mutuns ou mesmo qualquer outra espécie de caça e ficou resolvido que se voltasse para o rancho. Quando chegámos à orla da mata, sentámo-nos no chão e comemos o jantar à sombra; cada homem trouxera pequeno saço com alguns punhados de farinha e um pedaço de peixe frito ou de tartaruga assada. Esperámos os companheiros do outro bando, que nos deviam encontrar ao meio dia, mas depois de uma demora de mais de uma hora sem ver ninguém (na verdade tinham voltado para o acampamento uma ou duas horas antes), cruzámos a praia para os ranchos. Aqui surgiu obstáculo com que não contávamos. O sol brilhava o dia todo em céu sem nuvens, sem o refrigério de um vento fresco, e as areias estavam tão quentes que era impossível caminhar de pés descalços. As mais endurecidas plantas dos pés não podiam suportar o solo ardente. Fizemos várias tentativas; procurámos correr envolvemos os pés em fôlhas frescas de helicônias, mas de modo algum pudemos avançar mais de algumas jardas. Não havia meio de voltarmos aos nossos amigos antes da noite, a não ser que fizéssemos a volta da praia, um circuito de quatro milhas, e caminhando dentro d'água ou na areia úmida. Chegar até a beira d'água, do lugar onde estávamos, não era difficil, pois havia desse lado da praia espesso tapete de uma erva em flor, chamada tintarana, (508) cujas fôlhas em infusão servem para tingir de negro. Fatigados e de pés doridos, carregados das espingardas, e caminhando milhas e milhas nas águas tépidas e rasas, sob um sol a

---

(508) A designação tintarana deve ser de origem relativamente recente, pois parece um híbrido formado com o termo português *tinta*, nome pelo qual os lusos designam grande número de plantas tintoriais e o sufixo tupi *rana*, falso. Não consegui saber a que planta se dá esse nome no Alto Amazonas.

pino que cozia os miolos, ninguém achava como bem se pode imaginar, que o tempo estava passando agradavelmente. Mas depois não senti o menor incômodo. Todos gozam a mais perfeita saúde, quando vive esta vida livre e selvagem nos rios.

\* \* \*

A outra caçada, a que aludi, foi feita em companhia de tres amáveis mestiços. Dois eram, João e Zeferino Jabutí; jabuti era alcunha que tinham posto no pai, por causa do seu andar vagaroso e que, como é comum nessa região, passara a sobrenome da família. O outro era José Frazão, sobrinho do senhor Crisóstomo, de Ega, rapaz ativo, esperto e valente a quem muito estimava, e quasi branco, filho de pai português e mãe mameluca. Iamos acompanhados de um índio, chamado Lino, e de um rapazinho mulato, cuja função era carregar a caça.

O lugar que escolhemos desta vez ficava do outro lado do rio,\* a umas quinze milhas. Partimos em uma pequena montaria, às quatro horas da manhã, novamente deixando o acampamento a dormir e viajámos com boa marcha pelo canal norte do Solimões, que fica entre a ilha Catuá e a margem esquerda do rio. A praia norte da ilha tinha larga enseada arenosa que ia até sua extremidade ocidental. Chegámos ao nosso destino pouco depois do amanhecer; eram as margens do Carapanatuba (509), furo de cento e cinquenta jardas de largura, que, como o Ananá, já referido, comunica com o Cupiú. Para alcançar esse ponto tivemos de atravessar o rio, que aí tem duas milhas de largura. No

---

(509) Significando, em tupí, o rio de muitos mosquitos: de carapaná, mosquito e ituba, muitos. (Nota do Autor).



momento preciso em que amanhecia, vimos um jacaré apanhar grande peixe, um tambaqui, perto da superfície. O réptil, parecia ter certa dificuldade em segurar a prêsa, pois se empinava fora d'água, apertando o peixe nas mandíbulas e fazendo tremendo barulho. Fiquei muito impressionado com o singular aspecto apresentado por certos mergulhões, de pescoço muito longo e colubriforme (os *Plotus anhinga*). (510) De quando em vez, erguia-se subitamente longa forma serpentina a uma altura de pé e meio acima da superfície espelhante das águas, produzindo imitação tão enganadora de uma cobra, que a principio custei a acreditar que fosse o pescoço de uma ave; ele não fica muito tempo à vista, mergulhando de novo na corrente.

Desembarcámos num dos sitios mais solitários e sombrios, em praia arenosa e baixa, coberta de arbustos e amarrámos a montaria a uma árvore. Então, depois de ligeiro almoço de peixe frito e farinha de mandioca, arregaçámos as calças e penetrámos na mata densa, que aí, como alhures, se elevava com gigantesca muralha de folhagem, quasi da beira d'água. Caminhámos direito para o interior da terra, guiados por João Jabuti, e quebrando a cada passo um ramo das árvores baixas, para que pudéssemos achar o caminho na volta. O distrito era completamente novo para meus companheiros, e sendo costa totalmente desabitada de qualquer ser humano em extensão de trezentas milhas, perder o caminho seria morrer à mingua. Nessa ocasião não pensei no risco que corríamos de que a canoa fosse rouba-

---

(510) Esta ave referida por Bates não é um mergulhão, mas um Pelecaniforme da familia Anhingidae, a *Anhinga anhinga*, conhecida vulgarmente na Amazõnia pelo nome de carará, e em outros pontos do Brasil por biguá-tinga e miuá. Encontra-se esta curiosa ave nos rios e lagoas, desde os Estados Unidos até ao norte do Chile e Argentina.

da por índios que por aí passassem. As montarias que ficam sem guarda, nunca estão seguras nos portos das aldeias, pois os índios aparentemente as consideram como propriedade comum e as surripiam sem qualquer arrependimento. Nenhuma suspeita nublava a alegria de coração com que nos embrenhámos, na cálida antecipação de bom dia de caça.

O trecho de mata que percorríamos era de igapó, mas as partes mais altas formavam áreas que ficam apenas poucas polegadas abaixo d'água na estação das cheias. Era formada pela mais desconcertante diversidade de grandes e belas árvores, nas quais trepadeiras leuhasas e carnudas formavam reposteiros, festões, cordoalhas, emaranhados e fitas em infinita variedade. A palmeira que predominava era o alto *Astryocaryum jauari*, (511) cujos espinhos caídos, tornavam preciso caminhar com muito cuidado, pois estávamos descalços. Não havia muito subosque verde, exceto nos lugares em que cresciam os bambús; formavam êstes impenetráveis brenhas de folhagem espinhosa e plumosa, hastes articuladas, que sempre nos obrigavam a uma volta para evitá-los. Por toda parte a terra estava empapada de frutos podres, vagens gigantescas, fôlhas, gravetos e troncos de árvores, fixando a impressão de ser um cemitério assim como um berço do grande mundo vegetal acima de nossas cabeças. Algumas das árvores eram de prodigiosa altura. Passámos por muitos espécimes de Moratinga (512), cujos troncos cilíndricos, de não sei quantos pés de circunferencia, erguiam-se como torres e se perdiam entre as copas das árvores mais baixas,

---

(511) É a palmeira jauari ou javari.

(512) Dão na Amazônia o nome de muiratinga a várias Moraceas dos géneros *Nucleopsis*, *Noyera* e *Olmedia*; segundo Ducke a legítima muiratinga é a *Olmedia obliqua*.

e cujos ramos inferiores, em alguns casos, ficavam fora de nossas vistas. Outra árvore muito grande e notável era o assacú (*Sapium aucuparium*) (513). Um viajante no Amazonas, que se misture com o povo, certamente ouvirá muitas coisas das qualidades venenosas dos stecos desta árvore. Sua casca exsuda, quando cortada com faca, um líquido leitoso, que não só é veneno fatal, quando tomado internamente, mas dizem que causa chagas incuráveis quando simplesmente derramado sobre a pele. Meus companheiros sempre davam ao assacú larga margem, quando passavam por algum. A árvore parece bastante disforme para merecer o seu mau nome, pois a casca é de colorido oliva sujo, e salpicada de espinhos curtos e pontiagudos, parecendo venenosos.

Depois de caminhada de meia milha, chegámos a um curso d'água sêco, onde observámos, primeiro, os rastros antigos de um tapir e logo depois, nas bordas de curioso buraco circular, cheio de agua lodosa, os rastros frescos de jaguar. Apenas tínhamos feito esta descoberta, quando ouvimos precipitada carreira entre as brenhas no alto do ingreme barranco do lado oposto do riacho seco. Corremos para diante, mas já era muito tarde, pois o animal fugira para longe em poucos momentos e estava fora de nosso alcance. Estava claro que, com a nossa aproximação, tínhamos perturbado o jaguar no momento em que matava a sêde na cacimba. Poucos passos adiante vimos os restos mutilados de um jacaré (o jacaretinga) (514). Restavam apenas a cabeça, a espinha dorsal e os quartos de d'ante; mas a carne estava fresquinha e havia em tórno da carcassa muitos

---

(513) O assacú é a Euforbiácea *Hura crepitans*.

(514) Veja-se nota n.º 501.

rastos do jaguar, o que mostrava que o jacaré constituía sem dúvida a parte sólida do almoço da fera. Meus companheiros começaram então a procurar o ninho do jacaré, pois a presença do réptil tão longe do rio, só podia ser atribuída à solicitude materna pelos ovos. Encontrámos, de facto, o ninho a algumas jardas desse sítio. Era uma pilha cônica de folhas secas, no meio da qual estavam enterrados vinte ovos. Eram êstes de forma elítica, consideravelmente maiores que os de pato, de casca muito dura, com a textura de porcelana, mas muito ásperos por fora. Esfregados um contra o outro davam som claro, e dizem que é facil encontrar a mãe jacaré nas matas de igapó, esfregando assim dois ovos, pois ela nunca está longe e vem atraída pelo ruido.

Puz meia duzia dos ovos de jacaré em meu sacco de caça, para guardá-los como espécimenes, e continuámos nosso caminho. Lino, que ia em nossa frente, deu um pulo para trás, gritando — "*Jararaca!*". Tal é o nome de uma serpente venenosa (genero *Craspedocephalus*) (515), que é muito mais temida pelos nativos que o jaguar ou o jacaré. O individuo visto por Lino estava enroscado na base do tronco de uma árvore, e difficilmente se distinguia das folhas mortas, com as quais se confunde pelo colorido de seu corpo. A medonha cabeça triangular, presa ao corpo por delgado pescoço, estava erguida e voltada para nós. Frazão matou-a com um tiro que a despedaçou completamente e destruiu, com grande pesar meu, o seu valor como espécimen. Conversando a respeito das jararacas, quando seguíamos para a frente, todos os meus companheiros

---

(515) *Craspedocephalus* é simples sinónimo de *Bothrops* ou de *Lachesis*; ao género *Lachesis* pertence exclusivamente a surucucú (*Lachesis muta*); as outras jararacas são do género *Bothrops*; a do Amazonas é *Bothrops atroz*.

eram unânimes em jurar que esta cobra ataca o homem sem provocação, atirando-se de consideravel distancia, quando ele se aproxima. Encontrei, no curso de meus passeios diários pelas selvas, muitas jararacas, e uma ou duas vezes escapei por pouco de lhes pisar em cima, mas nunca as vi armando o bote. Em certos assuntos o testemunho dos nativos de uma região selvagem é totalmente sem valia. A mordedura das jararacas é geralmente fatal. Soube de quatro ou cinco casos de morte, e apenas um, indiscutivel, de cura, depois de mordidos; mas mesmo neste caso a pessoa ficou estropiada para o resto da vida.

Andámos cerca de uma milha em terras moderadamente elevadas e secas, e depois descemos (apenas tres ou quatro pés) para o leito seco de outro riacho. Este estava perfurado, como o primeiro, de buracos redondos, cheios de agua lamacenta. Apareciam com intervalos de poucas jardas, parecendo feitos pela mão do homem. Os menores tinham uns dois pés de diâmetro e os maiores seis ou sete. Quando nos aproximámos da maior destas cacimbas, assustei-me de ver um grande número de grandes cabeças que pareciam de cobras, balouçando-se acima da tona d'agua. Eram de enguias elétricas (516) e só então me ocorreu que tais excavações circulares eram feitas por estes animais, nadando constantemente à roda no solo lamacento. Sua profundidade (algumas de oito pés e mais) era, sem dúvida, igualmente devida aos movimentos dos poraquês no solo mole e explicava porque não secavam, na estação boa, como o resto do riacho. Assim, enquanto os jacarés e as tartarugas desta grande floresta inundada se

---

(516) O poraquê, bem conhecido *Gymnotida Electrophorus electricus*,

retiram para as grandes lagoas durante a época das sêcas, os poraquês fazem para si pequenas cacimbas onde passam a estação sem agua.

Meus companheiros cortaram então fortes varas, e procuraram lançar fora as enguias, para que pudessem apanhar os outros peixes que tinham verificado abundar nas cacimbas. Diverti-os muito, mostrando que o choque elétrico dos poraquês podia passar de uma pessoa para outra. Ficámos de mãos dadas, em fila, e eu toquei na cabeça do maior e mais fresco dos animais com a ponta de meu facão de caça. Verificámos que essa experiencia não dá resultado mais de tres vezes com o mesmo poraquê, estando êste fora d'agua; da quarta vez o choque era quasi imperceptivel. Todos os peixes das cacimbas, com exceção das enguias, eram da mesma especie, pequeno acarí ou *Loricaria*, grupo cujos membros apresentam um revestimento ósseo completo (517). Lino e o menino enfiaram-nos pelas guelras com finos cipós, e penduraram-nos nas árvores, a espera de nossa volta mais tarde.

Deixando o leito do regato, caminhámos para diante, sempre para o centro da mata, guiados pelo sol, que faiscava agora entre a espessa folhagem, por cima de nossas cabeças. Por volta das onze horas, vimos diante de nós um riacho que emergia das margens de consideravel coleção d'água. Era uma das lagoas internas, tão abundantes nesse distrito. As margens tinham alguns pés de elevação, e desciam em declive para a água, sendo o solo duro e seco à beira d'água e coberto de vegetação arbustiva. Contornámos completamente esta lagoa, cujas árvores marginaes tinham as copas habitadas por mutuns. Estes, como de costume, se revelavam pela

nota peculiar que emitem. Meus companheiros mata-ram dois. Na outra extremidade da lagoa havia um curso d'água profundo, que seguimos por meia milha, e vimos que comunicava com outra lagoa menor. Esta segunda lagoa evidentemente fervilhava de tartarugas, pois víamos os focinhos de muitas aparecendo acima da superfície da agua. O mesmo não víamos no lago maior, provavelmente porque tínhamos feito muito barulho, na alegria de nossa descoberta, quando nos aproximámos de suas margens. Meus amigos combinaram voltar a esta lagoa, depois de terminada a colheita de ovos em Catuá.

Tornando a cruzar o espaço entre as duas lagoas, ouvimos a bulha dos macacos nas copas das árvores. Sua caçada nos tomou tempo consideravel. José atirou de longe num dos retardatários do bando e o feriu. Ele pulou com muita agilidade para uma parte mais densa da árvore, mas segunda e terceira descargas não o atingiram. A pobre criatura estropiada arrastou-se então para um dos ramos mais altos, onde o descobrimos pouco depois, sentado e limpando as entranhas de uma ferida no abdomen, o que era cena das mais confrangedoras. A distância do solo ao ramo onde estava empoleirado não teria menos de 150 pés, e só o podíamos avistar quando ficávamos bem em baixo, com o olhar dirigido verticalmente para cima. Matâmo-lo afinal, carregando nossa melhor espingarda com carga escolhida, e descançando o cano no tronco da árvore, para firmar a pontaria. Algumas balas lhe entraram pelo queixo e então ele rodou nos calcanhares e caiu de cabeça para baixo. Embora fosse meu o último tiro, êste animal não ficou no meu lote, quando dividimos o espólio no fim do dia. Lamento não lhe ter conservado a pele, pois era especie muito grande de *Cebus*, e que nunca mais encontrei.

Por volta de uma hora da tarde de novo atingimos o sítio de onde víramos primeiro o lago maior. Nossa caçada tinha sido até agora muito magra, de modo que, depois de jantar, os restos de peixe frito com farinha e fumar nossos cigarros (pois trazíamos sempre conosco fumo, palha, isqueiro e pederneira), tomámos outra direção da mata, em busca de melhor ponto. Matámos a sede com a água da lagoa, que fiquei surpreso de encontrar perfeitamente límpida. Tais lagoas são, naturalmente, turvadas às vezes pelos movimentos dos jacarés e de outros habitantes da lama fina do fundo, mas nunca observei uma espuma de confervas ou traços de óleo que revelassem decomposição animal na superfície destas águas, nem se sentia cheiro desagradável. Essa terra completamente plana, em vez de ficar coberta de pântanos insalubres, emitindo malária, forma na estação seca (e também na chuvosa) salubérrima região. Como deve ser perfeito o processo natural de auto-purificação nestas águas!

Em nossa nova estrada fomos obrigados a abrir caminho por entre o bambusal, e não tomando tanto cuidado com meus passos como os companheiros, feria-me constantemente nos agudos espinhos caídos dos arbustos, e acabei por ficar completamente estropiado, pois um espinho entrou-me fundo na sola dos pés. Fui obrigado a ficar atrás, tendo Lino, o índio, em minha companhia. O atencioso rapaz limpou-me as feridas com saliva, poz nelas pedaços de isca (especie de feltro manufaturado pelas formigas) para estancar o sangue, e enrolou-me os pés com a cortiça espessa que arrancara da casca de mongubeira, para servir-me de sapatos. Fez tudo isso com muita delicadeza e habilidade, mas era tão econômico de palavras que mal respondia às perguntas que eu lhe fazia. Depois de tudo findo eu estava



capaz de caminhar com agilidade, embora coxeando um pouco. Quando o índio presta um serviço destes, nunca pensa em recompensa. Não encontrei o mesmo desintereêsse nos negros escravos ou nos mestiços. Tivemos que esperar duas horas pela volta de nossos companheiros. Durante parte dêsse tempo fui deixado sosinho, pois Lino se metera no mato atrás de um pecari (especie de porco selvagem (518) que chegara até perto de onde nós estávamos, mas ao ver-nos dera um grunhido e se metera de novo nas brenhas. Afinal meus amigos apareceram, carregados de caça; tinham morto doze mutuns e dois cujubins (*Penelope pipile*) (519), bela galinha negra de cabeça branca, que é de hábitos arborícolas como o resto deste grupo de galináceos habitando as selvas da América do Sul. Eles tinham descoberto um terceiro lago cheio de tartarugas. Lino veio juntar-se a nós na mesma ocasião; perdera o pecari mas em compensação matara um quandú ou porco-espinho (520). O mulato apanhara vivo no lago o mais encantador frango d'agua. Era um pouco menor que um pombo e de bico pontiagudo; os pés eram providos de muitas dobras intrincadas ou bofes de pele em vez de uma palmadura, e se pareciam muito com os pés dos gecos (521). A ave foi criada mansa em casa de Jabuti, em Ega, durante

---

(518) Encontram-se por todo o Brasil dois porcos do mato, ambos designados por naturalistas estrangeiros sob a designação geral de pecaris — o catete (*Pecari tajacu*) e o queixada (*Tayasu pecari*).

(519) O cojubim da região visitada por Bates nessa excursão (entre o Juruá e o Purús) é *Pipile cumanensis nattereri*; o nome científico indicado por Bates (*Penelope pipile*, *Pipile pipile cujubí*, da nomenclatura atual) é do cujubim do Baixo Amazonas.

(520) O nome de porco espinho é comum a todos os Roedores da familia *Erethizontidae*.

(521) A designação coletiva de Gecos é dada pelos naturalistas às lagartixas da familia *Geckonidae*, mais conhecidas no Brasil por osgas, brias e víboras.

muito tempo, tendo-se habituado a nadar em uma bacia de rosto cheia d'água, e era o favorito de todos (522).

Voltámos sôbre nossos passos para o lado do rio, em caminhada fatigante de cinco ou seis milhas, chegando à canoa às cinco e meia da tarde, ou pouco antes do pôr do sol. Todos em Catuá acharam que tínhamos feito excelente caçada. Nunca soube que grupo tão pequeno matasse tanta caça em um dia, nessas matas onde os animais são sempre tão esparsos. Meus companheiros estavam muito vaidosos com o sucesso e, quando nos aproximámos do acampamento de Catuá, fizeram grande barulho com os remos para anunciar próspera volta, cantando o mais alto que podiam um dos côros selvagens dos barqueiros da Amazônia.

\* \* \*

Terminadas a excavação dos ovos e a extração do óleo, deixámos Catuá a tres de novembro. Carepira, que estava agora ligado ao bando de Cardoso, descobrira outro lago rico em tartarugas, a doze milhas de distância, quando fazia uma de suas excursões de pesca, e meu amigo resolveu, antes de voltar para Ega, ir até lá e dragá-lo como fizera antes com o Aningal. Varias famílias mamelucas de Ega pediram para acompanhar-nos e participar dos trabalhos e do botim; a família Chumana também se juntou ao bando; formávamos, portanto, grande corpo, contando ao todo oito canoas e cinquenta pessoas.

---

(522) Trata-se do lindo Gruiforme (Sub-ordem *Helionithes*, família *Helionithidae*), conhecido na Amazonia por Ipequã, peca-paca, picapaca, patinho d'água, patinho-do-igapó e em Goiás por marrequinho (*Helionis fulica*), visto desde o sul do México até ao Paraguai.

O verão já estava declinando; o rio subia; o ceu estava constantemente nublado, e tínhamos frequentes chuvas. Os mosquitos, que não tínhamos sentido, enquanto acampados na praia, começaram a atormentar-nos. Remámos pelo canal de noroeste e chegámos perto do extremo superior de Catuá às dez horas da noite. Havia aí praia muito larga, de areia não pisada, que se estendia até dentro da mata, onde formava montículos arredondados e depressões, como dunas arenosas, cobertas de peculiar vegetação: um capim alto e duro e árvores baixas, ligadas por lianas e intercaladas de palmeiras espinhosas anãs do gênero *Bactris*. Passámos a noite nesse areal, estando o lugar felizmente livre de mosquitos. As diferentes porções do grupo fizeram coberturas arqueadas, com os toldos de esteira de marantas de suas canoas, fixando as pontas no chão e dormiram em baixo das mesmas. Mas ninguém parecia disposto a ir dormir. Terminada a ceia, ficamos todos sentados ou deitados em roda de grande fogueira e nos distraíamos. Tínhamos conosco o tocador de rabeca, e, nos intervalos entre as peças que tocava, a distração habitual de contar histórias matava o tempo: eram narrativas de terem escapado por um fio de cabelo de cair nas garras do jaguar ou dos jacarés. Havia entre nós pai e filho que tinham sido os protagonistas, no ano anterior de uma aventura com um jacaré, na beira da praia que acabávamos de deixar. O filho, quando se banhava, fôra agarrado pela coxa e levado para baixo d'água; ouviu-se um grito e o pai despencou-se pelo barranco, mergulhando atrás da fera que fugia com a sua vítima. Parece quasi incrível que um homem possa alcançar e dominar o grande jacaré em seu proprio elemento; mas tal foi o que aconteceu neste caso, pois o animal foi atingido e forçado a largar a presa,

quando o homem lhe meteu o polegar dentro do olho. O rapaz mostrou-nos as marcas dos dentes do jacaré nas coxas. Ficámos sentados até depois da meia noite, ouvindo estas histórias e acompanhando a conversa com frequentes goles de cachaça queimada. Encheu-se grande tigela rasa com a aguardente e tocou-se fogo: quando esta queimou durante alguns minutos, a chama foi extinta e cada qual se serviu, metendo uma xicara de chá na vasilha.

Uma a uma as pessoas foram adormecendo, e então o socegado murmúrio dos poucos que continuavam acordados era interrompido pelos bramidos das onças na selva, a um estádio de distancia. Não havia um só, mas vários dêstes animais. As pessoas mais velhas mostraram-se muito alarmadas e trataram de acênder novas fogueiras em tôrno do acampamento. Eu lera em livros de viagem que os tigres vinham aquecer-se nos fogos de um bivaque, e pensava que o meu forte desejo de assistir à mesma cena se realizaria esta noite. Mas não tive essa boa sorte, embora fosse o ultimo a dormir e meu leito a areia nua sob a pequena cobertura arqueada, aberta nas duas pontas. As onças, entretanto, devem ter vindo muito perto durante a noite, pois seus rastros frescos eram numerosos dentro de umas vinte jardas do lugar onde dormíramos. Pela manhã dei um passeio pelas orlas da mata e encontrei rastros muito numerosos e muito chegados no solo arenoso.

Ai ficámos quatro dias e conseguimos obter muitas centenas de tartarugas, mas fomos obrigados a dormir duas noites dentro do canal de Carapanatuba. Passámos a primeira de maneira mais ou menos agradável, pois o tempo estava limpo e acampámos na mata, fazendo grandes fogueiras e armando as redes entre as árvores. A segunda foi uma das mais penosas que eu

tenha passado. O ar estava abafadiço e começou um chuvisqueiro por volta de meia-noite, que continuou até de manhã. A princípio tentámos afrontá-lo em baixo das árvores. Fizeram-se grandes fogueiras, que iluminavam com vermelho resplendor a magnífica folhagem, destacada nas sombras negras que envolviam nosso acampamento. O calor e a fumaça faziam o desejado efeito de afugentar os mosquitos, mas a chuva continuava, e todos acabámos por ficar ensopados, não se tendo outro remédio senão fugir para as canoas, com as roupas e redes pingando. Não havia lugar na flotinha para acomodar tão grande número de pessoas, deitadas a fio comprido; a noite estava escura como breu e era impossível na escuridão e confusão arranjar muda de roupa. Assim ficámos, amontoados, do melhor modo que nos pudemos arranjar, exaustos de fadiga e irritados, além de tudo o que se possa conceber, por nuvens de mosquitos. Dormi num banco, com uma vela por cima de mim, as roupas molhadas e coladas ao corpo e, para aumentar meu desconforto, junto de mim estava uma rapariga india, uma das criadas de Cardoso, que tinha a pele marcada de bexigas e cujas roupas grossas, não tendo sido lavadas durante todo esse tempo que passáramos fora de casa (dezoito dias) exalava os piores eflúvios.

Passámos agradavelmente a noite de sete de novembro nas areias lisas, onde de novo as onças nos fizeram serenatas, e na manhã seguinte iniciámos nossa viagem de volta para Ega. Primeiro dobrámos a extremidade superior da ilha de Catuá, e depois atravessámos o Solimões para a margem direita. O rio tinha aí imensa largura, e a correnteza era tão forte no meio, que foram precisos os mais estrênuos esforços de parte dos remadores para impedir que fôssemos arrastados milhas

abaixo. À noite alcançámos Juteca, pequeno rio que entra no Solimões por um canal tão estreito que quasi um homem pode pular por cima, mas um estadió para dentro se expande em lindo lago de algumas milhas de circunferência. Dormimos mais uma vez na mata e mais uma vez fomos atormentados pela chuva e pelos mosquitos; mas desta feita Cardoso e eu preferimos ficar onde estávamos a misturar-nos com a fedorenta tripulação dos botes. Quando raiou a madrugada cinzenta, ainda caía chuva insistente e o ceu inteiro era côr de chumbo, mas o tempo estava deliciosamente fresco. Lançámos as redes no lago e apanhámos bom suprimento de delicioso peixe para o almoço. Na ponta interna deste lago vi o arroz nativo da região crescendo espontâneo (523).

O tempo clareou pelas dez horas da manhã. Às tres da tarde chegámos à boca do Caimbé, outro rio tributário, muito mais largo que o Juteca. O canal de saída do Solimões era aqui também muito estreito, mas o rio em sua porção dilatada de vastas dimensões. Posso descancadamente aventurar-me a dizer que teria varias dezenas de milhas de circunferência. Embora já preparado para tais surpresas, fiquei boquiaberto neste caso. Tínhamos vindo a remar o dia todo, junto à margem monótona, com o medonho Solimões diante de nós, rolando pesadamente suas aguas barrentas numa largura de tres a quatro milhas. Chegámos a pequena falha no barranco argiloso e encontrámos estreita passagem coberta dos dois lados pela muralha de mata. Entrámos por ela, e a umas duzentas ou trezentas jardas surgiu a nossos olhos gloriosa extensão de agua. O

---

(523) É a espécie *Oriza subulata*.

cenário de Caiambé é dos mais pitorescos. A terra, dos dois lados visíveis do lago, é alta e coberta de selvas sombrias, salpicadas aqui e ali de casas caiadas de branco, no meio da alfombra verde dos roçados, pertencentes aos moradores. Em frizante contraste com estas escuras florestas ondeadas, vê-se a folhagem alegre, viva e verde-clara dos bosques das numerosas ilhotas que se destacam como jardins aquáticos na superfície do lago. Bandos de patos, cegonhas e garças brancas de neve habitam estas ilhotas; e ouviam-se, a gritaria dos papagaios e o côro pungente dos tamburi-parás, quando passávamos. Era uma nota de alegria, depois de depressivo silêncio e da ausência de vida nas matas marginais do grande rio.

Cardoso e eu, com dois índios, tomámos pequena montaria e cruzámos o lago em visita ao senhor Gaspar José Rodrigues, abastado fazendeiro e principal morador de Caiambé. Sua filha mais velha, rapariga bem prendada e trabalhadora, casara com o português Miguel, meu velho companheiro de viagens, alguns dias antes de eu deixar Ega nestes passeios. Tínhamos assistido às festas de bodas, e a atual visita era em cumprimento da promessa de ir ver a família quando estivéssemos perto de Caiambé. O senhor Gaspar era desses numerosos proprietários mestiços, a alguns dos quais já fiz referências, que por seus hábitos regulares, amor ao trabalho, bom senso e maneiras leais honram a classe a que pertencem. Tínhamos ouvido tanta coisa na Inglaterra sôbre a incapacidade da população mestiça da América Tropical, que é um real prazer poder testemunhar que não são todos assim. É verdade que estive em contacto com eles em distritos retirados. Alguns, como esse amigo de quem estou falando, são, considerada sua educação defeituosa, homens tão prestantes como os que

se possam encontrar em qualquer país. É forçoso confessar, porém, que há consideravel número de homens superlativamente preguiçosos, embusteiros e sensuais entre os mestiços, quer das zonas rurais, quer das cidades.

Achei a propriedade do senhor Gaspar seme'hante à de João Trindade, que já tive a oportunidade de descrever, e situada do outro lado da foz do Madeira. Esta fazenda estava situada em um montado; a casa de residência era arejada e espaçosa, mas de construção grosseira, de paredes de barro sem reboco. Havia um número consideravel de anexos e estendia-se atrás vasto pomar com árvores frutíferas e cafezais que levavam às plantações de mandioca. O senhor Miguel e a esposa estavam ausentes, em novo roçado que tinham preparado em outro sitio das margens do lago. Mas encontrámos o resto da familia em casa.

Fomos recebidos com franca hospitalidade por essa gente trabalhadora e alegre. O senhor Gaspar tinha sete filhos, aos quais ele mesmo ensinara a ler e escrever. Os meninos eram muito espertos; um deles foi mais tarde eserevente da Câmara Municipal de Ega. Havia no lugar um ar de alegria e de abundância dos mais confortadores.

Jantámos sentados em grande esteira, sôbre a qual fôra estendida toalha branca, muito limpa. A refeição consistiu de galinha com arroz (o prato comum desta região para as visitas) com sobremesa de "*laranjas torradas*", isto é, de laranjas parcialmente secas ao sol. O fruto, cultivado no pomar de Gaspar com cuidado um pouco maior do que é habitual nessa região, já era de boa qualidade, mas tratado desta forma tinha uma doçura e riqueza de sabor muito superiores a tudo o que eu até agora tinha provado. Quando íamos embora, nosso hospedeiro, que ouvira meus louvores ao fruto,



mandou para a canoa, de presente, grande cesto cheio. A conversação, depois do jantar, girou em tórno da dificuldade de encontrar boas casas em Ega, da condição atrasada da provincia, da falta de interêsse pelas classes agrícolas, demonstrada pelo governo, que taxava todos os productos do interior quando chegavam ao Pará, e outros assuntos. O senhor Gaspar acabava de construir confortavel casa de cidade em Ega. Disse-me que era mais barato mandar buscar no Pará (2.800 milhas de ida e volta) portas e janelas do que as fazer em Ega, pois, como não houvesse grandes serrarias em parte alguma do Solimões, cada prancha tinha que ser cortada da árvore a machadilha.

Quando voltávamos para a foz do Caiambé, e estando ainda no meio do lago, ergue-se de repente um temporal, na direção em que iam, e durante uma hora estivemos em grande perigo de ser tragados pelas ondas. O vento levou o tóldo e as esteiras, e açoitava raivosamente as aguas. As ondas erguiam-se a grande altura. Nosso bote, felizmente, era excelentemente construido, bem elevado na proa, de modo que com bom govêrno, subiamos nas cristas das vagas, quando estas surgiam, e escapámos sem fazer muita água. Alcançámos nossa igarité ao pôr do sol, e seguimos à toda pressa para Curubarú, umas quinze milhas além, para acampar na areia e passar a noite. Chegámos à praia às dez horas. As aguas subiam depressa pelo barranco, e no dia seguinte, quando puxámos as redes, vimos que o peixe estava escasseando. Cardoso e seus amigos, durante o almoço, conversaram tristemente sôbre a partida do alegre verão e da chegada do inverno triste e faminto.

Às nove da manhã do dia 10 de novembro, soprou de jusante um vento fresco e todos os que tinham velas

aproveitaram-se dele. Era a primeira vez, em nossa viagem, que tínhamos tido ocasião de içar velas, tão constante é a calmaria no Alto Amazonas. Deslisámos alegremente e pouco depois entrámos no largo canal que fica entre Bariá e a terra firme da margem sul. O vento levou-nos em linha reta para a embocadura do Tefé, e às quatro horas da tarde fundeámos no porto de Ega.

## CAPÍTULO XII

### ANIMAIS DOS ARREDORES DE EGA

**Macacos de cara vermelha — O macaco parauacú — Macaco noturno de cara de coruja — Comparação entre monos do Novo e do Velho Mundo — Saguís — O Jupurá — Morcegos — Aves — Tucano de Cuvier — O Araçari — Insetos — Casulos pendulos — Formigas de correição — Ecítanes cegos**

Como se pode deduzir das notas já apresentadas, os arredores de Ega constituíam belo campo para o colecionador de História Natural. Com exceção do que se podia conhecer pelos raros espécimes trazidos para a Europa, resultantes das rápidas visitas feitas por Spix e Martins e pelo Conde de Castelnau (524), cujas aquisições foram depositadas nos museus de Munique e de

---

(524) Francisco de Laporte, conde de Castelnau, nasceu em Londres (onde estava seu pai em missão diplomática) no dia 4 de fevereiro de 1812. Encarregado pelo Governo francês de chefiar uma expedição científica à América do Sul para estudar, sob todos os aspectos, a vasta bacia do Amazonas, chegou ao Rio de Janeiro no dia 17 de junho de 1843, a bordo da corveta Du Petit Thouars, demorando-se nesta capital até 12 de outubro do mesmo ano. Seguiu por terra do Rio de Janeiro para Lima, no Perú. Toda a sua viagem (narrada em seis grossos volumes, publicados em 1850-51) está resumida em meu livro *A Biologia no Brasil*. A 23 de dezembro de 1846 parte Castelnau de Pebas (no Perú) chegando a Barra do Rio Negro a 6 de fevereiro de 1847. Em março de 1847 volta de Belém para a Europa. Veio como consul da França na Baía em 1850, sendo transferido para a cidade do Cabo (África do Sul) em 1853 e d'aí para Melbourne em 1862, falecendo neste último posto em 1880.

Paris, muito pouco se sabia na Europa a respeito dos animais desta região. As coleções, que eu tinha a oportunidade de fazer e ia remetendo para a Inglaterra, provocaram, portanto, considerável interesse. O nome de minha aldeia favorita tornou-se, efetivamente, vocábulo familiar à maioria dos naturalistas, não só ingleses como de outros países, em consequência do número enorme de espécies novas (mais de tres mil) que tiveram de descrever, com a localidade — “Ega” — ligado às mesmas. A descoberta de novas espécies constitue, porém, apenas pequena parte do interêsse que pode ter o estudo da natureza viva. A estrutura, hábitos, instintos, e distribuição geográfica de algumas das espécies conhecidas, desde os primeiros dias, fornecem assuntos inexauríveis para a reflexão. As poucas notas que vou fazer sobre os animais de Ega, referem-se aos mamíferos, aves e insetos e, às vezes, aplicar-se-ão às produções de todo o Alto Amazonas. Começaremos pelos macacos, os mais interessantes dos animais, depois do homem.

MACACOS DE CARA VERMELHA — Em certa manhã de sol, do ano de 1855, vi muito cedo, nas ruas de Ega alguns índios, levando nos ombros, em direção ao porto, para ser embarcado no vapor do Alto Amazonas, grande gaiola, feita de robustos cipós, de uns doze pés de comprimento por cinco de altura, contendo doze macacos do mais grotesco aspecto. O corpo (de umas dezoito polegadas de altura, menos as pernas), era revestido, do pescoço até à cauda, por pelágio esbranquiçado, muito longo, liso e brilhante; a cabeça quasi nua, com um capuz de finos pêlos cinzentos, muito curtos, e a cara de um vivo tom escarlate. Completando esta original fisionomia, tinham êles densos bigodes côr de areia, que se reuniam por baixo do queixo e os olhos amarelos-avermelhados. Estes monos de cara vermelha pertencem

ciam à espécie chamada pelos índios uacará, que é peculiar ao distrito de Ega, e a gaiola estava sendo enviada como presente do senhor Crisóstomo, diretor dos índios do Japurá, a uma pessoa do govêrno no Rio de Janeiro, em agradecimento de ter sido nomeado coronel da Guarda Nacional. Tinham sido adquiridos com grande dificuldade nas matas que cobrem as terras baixas, perto da boca principal do Japurá, a umas trinta milhas de Ega. Foi a primeira vez que vi o mais curioso dos macacos sul-americanos, e do qual parece que Spix e Mártius não tiveram conhecimento. Fiz depois uma excursão ao distrito habitado por êle, mas não consegui nenhum exemplar. Antes de deixar a região compreendi, um dos quais viveu algumas semanas em minha casa.

O mono de cara vermelha pertence, em todos os pontos essenciaes de sua estrutura, à mesma família (*Cebidae*) das outras espécies americanas de grande porte; mas difere de todos os parentes em ter apenas um rudimento de cauda, membro que, em algumas espécies próximas, atingiu o mais alto grau de desenvolvimento conhecido na ordem. Era tão raro ver um macaco quasi sem rabo da América, que os naturalistas pensaram, quando chegaram os primeiros exemplares na Europa, que êsse membro tivesse sido encurtado artificialmente. O uacará, no entretanto, não está completamente isolado das espécies afins da mesma família, havendo várias outras, igualmente encontradas no Amazonas, que formam passagem gradativa entre os dois tipos extremos de cauda. O apêndice atinge a perfeição nos gêneros em que apresenta uma área nua, perto da ponta, na face inferior (guaribas, *Lagothrix* e macacos aranhas) e que torna tão sensível e útil como quinta mão para trepar. Nos demais gêneros de *Cebidae* (em número de sete com

trinta e oito espécies) (525), a cauda é mais fraca, inteiramente revestida de pêlos e pouco servindo para trepar, sendo que em algumas espécies, mais próximas de nosso uacari, é muito mais curta que o comum. Todos os *Cebidae* de cauda longa ou curta são igualmente arborícolas. O macaco de cara vermelha vive nas selvas que ficam inundadas durante grande parte do ano e não se sabe que desça ao solo. A pequenez da cauda não é sinal, portanto, de hábitos terrestres, como nos Macacos e Babuínos do Velho Mundo. Difere um pouco dos *Cebidae* típicos pelos dentes: os incisivos superiores são oblíquos e convergentes, deixando uma falha entre os externos e os caninos. Como o resto da família, difere dos monos do Velho Mundo e do homem, porque apresentam de cada lado um premolar suplementar nos maxilares superiores e nas mandíbulas, perfazendo o total de trinta e seis dentes, em vez de trinta e dois.

O uacari branco (*Brachyurus calvus*) (526) parece não ser encontrado em nenhuma outra parte da América, fora do distrito acima referido, a saber, nas margens do Japurá, perto da boca principal, e mesmo aí, está confinado, tanto quanto pude averiguar, à margem ocidental. Vive em pequenos bandos entre as copas das árvores gigantescas, alimentando-se de vários frutos. Dizem os

---

(525) Atualmente o numero de géneros elevou-se a 12 e o de espécies a mais de cinquenta.

(526) Conquanto o nome *Brachyurus* seja mais expressivo, *Cacajao* tem prioridade. Conhecem-se atualmente quatro espécies de uacari: o branco (*Cacajao calvus*) vivê na margem setentrional do Alto Amazonas, entre os rios Içá e Japurá; o vermelho, que é também conhecido por macaco inglês (*Cacajao rubicundus*) vive na margem setentrional do Amazonas, do Içá para oeste e ao longo do baixo Ucalala; o cacajao ou uacari de cara preta, descoberto por Humboldt, (*Cacajao melanocephalus*) só se encontra nas matas do rio Negro, do Cassiquiare até ao rio Branco. A estas tres espécies já se refere Bates e as descreve bem. A quarta foi recentemente descoberta por Leo Miller, em 1913, no norte de Mato Grosso, é o uacari de cara branca (*Cacajao roosevelti*)

caçadores que é de movimentos muito ageis, mas não muito dado a saltar, preferindo subir e descer pelos ramos maiores, ao passar de árvore em árvore (527). A mãe, como em outras espécies da ordem dos símios, carrega o filhote nas costas. Obtêm-se indivíduos vivos, caçando-os com a zarabatana, estando as setas ervadas com o veneno diluído do urarí. Correm ainda uma grande distância, depois de feridos, e é preciso caçador experimentado para agarrá-los. Considera-se mais hábil quem pode rivalizar em velocidade com o animal ferido, e o recebe nos braços, quando cai exausto. Uma pitada de sal, o antídoto do veneno, é posta então em sua boca e a criatura revive. A espécie é rara, mesmo nos limites do seu habitat. O senhor Crisóstomo mandou seis de seus índios mais habéis, que estiveram ausentes tres semanas para conseguir doze exemplares, que formaram êsse presente único e principesco. Quando um caçador obtém um exemplar, cobra por êle alto preço (trinta a quarenta mil reis ou sejam tres libras e sete chelins a quatro libras e 13 chelins), pois estes macacos têm grande procura para presentes a pessoas influentes do Baixo Amazonas.

Os uacarís adultos, apanhados pelo modo que acabo de descrever, raramente se amansam. São arredios e mal humorados, resistindo a qualquer tentativa de caricia, mordendo quem se chega ao alcance de seus dentes. Não têm grito particular, mesmo em suas matas nativas e em cativeiro são inteiramente silenciosos. Ao cabo de alguns dias ou de algumas semanas, mesmo tratados com todo o desvelo, caem num estado de abatimento, recusam os alimentos e morrem. Muitos deles succumbem a uma doença que supponho, pelos sintomas, ser inflamação do

---

(527) Diz Leo Miller que *Cacajao roosevelli*, para passar de árvore em árvore, dá grandes saltos, como os outros monos.

peito ou dos pulmões. Um que tive em minha casa, morreu dessa doença, ao cabo de tres semanas. Perdeu o apetite no fim de muito poucos dias, embora fosse conservado em varanda arejada. O pêlo, que era longo, liso e brilhante, tornou-se baço e áspero como o dos exemplares vistos nos museus, e a brilhante côr escarlata do rosto tomou tom mais desmaiado. Esta côr, no animal sadio, derrama-se pelo rosto até à raiz dos cabelos, na fronte e nas têmporas, e desce até ao pescoço, incluindo as faceiras flácidas, que pendem por baixo das mandíbulas. O animal parece então, à curta distância, com alguém que tivesse passado na cara uma espêssa camada de tinta vermelha. A morte do meu chirimabó foi lenta. Durante as últimas vinte e quatro horas ficou prostrado, respirando rapidamente, com o peito muito oprimido; a côr do rosto foi aos poucos empalidecendo, mas ainda era vermelha, quando morreu. Como êsse colorido não desaparece completamente até duas ou tres horas depois da morte, pensei que não fosse exclusivamente devida ao sangue, mas em parte a um pigmento abaixo da pele, que provavelmente conservaria a côr algum tempo depois de ter cessado a circulação.

Depois de muito observar a atitude apática do uacari, não foi pequena a minha surpresa ao encontrar certo dia, em casa de um amigo, indivíduo dessa espécie que era muito vivo e familiar. Do quarto do interior correu direito para mim e, depois que me sentei numa cadeira, trepou-me pelas pernas e aninhou-se em meu colo, enroscando-se e olhando para cima, com a careta usual dos símios, depois de bem acomodado. Era um filhote que tinha sido apanhado, quando a mãe fôra morta com flecha envenenada. A dentição ainda não se completara e o rosto era pálido e manchado, pois o escarlata brilhante não aparece nestes animais antes da idade



adultã; apresentava também alguns longos pêlos negros nas pálpebras e nos lábios. A travêssa criaturinha fôra criada em casa com as crianças, podendo correr livremente e tomar as refeições com o resto da gente da casa. Há poucos animais que os brasileiros dessas aldeias não tenham conseguido amansar. Vi até onças novas, soltas em casa e tratadas como animais domésticos. Os que tive, raramente se tornaram familiares, por mais que os conservasse em meu poder, circunstância devida, sem dúvida, a que sempre os mantinha presos.

O uacará é uma das muitas espécies de animais classificados pelos brasileiros como *mortais* ou de constituição delicada, em opposição aos que são *duros* ou resistentes. Grande proporção dos espécimes mandados de Ega morrem antes de chegar ao Pará, e de cada dúzia um, quando muito, chega vivo ao Rio de Janeiro. Parece, contudo, que tenha sido levado um indivíduo vivo para a Inglaterra, pois o Dr. Gray refere que foi exibido um nos jardins da Sociedade Zoológica em 1849. A dificuldade em adaptar-se às novas condições tem provavelmente alguma conexão com a área muito limitada ou esfera onde vive confinada a espécie no estado natural, pois seu habitat é uma porção de florestas alagadiças que não excede a sessenta milhas quadradas de extensão, embora não haja, exceto ao sul, nenhuma barreira permanente que impeça sua dispersão por espaço muito mais vasto. Quando desci o rio em 1859, tínhamos conosco um uacará adulto, manso, que corria livremente pelo barco, grande escuna. Quando chegámos à foz do Rio Negro, tivemos demora de quatro dias à espera que os empregados da alfândega de Barra, a dez milhas de distância, viessem despachar os passaportes da tripulação, e durante êsse tempo a escuna ficou junto da praia com a espia amarrada nas árvores do barranco. Certa manhã

deu-se por falta do uacará, que fugira para a mata. Foram mandados dois homens à sua procura, mas voltaram ao cabo de muitas horas de ausência, sem notícias do fugitivo. Demos o macaco por perdido até ao dia seguinte, quando reapareceu na orla da mata e desceu tranquilamente pela espia para o seu lugar costumeiro no tombadilho. Evidentemente êle achara as florestas do Rio Negro muito diferentes das do delta do Japurá, e preferiu o cativeiro à liberdade em lugar que lhe era tão antipático.

O fato mais curioso, relativo a êste macaco, é a existência de forma aliada ou espécie irmã, em trecho da região que fica a oeste de seu distrito. Difere por ser revestida de pêlos vermelhos, em vez de brancos, e foi descrita por Isidore Geoffroy de Saint-Hilaire (de espécimes trazidos para Paris em 1847 pelo conde de Castelnau), como espécie distinta, sob o nome de *Brachyurus rubicundus* (528). Êle substitue completamente a forma branca nas partes ocidentais do delta do Japurá. Isto é, em distrito uniforme da região, de 150 milhas de comprimento por sessenta a oitenta de largura, a parte oriental é habitada exclusivamente pelo uacará branco, e a metade ocidental pelo vermelho. Devemos lembrar que o distrito é atravessado por numerosos canais, que, no momento atual servem indubitavelmente de barreiras à dispersão dos macacos, mas assim não deve ter sido durante muitos séculos, pois a posição das terras aluviais baixas e a direção dos canais do Vale do Amazonas mudam consideravelmente no decorrer de poucos anos. O uacará vermelho parece ser encontrado mais frequentemente nas matas opostas à embocadura do rio que leva a Fonteboa, e se estende daí até as margens do Uati-

paraná, o canal mais ocidental do Japurá, situado perto de Tunantins. Além dêsse ponto para oeste já não se encontram vestígios nem da forma vermelha nem da branca, ou de qualquer outra espécie próxima. Também não passam para leste da boca principal do Japurá, ou para a margem sul do Solimões. Até onde se estendem para o norte, ao longo das margens do Japurá, eu não poderia asseverar com segurança; mas o senhor Crisóstomo asseverou-me que a 180 milhas da foz dêsse rio já não se encontram o uacará vermelho nem o branco, mas que aí aparece, em seu lugar, terceira espécie, de cara negra e pelágio cinzento (529). Vi dois indivíduos adultos de *Brachyurus rubicundus* em Ega e um filhote em Fontebóia; mas não consegui obter para mim nenhum exemplar, pois as matas estavam inundadas, quando visitei sua localidade. Eu estava surpreso de encontrar os pelos dos jovens de colorido muito mais pálido que o dos adultos, e de tom testáceo em vez de pardo-avermelhado e, por conseguinte, não diferindo muito da espécie branca. As duas formas são, portanto, muito menos distintas quando jovens que no estado adulto. O fato do habitat dêstes singulares macacos ser tão curiosamente limitado, como aqui se descreveu, não pode ser considerado como bem estabelecido até que a região que fica entre a margem norte do Solimões e Nova Granada seja bem explorada, mas não pode padecer dúvida a separação das duas formas no delta do Japurá, e êste é um dos fatos mais instrutivos na distribuição geográfica dos animais.

O MACACO PARAUACÚ — Outro mono de Ega, próximo parente do uacará, é o parauacú (*Pithecia hirsu-*

---

(529) O *Cacajao melanocephalus*, que referimos na nota 521.

ta) (530), criatura tímida e inofensiva, com denso revestimento de pêlos longos e ásperos, manchados de cinzento, semelhante ao dos ursos. O longo pelágio estende-se sôbre a cabeça, ocultando a meio a pequenina face simpática e cobre também, até à ponta, a cauda bem desenvolvida, de dezoito polegadas de comprimento, maior, portanto, que o corpo. O parauacú é encontrado nas regiões de terra firme da margem norte do Solimões, de Tunantins ao Perú. Vive também ao sul do rio, especialmente nas margens do Tefé, mas aí com aspecto mudado, que difere um pouco pela côr, da raça típica. Esta forma foi descrita pelo Dr. Gray como espécie distinta, sob o nome de *Pithecia albicans*. O parauacú é também animal muito delicado, raramente vivendo muitas semanas em cativeiro, mas quem consegue tê-lo vivo por um mês ou dois, ganha nele o mais afetuoso animalzinho. Um dos espécimes de *Pithecia albicans*, atualmente no Museu Britânico era, quando vivo, de propriedade de um joven francês, meu vizinho em Ega. Ficou tão manso ao cabo de poucas semanas, que o seguia pelas ruas como um cachorro. Esse meu amigo era alfaiate, e o animal costumava passar a maior parte do dia sentado em seu ombro, enquanto êle trabalhava. Mostrava, contudo, grande antipatia pelos estranhos e não estava em melhores relações com qualquer outro membro da casa de meu amigo do que comigo. Nunca vi macaco que mostrasse afeição pessoal tão estreita como essa criaturinha tímida, silenciosa e tranquila. Os *Cebi* ardentes e apaixonados parecem destacar-se de todos os monos

---

(530) Pelas mesmas razões de prioridade o nome científico do parauacú é *Pithecia monachus*. A respeito deste macaco conta Cabrera a seguinte anedota: "Diz-se que no século XVI, os índios que viram os primeiros espanhóis que foram a Quito, olhavam-nos com admiração, e ao contemplar as longas cabeleiras que lhes chegavam aos ombros, conforme a moda da época, mostravam-nos uns aos outros, exclamando: "Olha um parauacú!"

sul-americanos pela inteligência e docilidade, e os coatás talvez tenham o humor mais amável e trêfego, mas o parauacú, embora seja animal triste e lerdo, a todos excede pela capacidade de afeiçoar-se aos indivíduos de nossa espécie. Não lhe faltam, porém, inteligência e bondade moral, do que tive a prova, por um ato de nosso macaquinho. Meu vizinho saíra de casa, de manhã, sem levar consigo o parauacú, e a criaturinha, tendo sentido a falta do amigo, concluíra, como parece, que êste certamente viera ver-me, pois era costume que ambos me visitassem diariamente. Veio, portanto, direito à minha residência, tomando o caminho mais curto, atravessando jardins, pulando pelas árvores e moitas, em vez de fazer a volta pela rua. Chegado à minha casa e não encontrando o dono, trepou em cima da mesa e sentou-se com ar de quieta resignação, esperando por êle. Pouco depois entrou meu amigo, e o macaquinho, cheio de satisfação, pulou para o pouso habitual no seu ombro.

MACACO NOTURNO DE CARA DE CORUJA — Terceiro gênero interessante de macacos encontrados perto de Ega, são os *Nyctipithecis* ou macacos noturnos, chamados Ei-á pelos índios. Dêstes encontrei duas espécies, intimamente aparentadas mas bem distintas, pois ambas habitam as mesmas florestas, das terras mais altas e mais secas, sem que se misturem ou se cruzem. Dormem o dia todo no ôco das árvores, e saem à captura de insetos e a comer frutos só durante a noite. São de pequeno porte, tendo o corpo cêrca de um pé de comprimento e a cauda quatorze polegadas, e densamente cobertos por pelágio macio, cinzento e bruneo, semelhante na consistência ao do coelho. Sua fisionomia lembra a do môcho ou do gato selvagem: a cara é redonda e cercada por uma orla de pêlos esbranquiçados; o focinho não é nada

proeminente; boca e mento são pequenos; as orelhas muito curtas, mal aparecem acima dos cabelos da cabeça e os olhos grandes e amarelados comunicam a expressão penetrante dos animais de rapina noturnos. A fronte é esbranquiçada, ornada de tres estrias negras que, em uma das espécies (*Nyctipithecus trivirgatus*) continuam até ao cocoruto e na outra (*N. felinus*) se reúnem no alto da fronte. *N. trivirgatus* foi primeiro descrito por Humboldt (531) que o descobriu nas margens do Cassiquiare, perto das nascentes do Rio Negro.

A gente não pode deixar de admirar-se desta curiosa modificação do tipo americano de macacos, pois o mono noturno de face de coruja proveio do mesmo tronco que o resto dos Cebidae, pois que não diferem muito em todos os pontos essenciais, quer dos uaiapussais (*Callithrix*), quer dos Saimiris (*Chrysothrix*) (532). Têm as unhas de forma normal em todos os dedos e polegares semi-oponíveis; mas os molares (ao contrário do que é usual nos *Cebidae*) são armados de pontas agudas, mostrando que sua alimentação natural é principalmente de insetos.

Conservei um *N. trivirgatus* domesticado durante muitos meses, tendo recebido um filhote de um índio, meu compadre, como presente do afilhado que eu acabava de batizar. Estes macacos embora durmam o dia todo, despertam ao menor ruido de modo que, quando se passa

---

(531) Ainda aqui, em obediência às leis de prioridade, o nome *Nyctipithecus* (macaco noturno) teve de ser substituído por *Aotus*. . Conhecem-se dez espécies destes curiosos monos noturnos. Há engano nos nomes científicos atribuídos por Bates às duas espécies referidas. O que ele chama *Nyctipithecus trivirgatus* deve ser o *Aotus vociferans* (pois *Aotus trivirgatus* é a espécie descoberta por Humboldt nas Florestas do Orenoco); a segunda espécie deve ser *Aotus nigriceps*. Encontram-se ainda no Brasil o macaco adufeiro (*Aotus boliviensis*) em Mato Grosso, e provavelmente o miriquiná de Azara (*Aotus azarae*).

(532) Os géneros *Callithrix* e *Chrysothrix*, citados por Bates são agora, respectivamente, *Gallicebus* e *Saimiri*.

por alguma árvore onde há um bando deles, é surpreendido pelo súbito aparecimento dos grupos de carinhas listradas, reunidas no ôco de um tronco. Foi assim que meu compadre descobriu a colônia de onde tirou o que me deu. Fui obrigado a conservá-lo acorrentado, pois nunca se tornou completamente manso. Mas vi um indivíduo da outra espécie que era a criatura mais divertida. Era vivo e ágil como os *Cebi*, mas não tão malicioso e de ânimo muito mais confiante, gostando de ser acariciado por todas as pessoas que entravam em casa. Mas seu dono, Juiz Municipal de Ega, Dr. Carlos Mariano, tratara-o durante muitas semanas com a maior bondade, deixando-o dormir com êle à noite na sua rêde e apanhar-se no seu colo metade do dia, enquanto êle estava lendo. Era muito querido de todos, por ser muito asseado e pela gentileza de seus modos. O meu era guardado numa caixa, na qual se puzera um jarro de vidro de boca larga. Aí êle se metia, quando alguém entrava na sala. Pouco depois se virava lá dentro e mostrava o rosto cheio de curiosidade, olhando fixamente para o intruso. De noite era muito ativo, soltando de vez em quando grito rouco, como o ladrido de um cão, e corria pelo quarto em todo o comprimento de sua corrente, procurando apanhar aranhas e baratas. Trepando entre a caixa e a parede, abraçava todo o espaço, agarrando-se com as palmas e os dedos dobrados em ângulo agudo, e dêsse modo subia até à tampa com a maior facilidade. Embora pareça preferir os insetos, come todo e qualquer fruto, mas não toca em carne crua ou cozida e raramente tem sêde. Disseram-me pessoas que têm êsses monos soltos em casa, que os mesmos limpam os aposentos dos morcegos como dos sevandijas. Quando a gente se aproximava delicadamente, o meu ei-á se deixava acariciar, mas quando o agarravam bruscamente,

sempre se mostrava alarmado, e mordia com raiva, estendendo as mãosinhas e soltando rosnado semelhante ao de um gato. Como já contei, meu bichinho foi morto por um saiarara ciumento, que eu tinha em casa na mesma ocasião.

Já mencionei as estreitas relações entre os macacos noturnos e os saimiris (*Chrytothrix*) que são dos monos mais comuns das matas da Amazônia. Deve-se ter em mente esta estreita relação, pois alguns zoólogos fizeram comparações entre os *Nyctipithec*i e os *Microcebi*. *Nycticebi* e *Loris*, monos noturnos da família dos Lémures, que habitam o Ceilão e Java, e poder-se-ia erroneamente inferir que nosso americano ei-á tivesse parentesco mais estreito com estas formas do Velho Mundo que com os macacos restantes do Novo Mundo (533). O *Nycticebus* de Java tem também grandes olhos noturnos, orelhas curtas e fisionomia semelhante à de nossos *Nyctipithec*i, semelhanças que podem parecer fortes provas da correlação, mas tais pontos são enganadores guias para estabelecer a genealogia desses animais. São simplesmente *semelhanças de analogia* e apenas mostram que algumas espécies, pertencentes à família completamente diferentes, se tornaram semelhantes porque se adaptaram a modos semelhantes de vida. O *Loris* e seus parentes da Ásia tropical têm seis incisivos na mandíbula inferior e pertence, em todos os outros pontos essenciais de estrutura, à família dos Lemures, que não tem um só representante no Novo Mundo. Os ei-ás têm dentes em número igual e crescendo aproximadamente na mesma posição que seus próximos parentes, os saimiris. Mas obtive uma prova ainda mais forte desta estreita relação entre os macacos diurnos e noturnos da América, ao encontrar

---

(533) Os gêneros citados são da família *Nycticebidae*, da ordem Prosimios.



espécies que estabelecem ligação entre êles. Tal espécie tem as orelhas tão curtas como o macaco noturno e também a testa estriada; mas as estrias são em número de duas (em vez de tres) e as côres do corpo muito semelhantes às do bém conhecido *Chrysothrix sciureus*, e os olhos adaptados à visão diurna.

MACACOS BARRIGUDOS — Encontram-se nas matas do Alto Amazonas dez outras espécies de monos, além das já mencionadas. Todos eram estritamente arborícolas e diurnos e viviam em bandos, viajando de árvore em árvore, as mães com os filhos às costas, levandô, de fato, vida semelhante à dos índios Parauatés e, como êles, pilhando acidentalmente as plantações situadas perto de sua linha de migração. Alguns foram igualmente encontrados no Baixo Amazonas e já foram referidos em capítulos anteriores desta narrativa. Dos rēstantes o mais notavel é o macaco *barrigudo* dos colonos portuguezes, uma espécie de *Lagothrix*. O gênero é intimamente aliado aos coaitás ou macacos aranhas, tendo, igualmente, caudas excessivamente robustas e flexiveis, providas, em sua face inferior, de uma superfície nua como a palma da mão, que lhes serve para se segurarem. Mas os barrigudos são animais muito corpulentos, ao passo que os macacos-aranhas são notaveis pela delgadez do corpo e das patas. Obtive especímenes que foram considerados de duas espécies: uma (*Lagothrix olivaceus* de Spix?) com a cabeça coberta de pêlos cinzentos; a outra (*Lagothrix humboldti*) de pelágio negro (534). Ambos vivem jun-

---

(534) Efetivamente essas duas supostas raças são a mesma espécie *Lagothrix canus*. Em suas "Observações gerais e particulares sôbre a classe dos Mamais", começando o estudo dos monos imberbes, com a cauda longa e convoluta", Alexandre Rodrigues Ferreira trata do maricá-ucú ou barrigudo nestas palavras. "É de estatura de uma guariba grande; tem o pelo denso, macio e pardo alvadio no dorso. O vértice da cabeça, a face, as palmas mãos, as solas dos pés são azevichados. O ventre é obeso. Todos são poltrões."

tos, nos mesmos lugares e provavelmente são apenas indivíduos da mesma espécie, com colorido diferente. Mandei para a Inglaterra um macho muito grande de uma dessas raças, cujo tronco media vinte e sete polegadas de comprimento e a cauda vinte e seis. Era o maior macaco que eu vira na América, com exceção do guariba preto, cujo corpo tinha vinte e oito polegadas de altura. A pele da face do barrigudo é negra e engelhada, a testa é baixa, com as arcadas superciliares salientes e, em resumo, com o semblante parecido de modo impressionante, com o de um negro velho. Nas selvas o barrigudo não é animal muito ativo. Nutre-se exclusivamente de frutas e é muito perseguido pelos índios, pela excelência de sua carne como alimento. Segundo informes que me foram fornecidos por um colecionador de aves e mamíferos, e que residira muito tempo entre os Tucunas, perto de Tabatinga, calculei que uma horda dessa tribo, de uns duzentos homens, destruíra mil e duzentos barrigudos por ano, para comer. A espécie é muito numerosa nas florestas das terras mais altas mas, graças à longa perseguição, raramente aparece nas vizinhanças das aldeias maiores. Não é encontrado no Baixo Amazonas. Suas maneiras, em cativeiro, são graves e o temperamento doce e confiante como o dos coaitás. Graças a estas qualidades o barrigudo é muito estimado como animal domesticado, mas não é tão resistente como os coaitás, e raramente resiste à viagem para o Pará.

SAGUÍ — Falta-nos agora apenas falar dos saguís, que formam a segunda família de monos americanos. Nosso velho amigo *Midas ursulus*, do Pará e Baixo Amazonas, não se encontra na parte superior do rio, mas em compensação aí se apresenta espécie muito afim, que parece ser o *Midas rufoniger* de Gervais, de boca orlada

de longos pêlos brancos (535). Os hábitos desta espécie são os mesmos de *Midas ursulus*, e de facto parece provável que seja uma forma ou raça do mesmo grupo, modificada em consequência das condições locais diversas em que vive. Certo dia, caminhando por uma estrada da mata, vi uma destas vivazes criaturinhas errar o puço, quando passava de uma árvore para outra com o seu bando. Caíu de cabeça para baixo, de altura de mais de cinquenta pés, mas ágilmente deu uma cambalhota, de modo a cair de pé na estrada. Voltando-se rapidamente, olhou-me com fixidez durante alguns momentos e depois saltou alegremente para trepar em outra árvore. Em Tunantis matei um casal de espécie muito bonita de saguí, creio que o *Midas rufiventris* dos zoólogos. O pelágio é muito liso e brilhante, as costas de colorido pardo escuro e a face ventral de tons negros e avermelhados. Terceira espécie (encontrada em Tabatinga, duzentas milhas mais a Oeste) é de um negro intenso, exceção da mancha branca em redor da boca. O animalzinho, à pouca distância, parece segurar nos dentes uma bola de algodão branco de neve. O último que vou mencionar é o *Hapale pygmaeus* (536) que obtive perto de S. Paulo (537) e é uma das formas mais diminutas da ordem dos Simios, pois os espécimenes adultos medem apenas sete polegadas de comprimento do corpo. A linda face liliputiana é provida de longos bigodes par-

---

(535) É o *Mystax labiatus*, já descrito em 1812 por Humboldt. Todas as outras espécies do Alto Amazonas têm pelos brancos peribucals, formando, às vezes, longos bigodes. Sempre que Bates se refere a *Midas*, é hoje *Mystax*; quando a espécie estiver correta não haverá nota especial a respeito.

(536) Este pequenino saguí é o unico representante de género especial; é chamado hoje *Cebuella pygmaea*. Há engano de Bates ao dizer que este miquinho chega até ao México, sendo sua área de distribuição restrita ao Alto Amazonas, de Ega até aos bosques do Napo, Uacaiale e Hualazga.

(537) S. Paulo de Olivença, no Alto Amazonas.

dos, que são frizados de maneira natural sôbre as orelhas. O colorido geral do animal é um castanho aleonado, mas a cauda é elegantemente anelada de negro. Fiquei surpreso, ao voltar à Inglaterra, examinando os espécimes do Museu Britânico, por ver que o mico pigmeu também é encontrado no México, por isso que não se conhece nenhum outro símio da Amazônia que vá tão longe da grande bacia desse rio. Assim a espécie menor e, aparentemente, a mais fraca da ordem, é a que parece ter tido maior dispersão.

O JUPURÁ — Um animal curioso, conhecido dos naturalistas como quincajú, mas chamado jupurá pelos índios do Amazonas e por eles considerado como uma espécie de macaco, pode ser aqui mencionado. É o *Cercopithecus caudivolvulus* dos zoólogos (538) e foi considerado por alguns autores como forma intermediária entre a família dos Lémures, da ordem dos Símios, e os Carnívoros plantígrados, ou família dos ursos. Ele não apresenta positivamente nenhuma relação estreita com qualquer dos grupos de monos americanos, tendo

---

(538) Bates escreve jupurá, mas o nome comum é japurá ou lapurá ou macaquinho da noite; os autores franceses descrevem-no com o nome de *kinkajou*, tornando conhecida a designação que se via em 1773 na feira da porta Saint-Germain, em Paris, num barracão, um animal vivo, com este letreiro: "Le kinkajou, animal inconu à tous les naturalistes". Nos países hispano-americanos o chamam tutamono ou cuchumbí. É um carnívoro da família Procionidae, cujo nome científico (de acordo com as leis de prioridade a que já me reportei) é *Potos flavus*. Nas Guianas chamam-no potto. A esse respeito vou transcrever um pequeno trecho da tradução do livro de Wallace e que vale por uma anedota. É Wallace, como todos sabem, grande zoólogo, e escreve no capítulo que trata da zoologia do vale do Amazonas: "Cercopithecus caudivolvulus — É o potto. Trata-se de um animal noturno, que habita as margens do alto Amazonas". O seu tradutor acrescenta esta deliciosa nota: — "É provável que o autor haja confundido esse *Cercopithecus caudivolvulus*, a que atribui o nome de bôto ("potto") com o *Sotalia brasiliensis*". Achei a coisa mais possível que a principal figura da Zoogeografia confundisse um Sirênio com um Carnívoro!...

seis incisivos em ambas as maxilas e as extremidades têm a forma habitual de patas em vez de mãos armadas de longas garras em vez de unhas. O focinho é cônico e pontudo, como o de muitos lémures de Madagascar; a expressão do semblante e os hábitos e modos são também muito semelhantes aos dos lémures. A cauda é muito flexível na ponta e usada para enrolar-se em tórno dos ramos, quando o animal trepa nas árvores. Nada vi ou ouvi a seu respeito, quando residia no Baixo Amazonas, mas nas margens da parte superior, de Tefé ao Perú, parece ser relativamente comum. E' de hábitos noturnos, como o macaco de cara de coruja, embora tenha os olhos escuros e brilhantes. Encontrei-o de uma feita, em grandes bandos, por ocasião da excursão que realizei com um índio pelas praias de um igapó de Tefé, vinte milhas acima de Ega. Dormimos certa noite em casa de uma família indígena que vivia no denso da mata. Aí se realizava uma festa, de modo, que não havia aposento onde armássemos as redes, por causa do grande número de visitas, de modo que fomos dormir numa esteira ao ar livre, perto do rancho que se erguia entre árvores frutíferas e palmeiras pupunhas. Passada meia-noite, quando tudo se aquietara, depois do borbórinho da festa, estava escutando o som surdo como o agitar de um leque, produzido pelas asas dos incômodos hóspedes, os morecos, que esvoaçavam entre os cajueiros. De repente comeci a ouvir ruído do lado da mata e avistei, tendo por fundo o céu iluminado pelo luar, um bando de animais graciosos, de longas caudas, saltando de ramo em ramo pelo pomar. Muitos deles pararam nas pupunhas, e os gritinhos, o tagarelar, os empurrões e o som das frutas caídas mostravam como estavam atarefados. Pensei, a principio, que fossem *Nyctipithec*i, mas eram jupurás,

pois o dono da casa apanhou muito cedinho um filhote, que me deu de presente. Conservei comigo, durante muitas semanas, este animalzinho, alimentando-o com bananas e farinha de mandioca com melão. Amansou em muito pouco tempo e deixava-se acariciar, mas fazia distinção nítida entre a confiança que tinha comigo e com os estranhos. Infelizmente o meu bichinho foi morto pelo cão de um visinho, que entrou na sala onde eu o conservava. E' tão difícil de se obter esse animal vivo, pois os indigenas não conhecem o seu lugar de retiro durante o dia, que não consegui segundo exemplar.

\* \* \*

Como não terei ocasião de voltar a tratar dos macacos, vou aqui fazer algumas considerações de ordem geral, como sumário de minhas observações na região do Amazonas. O número total de espécies de macacos que encontrei povoando as margens do Alto e Baixo Amazonas, é de trinta e oito. Pertenciam a doze géneros diferentes, formando duas famílias distintas, o número de géneros e famílias exprimindo grosseiramente, como para as outras ordens de plantas e animais, a diversidade de formas existentes. Todos os géneros de monos do Novo Mundo, exceto um (*Eriodes*, intimamente aliado aos coaitá, mas tendo os dedos com unhas em garra) são representados na região do Amazonas. Com tão amplo material diante de nós, vamos esboçar uma comparação entre os macacos do novo continente e seus correlatos do Velho Mundo. Parece altamente provavel que as maiores áreas terrestres, tanto continentes como ilhas, da superfície de nosso globo, se separaram tão perfeitamente como agora, logo depois que as primeiras formas deste grupo de animais apareceram. Será interessante,

portanto, ver como se deu de modo diverso, a subsequente criação de espécies em cada uma destas áreas separadas.

Os macacos americanos distinguem-se, como um todo, dos que se encontram no Velho Mundo. Sobre este ponto não há opinião discrepante entre os modernos zoólogos. Não é provavel, portanto, que espécies de um continente tenham passado para o outro, depois que as grandes áreas terrestres receberam os habitantes atuais desta ordem. Os americanos apresentam um conjunto de formas (oitenta e seis especies ao todo), separadas em treze géneros, as quais, embora muito diferenciadas umas das outras, em nenhuma delas mostra sinais de aproximação com qualquer das formas ainda mais diferenciadas, pertencentes à mesma ordem do hemisfério oriental. Uma das duas familias (*Cebidae*) tem trinta e seis dentes, ao passo que a familia correspondente do Velho Mundo (*Pithecidae*) possui, como o homem, apenas trinta e dois. Provém a diferença de terem os *Cebidae* um falso molar suplementar (539) de cada lado das duas maxilas. Este importante caracter é constante em todas as varias formas de que se compõe a familia *Cebidae*: sendo igualmente presente, tanto no grupo de cauda preensora, com seus quatro géneros e vinte e sete especies, que diferem na forma e no fevestimento de pelos, na forma das garras, nas características mentais e na condição do polegar das mãos anteriores; como nos verdadeiros *Cebi* e no grupo dos saguins (540), com seis géneros e vinte e quatro especies, incluindo os macacos diurnos e noturnos, de pelo longo e pelo curto, com caudas excessivamente longas e de caudas rudimen-

---

(539) Os falsos molares ou premolares diferem dos verdadeiros porque são precedidos por dentes de leite. (*Nota do Autor*).

(540) Quer referir-se Bates aos *Callicebinae*,

tares. A segunda família americana, dos micos, tem trinta e dois dentes, como os macacos do Velho Mundo e o homem; mas tal identidade provém da falta de um dos verdadeiros molares; os micos têm tres premolares, como os *Cebidae* e, portanto, são tão separados das formas do Velho Mundo como os *Cebidae*. Constituem, contudo, um tipo inferior de monos, com o cérebro liso, garras em vez de unhas, embora sejam de disposição mansa e jovial e com a cabeça que apresenta ângulo facial aberto.

Os macacos do Velho Mundo, como foi observado, são muitos mais diferenciados uns dos outros que os do Novo Mundo. Formam, desde logo, dois grupos largamente distintos ou sub-ordens, *Pithecidae* e *Lemures*, e compreendem cerca de 125 espécies, divididas em vinte e um géneros (541). O grupo *Lemur* contém uma diversidade de formas particularmente notavel, o que é demonstrado por sua divisão natural em quatro família (542) e doze géneros, embora contem apenas vinte e uma especies. Seus dentes são muito irregulares em numero e posição, mas nunca correspondem aos dos *Pithecidae* ou *Cebidae*. Estas quatro famílias estão mais largamente separadas, umas das outras; por sua estrutura, do que os dois grupos americanos de igual designação. Os *Lémures* contêm igualmente certo número de formas anómalas e isoladas, que, pelos dentes, número da mamas e outros caracteres, servem de ligação entre os macacos e outras ordens inferiores de mamais, principalmente com os *Roedores*, *Insetívoros* e *Morcegos*.

---

(541) Atualmente *Simios* e *Lémures* (ou *Prossimios*) constituem duas ordens distintas.

(542) Os *prossimios* estão hoje subdivididos em tres sub-ordens (*Lemuroides*, *Quiromloides* e *Tarsioides*) e o numero de géneros anda por mais de vinte.



Todos os Lémures típicos, que constituem a grande maioria da família, habitam exclusivamente Madagascar.

Os Pitheciidae estão divididos em tres grupos, que são também muito mais distintos uns dos outros que os grupos subordinados aos Cebidae —. Tais grupos são: a secção Antropoide, da qual, na opinião de alguns zoólogos, também o homem faz parte, e que compreende o gorila, o chimpanzé, os orangos e gibões; os Guenons (que, por suas formas, temperamento e hábitos se parecem com os Cebidae) e os babuinos, cujas formas extremas — especie de focinho de cachorro, de nariz estendendo-se até à ponta do focinho — parecem ser uma degradação do tipo simiesco. (543) Nada há que se possa comparar aos macacos antropóides ou ao babuino no continente americano. Os próprios guenons têm apenas uma semelhança superficial com os macacos americanos, pois todos eles possuem trinta e dois dentes, narinas que se abrem para baixo (e não para os lados, como os *Cebidae* e micos) e estão, no entretanto, ligados aos babuinos por formas intermediárias (*Macacus*), e pela presença de calosidades glúteas e outros sinais de consanguinidade.

Mais algumas palavras a respeito da maneira particular porque estes grupos de macacos estão distribuídos na superfície da terra. Podemos considerar, relativamente a tal problema, que as grandes massas terrestres das porções mais quentes do globo são quatro: 1. Australia com a Nova Guiné e ilhas adjacentes; 2. Madagascar; 3. América; 4. A massa continental do Velho Mundo, compreendendo Europa, Africa, Asia e as ilhas

---

(543) Também a ordem dos Simios é hoje considerada como subdividida em tres sub-ordens (Platirinos, Catarrinos e Antropomorfos, a primeira exclusiva do Novo Mundo e cada uma das duas outras dividida em duas famílias.

do Arquipélago Malaio, que estão ligadas à Asia por um mar raso e separadas da Nova Guiné por um canal de águas muito profundas: as águas rasas demonstram que houve recente união entre as terras que liga, enquanto o canal profundo é prova da existencia de separação completa e antiga entre as terras. Quanto aos macacos, elas parecem ter recebido estes animais da maneira a mais caprichosa possível, se tivermos por asentado que as espécies foram arbitrariamente criadas onde atualmente se encontram. A Austrália, com solo e clima tão bem adaptados aos babuínos como a Africa, onde abundam, e a Nova Guiné, com ricas florestas úmidas tão apropriadas aos orangos e gibões como as da ilha de Bornéu (tão semelhantes), não possuem, contudo uma só especie de macaco autóctone. Madagascar só tem Lémures, o grupo de organização mais baixa dos símios, embora o vizinho continente africano contenha numerosas espécies de todas as famílias de macacos do Velho Mundo. A América, como vimos, não tem lêmures e nem um só representante dos grupos do Antigo Continente, mas é bem povoado pelos géneros e espécies dos dois distintos grupos peculiares ao continente. Finalmente, a massa continental do Velho Mundo, com algumas formas anômalas de Lémures, esparsas aqui e ali, é a pátria exclusiva de toda a familia Pitheciidae, que apresenta uma série de formas gradativas desde o atrasado babuíno até ao gorila, que alguns zoólogos consideram estar muito próximo do homem por sua organização.

Que significa isto? Por que se distribuíram deste modo as diferentes formas pelas diversas partes da terra? Por que a Austrália e a Nova Guiné são desprovidas de macacos, e por que Madagascar ficaria parada

nos Lémures, enquanto a América avançou até aos *Cebidae* de cauda prensora, e o continente do Velho Mundo continuou até aos gibões, orangos, chimpanzés e gorila? Será que as maiores massas de terra tenham assistido a uma porção maior de alterações geológicas e climáticas com as mudanças correspondentes nas relações geográficas das espécies? No entretanto, por que ficariam os grupos menores da ordem confinados a pequenas áreas, dentro de outras maiores, povoadas por famílias a que eles pertencem? Pois, como devemos acrescentar, os verdadeiros lémures estão confinados em Madagascar, os gibões e outros no sueste da Ásia, os babuínos de focinho de cão na África e, como vimos, os macacos de cara vermelha numa área limitada da região amazônica. Pode-se satisfatoriamente explicar a ausência destes animais da Nova Guiné e da Austrália pela suposição de que estas terras se separaram do sueste da Ásia antes de terem surgido as primeiras formas da ordem? Se assim é, poderíamos concluir que Madagascar se separou da África e a América da massa continental do velho mundo antes da origem dos Pitheciidae. Mas se estas explicações, fundadas em causas naturais, forem aceitas, somos levados, pelo fato de sua aceitação, a admitir que as causas naturais bastam para explicar a existência ou não existência de formas numa determinada área. Por que não pode o exercício de nossa razão, fundada em fatos cuidadosamente observados e confrontados, dar um passo adiante e interpretar a própria origem dos macacos? Já mostrei como as espécies de macacos variam de maneira singular nas diferentes localidades e citei a ocorrência bem eloquente dos uacaris de pelágio branco e vermelho. Se estas duas formas, que são consideradas pelos mais eminentes naturalistas como espécies distintas, se originaram, como

os factos de sua distribuição amplamente nos dizem, de uma mesma fonte, por que as várias especies de lêmures, de babuinos, de gibões, considerados o decorrer dos tempos e as alterações climáticas, não se teriam originado do mesmo modo? E se assim podemos considerar a origem das espécies de um género, em que nos baseamos para negar que os géneros da mesma família da mesma ordem tenham provindo de um tronco comum? Trouxe à baila estas sugestões simplesmente para que sejam tomadas em consideração pelos leitores que gostam de refletir, mas devo acrescentar que, se pelo menos a origem comum das especies de uma familia não for admitida, o problema da distribuição dos macacos ficará um mistério inexplicável. Se, porém, for aceita, uma onda de luz ilumina o assunto, e promete pronta solução à investigação paciente e honesta. Tais questões mostram, também, como são interessantes e difíceis os problemas que a História Natural, concedidos ao espírito humano o direito e o talento de jogar com eles, tem de resolver.

E' facto sugestivo que todos os macacos fosseis, encontrados na Europa e na América, pertencem em cada caso aos tipos que ainda são peculiares dos continentes onde habitam. Os fosseis europeus são todos da familia *Pitheciidae*, e os sul-americanos pertencem todos às familias *Cebidae* e *Hapalidae*. A separação das duas marsas continentais (pelo menos suas zonas quentes) deve ter grande antiguidade geológica. E' interessante investigar como a diversidade de formas (se é permitida a expressão) se passou na América tropical desde a separação. Que ampla divergencia de tamanhos, formas, hábitos e disposições mentais entre o mico prateado, tão pequeno, que pode ser encerrado nas duas mãos, e o róbusto e selvagem guariba negro, de quasi

dois pés e meio de comprimento do tronco! No entanto não houve avanço direto na organização da ordem para um tipo mais elevado, tal como se apresenta no Velho Mundo. A América, por seu turno, produziu o macaco mais perfeitamente arborícola do mundo; mas não vai além da perfeição do tipo arborícola. A retenção de formas arborícolas através de longos períodos geológicos pode ensinar aos geólogos que sempre houve extensas áreas cobertas de matas no lugar da zona tropical da América. E' curioso refletir, em conexão com o facto de que o avanço dos quadrumanos americanos estacionou em fase tão baixa, que os etnólogos chegaram quasi unanimemente à conclusão que a raça de homens que atualmente habitam o continente americano, não são autóctones da América, mas imigrantes do Velho Continente, a pátria do grupo Antropoide da ordem Quadrumanos.

\* \* \*

MORCEGOS — Os únicos outros mamais que mencionarei aqui, são os morcegos, que vivem em número e variedades muito consideráveis na mata como nos edifícios das aldeias. Muitas espécies pequenas e curiosas, vivendo nas brenhas, escondem-se durante o dia nas largas fôlhas das helicônias (544) e de outras plantas que

---

(544) Antenor Leitão do Carvalho estudou a biologia dêsse pequeno morcego que se abriga nas folhas da pacova sororoca (*Heliconia* sp.) vários reunidos na mesma folha nova (formando ainda um funil), superpostos, todos de cabeça para cima, fixando-se pelas ventosas dos polegares e das solas dos pés. É a *Thyroptera tricolor*, representante de familia especial (*Thyropteridae*), e que Jimenez de la Espada já encontrara no sítio do indio Baeza, dormindo nas prefoliações das bananeiras. Falando destas curiosas ventosas escreve o mesmo explorador espanhol: "O animal ao procurar ofender com os dentes, aderia com estes aparelhosinhos aos dedos, nos quais sentíamos impressão parecida à que produz um dedal ou uma chave pegados à lingua, depois de fazer-se neles o vasio com a boca. Um mamífero com ventosas era para nós o achado mais extraordinário de nossa viagem, até esse momento, e uma descoberta rara na anatomia desses vertebrados".

crecem em lugares escuros; outros aderem aos troncos das árvores. Quando a gente caminha de dia pela mata, especialmente pelas ravinas sombrias, tem quasi a certeza de assustar os morcegos em seus lugares de dormida. À noite são vistos em grande bandos, esvoaçando entre as árvores, nas margens dos estreitos igarapés (545). Apanhei ao todo, sem que prestasse uma atenção especial aos morcegos, dezesseis especies diferentes em Ega.

O VAMPIRO — O pequeno *Phyllostoma* cinzento, sugador de sangue, citado em capítulo anterior como tendo sido encontrado em meu quarto em Caripí, não era raro em Ega, onde todos acreditam que visite as pessoas que dormem e os sangre durante a noite. (546) Mas o vampiro era aqui o mais abundante dos representantes da familia dos morcegos de nariz foliáceo. E' a maior das especies sul-americanas, medindo vinte e oito polegadas de envergadura das asas. Nada mais horrivel, na fisionomia dos animais, que o aspecto desta criatura, vista de frente: as orelhas grandes, coriáceas, muito salientes dos lados e no alto da cabeça; apêndice lanceolado e erecto da ponta do nariz; os olhos negros, brilhantes, ferozes; tudo se combinava para formar uma figura que faz lembrar algum desses zombeteiros diabinhos das lendas. Não admira que a imaginação do povo tivesse

---

(545) Há, na Amazonia, pelo menos uma espécie de morcego pescador, o *Noctilio leporinus*, que Jimenez de la Espada viu nas margens do Napo e do Solimões voando quasi a flor d'agua "como vão as andorinhas". E afirma: "Posso afirmar o fato, porque não há confusão possível com quaisquer outras, a estranha silhueta desse quiróptero, destacada no fundo do ceu, refletido no rio e movendo-se, não incerta e loucamente como a maior parte dos mamíferos voadores, mas com vôo lento, marcado, sinuoso, por tempos e sempre próximo e paralelo à superfície da água".

(546) A respeito dos morcegos hematófagos, veja-se a nota n.º 210.

emprestado instintos diabólicos a animal tão repelente. O vampiro é, contudo, o mais inócuo dos morcegos, e seu caracter inofensivo é bem conhecido das populações ribeirinhas do Amazonas. Encontrei duas espécies distintas: uma de pelágio denegrido, a outra vermelha, ambas alimentando-se principalmente de frutos. A igreja de Ega era o refúgio principal de ambas. (547) Costumava vê-las, quando me sentava à minha porta nas noites de luar, saindo às duzias por larga janela aberta atrás do altar, tagarelando alegremente, quando chegavam à orla da mata. Às vezes entram nas casas. A primeira vez que vi um no meu quarto, esvoaçando pesadamente em giros sucessivos, tomei-o por pombo, pensando que fosse algum, fugido do viveiro de um de meus vizinhos. Abri os estômagos de vários destes morcegos e neles sempre encontrei a polpa e sementes de frutos, misturados com alguns restos de insetos. (548) Dizem os naturais que eles devoram cajús maduros e goiabas nas árvores dos jardins mas, comparando as sementes tiradas de seus estômagos com as de todas as árvores cultivadas em Ega, vi que eram diferentes. E' provavel, portanto, que vão geralmente à mata alimentar-se voltando ao povoado de manhã para dormir, porque aqui estão mais em segurança contra os animais de rapina do que nos seus esconderijos naturais.

\* \* \*

---

(547) Provavelmente eram individuos da mesma espécie *Phyllostomus hastatus*, mas bem pode ser que fossem efetivamente representantes das nossas duas maiores espécies de morcegos; os denegridos seriam então da especie que acabamos de citar, e os vermelhos *Vampyrus spectrum* (da mesma familia Phyllostomidae).

(548) Os insetos pertenciam a especies de Scarites (Coleópteros), de lâminas maxilares rombas, muitos dos quais voam em grandes números nas noites quentes. (Nota do Autor).

AVES — Já tive ocasião de mencionar várias das aves mais interessantes, encontradas no distrito de Ega. A primeira coisa que poderia impressionar o recém-chegado nas florestas do Alto Amazonas seria a escassez geral de aves. Aconteceu, efetivamente, que muitas vezes não encontrei uma só durante um dia inteiro de caminhada nas partes mais ricas e mais variadas das matas. No entanto a região é habitada por várias centenas de espécies, muitas das quais são, na realidade abundantes, e algumas muito vistosas por sua brilhante plumagem. A causa da aparente raridade deve ser explicada pela monotonia e densidade dos milhares de milhas da floresta que forma o seu habitat. As aves da região são gregárias, pelo menos durante a época em que mais facilmente se encontram. Mas as aves frugívoras só ocorrem quando certos frutos silvestres amadurecem, e para conhecer-se as localidades exatas das árvores, são precisos meses de experiência. Não se deveria supor que as aves insetívoras sejam também gregárias, mas são. Muitas espécies distintas, pertencentes a várias famílias reúnem-se para a caça ou para a procura de alimento. O procedimento destes bandos associados de caçadores de insetos é bastante curioso e merece alguns reparos.

Caçando pelas estreitas veredas abertas na mata, nos arredores das casas das aldeias, pode a gente passar vários dias sem ver muitas aves; mas de vez em quando arbustos e árvores visinhas parecem subitamente fervilhar delas. Há dezenas, provavelmente centenas movendo-se todas com a maior atividade: — picapaus e Dendrocolaptidade (uns não maiores que um pardal, outros do tamanho de uma gralha), subindo pelas árvores; tanagras, beija-flores, papamoscas e tamatias esvoaçavam entre as folhas e ramos inferiores. Essa multidão fervilhante não perde tempo e, embora se mova em con-



certo, cada pássaro está ocupado por sua própria conta, a catar cascas, fôlhas ou gravetos; os tamatias visitam cada ninho de barro dos termitas nas árvores e seguem em linha de marcha. Em poucos minutos a hoste desaparece e o caminho da mata fica deserto e silencioso como antes. Com o correr dos tempos, fiquei tão familiarizado com este costume das aves das matas perto de Ega, que em geral podia encontrar onde queria o bando que se entregava à pilhagem.

Os índios tinham conhecimento destes bandos mistos de aves, reunidos para a caça, mas parece que não observaram estarem elas ocupadas a catar insetos. Suprem sua falta de conhecimentos, segundo o método costumeiro da gente semi-civilizada, por uma teoria que degenerou em mito, segundo a qual os bandos são conduzidos por um passarinho cinzento, chamado papa-uirá (549), que fascina os outros e os guia com uma dança fatigante entre as brenhas. Há certamente um aspecto de verdade nesta explicação pois, às vezes, pássaros perdidos, que se encontram na rota dos que vão à caça de insetos, são arrastados pela multidão, de maneira que, de vez em quando, se vêem pássaros frugívoros mistura-

---

(549) É o irapurú ou ulrapurú, nome que, realmente, não corresponde a uma espécie bem definida, mas a um certo número de pássaros da família *Pipridae*, entre as quais *Pipra rubricapilla* (também conhecido por atangará e cabeça-encarnada), *Pipra leucocilla* (cabeça-branca), *Chromoceryle alba* (rendeira, bil-reiro) e da família *Trogloditidae* (*Leucoceryle leucocilla*). A designação que encontramos em Bates parece-me esclarecer melhor a etimologia do nome desse pássaro que a proposta para ulrapurú. Em Rodolfo Garcia — Nomes de aves em língua tupi — encontramos a seguinte explicação: "De uirá, alteração de guirá — Pássaro e purú ou pirú, seco, magro. Para Couto de Magalhães significa pássaro emprestado ou pássaro que não é pássaro, porque toma a forma de pássaro e anda rodeado de muitos outros". Como etimologia de papaurá creio que podemos considerar papá como frequentativo de pã — sonoro, que canta, portanto muito sonoro e uirá — pássaro, justificando portanto a conta de príncipe dos cantores que tem esse passarinho.

dos com os outros, como que levados num turbilhão. As mulheres indígenas, e mesmo os habitantes brancos e mestiços das cidades, dão um valor supersticioso à pele e penas do papa-uirá, acreditando que, se as tiverem consigo, junto ao peito, o amuleto terá o efeito de atrair para as felizes possuidoras um séquito de amantes e admiradores. São tais pássaros, por conseguinte, muito procurados em alguns lugares, vendendo-os os caçadores por bom preço às moças levianas, que os conservam, secos ao sol, com carne e penas. Nunca vi este famoso passarinho na mata. De uma feita encarreguei os índios de me obterem alguns espécimes, mas depois que o mesmo homem (que era perito conhecedor da mata) me trouxe, em diferentes ocasiões, tres especies distintas de pássaros como sendo o papa-uirá, tomei a história como mistificação. A explicação mais singela parece ser a seguinte: reúnem-se as aves em bandos, pelo instinto de conservação, de modo a que se tornem presas menos fáceis dos gaviões, serpentes e outros inimigos, do que se se alimentassem isoladas.

TUCANOS. TUCANO DE CUVIER — Desta familia de aves, tão conspicuas pelo grande tamanho e leveza dos bicos, e tão características das florestas tropicais americanas, habitam as matas de Ega cinco especies (550). O maior de todos os tucanos encontrados no Amazonas, o *Rhamphastos toco*, chamado pelos naturais tucano pacova, porque seu bico se assemelha no tamanho e na forma, a uma banana ou pacova, parece que não chega até

---

(550) *Rhamphastos cuvieri*, *Pteroglossus beauharnaisii*, *Pt. langsdorffii*, *Pt. castanotis*, *Pt. flavirostris*. Mais para oeste, perto de S. Paulo, aparece uma sexta espécie, o *Pt. humboldti* (*Nota do Autor*) *Ramphastos monilis cuvieri*, *Beauharnaisius beauharnaisii*, *Selenidera langsdorffii*, *Pteroglossus castanotis*, *Pteroglossus flavirostris mariae* e *Pt. inscriptus humboldti* da nomenclatura atual.

Ega. O mais comum é o tucano de Cuvier, (551) grande ave, que se distingue de seus mais próximos parentes por ter as penas da rabadilha côr de açafião, em vez de vermelhas. Durante o ano todo é encontrado em maior ou menor abundância, pois nidifica nos arredores, pondo os ovos no ôco das árvores, a grande altura do solo. Na maioria dos meses do ano encontram-se individuos isolados ou pequenos bandos, e as aves são então muito esquivas. Vê-se, às vezes, um destes pequenos bandos de quatro ou cinco, empoleirados horas e horas nos ramos mais altos das árvores, deixando escapar seus gritos altos, estrídulos, destacados, uma das aves mais alto que as outras, parecendo funcionar como chefe dêsse côro desarmonioso; mas não é raro que gritem dois alternadamente e em notas diferentes. Tais gritos têm vaga semelhança com as sílabas tu-ca-no, tu-ca-no, donde o nome indígena deste gênero de aves. E' então muito difficil acertar um tiro nos tucanos, pois seus sentidos são tão aguçados, que descobrem o caçador antes dêste chegar perto da árvore onde estão pousados, embora o mesmo esteja escondido no subosque, 150 pés abaixo deles. Estiram o pescoço para baixo, espiando, e ao perceber o mínimo movimento entre a folhagem, voam para as partes mais inacessiveis da mata. Nessa mesma época encontram-se, às vezes, tucanos solitários, subindo e descendo silenciosos pelos ramos mais robustos, e aparecendo nas fendas dos troncos das árvores. A muda tem lugar nos meses de março a junho, em alguns individuos mais cedo, em outros mais tarde. Passado este período de quietude forçada, fazem de súbito seu aparecimento na floresta seca, perto de Ega, em grandes bandos, reunidos em sociedades, provavel-

---

(551) *Rhamphastos monilis cuvieri*.

mente a fugir das matas de igapó, então frias e alagadas. Tornam-se agora as aves extraordinariamente mansas, e os grupos voam pesadamente de ramo em ramo, pelas árvores mais baixas. São, desse modo, facil presa para os caçadores, e toda a gente de Ega que pode arranjar uma espingarda qualquer e algumas cargas de pólvora e chumbo, ou uma zarabatana, vai diariamente às brenhas matar alguns pares para o jantar. Durante os meses de junho e julho a população de Ega alimenta-se quasi exclusivamente de tucanos assados ou cozidos, porque estes estão muito gordos e a carne é extraordinariamente branda e adocicada.

Ninguém, vendo um tucano, consegue dizer qual a utilidade do enorme bico que, em algumas especies, chega a sete polegadas de comprimento por mais de duas polegadas de largura. Farei aqui algumas observações a êsse respeito. Os primeiros naturalistas, tendo visto apenas o bico do tucano, que tinha sido considerado como produto maravilhoso pelos *virtuosi* dos séculos XVI e XVII, concluíram que a ave devia pertencer a ordem aquática, de pés palmados, na qual se encontram tantas especies de notavel desenvolvimento de bico, adaptado para apanhar peixe. Alguns viajantes também contaram histórias fabulosas de tucanos, que vinham às margens dos rios alimentar-se de peixes, e tais narrativas também incutiram, a respeito dos habitos de tais aves, as vistas errôneas que prevaleceram durante tanto tempo. Mas atualmente os tucanos são bem conhecidos, como aves eminentemente arborícolas e pertencem ao grupo (que inclue também os trógonos, papagaios e tamatías) cujos membros são todos frugívoros. No Amazonas, onde estas aves são comuníssimas, ninguém pretende ter visto um tucano caminhando no chão e muito

menos procedendo como ave que nada e rema. O professor Owe achou, pela dissecação, que a moela dos tucanos não está tão bem adaptada à trituração dos alimentos como a dos outros herbívoros. Como Broderip observara, numa ave mansa, o hábito de ruminar, concluiu que o grande bico dentado era muito util para segurar e remastigar o alimento. Dificilmente se pode considerar o bico como o aparelho muito bom para apanhar e esmagar passarinhos ou tirá-los dos ninhos nos ôcos das árvores, hábitos que foram imputados aos tucanos por alguns escritores. A estrutura ôca e celular do interior do bico, sua forma curva e desageitada, e a falta de força e precisão, quando usado para apanhar objetos, sugere falta de aptidão, se tal fosse a função do membro. Mas os frutos são indubitavelmente o principal alimento dos tucanos e é em relação com o seu modo de os obter que se deve imaginar o seu bico extravagante.

Flores e frutos das copas das grandes árvores das florestas sul-americanas, crescem principalmente nas pontas das delgadas vergôntees que não suportam grandes pesos. Por isso todos os animais que se nutrem de frutos ou de insetos contidos nas flores devem, forçosamente, ter meios de alcançar de longe as pontas dos ramos. Os macacos obtêm o alimento, estendendo os longos braços e, em alguns casos, as caudas para apanhar os frutos e levá-los à boca. Os beija-flores são providos de órgãos de vôo altamente aperfeiçoados, com movimento muscular correspondente, com os quais são capazes de manter-se voando diante das flores, enquanto as despojam de seus conteúdos. Mas estas criaturas, tão boas voadoras, quando podem chegar bem perto, ficam em seus poleiros, enquanto exploram as flores vi-

zinhas, à procura de insetos. Os surucuás têm asas fracas e temperamento triste e inativo. Seu modo de obter alimento é ficar em quietude nos ramos baixos das sombras mais densas da mata, olhando os frutos das árvores em redor. Bruscamente eles se lançam, como se de cada vez quizessem apanhar um bocado, e voltam ao mesmo pouso. As *Capitoninae* parecem não ter estrutura especial quer nos hábitos, quer na anatomia, que lhes permita apanhar frutas e a esse respeito são semelhantes aos tucanos, se deixarmos o bico de lado. Ambas as tribus têm o corpo pesado, com fraco órgão de vôo, de modo que são incapazes de apanhar o alimento pela força das asas. A finalidade do enorme bico se torna aqui evidente: permite ao tucano atingir e devorar os frutos, mesmo ficando pousado, assim contrabalança a desvantagem que seu corpo pesado e voraz apetite lhe dariam na competição com grupos aliados de aves. A relação entre o bico extraordinariamente alongado do tucano e o seu modo de obter alimento é, portanto, precisamente semelhante ao que há entre o longo pescoço e os lábios da girafa e o modo de colher os raminhos pelo animal. O bico do tucano está longe de ser considerado instrumento perfeitamente conformado para o fim a que é aplicado, como aqui se explica. Mas a natureza não parece inventar imediatamente órgãos para as funções a que estão agora adaptados, mas aproveita-se aqui de uma estrutura ou instinto já existentes, ali de outros, segundo estão mais ao alcance, quando necessários, ao surgir ulterior modificação.

Certo dia, caminhando 'pela estrada principal das matas de Ega, ví um destes tucanos pousado gravemente em ramo baixo e não tive dificuldade em agarrá-lo

com a mão. Parecia ser ave domesticada, fugida, mas ninguém veio reclamá-lo, embora eu o tivesse guardado em casa vários meses. A ave estava faminta e doentia mas depois de alguns dias de boa vida, recobrou a saúde e vivacidade e tornou-se o mais divertido dos companheiros. Publicaram-se muitas excelentes narrativas sôbre os costumes dos tucanos mansos e, portanto, eu não os descreverei com minúcias, mas não me lembro de ter visto qualquer notícia sôbre a sua inteligência e confiante disposição, quando domesticados, qualidades que no meu pareciam quasi iguais às dos papagaios. Eu deixava *Tucano* andar livremente pela casa, ao contrário do que costumava fazer com os outros animais amansados. Nunca mais subiu em cima de minha mesa de trabalho, depois de correção severa que recebeu, da primeira vez que o fez. Costumava dormir na tampa de uma caixa, num canto da sala, na posição habitual dessas aves — com a longa cauda deitada sôbre o dorso e o bico escondido sob as asas. Comia de tudo o que comíamos: carne, tartaruga, peixe, farinha, frutas e era comensal constante em nossa mesa — uma toalha estendida sôbre uma esteira. O apetite era dos mais vorazes e o poder de digestão admiravel. Aprendeu a conhecer com precisão as horas das refeições e depois das duas primeiras semanas era muito difficil conservá-lo longe da sala de jantar, onde se tornava muito impudente. Tentámos prendê-lo fora, fechando-o na horta, que era separada por alta cerca, da rua sôbre a qual se abria a porta principal, mas ele costumava trepar na cerca e seguir por ela aos saltinhos até à sala de jantar, fazendo larga volta, e aparecendo com a maior pontualidade, quando a comida era posta na mesa. Adquiriu depois o hábito de atravessar a rua perto de nossa casa e um dia foi roubado, de modo que o demos

por perdido. Mas dois dias depois entrou pela porta aberta na hora do jantar, com seu passo costumeiro e sua expressão velhaca de pêga, tendo fugido da casa onde fôra guardado pela pessoa que o roubara, casa que ficava na outra extremidade da aldeia.

O ARAÇARI (*Pteroglossus beauharnaisii*) — Dos quatro tucanos menores ou araçarís, encontrados perto de Ega, o *Pteroglossus flavirostris* é talvez o mais belo pelo colorido, com o peito ornado de largas coleiras de rico carmezin e negro, mas a especie mais curiosa sem contestação, é o araçarí de topete ou tucano de Beauharnais. (552) As penas da cabeça desta ave singular estão transformadas em delgadas placas córneas, de um negro lustroso, crespas nas pontas e parecendo lâminas de aço ou de ébano; o topete está arranjado no cocoruto em forma de peruca. Wallace e eu encontrámos pela primeira vez esta especie, quando subíamos o Amazonas, na boca do Solimões. D'aí para cima aparece como ave relativamente comum na terra firme, pelo menos na margem sul, até Fonteboa, mas não soube que fosse encontrado mais para oeste. Aparece em grandes bandos nas matas perto de Ega nos mêses de maio e junho quando terminou a muda. Não encontrei êsses bandos reunidos nas árvores frutíferas, mas sempre vâgando pela mata, saltando de ramo em ramo entre as árvores mais baixas e meio ocultos entre a folhagem. Nenhum dos araçarís meus conhecidos faz o barulho ensurdecedor que se percebe nos tucanos maiores; as notas da especie de topete são muito singulares, parecendo o coa-

---

(552) Os dois araçarís citados por Bates têm hoje os nomes científicos *Pteroglossus flavirostris mariae* (a forma típica é da Colombia, leste do Equador, Venezuela, Guianas e alto rio Negro) e *Beauharnaisius beauharnaisii*.



zar das rãs. Tive certo dia divertida aventura com estas aves. Derrubara uma delas de árvore relativamente alta em ponto escuro da mata e entrei na brenha onde caíra, para apanhar meu botim. Ela estava apenas ferida e quando avancei para segurá-la soltou alto grito. No mesmo instante, como por magia, o sombrio recanto fervilhou dessas aves, embora não se visse nenhuma, quando entrei no mato. Desciam, saltando de galho em galho, algumas pulando nas alças e cabos das lianas lenhosas, todas gritando e batendo as asas, como outras tantas fúrias. Se eu tivesse na mão longo cacete, poderia ter abatido muitas delas. Depois de matar a que ferira, comecei a preparar-me para obter mais espécimes e punir as viragos por seu atrevimento mas, tendo cessado o lamento da companheira, tornaram a subir pelas árvores, e antes de eu ter tornado a carregar a espingarda, todas tinham desaparecido.

INSETOS — Encontraram-se nos arredores de Ega mais de sete mil espécies de insetos. Devo limitar-me aqui apenas a algumas notas sobre a ordem *Lepidoptera* e sobre as formigas, das quais várias espécies, encontradas principalmente no Alto Amazonas, mostram os instintos mais extraordinários.

Encontrei 550 espécies distintas de borboletas em Ega. Os que conhecem um pouco de Entomologia poderão fazer ideia da riqueza dos sítios neste departamento, quando eu lhes disser que, a uns dez minutos de marcha de minha casa, encontrei dezoito espécies de legítimos *Papilio*. Nenhum fato falaria mais eloquentemente da incedível exuberância da vegetação, da natureza variada da terra, do calor e umidade perenes do clima. Mas nenhuma descrição pode transmitir no-

ção adequada da beleza e diversidade de formas e côres desta ordem de insetos nos arredores de Ega. Prestei-lhes atenção muito especial, tendo verificado que esta tribo, mais que qualquer outro grupo de animais, serviria para fornecer os dados que illustrassem as modificações que todas as espécies sofrem na natureza, sob condições modificadas do meio. Esta superioridade accidental é devida, em parte, à simplicidade e distinção dos caracteres específicos dos insetos e em parte à facilidade com que se pode coligir e colocar lado a lado serie muito copiosa de especímenes. A separação dos caracteres específicos é provavelmente devida ao facto de que todos os sinais superficiais de modificação de organização são exagerados, e se tornam bem evidentes porque afetam a nervação, a forma e a côr das asas, caracteres que, como todos os anatomistas acreditam, são expansões da pele em tôrno dos orifícios respiratórios do torax dos insetos. Tais expansões são revestidas de pequeníssimas penas ou escamas, coloridas e formando desenhos regulares, que variam de acordo com a mais tênue alteração das condições a que ficam expostas as espécies. Pode-se dizer, portanto, que nestas membranas expandidas a Natureza escreve, como numa tábua, a história das modificações das espécies, de tal maneira aí se registram todas as modificações de organização. Além d'isso os mesmos desenhos coloridos das asas mostram, de modo geral, os graus de parentesco das espécies, com a maior regularidade. Como as leis da Natureza devem ser as mesmas para todos os seres, as conclusões fornecidas por êste grupo de insetos devem applicar-se a todo o mundo orgânico. Portanto, o estudo das borboletas — criaturas escolhidas como tipos de levianidade e frivolidade — em vez de ser menosprezado, será

um dia valorizada como um dos ramos mais importantes da ciência biológica.

Já mencionei, em capítulo anterior, a condição abafada geral da atmosfera do Alto Amazonas, onde as brisas do mar que sopram do Pará até à foz do Rio Negro (mil milhas acima no rio) são desconhecidas. Difícilmente se pensaria que diferenças tão singelas das condições meteorológicas bastassem para que cada região tivesse população própria de gêneros e espécies de borboletas, e no entretanto assim sucede, e de modo muito decisivo. O Alto Amazonas, de Ega para cima, e as vertentes orientais dos Andes, de onde se receberam na Europa tão grande número das espécies mais ricamente coloridas, devem a porção mais ornamental de sua população à ausência de ventos fortes e regulares. Dezenove dos gêneros mais formosos de Ega, contendo ao todo cerca de cem espécies, são totalmente ausentes, ou muito pobremente representados no Baixo Amazonas, onde domina o vento geral. A área de distribuição destes dezenove gêneros é influenciada por complicado conjunto de circunstâncias. Em todas as suas espécies encontram-se os machos e as fêmeas na proporção de cem para uma, e todos são de cores brilhantes, enquanto as fêmeas são de tons mortos. Passam a vida revolutando ao sol, bebendo a pequena quantidade d'água que constitui seu alimento, na lama das praias dos rios, enquanto as esposas ficam escondidas nas sombras da mata. A existência destas espécies depende das facilidades que têm os machos para gozar dos prazeres da vida ao sol. O maior obtáculo a uma tal vida é a dominância dos ventos fortes, que não somente secam rapidamente qualquer umidade dos lugares abertos, como impedem os petímetros de ricas roupagens de voar diariamente aos seus sitios de alimentação. Observei isto

mais particularmente em Santarém, onde as margens úmidas, localidades que no Alto Amazonas enxameiam destes insetos, são aí quasi desprovidas; e em Vila Nova (onde há pequeno número) eu as vi lutando contra os ventos fortes no começo da estação seca e, quando esta avançava, desapareciam da localidade. Quando subi o Tapajós para as margens calmas e abafadiças do Cuparí, reapareceram estes insetos em grande número, quasi todos iguais aos encontrados no Alto Amazonas, o que demonstrava claramente que sua existência no distrito dependia da ausência de ventos.

Antes de passar a descrever as formigas vou dar algumas notas sôbre as singulares casas e casulos de certas mariposas encontradas em Ega. A primeira a ser mencionada é dos mais belos exemplos que conheço da indústria dos insetos. E' um casulo, mais ou menos do tamanho de um ovo de pardal, que uma lagarta tece em largas malhas de seda rósea ou côr de camurça, que eu encontrava frequentemente nas estreitas aléas da mata, suspenso por forte fio de seda de cinco ou seis polegadas de comprimento, bem na ponta de uma fôlha externa. Os fios lustrosos de que é entretecido são fortes e a estrutura não pode ser dilacerada pelos bicos das aves insetívoras, e sua posição pêndula a torna duplamente segura contra os seu ataques, pois o aparato foge quando elas o beliscam. Há pequeno orifício em cada extremidade do saquinho oval, o que permite a fuga da mariposa, quando esta sai da crisálida que dorme tranquilamente em sua gaiola aérea. A mariposa é côr de ardosia escura e pertence ao grupo Lithosida da familia do bicho da seda (*Bombicidae*). Quando a lagarta começa o seu trabalho, deixa-se cair da ponta da folha escolhida, fiando um fio de seda, cuja espessura aumen-

ta lentamente, à medida que ela desce. Dado o comprimento conveniente ao cordão, começa ela a trançar o elegante saquinho, pondo-se no centro e fiando anéis de seda, com intervalos regulares, ao mesmo tempo que os une por fios atravessados, de modo que o todo, quando acabado, forma uma teia froixa, de malhas quadrangulares de tamanho quasi igual. A tarefa leva quatro dias; uma vez terminada, a lagarta torna-se modorrenta, a pele engelha e se fende, e aí fica a crisálida imóvel, de forma estreita, quasi colada a um dos lados de sua gaiola de seda.

Encontrei em Ega muitas outras espécies de mariposas da mesma família tecelã de casulos, algumas das quais diferem das demais porque suas lagartas possuem a arte de fabricar abrigos com fragmentos de madeira ou com fôlhas, nos quais moram, livres de todos os inimigos durante o tempo de seu crescimento e nutrição. Vi muitas destas espécies; algumas unem, com finos filamentos de seda, pedacinhos de pau, e assim fazem tubos semelhantes aos das grumixas (553); outras (*Saccophora*) escolhem folhas para o mesmo fim, formando com elas um saço alongado, aberto nas duas pontas, e forrado internamente de uma espessa teia. Os tubos das lagartas crescidas de *Saccophora* são de duas polegadas de comprimento, e foi neste estado que eu geralmente as vi. (554) Alimentam-se de fôlhas de Melastomáceas, e como o peso de uma habitação tão grande poderia ser maior do que o que a lagarta poderia transportar, quando se arrasta, o inseto a prende por um ou

---

553) No original escreve Bates "caddice-worms", designação pela qual são conhecidas em lingua inglesa as larvas de tricópteros, e que em certos pontos do Brasil são conhecidas por grumichas, termo que foi generalizado por Fritz Mueller.

(554) Aos interessantes casulos onde vivem as larvas e fêmeas das mariposas da familia Psychidae chamam em certos pontos do Brasil bicho-charuto e bicho-de-cesto.

mais fios às folhas e gravetos proximos do lugar onde ela está comendo.

FORMIGAS DE CORREIÇÃO — Encontram-se nos livros de viagem (copiados nas obras de História Natural), muitos dados confusos a respeito destas formigas que parecem ter sido confundidas com a saúva, de cujos hábitos dei um esboço no primeiro capítulo desta obra. A saúva alimenta-se de vegetais e não ataca outros animais; as narrativas publicadas a respeito de formigas carnívoras que caçam em vastos exércitos, espalhando o terror por onde passam, só se applicam aos Ecitones ou formigas de correição, grupo totalmente diferente desta tribu de insetos. Os Ecitones são chamados tauocas pelos indios, que estão sempre de sobreaviso, à espreita de seus exércitos, quando estes atravessam a selva, de modo que possam evitar ser atacados. Encontrei dez espécies diferentes desta formiga, quasi todas com diferentes modos de marchar; oito eram novas para a ciência quando as remeti para a Inglaterra. Algumas são comuns em qualquer parte da região, e uma é peculiar aos campos abertos de Santarém; mas, como quasi todas as espécies são encontradas em Ega, onde a mata fervilhava de seus exércitos, deixei para aqui a narrativa dos hábitos de todo o gênero. Os ecitones se parecem, por seus costumes, com as formigas carreteiras da Africa tropical; mas não têm com elas nenhuma relação estrutural estreita, pois de facto pertencem a um subgrupo totalmente diverso.

Como em muitas outras espécies de formigas, as comunidades de Eciton são compostas, além de machos e femeas, de duas classes de operárias, uma de cabeça grande (obreira *major*), outra de cabeça pequena (obreira *minor*). As de cabeça grande, em algumas espécies

têm as mandíbulas muito alongadas, enquanto as de cabeça pequena são sempre de mandíbulas normais; mas as duas classes não são bem nitidamente separadas em estrutura e função, senão em duas espécies. Há em todas elas pequenas diferenças de tamanho da cabeça nas operárias; mas em algumas (*Eciton legionis*) isto não é suficiente para dar uma separação em castas, com divisão de trabalho; em outras (*E. hamata*) as mandíbulas são tão monstruosamente alongadas nas obreiras-maiores que estas são incapazes de tomar parte nos trabalhos que as menores executam; em outras ainda (*E. erratica* e *E. vastator*) a diferença é tão grande que a distinção de castas é completa, algumas atuando como soldados e outras como operários. (555) A feição peculiar dos hábitos do género *Eciton* é seu modo de entregar-se à pilhagem em corpos regulares ou exércitos. É isto o que principalmente o distingue do género das formigas comuns vermelhas de ferrão (*Myrmica*) do qual há várias espécies que vivem na Inglaterra, cujo costume é procurar alimento do modo irregular habitual. Todos os *Ecitons* caçam em grandes bandos organizados, mas quasi cada especie tem sua maneira especial.

---

(555) Há um género numeroso de formigas sul-americanas, nas quais as duas castas de operárias são quasi sempre de estrutura nitidamente definida, pois não só a cabeça como as outras partes do corpo são perfeitamente diferentes. É o género *Cryptocerus*, do qual encontrei 13 espécies, mas em nenhuma delas consegui descobrir a função da obreira maior. O contraste entre as duas classes atinge seu acme em *C. discocephalus*, cujas operárias maiores têm uma estranha expansão disciforme no alto da cabeça monstruosa, estão sempre quietos e misturados com os bandos de operárias menores. Não se deve considerar estranho que a função das operárias maiores não tenha sido descoberta em formigas exóticas, quando Huber, que devotou a vida toda ao estudo das formigas europelas, foi incapaz de a descobrir numa espécie comum, a *Formica rufescens* (Nota do Autor).

**ECITON RAPAX** — Uma das formigas de correição, *Eciton rapax*, a gigante do género, cujas operárias maiores têm meia polegada de comprimento, caça em fila singela pela floresta. Não há divisão de castas entre suas operárias, embora a diferença de tamanho seja muito grande, tendo umas menos da metade do tamanho das outras. A cabeça e as mandíbulas, contudo, são sempre da mesma forma, e há uma gradação de porte das maiores para as menores, de modo que todas são capazes de tomar parte nos trabalhos comuns da colónia. A principal ocupação da espécie parece ser a pilhagem dos ninhos de uma formiga grande e indefesa de outro género (*Formica*) cujos corpos despedaçados muitas vezes encontrei em seu poder, quando elas se retiravam. Os exércitos de *Eciton rapax* nunca são muito numerosos. (556)

**ECITON LEGIONIS** — Outra espécie, *Eciton legionis*, (557) concorda com *E. rapax* porque suas operárias não são rigidamente divididas em duas castas; mas é no tamanho muito menor, não diferindo muito, neste particular, de nossa formiga vermelha comum da Inglaterra (*Myrmica rubra*), com a qual também se parece no colorido. A *Eciton legionis* vive em lugares descampados, e só foi encontrada nos campos arenosos de Santarém. Mas

---

(556) O grande género *Eciton* é o único da família *Dorylinae* encontrado no Brasil, estando aqui representado por tres subgéneros e cinquenta e tres espécies. *Eciton rapax* pertence ao subgénero típico *Eciton*. Todas as suas espécies são conhecidas pela designação comum de formigas de correição. Não é possível saber a que *formiga grande*, se refere Bates, pois o género *Formica* não ocorre no Brasil; provavelmente será um *Camponotus*, o maior género da subfamília *Formicinae*.

(557) Seu nome é hoje *Eciton (Acamatus) legionis*, estando a forma típica largamente espalhada por todo o Brasil e conhecendo-se mais uma sub-espécie de S. Paulo e outra do Madeira.



os movimentos de suas hostes são muito mais faceis de observar que os das outras especies, as quais só habitam as brenhas mais densas; a ferroadada e a mordedura são menos formidaveis que as das outras especies. Os exércitos de *E. legionis* são constituídos por muitos milhares de indivíduos, e se movem em largas colunas. Podem rapidamente quebrar suas linhas, quando perturbadas, e atacam precipitada e furiosamente qualquer objeto que as incomoda, tais com os outros ecitones. A especie não é comum, e raramente tive boas oportunidades de observar os seus costumes. A primeira vez que vi um exército, foi certa tarde, quasi ao pôr do sol. A coluna era formada de duas comitivas que se moviam em direções opostas: um bando ia de mãos vazias, o outro vinha carregado de restos despedaçados de insetos, principalmente larvas e pupas de outras formigas. Não tive dificuldade em marcar a direção do local de onde estavam trazendo o botim; era uma moita de arbustos baixos; os *Eciton* moviam-se rapidamente sôbre um montão de fôlhas secas; mas como o crepusculo tropical é muito curto, e eu não queria ser surpreendido pela noite nos campos solitários, deixei mais cuidadoso exame para o dia seguinte.

Na manhã immediata não se encontravam nem vestigios das formigas perto do lugar onde eu as vira na véspera, nem havia sinais de insetos de qualquer tipo na moita; mas a uma distância de oitenta ou cem jardas, caí sobre o mesmo exército, ocupado, evidentemente, em uma *razzia* de tipo semelhante ao da tarde anterior, mas que exigia outros recursos de seu instinto, pela natureza do terreno. Estavam ativamente ocupadas, a cavar minas de oito a dez polegadas de profundidade, na face de um barranco inclinado e de terra froixa, de onde estavam extraindo os corpos de volumosa es-

pecie de formiga do género *Formica*. Era curioso vê-las fervilharem em tórno dos orificios das minas, algumas ajudando as camaradas a arrancar os corpos das *Formicae*, e outras fazendo-as em pedaços, porque seu pêso era demasiado para uma *Eciton* isolada; havia certo número de carregadeiras que tomavam os fragmentos e os levavam talude a baixo. Cavando a terra com pequena trolha, perto das entradas das minas, encontrei os ninhos de *Formica*, com larvas e casulos, que as *Eciton* agora estavam invadindo a uma profundidade de umas oito polegadas. As atrevidas assaltantes precipitaram-se para dentro, apenas eu acabei de cavar, e tomaram as formigas de meus dedos, quando eu as tirava, de modo que tive certa dificuldade em salvar algumas inteiras para minha coleção. Cavando as numerosas minas para sacar sua presa, as pequeninas ecítones pareciam divididas em grupos, um excavando e outro levando para fora os grãos de terra. Quando as covas se tornaram mais profundas, um dos bandos era obrigado a subir pelos lados cada vez que queria atirar fora uma pitada de terra; mas seu trabalho foi aliviado pelas camaradas que estacionavam na boca do buraco, e lhes tomavam os fardos, carregando as partículas com aparência de previsão que me puzeram perplexo, até uma distância suficiente para impedir que as partículas novamente rolassem para dentro da cova. Todo o trabalho parecia assim ser executado pela cooperação inteligente dos membros da hoste das diligentes criaturinhas; mas ainda não havia rígida divisão de trabalho, pois algumas delas, cujos procedimentos observava, agiam ora como carregadoras de terra, ora como cavadoras, e logo depois assumiam o encargo de transportar o espólio.

Em duas horas todos os ninhos de *Formica* tinham sido quasi completamente pilhados, e eu me voltei para

as *Eciton* que estavam carregando os restos mutilados de suas vítimas. Em certo trecho havia muitas linhas separadas, que desciam o talude, mas a curta distância todas convergiam, e formavam larga e densa coluna, que seguia por sessenta ou setenta jardas, e terminava em um destes grandes termitários que já descrevi em capítulo anterior, como sendo formados de material tão duro como a pedra. A coluna larga e compacta de formigas subia os lados alcantilados do montículo em torrente contínua; muitas, que tinham caminhado até aí descarregadas, voltavam para ajudar as camaradas com os pesados fardos, e todas desceram por espaçosa galeria que se abria no alto do termitário. Não tentei alcançar o ninho, que supunha estar situado no fundo da larga galeria, e portanto no meio da base do montículo pétreo.

ECITON DREPANOPIHORA — As espécies mais comuns de formigas de correição são *Eciton hamata* e *E. drepanophora* (558), duas espécies que se parecem tanto uma

---

(558) *Eciton hamatum* pertence ao sub-gênero típico *Eciton*. No catalogo de Fr. Borgmeier não encontrei referencias a *Eciton drepanophora*. É esta formiga conhecida pelo nome vulgar saca-saca, e a ela se refere Raimundo de Moraes no seguinte trecho: "Preta, doida, vivendo aos bandos, levanta para as suas saídas da terra onde habita, uma especie de menhir de barro vermelho, de tres a quatro pés de alto, que acaba em forma de cone pela ação das chuvas e dos ventos. Em certas esplanadas abertas pela mão do homem, vêem-se aqueles montículos de argilla como pequenos baluartes quebrando o verde que tapeta o solo. Em épocas especiais do ano, geralmente na invernada, muda-se, emigra, acoçada muitas vezes pela agua. É o pavor do tapulo, do seringueiro e até do selvagem. Marcha aos bilhões, lembrando um exército em fuga, desorientado, perdido, cortando estradas, enviezando-as, enfiando-as. Ao se aproximarem das habitações, quve-se, quebrando o silencio augusto da mata, o seu ruído nas fôlhas, nos gravetos, nos sacis, nos seixos e nas pedras. Os bichos logo se alarmam. As antas e as onças, os veados, e as cobras, as pacas e as cotias correm espantados. Os jabotis encolhem-se nos cascos. As aves revoam, buscando os pousos inacessíveis. A fauna toda, assustada, dominada por aquele terror pânico do leão de Pompela, à proporção que o chiado crespo, arrastado, dantesco cresce e resoa, dispara alucinada e espavorida. As

com a outra, que é preciso cuidadoso exame para distinguí-las; e no entretanto seus exércitos nunca se misturam, embora se movam nas mesmas selvas e muitas vezes os dois caminhos se cruzem. As duas castas de operárias parecem à primeira vista, muito distintas, pela extraordinária diferença entre os indivíduos maiores de uma e os menores da outra. Há anões de um quinto de polegada de comprimento, com cabeças e mandíbulas pequenas e gigantes de meia polegada com cabeça e mandíbulas monstruosamente aumentadas, todas pertencendo à mesma família. Não há, porém, separação distinta de classes, pois se encontram indivíduos intermediários que ligam os dois extremos. Vêem-se estas *Eciton* nos caminhos da mata em todos os lugares das margens do Amazonas, a viajar em densas colunas de inúmeros milhares. A gente pode estar seguro de encontrar uma ou outra, quando passeia pela mata e é bem provável que às mesmas se refiram as histórias que lemos nos livros sôbre a América do Sul, de formiga que limpam de vérmina as casas, embora nunca tivesse sabido de casos em que tivessem entrado dentro dos domicílios, pois suas devastações se confinam às partes mais densas da mata.

Quando um pedestre se encontra com um exército destas formigas, o primeiro sinal que lhe é dado é o pipillar e o movimento inquieto de pequenos bandos de pássaros de colorido uniforme pelos matos. Se a pessoa não

---

baratas, os ratos, os gatos, os cães, os morcegos, antes mesmo dos moradores, desertam das palhoças; as mães fogem com os filhos; a debandada é rápida e completa. Se, por qualquer circunstância, a saca-saca não se deixa sentir dentro de casa e assalta de surpresa a moradia, a medida defensiva resume-se na imobilidade. As mulheres tiram a saia, donde vem o nome da formiga, e nuas, impassíveis, esperam que a onda viva lhes passe sôbre os corpos. Qualquer movimento resulta em mil dentadas. E o multifário animal sobe aos estelos, aos móveis, às paredes, à cumieira, cobre a vivenda, devasta, devora os alimentos e vae-se, desaparece no interior da selva, desorientado e sinistro".

presta atenção e dá mais alguns passos à frente, está certo de sentir-se em apuros, subitamente atacado por inúmeras destas ferozes criaturinhas. Sobem pelas pernas com incrível rapidez, todas cravando na pele as mandíbulas em tenaz e com o apôio assim obtido, dobram o abdomen e enfiam o ferrão com toda a fôrça. Não há outra escapatória senão fugir delas; se estiver acompanhado pelos indígenas certamente ouvirá o grito de alarma — Tauoca! — e vê-los-há abalarem a toda velocidade para o outro extremo da coluna de formigas. Os terríveis insetos que se seguraram às pernas têm que ser arrancados um por um, tarefa que só se consegue, partindo-os em dois e deixando cabeças e mandíbulas seguras nas feridas.

A finalidade dos vastos exércitos destas formigas é a pilhagem, como no caso de *Eciton legionis*, mas como se movem sempre entre as brenhas mais densas, seus processos são mais difíceis de observar que nesta última espécie. Por onde quer que vão, todos os animais do mundo sentem desassossego e todas as criaturas procuram afastar-se de seu caminho. Mas são especialmente as várias tribus de insetos sem asas, tais como as aranhas de corpo pesado, formigas de outras espécies, tapurús, lagartas, larvas de baratas, tudo que vive sob fôlhas mortas ou nos paus podres, que têm justos motivos para sentir-se aterrorizados. As *Eciton* não sobem muito alto nas árvores, por isso os ninhos de pássaros não são muito danificados por elas. O modo de operação destes exércitos, que só descobri depois de demorada observação, é o seguinte: A coluna principal, de quatro a seis polegadas de profundidade, move-se para diante em determinada direção, limpando o campo de qualquer matéria animal, viva ou morta, e mandando, de vez em quando, pequena coluna em expedição de curta duração nos flancos da

coluna principal, à qual voltam depois de cumprida a sua incumbência. Se encontram por acaso, perto da linha de marcha, lugar muito rico em botim, um tronco pôdre, por exemplo, abundante em larvas de insetos, há uma demora e fôrça muito considerável de formigas se concentra em seu ataque. As criaturas, muito excitadas, exploram todas as fendas e despedaçam todas as grandes larvas que trazem a lume. E' curioso assistir como atacam os ninhos de vespas, construídos, às vezes, em arbustos baixos. Elas arrancam, às dentadas, a cobertura papirácea para alcançar as larvas, pupas e vespas recém-nascidas e as cortam em pedacinhos, sem ligar aos furiosos donos do ninho que lhes voam em derredor. Dividindo o botim em fragmentos, os pedaços são proporcionados às carregadeiras, tomada em certa consideração a facilidade de transporte dos fardos; as anãs tomam as peças menores e as operárias maiores, de cabeça pequena, encarregam-se das porções mais pesadas. Às vezes reúnem-se duas formigas no transporte de uma só peça, mas as operárias maiores, com suas mandíbulas retorcidas e monstruosas são incapazes de tomar parte no trabalho. Os exércitos nunca se afastam muito pelas estradas batidas, mas parecem preferir as brenhas mais intrincadas, onde raramente é possível acompanhá-las. Segui, às vezes em extensão de meia milha ou mais, e nunca consegui achar um que tivesse terminado seu labor diurno e voltasse para o ninho. Na realidade, nunca encontrei um ninho; onde quer que visse as correições, elas estavam sempre em marcha.

Certo dia, em Vila Nova, pensei ter encontrado uma horda desta infatigável formiga. O sítio era porção de campo aberto perto da margem do rio, um pouco para fora da orla da mata, e cercada por arbustos e rochas. Vi densa coluna de correições que se estendia das pe-

dras de um lado da pequena enseada, atravessava o descampado e subia pelo declive oposto. O comprimento da procissão era de sessenta a setenta jardas, mas não se via nem a vanguarda nem a retaguarda. Todas se moviam na mesma direção, exceto alguns indivíduos que, fora da coluna, se dirigiam para a retaguarda, correndo pequeno trecho e depois novamente seguindo o mesmo rumo do corpo principal. Mas tais movimentos para a retaguarda se davam continuamente de uma ponta para a outra da linha e tinham toda aparência de ser um meio de ligação entre todos os membros do exército, pois as formigas, que retrogradavam, paravam muitas vezes por um momento para tocar com as antenas uma ou outra das camaradas que avançavam, processo que já fôra registrado em outras formigas e que se supõe ser o seu modo de entendimento. Quando me entremetia na coluna ou tirava dela um indivíduo, imediatamente a notícia da perturbação era comunicada à distância de várias jardas à retaguarda e a coluna começava a retirar-se nesse ponto. Todas as operárias de cabeça pequena carregavam nas mandíbulas pequeno grupo de tapurusinhos brancos que pensei, na ocasião, fossem larvas jovens de sua própria colônia, mas depois tive motivos para concluir que se tratava de gusanos de alguma outra espécie, cujos ninhos tinham sido atacados, pois a procissão não tinha o aspecto de migração mas de coluna em expedição de pilhagem.

Era muito curiosa a posição dos indivíduos de cabeça grande na coluna. Geralmente havia um destes camaradas extraordinários para vinte dos da classe menor; nenhum deles carregava qualquer coisa na boca, mas todos trotavam fora da coluna, com intervalos muito regulares de um para outro, como oficiais subalternos de um regimento de soldados em marcha, e sempre sem

fardo algum. Era fácil observação toleravelmente exata nesse sentido, pois suas cabeças brancas e brilhantes que se balançavam acima e abaixo quando a coluna passava sôbre as desigualdades da estrada, os tornavam muito conspícuos no meio dos outros. Não os vi mudar de posição ou tomar conhecimento dos seus camaradas de cabeça pequena, que marchavam em coluna, e quando eu perturbava a linha, não se empinavam nem lutavam com a mesma fereza que os outros. Estes membros de cabeça grande foram considerados por alguns autores como casta de soldados, como a dos termitas armados do mesmo geito; mas não tive a prova disto, pelo menos nesta espécie, pois sempre êles pareciam menos pugnazes que as operárias menores, e suas mandíbulas retorcidas inabilitava-os para agarrar em superfície plana, como a pele de um animal que atacassem. Mas estou inclinado a pensar que êles podem agir, de maneira menos direta, como protetores da comunidade, isto é, como bocados indigestos para os bandos de papa-formigas que seguem as colunas em marcha dêstes ecítones e que são os inimigos mais formidáveis da espécie. E' possível que as mandíbulas torcidas e em gancho, da casta de cabeça grande, podem ser armas de dano nos papos ou nas moelas destas aves, mas infelizmente deixei de verificar se tal era realmente o que se dava.

A vida destas correições não é toda consumida a trabalhar, pois frequentemente as vi indolentemente entregues a períodos que pareciam de recreio. Quando tal acontecia, o lugar era sempre um recanto cheio de sol da mata. A coluna principal do exército e os ramos, dessas vezes, estavam em suas posições relativas ordinárias. Mas em vez de caminhar para diante com vivacidade, pilhando à direita e à esquerda, pareciam acometidos de ataque súbito de preguiça. Algumas andavam



lentamente pelos arredores enquanto outras escovavam as antenas com as patas dianteiras; mas o espetáculo mais engraçado era ver umas limpando as outras. Via-se aqui e ali uma formiga estendendo primeiro uma pata, depois outra, para ser escovada ou lavada por uma ou mais de suas camaradas, que executavam a tarefa, passando a pata entre as mandíbulas e a língua e acabavam dando com as antenas amigável pancadinha. Era curioso espetáculo e que parecia bem calculado para aumentar o pasmo da gente, diante da semelhança que se observava entre os atos instintivos das formigas e as ações dos seres racionais, semelhança que deve ter surgido por dois processos diferentes de desenvolvimento das qualidades primárias do espírito. As ações destas formigas pareciam a satisfação singela de divertimentos ociosos. Estas pequeninas criaturas terão, então, um excesso de energia além do exigido pelos trabalhos absolutamente necessários ao bem estar da espécie, e que por isso o consomam em meros divertimentos como fazem os cordeirinhos e gatinhos, ou em ociosas fantasias como os seres racionais? E' provável que estas horas de relaxamento e asseio sejam indispensáveis à execução eficiente de seus trabalhos mais árduos, mas quando a gente está olhando para elas é irresistível a conclusão que as formigas estão simplesmente a brincar.

ECITON PROEDATOR — E' pequena espécie avermelhada escura, muito semelhante à formiga vermelha comum da Inglaterra (559). Difere de todas as outras correições em seus hábitos de caça, que se dão em densas falanges de miríades de indivíduos e não em coluna, e que primeiro encontrei em Ega, onde é muito comum.

---

(559) O nome desta espécie é *Eciton (Labidus) proedator*.

Nada mais prodigioso nos movimentos dos insetos que a marcha rápida destas formações grandes e compactas. Por onde passam todo o resto do mundo animal fica alarmado. Êles se derramam pelo chão e trepam nas copas de todas as árvores mais baixas, examinando cada fôlha até à ponta e onde quer que encontrem um pouco de substância vegetal em decomposição, onde o botim é farto, concentram, como as outras, todas as suas fôrças sôbre a mesma, e a densa falange de corpos brilhantes e velozes, quando se espalha em sua superfície, parece uma torrente de líquido vermelho-escuro. Logo penetram em todos os escaninhos da massa informe e depois, novamente reunidas em ordem de marcha, seguem para a frente. Todos os insetos inativos e de corpo mole são suas facéis vítimas e, como as outras correições, as fragmentam, para facilidade de transporte. Uma falange desta espécie, quando passa por terreno liso, ocupa espaço de quatro a seis jardas quadradas. Quando examinamos as formigas de perto, vemos que não se movem todas juntas para diante, mas em várias colunas contíguas, que ora se separam um pouco da massa geral, ora se tornam a reunir à mesma. As bordas da falange espalham-se, às vezes, como nuvem de escaramuçadores nos flancos de um exército. Nunca consegui encontrar o ninho desta espécie.

ECÍTONES CEGOS — Vou dar agora breve noticia das especies cegas de *Eciton*. Nenhuma das anteriormente referidas possui os olhos facetados que são usuais nos insetos, e dos quais são providas as formigas ordinárias (*Formica*), mas todas são providas de órgãos da visão constituídos por uma só lente (560). Ligando-se às espe-

---

(560) São os chamados olhos singelos, omatídios ou estemas.

cies totalmente cegas do gênero, há uma *Eciton* de patas muito robustas, a *E. crassicornis* (561), cujos olhos estão situados em depressões relativamente profundas. Esta formiga faz expedições de pilhagem como o restante de sua tribo e ataca os ninhos de outras espécies de ferrão (*Myrmica*) (562) mas evita a luz e se move sempre escondida sob as fôlhas sêcas e os ramos caídos. Quando suas colunas têm de cruzar uma clareira, as formigas constroem caminho temporario com grânulos de terras que se arqueiam sôbre o mesmo e se reúnem mecanicamente; sob êste caminho coberto passa secretamente a coluna, e as brechas que nele se abrem são imediatamente reparadas pelas infatigaveis criaturas.

Logo após vem *Eciton vastator*, que não tem olhos, embora as fossetas sejam perfeitamente visiveis; e finalmente *Eciton erratica*, na qual as duas depressões oculares desapareceram, deixando apenas desmaiado anel que marca o sítio onde eles estão habitualmente colocados (562). Os exércitos de *E. vastator* e *E. erratica* se movem, tanto quanto pude averiguar, inteiramente sob caminhos cobertos, que as formigas constroem rapidamente à medida que vão avançando. A coluna de correições avança passo a passo, sob a proteção destas passagens cobertas, entre as brenhas e chegando a um cepo apodrecido ou qualquer outro promissor ponto de caça, penetram nos interstícios em busca de botim. Mais de uma vez segui suas arcadas em distância de cem ou duzentas jardas; os grãos de terra são tirados do solo

---

(561) *Eciton (Labidus) crassicornis*.

(562) Não há representantes do gênero *Myrmica* no Brasil, mas a subfamília *Myrmicinae* é aqui muito abundante, com 38 gêneros e mais de duzentas espécies.

(563) Estas duas correições, coligidas por Bates e classificadas por Smith como espécies distintas, são atualmente consideradas como sendo a mesma espécie já descrita por Latreille o *Eciton (Labidus) coecum*.

por cima do qual a coluna vai passando, e são reunidos sem cimento. É esta última particularidade que as distingue das estradas cobertas, de aspecto semelhante, feitas pelos cupins, que usam a saliva pegajosa para cimentar os grãos. As correições cegas, trabalhando em grandes números, constroem simultaneamente os lados das arca-das convexas, e conseguem, de modo surpreendente, aproximá-los e ajustá-los em chaves de abóbada, sem que a estrutura não cimentada se desmanche aos pedaços. Há uma divisão muito nitida de trabalho entre as duas classes de neutros destas especies cegas. A casta de cabeça grande, embora sem possuir as mandíbulas monstruosamente alongadas das operárias maiores de *E. hamata* e *E. drepanophora*, são rigidamente separadas, por sua estrutura, da casta de cabeça pequena, e procedem como soldados, defendendo a comunidade de operários (como fazem os termitas) contra qualquer intruso. Quando eu abria uma brecha em suas estradas cobertas, todas as formigas que aí estavam ficavam assustadas, mas as operárias menores ficavam atrás para reparar o dano, enquanto as cabeçudas saíam ameaçadoras, erguendo as cabeças e abrindo as mandíbulas numa expressão de ódio feroz e desafio.

Os exércitos de todas as correições são acompanhados por pequenos enxames de moscas, cujas fêmeas possuem um ovipositor muito longo e que pertencem ao género *Stylogaster* (familia *Conopidae*). Estes enxames libram-se com as asas vibrando rapidamente, a uma altura de um pé ou menos do solo sôbre o qual as correições se movem e de vez em quando uma das mosquinhas se arremessa com grande rapidez para o solo. Observei que elas não se ocupavam em transfixar as formigas, embora possuam longa probóscida fina como agulha e que levaria a esta conclusão, mas provavelmente depositam os ovos nos corpos moles dos insetos que as formigas arrancavam

de seus esconderijos. Tais ovos só dão saída às larvas quando as formigas puzeram seu botim no ninho, para alimento dos filhotes. Se esta suposição é correta, o *Stylogaster* ofereceria exemplo de parasitismo de tipo inteiramente novo. Moscas do género *Tachinus* apresentam instinto semelhante, mas ficam à espreita perto da entrada das colmeias das abelhas, e põem os ovos no alimento que as abelhas logradas estão a ponto de levar para a prole.

## CAPÍTULO XIII

### EXCURSÕES ALÉM DE EGA

Navio a vapor navegando no Amazonas — Passageiros — Tunantins — Índios Caichana — O Jutai — Tribus indígenas do Jutai e do Juruá — O Sapo — Índios Marauá — Fonteboa — Viagem a S. Paulo — Índios Tucuna — Doença — Descida ao Pará — Mudanças encontradas no Pará — Partida para a Inglaterra.

SETE DE NOVEMBRO DE 1856 — Embarquei no vapor do Alto Amazonas, o *Tabatinga*, para uma excursão a Tunantins, pequeno povoado meio-indígena, a 240 milhas além de Ega. O *Tabatinga* é um barco de ferro, de umas cento e setenta toneladas de arqueação, construído no Rio de Janeiro, e provido de máquinas com a força de cinquenta cavalos. O salão, que tinha de cada lado camarotes para vinte passageiros, estava sobre a coberta e era aberto nas duas extremidades para livre curso do ar. O capitão ou “comandante”, era um tenente da armada brasileira, homem educado e rígido na disciplina; seu nome — senhor Nunes Melo Cardoso. Eu era obrigado, como de costume, a levar comigo um cabedal de todos os artigos alimentares, exceto carne e peixe, para o tempo que pretendia estar ausente (cerca de tres meses); e minha bagagem, incluindo redes, utensílios de cozinha, louça de barro, etc., formava quinze

grandes volumes. Um destes era um mosquiteiro, objeto que ainda não tivera ocasião de usar no rio, mas indispensavel em todas as excursões além de Ega, cada pessoa, homem, mulher ou criança, precisando de um, pois sem ele a vida seria difficilmente possivel. O meu mosquiteiro tinha oito pés de comprimento por cinco de largura e era feito de cambraia grossa, de forma oblonga, com mangas nas quais passavam os punhos da rede. Sob este abrigo, que todas as tardes é armado antes do pôr do sol, a pessoa pode ler e escrever ou balançar-se na rede durante as longas horas que se passam antes de deitar, e aumenta a sensação de confôrto, por se ter enganado os sedentos enxames de mosquitos que enchem o quarto.

Foram quatro dias de viagem. O piloto, mameluco de Ega, que eu conhecia muito bem, demonstrou um conhecimento do rio e resistência que eram verdadeiramente notaveis. Permaneceu o tempo todo em seu posto, com exceção de tres ou quatro horas no meio de cada dia, quando era substituido por um rapaz que servia como aprendiz. Conhecia a largura e os ventos dos canais e a extensão de todos os bancos do Rio Negro a Loreto, em distância de mais de mil milhas. Não se afrouxava a marcha à noite, exceto durante os breves e violentos temporais que incidentemente desabavam sobre nós, e então as máquinas paravam, por ordem do tenente Nunes, às vezes contra a vontade do piloto. As noites eram, às vezes, tão escuras que os passageiros na popa não podiam distinguir o rijo piloto na ponte, mas o navio navegava à toda a velocidade, com marinheiros nas vigias de proa, para perceberem os troncos flutuantes, e um outro para transmitir as ordens ao homem do leme; só uma vez, durante toda a travessia a quilha rasrou um banco de areia.

Os passageiros eram quasi todos Peruanos, homens magros, inquietos, parecendo Yankees, que voltavam para as cidades de Moyobamba e Chachapoyas, nos Andes, depois de viagem de negócios às cidades brasileiras do Atlântico, aonde tinham ido seis meses antes, com cargas de chapéus de Panamá para trocar por artigos europeus. Estes chapéus são feitos dos foliolos tenros de uma palmeira, pelos índios e mestiços que habitam as partes orientais do Perú (564). Constituem quasi o único artigo de exportação do Perú pelo Amazonas, mas o valor em dinheiro é muito grande, comparado com o volume da mercadoria, pois os chapéus são geralmente de muito fina qualidade, e custam de doze chelins a seis libras cada um. Alguns negociantes levam duas a tres mil libras de mercadoria, ocupando pequeno espaço de suas malas. As cargas de volta consistem de ferragens, louça, vidros e outras mercadorias volumosas e pesadas. Os tecidos, sendo leves, são transportados por portos do Pacifico, atravessando os Andes. Todas as qualidades de fazendas europeas podem ser compradas muito mais barato, quando trazidas por esta rota, do que pelo caminho muito mais direto do Amazonas, pois os impostos de importação no Perú são, como já disse, muito mais baixos que os do Brasil, e a diferença não é contrabalançada pela maior despesa de transporte, em vista do peso, pelas passagens dos Andes.

---

(564) Os chapéus de Panamá ou do Chile, como são conhecidos tais chapéus de palha, confeccionados principalmente no Perú e na Bolivia, não são feitos de fôlha de palmeira mas de planta de outra familia (Ciciantáceas), de folhas que efetivamente parecem com as das palmeiras em ventarola, a *Carludovica palmata*. Das fôlhas novas, ainda em sua prefoliação pregueada e sem clorofila, tiram-se as nervuras e o resto do limbo é dividido em estreitissimas tiras, que se deixam presas ao pectolo. Esse feixe é posto em água quente e depois em água acidulada com limão, em agua corrente e afinal postas a secar. As tiras são então alvissimas e se enrolam pela secagem, ficando então prontas para o trançado dos chapéus.



Havia grande falta de divertimentos a bordo. A mesa era muito bem servida, pois estes vapores do Amazonas têm cozinheiros profissionais, e a carne fresca era garantida pelo suprimento de gado vivo e galinhas comprado no caminho, sempre que se apresentava uma oportunidade. O cenário do rio era semelhante ao que já descrevi entre o rio Negro e Ega: longas extensões de aspeto uniforme, com duas longas linhas de mata, às vezes interrompidas por barrancos de barro vermelho; alguns dias um horizonte de mar e ceu limitava a vista do rio a jusante e a montante. Mas viajámos sempre perto da margem e, por minha parte, nunca me cansava de admirar o agrupamento pitoresco e a variedade das árvores, e o variegado do mato de trepadeiras que cobriam a muralha verde da floresta em quasi toda sua extensão. Com exceção de pequena aldeia, chamada Fonteboa, afastada do rio principal, onde parámos para tomar lenha, e da qual breve falarei, não vimos habitação humana em todo o trajeto. As manhãs eram deliciosamente frescas; servia-se o café ao nascer do sol e farto almoço às dez horas da manhã. Depois desta hora o calor aumentava rapidamente até que se tornava intolerável. Não posso compreender como os maquinistas e foguistas o suportavam. O calor diminuía a partir das quatro horas da tarde, quando soava a sineta do jantar, e as noites eram sempre agradáveis.

Algumas milhas abaixo de Tunantins, e a oeste da boca mais ocidental do Japurá, do mesmo lado do Solimões, vi, com surpresa, um leito de rocha estratificada, aparentemente de arenito de grãos finos, exposto nos barrancos do rio. Não tinha mais de tres ou quatro pés acima do nível atual do rio, que estava agora, porque a estação fôra desusadamente chuvosa, meio cheio. Eu não vira rochas de nenhuma espécie nos barrancos do rio, desde que deixara Manacapurú, a quatrocentas milhas de

distância, e êste leito parece ter escapado às observações de Spix e Poeppig. O barranco, aos pés do qual só se via a rocha, estava ligado a um trecho de terra que ficava mais alto que o distrito puramente aluvial que se estende para leste, a uma distancia de varias centenas de milhas, e revestido de floresta arredondada, verde-escura, característica das *terras firmes* do vale do Amazonas. A terra levemente elevada continua, quasi sem interrupção, até à boca do Tunantins, pela qual entrámos, depois de longa volta para evitar um banco, a 11 de novembro.

ONZE A TRINTA DE NOVEMBRO — O Tunantins é corrente de aguas preguiçosas, de umas sessenta milhas de extensão e, em sua foz, de 100 a 200 jardas de largura. A vegetação de suas margens tem aspecto semelhante ao do Rio Negro, com as árvores de folhagem miuda e tom sombrio, os escuros pilares de verdura erguendo-se da superfície de água negra como tinta. A aldeia está situada na margem esquerda, a uma milha da foz do rio e contém vinte habitações, quasi todas simples palhoças, feitas de ripados e barro. As ruas curtas, depois da chuva, ficam quasi intransitaveis, por causa das muitas poças d'água, e atravancadãs de zizánias — leguminosas arbustivas e asclepiadáceas de flores escarlates. A atmosfera do lugar, cercada pela floresta gigantesca, e rodeada de lagoas, é sempre quente e carregada de vapores, e o zumbir dos insetos e chilrar dos pássaros fazem constante ruido. O pequeno campo em tórno da aldeia fervilhava de tarambolas, maçaricos, socós e papa-moscas de cauda em tesoura; e os jacarés sempre boiavam preguiçosos na superfície do rio em frente das casas.

Ao desembarcar, apresentei-me ao senhor Paulo Bitencourt, mestiço bem-humorado, diretor dos índios do vizinho rio Içá, e que imediatamente deu ordens para que limpassem para mim uma pequena casa. Esta

risonha residência continha apenas uma sala, cujas paredes eram desfiguradas por grandes e feias manchas de barro, trabalho dos cupins. O chão era de terra batida, sujo e úmido; e a sala era escurecida por uma toalha de pano tapando as janelas, plano aqui adotado para impedir a entrada dos piuns, que esvoaçam em todos os lugares sombrios como tenues nuvens de fumaça, tornando impossível o repouso durante o dia em qualquer lugar onde possam entrar. Minha bagagem foi imediatamente desembarcada, e antes da partida do vapor já eu tinha apanhado a espingarda, o saco de caça e a rede\* de insetos para exploração preliminar de minha nova localidade.

Aí permaneci dezoito dias e, considerada a escassez de tempo, fiz esplêndida coleção de macacos, aves e insetos. Um número considerável de espécies (particularmente de insetos) eram diferentes das dos outros quatro lugares que examinara na margem sul do Solimões, e como muitas delas eram formas representativas de outros sítios encontrados nas margens opostas do rio, concluí que não devia ter havido terra de ligação entre as duas margens, pelo menos durante o período geológico recente. Esta conclusão é confirmada pelo caso dos macacos uacarís que descrevi no capítulo anterior. Todas estas raças locais de insetos, fortemente modificadas, e confinadas a um dos lados do Solimões (como os uacarís) são incapazes de cruzar largos espaços sem árvores, tais como um rio. A aquisição que mais me satisfaz, neste ponto, foi uma nova espécie de borboleta (uma *Catagramma*) que foi depois chamada *C. excelsior*, devido a exceder em tamanho e beleza a todas as espécies previamente conhecidas deste gênero singularmente formoso. A face dorsal das asas é do mais intenso azul, que varia de tom com o jogo de luz e há, de cada lado, larga faixa curva côr de

laranja. É de vôo forte e não está limitada, conforme verifiquei mais tarde, à margem norte do rio, pois de uma feita vi um espécimen no meio de certo número de borboletas de rico colorido, que voavam sôbre a coberta do vapor, quando estávamos fundeados em Fonteboa, duzentas milhas mais abaixo no rio.

Com exceção de tres famílias de mamelucos e de negociante portuguez desgarrado, todos os habitantes da aldeia e circunvizinhanças são índios semi-civilizados das tribus Chumana e Passés (565). As matas do Tunantins são habitadas, porém, por uma tribu de índios selvagens, chamados Caichanas (566), que se parecem muito, em seus modos e condição social, com

---

565) Pertencem os Pacés (ou passés) à familia aruaque; habitavam, a principio, consideravel território entre o Içá e o Japurá; mas já ao tempo de Martius, este os calculava em uns 1.500 individuos localizados na margem occidental do Içá, em sua confluência com o Solimões. Dêstes índios escreve Martius: "A côr mais branca do rosto os distingue dos seus vizinhos. As extremidades mais finas que as dos outros índios, pescoço mais comprido, clávicula fortemente saliente, o peito mais estreito, porém de musculatura mais carnuda, o abdômen menos saliente, os quadris mais esguios: — tudo fazia lembrar a estrutura caucásica. Os olhos dos pacés pareceram-me mais abertos, mais finamente tallados, mais separados um do outro e não obliquamente elevados, as maçãs menos salientes, o nariz não tanto achatado, mas delicadamente formado, mesmo direito, às vezes até um tanto arqueado, com a ponta fina curvada para baixo, o que lhes dá notavel expressão de mobilidade e um certo ar astuto, modificado, entretanto, pela bondade que exprime a boca fina, de lábios pouco grossos. O pacé tem tatuado no rosto uma mancha que começa em baixo dos olhos, e abrange faces, nariz e lábios, até à cova do queixo. Os homens raspam a cabeça e deixam apenas na borda da testa uma estreita coroa, assim como no occipital uma pequena mecha. Como a tatuagem é continuamente modificada, assim se vê a mancha, segundo a idade, tomar diversas extensões. O nariz é tatuado por último; a região da boca em primeiro lugar. Nos individuos mais velhos observam-se como última de mão desse raro aformoseamento, mais duas linhas paralelas, feitas na base do nariz, para cima, até ao alto da cabeça, ou uma rede de linhas cruzadas, a qual segue nas témporas até ao canto superior da mancha, no rosto. Antes, parece que era geral entre os pacés o costume de furar também o lábio inferior, e guarnece-lo, enfiando-lhe uma taboca, coisa que não mais vi, entretanto, em nenhum dêles. Por outro lado, furam os lóbulos das orelhas e intrometem ali uma pequena haste, de uma e meia polegada do talo lustroso do tupé".

566) Ver a nota n.º 486.

os atrasados Muras do Baixo Amazonas e, como os mesmos, não mostravam as mínimas aptidões para a vida civilizada. Suas cabanas começam a uma distância de uma hora de caminho pelas veredas estreitas e sombrias da mata. O território da tribo estende-se até ao Moco, afluente do Japurá, com o qual há comunicação pela terra firme acima de Tunantins, estando os dois rios separados umas quinze milhas. Do que eu vi e ouvi dos Caichanas fui levado à conclusão de que não tinham relação genealógica estreita com os Muras, mas que eram secção igualmente degradada dos Chumanas ou de outra tribo vizinha. Quasi nenhum deles apresenta as feições grosseiras, o tronco grande, o peito largo, os braços grossos e o abdome protuberante dos Muras, e suas feições, embora apresentem a expressão selvagem, irresoluta e desconfiada dos Muras, são, às vezes, tão finas como as dos Chumanas e Passés. Disse-me o senhor Bitancort que sua gíria, ou lingua da tribo, tinha muita semelhança com a dos Chumanas. Já mostrei como as hordas esparsas, que se segregaram de suas tribus originais, adquirem linguaajar totalmente diferente, hábitos diversos e, em menor grau, estrutura corporal distinta.

Minha primeira e única visita a uma habitação Caichana foi accidental. De uma feita, tendo estendido meu passeio mais longe que de costume, e seguido uma das estradas da mata até que esta se tornou simples picada, cheguei de repente a caminho bem batido, orlado de um e outro lado por Licopódios das mais elegantes formas, cujas pontas das frondes se enlaçavam quasi como gavinhas nas saliências e declives que formavam à beira do caminho. A estrada, embora lisa, era estreita e escura e atravancada, em muitos pontos, por troncos de árvores caídas, que pareciam ter aí sido propositalmente colocados pelos tí-

midos indígenas, com o fim de obstruir o caminho de suas habitações. Meia milha deste caminho sombrio levou-me a pequena clareira nas margens de um riacho, em cuja orla se erguia choça cônica, com porta muito baixa. Havia também um telheiro aberto, com os pilares feitos de hastes lascadas de palmeiras com certo número de grandes gamelas de madeira. Estavam no telheiro um casal e dois ou tres filhos, mas apenas me viram, correram todos para a cabana, precipitando-se pela pequena porta, como animais selvagens espantados que entrassem em suas tocas. Passados poucos instantes, o homem poz a cabeça de fora, olhando-me com grande desconfiança; mas como eu lhe fizesse os acenos mais amaveis que pensava, saiu com as crianças. Estavam todos lambusados de lama negra e pintura; a única vestimenta dos mais velhos era uma especie de avental feito da entrecasca da sapucaia, e o aspecto selvagem do homem era aumentado pelos cabelos que caiam pela testa até aos olhos. Demorei-me umas duas horas pelos arredores, e os meninos ganharam bastante confiança e vieram ajudar-me a catar insetos. A única arma usada pelos Caichanas é a zarabatana, e esta só é utilizada para matar animais para comer. Não são um povo guerreiro, como a maioria das tribus do Japurá e do Içá. Seus utensilios consistem de panelas de barro, canecas feitas de cabaças e a aparelhagem comum para fazer farinha, que é por eles fabricada em grande quantidade, vendido o excesso aos negociantes em Tunantins.

A tribu inteira dos Caichanas não excede de umas quatrocentas almas. Não há entre eles nenhum índio batisado e não residem em aldeias, como as secções mais adiantadas do tronco Tupí, mas cada família tem sua cabana solitária. São inteiramente inofensivos, não praticam a tatuagem nem perfuram orelhas ou

narizes. Sua condição social é de tipo muito baixo, na realidade muito pouco acima da dos brutos que vivem nas mesmas matas. Não parecem obedecer a qualquer chefe comum, e não consegui saber se tinham pajés, que formam os primeiros e mais rudes esboços da classe sacerdotal. Desconhecem os Caichanas as danças simbólicas ou mascaradas e as cerimônias em honra de Jurupari, costumes que prevalecem entre todas as tribus que os cercam. Há entre eles um vestígio de festival, mas a única cerimônia consiste em beber cachirí e as bebidas fermentadas feitas de milho, bananas ou outras substancias (567). Até nisto, porém, se mostram degenerados, pois não bebem até a embriaguez completa ou sustentam suas orgias por varios dias e noites a fio, como os Jurís, Passés e Tucunas. Os homens tocam um instrumento musical, feitos de caniços cortados em diversos tamanhos e

---

(567) Ainda a melhor nota a respeito das bebidas fermentadas dos índios é a de Martius no seu tantas vezes citado livro Viagem pelo Brasil. "Já no primeiro tomo mencionámos a bebida preparada com milho, de uso comum, não só em todo o Brasil, mas também na América espanhola, onde por quasi toda parte é chamada *chicha*. Outras demais bebidas, conhecidas dos primitivos indígenas do Brasil, são particularmente de tres espécies, chamadas em tupi *caxiri*, *cauky* ou *cauim* e *pajuarú*. Ao caldo, obtido de qualquer dos frutos da mata, eles chamam de *caxiri* (*caxiri*). É sobretudo abundantemente extraído dos frutos das palmeiras açai, pataua, pupunha, e também de bananas, cajús, etc. Especialmente apreciado pelos indios do Japurá é o decocto dos frutos das primeiras palmeiras acima citadas, um dos quais tem a cor e sabor não muito diverso do chocolate, e é tão nutritivo, que, fazendo-se uso mais demorado dele, os indios engordam. Nos banquetes, essa bebida é tomada ainda morna da fervura. Cauim é o suco expremido de frutos postos em infusão, ou cozimento de frutos, batatas ou mandioca doce (*macacheira*), depois de passarem por ligeira fermentação. Esses vinhos, eles os sabem preparar de todos os frutos ricos em sacarose e mucilagem e muitas dessas qualidades se conservam alguns dias, quando são guardadas em lugares frescos. Outros produtos mais duros, como, por exemplo, o milho turco, para a *chicha*, ou as raizes da mandioca doce e batatas, são cozidos duas vezes e fermentados com o cuspo. Finalmente, mais apurado é o próprio pajuarú, feito dos beijús de farinha de mandioca, ou da própria mandioca ralada e cozida em papa. Deita-se agua sobre essa massa e deixa-se ficar para a fermentação vinosa".

arranjados como flautas de Pan, e assim passam horas e horas, estirados em esfarrapadas redes de embira, nas suas choças escuras e fumacentas. A gente de Tunantins diz que os Caichanas de tal maneira perseguiram os animais e aves silvestres em tórno de suas habitações, que hoje há escassez de caça. Quando matam um tucano, isto é considerado notavel acontecimento, e a ave serve de refeição para duas dezenas de pessoas ou mais. Fervem a carne em panelas de barro, cheias de tucupí e a comem com beijú. As mulheres não têm permissão de provar da carne, mas se vêem obrigadas a contentar-se em molhar pedaços de beijú no caldo.

Aí obtive alguns informes a respeito dos habitantes das margens do Içá, rio de setecentas milhas de extensão, que nasce ao sopé dos vulcões, perto de Pasto, na Nova Granada, e desagua no Amazonas umas vinte milhas a oeste do Tunantins. Certa vez encontrei um mulato de Pasto e sua mulher, que tinham descido o rio desde a nascente até à foz. Perderam toda a bagagem ao transpor as cachoeiras; mas, passados os primeiros quinze dias de navegação, (umas cento e cinquenta milhas) não encontraram mais obstáculos até ao Solimões. Não é rio tão insalubre como o Japurá; mas os indígenas são muito menos amáveis com os brancos do que os que habitam êste último rio. Até uma distancia de quatrocentas milhas de Tunantins suas margens agora são desprovidas de habitantes. Alguns pacíficos Passés, Jurís e Chumanas estão localizados perto da foz; mais para cima está o domínio dos Marietés (568), e perto das fronteiras de Nova Granada os Miranhas, cujo território se estende

---

(568) Os marietés ou muriatês (como escreve Martius) formam uma tribu da família Aruaque, vivendo no Japurá e constantemente atacados e reduzidos à escravidão pelos Miranhas. Vivem no Japurá, nas florestas entre o Upí e o Capinari.



por terra até ao Japurá, são os únicos índios encontrados. Os Marietés e Miranhas estiveram em guerras constantes durante muitos anos, e o despovoamento da região é em parte devido a esta circunstância e em parte às doenças introduzidas pelos brancos. Tais guerras não eram feitas por toda a tribo ao mesmo tempo, mas numa série de hostilidades parciais entre hordas e clãs isolados. As hordas de cada nação vivem separadas. É facto que estas tribus não têm aldeias, mas são famílias esparsas pela região, não ligadas umas às outras por outros laços além do nome comum e da tradição de inimizade geral contra as hordas de outra nação que têm um mesmo nome. Mas até as hordas da mesma tribo ou nação às vezes lutam umas contra as outras. Estas pequenas lutas originam-se do seguinte modo: um membro da família cai doente, e os parentes, ou o resto da horda, entendem que a doença foi provocada por feitiçarias do pajé de horda vizinha. Reunem-se todos para grande sessão de bebida, durante a qual se excitam mutuamente recitando as suas queixas. Os homens armados reúnem-se no dia seguinte e caminham por intrincadas veredas ou igarapés, com o intuito de surpreender os inimigos, e caem sobre êles com rijos golpes, matando todos os que podem, queimando as cabanas.

30 DE NOVEMBRO — Deixei Tunantins em uma escuna de oitenta toneladas, de propriedade do senhor Batalha, negociante de Ega, que por aí estivera todo o verão colhendo produtos, e era recomendado por amigo meu, moço paraense, chamado Francisco Raiol. No dia tres de dezembro chegámos à foz do Jutáí, consideravel rio de cerca de meia milha de largura, e de correnteza muito preguiçosa. Pertence a uma série de seis rios, variando de quatrocentas a mil milhas de ex-

tensão, que correm de sudoeste, por terras desconhecidas entre a Bolívia e o Alto Amazonas, e desembocam no Solimões entre o Madeira e o Ucaiale. Não se conhecem as nascentes de nenhum deles. O mais comprido dos seis é o Purús, o primeiro que se encontra, subindo o Solimões. Respiguei muito poucas informações a respeito do Jutai, que não era muito visitado pelos negociantes mas, cujas margens, tanto quanto pude saber, são povoadas por quasi as mesmas tribus de selvagens que povoam as do mais próximo rio paralelo, o Juruá, acerca do qual consegui muitos dados com meu amigo João da Cunha, que o subiu até onde era navegavel. O Juruá corre inteiramente por uma região chata, coberta de matas de um verde claro, e suas aguas são tintas de ocre, pela quantidade de barro e materia argilosa em suspensão, como as do Solimões. No termo da navegação há uma estrada por terra para o Purús, estando os dois grandes rios separados apenas por trinta ou quarenta milhas. O Jutai deve ser rio muito mais curto que o Juruá, pois, como me disse o senhor Cunha, os Conibos (569), adiantada tribu de indígenas agricultores que vivem nas margens do Juruá e o Ucaiale. Habitam as margens do Juruá oito tribus distintas e todas elas, com exceção da mais remota (os Conibos), passam por terra para o Jutai (570). Cada tribu tem sua língua própria e, até certo ponto, também seus costumes peculiares. Mas nunca soube de aspecto novo no carater ou nos cos-

---

(569) Pertencem os Conibos também à familia aruaque, mostrando já um nivel de cultura mais elevado, e habitam as terras perto das cabeceiras do Juruá e o alto Ucaiale.

(570) A ordem em que se encontraram estas tribus, subindo o rio, são as seguintes: 1 — Marauás; 2 — Catauichís; 3 — Canamarés; 4 — Arauás; 5 — Collnas (rios Chiruan e Invira, afluentes da margem direita); 6 — Catoquinos (rio Chiruan); 7 — Nauas; 8 — Conibos, com suas hordas Maulchís, Zuminauas e Conibos legítimos. (*Nota do Autor*).

tumes dos índios, a não ser que os Conibos praticam a arte de tecer os panos de algodão, que fabricam em longos teares. O pano, de que vi várias amostras, forma tecido regular, durável, de certa elegância e toleravelmente cerrado. Os Conibos, como os índios do Perú, não cultivam a especie venenosa de mandioca, mas apenas a especie doce ou macacheira (*Manihot aypi*). Calculo em quatrocentas milhas o comprimento do Jutai e em seiscentas o do Juruá.

Ficámos fundeados quatro dias na embocadura do rio Sapó, pequeno tributário do Jutai, que corre de sueste, pois o senhor Raiol mandara uma igarité ao Cupatana, grande tributário algumas milhas mais acima, para apanhar um carregamento de peixe salgado. Durante este tempo fizemos várias excursões em montaria a diversos sitios da vizinhança. Nossa viagem mais longa foi a algumas casas de índios, a uma distancia de quinze a dezoito milhas, subindo o Sapó, viagem feita com um remeiro indígena e que tomou uma dia inteiro. O rio não tem mais de quarenta a cinquenta jardas de largura; as águas são de colorido mais escuro que as do Jutai, e correm, como em todos esses pequenos rios, em parte na sombra de duas altissimas muralhas de mata. Passámos, na subida, por sete habitações, quasi todas escondidas entre a luxuriante folhagem das margens. Sua situação só era percebida pelas pequenas aberturas na parede compacta da selva e pela presença de uma canoa ou duas, amarradas em pequenos portos sombrios. Os habitantes são principalmente índios da tribu Marauá (571), cujo ter-

---

(571) Dos marauás escreve Spix: "Vêem-se aqui (em Fonte-Boa) marauás, jurís, pacés, jumanas, catuquinas, tecunas, uaraicús, etc. Todos esses índios andam mais ou menos nus, alimentam-se de cobras, rãs, peixes, macacos, etc. e empregam nas suas caçadas, além do arco e flecha, como as demais tribus do Solimões, também a zarabatana e flechazinhas envenenadas. Os marauás pertencem à familia Aruaque.

ritório original compreendia todos os pequenos igarapés que se encontram entre o Jutai e o Juruá, perto da foz destes dois grandes tributários. Vivem em famílias separadas ou em pequenas hordas. Não possuem chefe comum e são considerados como tribu pouco disposta a adotar os costumes dos civilizados ou a fazer amizade com os brancos. Uma das casas pertencia a uma família Jurí, e vimos o dono, velho espigado, de nobre aspecto, e tatuado, como é costume em sua tribo, com grande mancha no meio da face o qual estava pescando à sombra de uma árvore colossal, de anzol e linha, no seu pequenino porto. Quando passámos por ele, saudou-nos com o modo grave e cortês dos melhores tipos de índios.

Quando chegámos à última, ou melhor às duas últimas casas, eram cerca de dez horas, e aí passámos algumas horas dos grandes calores do meio do dia. As casas, que estavam em alto barranco argiloso, eram de forma quadrangular, em parte abertas como telheiros, em parte fechadas por grosseiras paredes de barro, formando um ou dois aposentos. Os habitantes, algumas famílias de Marauás, compreendendo umas trinta pessoas, receberam-nos de modo franco e sorridente: recepção que deve ser atribuída a ser o senhor Raiol velho conhecido e até certo ponto um favorito. Nenhum dos índios era tatuado, mas os homens tinham grandes buracos nas orelhas, onde estavam metidos batoques de madeira, e os lábios eram perfurados em pequenos orifícios. Um dos homens mais moços, robusto rapagão de seis pés de altura, de grande nariz aquilino, e que parecia querer ser particularmente amável comigo, mostrou-me o uso destes furos dos lábios, fixando neles certo número de varinhas brancas, e depois torcendo a boca e fazendo uma pantomima que representava o desafio em presença do inimigo.

Quasi todos eram desfigurados por manchas escuras da pele, resultado de doença cutânea muito espalhada nesta parte da região. O rosto de um velho estava completamente denegrido e parecia ter sido lambusado de grafita, pois as manchas tinham coalescido, formando grande máscara. Outros estavam apenas sara-pintados; as manchas negras são duras e ásperas, mas não são escamosas, e orladas por anéis de colorido mais pálido que o tom natural da pele. Vi muitos índios e alguns mestiços em Tunantins, e depois vi outros em Fonteboa manchados da mesma maneira. Parece que a doença é contagiosa, pois me disseram que um negociante português ficou desfigurado depois de co-habitar alguns anos com uma índia. É curioso que, embora ocorra em muitos lugares do Solimões, nenhum morador de Ega exhibia sinais da doença. Os primeiros exploradores da região, vendo que as peles manchadas eram muito frequentes em certas localidades, pensaram que fôsem peculiares a algumas tribus de índios. As crianças mais novas destas casas do Sapó estavam livres de tais manchas; mas duas ou tres, de uns dez anos de idade, mostravam sinais de seu início, em pequenas nódoas arredondadas amareladas da pele, e apresentavam-se lânguidas e doentias, embora os adultos manchados não parecessem afetados em sua saúde geral. Um mestiço de Fonteboa, de meia idade, disse-me que se tinha curado do mal com fortes doses de salsaparrilha; que as manchas negras tinham provocado a queda da barba e das sobrancelhas, mas que estas tinham nascido novamente, depois da cura.

Quando o meu gigantesco amigo me viu, depois do jantar, apanhando insetos nos caminhos perto das casas, aproximou-se e, tomando-me pelo braço, levou-me a um roçado de mandioca, fazendo sinais, pois quasi não sabia falar o Tupi, que tinha alguma coisa

para mostrar-me. Não foi pequena a minha surpresa quando ele, tendo subido a um girau feito de taliças de palmeira, mostrou-me, com ar de muito mistério, grande crisálida suspensa de uma folha, que poz com todo cuidado em minhas mãos, dizendo — “Paná-paná-curí” (o que quer dizer em Tupí: d’aqui a pouco será borboleta). Descobri assim que as metamorfoses dos insetos eram conhecidas dêstes selvagens; mas sendo incapaz de conversar com o meu novo amigo, não pude conhecer quais eram as ideias que tal fenômeno despertara em seu espírito. O bom rapaz não saiu de meu lado durante todo o resto de minha estada, mas pensando, naturalmente, que eu aí tinha ido em busca de informações, não poupou canseiras para fornecer-me as que podia. Fez certa porção de pó de ipadú, para que eu visse o processo; a tarefa era executada com muitos gestos e cerimônias, como se fôsse um feiticeiro executando algum passe maravilhoso.

Deixámos esta amável gente por volta das quatro horas da tarde e, ao descer o sombreado rio, parámos a meio caminho, em outra casa construída na mais encantadora das situações que já vira nessa região. Um caminho limpo, estreito, arenoso ia do porto sombrio até à casa, por um trecho de selva de indescritível pompa. As construções estavam em uma eminência no meio de uma clareira, e o solo arenoso e duro, liso como um soalho, formava em torno largo terraço. O proprietário era um índio meio-civilizado, chamado Manuel, homem triste, taciturno que, com a mulher e os filhos, não parecia muito contente de ser perturbado em sua solidude. A família devia ser muito trabalhadora, pois as plantações eram extensas e compreendiam quasi todas as qualidades de produções tropicais cultivadas: árvores frutíferas, verduras e até flores para ornamentação. O silencioso velho era cer-

tamente fino apreciador das belezas da natureza: pois o sitio que escolhera dominava uma vista de surpreendente magnificência sôbre o topo da floresta e para completar a paisagem plantara grande quantidade de bananeiras na dianteira, escondendo desse modo os troncos mortos e queimados que teriam estragado o efeito de mar ondulante de verdura. A única informação que consegui obter de Manuel foi que na época dos frutos vinham grandes bandos de aves de rico colorido e despojavam suas árvores. Aí coligi grande número de insetos, inclusive várias espécies novas. O sol morreu por trás das copas das árvores, antes de deixarmos este pequeno Eden, e o resto de nossa jornada decorreu lenta e agradavelmente, sob as sombras rendilhadas das margens do rio, à luz do luar.

SETE DE SETEMBRO — Chegada à Fonteboa, aldeia lamacenta, delapidada e em ruínas, situada duas ou tres milhas para dentro da foz de estreito furo, chamado o Caiarí, que corre quasi em linha reta, como um canal artificial, entre a aldeia e o Solimões. O carater da vegetação e do solo eram aqui diferentes dos de todas as outras localidades que já examinara, e por isso planejei devotar seis semanas à localidade. Como escrevera com antecedencia a um dos principais habitantes, senhor Venâncio, logo que desembarquei, já encontrei casa pronta à minha espera. A única recomendação da residência era a frescura. De facto era muito úmida; as paredes rebocadas estavam cobertas de camada de bolor esverdeado, e escorria pelo chão uma lama negra; os aposentos eram grandes, mas iluminados por miseraveis buraquinhos em lugar de janelas. A aldeia é construida em um plató argiloso, e as casas em ruínas estavam situadas em redor de grande praça, tão atravancada de arbustos entrelaçados que era intransitavel, pois os preguiçosos habi-

tantes tinham permitido que a selva invadissem a bela clareira. A dura eminência argilosa estava sulcada por fundos regos que desciam para o rio, e para subir-se do porto, na estação chuvosa, ficava tão escorregadia que a gente era obrigado a subir as ruas de gatinhas. Há grande trecho atrás do lugar sem mata, mas este, como as ruas e jardins, está coberto de densa alfombra de arbustos, da mesma natureza que nossa urze comum. Por baixo dessa alfombra o solo está sempre úmido e mole, e na época das chuvas se transforma em lamacento e pegajoso pantanal. Há uma igreja muito bonita num ângulo da praça, mas nos meses chuvosos do ano (nove em doze) o ponto de orações é quasi inacessível aos habitantes por causa da lama, pois o único modo de alcançá-la é caminhar agarrado às paredes e muros, e avançar de lado, passo a passo.

Fiquei neste delicioso lugar até 25 de janeiro de 1857. Fonteboa, em adição aos seus outros atrativos, goza da reputação, em toda a região, de ser o quartel general dos mosquitos e faz plenamente jús ao título. Dentro de casa são mais importunos de dia que de noite, pois enxameiam nos aposentos úmidos e escuros, conservando-se, durante o dia perto do chão e pousam às meias-duzias nas pernas da gente. À noite o mosquito é proteção suficiente; mas este tem que ser dobrado todas as manhãs, e quando é armado, antes do pôr do sol, é preciso grande cuidado para impedir que qualquer desses atormentadores fique em baixo, pois sua insaciável sede de sangue e sua picada pungente são bastantes para tirar todo sossêgo. Na mata a praga é muito pior; mas o mosquito da mata pertence a outra especie, pois é muito maior e tem as asas transparentes. Há pequena nuvem envolvendo a gente a cada passo, nos passeios pela selva, e o zumbido é tão alto que impede que se ouçam bem as notas das aves. O mosquito da cidade tem asas opacas e man-



chadas, picada menos dolorosa, e modo silencioso de agir. Os habitantes devem dar graças que os camaradas grandes e ruidosos nunca saiam da mata. Como compensação à abundancia de mosquitos, Fonteboa não têm piuns. Havia um pouco de conforto durante o dia, fora de casa; mas esse conforto era diminuido porque não havia na frente das casas uma varanda onde a gente se sentasse ou caminhasse. O passeio em frente de casa, do lado da praça, tinha apenas dois pés de largura e ultrapassar êste limite, formado por uma fila de hastes de palmeiras deitadas, era mergulhar até aos joelhos no atoleiro.

Apesar da lama e dos mosquitos, gosei ótima saúde e diverti-me bastante em Fonteboa. Os lugares alagadiços e relvosos do Amazonas são geralmente mais salubres que os secos, o que provavelmente é devido à ausencia de grande irradiação de calor do solo. A mata era extremamente rica e pitoresca, embora o solo fosse por toda parte argiloso e frio, e largas estradas a percorriam por outeiros e valados. Em cada depressão fluía um regato de águas perenes e cristalinas. As margens destes cursos d'água eram paraísos de folhagens e verdura; a particularidade mais notavel era a variedade de fetos, com imensas folhas, uns terrestres, outros trepando pelas árvores, e dois, pelo menos, arborescentes. Encontrei aqui algumas das árvores mais gigantescas que já vira; havia uma especialmente, um cedro, cujo tronco colossal subia como torre de mais de cem metros, direito como uma flecha; nunca vi sua copa, que se perdia de vista, olhada de baixo, por cima das copas das outras árvores mais baixas que a cercavam. Eram muito abundantes nesta mata gloriosa aves e macacos. O lanzudo *Pithecia hirsuta* era o mais notavel dos macacos e o toropichi e os araçarís as aves mais belas. Os índios e mestiços da aldeia tinham feito seus

pequenos roçados e construído cabanas como residências de verão nas margens dos igarapés, e meus passeios terminavam geralmente em um ou dois destes sítios. A gente era sempre alegre e amável, e parecia satisfeita quando eu propunha participar de suas refeições, contribuindo com o conteúdo de meu saco de provisões para o jantar, e acocorando-me entre eles sôbre a esteira.

A aldeia era antigamente lugar de mais importância, pois aí se tinham estabelecido numerosos índios das tribus mais trabalhadoras, Chumanas, Passés e Cambebas (572), que adotaram os costumes civilizados, sendo

---

(572) Os Cambebas (ou campevas, como escreve Martius) pertencem à família tupí do Alto Amazonas, e foram muito comentados desde Acuña, que a eles já se refere nestes termos: "Esta gente é a mais inteligente e de melhor governo que há em todo o rio. Andam todos vestidos com decência, tanto os homens como as mulheres, as quais, do muito algodão que cultivam, tecem não só a roupa de que necessitam, como outra muita que lhes serve para o comércio com as Nações vizinhas; fazem panos multosos, não só tecidos de diversas cores, mas pintados com estas com tal habilidade que é difícil distinguir uns dos outros. São todos de cabeça chata, o que causa fealdade nos varões, embora as mulheres o encubram com o cabelo; e está neles tão apegado o uso de têr cabeças achatadas, que desde que nascem os filhos, os metem na prensa, tomando-as pela frente com uma tábua que, servindo de bergo, recebe todo o corpo do recém-nascido, o qual, posto de costas sôbre esta, e fortemente apertado com a outra, fica com o cérebro e a frente tão planos como a palma da mão; e como estas aperturas não dão lugar a que a cabeça cresça mais que dos lados, vem a desproporcionar-se, de modo que mais parece mitra de bispo mal formada que cabeça de pessoa". Chama-os Acuña Omaguas ou Aguas. Deles diz igualmente Maurício de Hariarte: "E' gente cuidadosa, trabalhadora e forte. Costumam andar vestidos com camisas e calções, a seu uso; as mulheres com mantas e camisões, em que mostram ser mais honestas que os mais índios do rio. São as mulheres grandes fiandras e tecedoras. Fazem as roupas que vestem e muitas levam por trato a outras províncias. São estes índios mui felos por terem as cabeças chatas. São corpulentos, fortes e tidos por todos por valentes e assim são temidos de todos os índios comarcãos. Os instrumentos com que fazem suas festas, sacrificios e bailes, a que são muito inclinados, são trombetas de tristíssimo som, feitas de tabocas e uns tambores de pau cavado por dentro, e com uns paus cobertos de resina os tocam como atábales, que se ouvem muito longe". A sua cabeça deformada chamou a atenção de Alexandre Rodrigues Ferreira que nos deixou ótima figura de um cambeba, com a sua estólida, figura da qual há uma cópia na exposição etnológica do Museu Nacional e que tem sido muito

o seu trabalho dirigido por alguns brancos, que pareciam ter sido pessoas de vistas humanitárias e negociantes progressistas. Um destes velhos empregadores, senhor Guerreiro, paraense bem educado, ainda comerciava no Amazonas, quando deixei a região em 1859. Disse-me ele que Fonteboa há quarenta anos era delicioso lugar para se viver. Os arredores estavam então bem tratados e sem mata, quasi não havia mosquitos e os índios eram ordeiros, trabalhadores e felizes. O que trouxera a ruina da localidade fôra a chegada de negociantes brasileiros e portugueses de baixa classe, os quais em sua avidéz de ganhos tinham ensinado aos dóceis indígenas toda a sorte de velhacaria e de imoralidades. Conseguiram tirar homens e mulheres de seus antigos patrões, e assim levaram à falência antigos estabelecimentos, compelindo os principais a irem aplicar seu capital em outros pontos. Quando de minha visita havia poucos índios puro-sangue em Fonteboa e nenhum branco. Os habitantes pareciam ser quasi todos mamelucos, e um punhado de gente preguiçosa, rústica, de falar grosseiro e ignorante. Não havia padre ou mestre-escola num raio de 150 milhas; o povo parecia quasi sem governo de qualquer especie, e contudo os crimes e atos de violência pareciam ser muito raros. A principal

---

vulgarizada. Dêles já escreve Martius: "Hábito singular, mas cuja prática se vai mais ou menos perdendo atualmente, era o que ocorria entre os campevas: costumavam amarrar a criança num berço em forma de canoa, e ligar-lhe tabuinhas finas nas têmporas, afim de dar à cabeça feição de mitra. Também é comum entre eles atirar flechas por um pau ôco (palheta, estólica). No mais essa nação é de boa índole e leal. A sua língua tem muitos vocábulos em comum com o tupí. Também aqui existe o costume de submeter os rapazes à prova de flagelação e as raparigas à defumação. A parturiente só se pode alimentar de tartaruga tracajá e de peixes, mas não de mamais; igual dieta observa também o marido, até que o lactente se possa sentar. Quando falece um membro de qualquer família, esta fecha-se em casa todo um mês, lamentando-se com gemidos incessantes; os vizinhos têm que os alimentar por meio de suas caçadas, durante esse tempo. Faz-se o enterro na choça e o chefe é enterrado num vaso grande.

pessoa da aldeia, um senhor Justo, era homem rude, alto, enérgico, subdelegado de polícia, e o único negociante que possuía grande barco fazendo a viagem direta de Fonteboa ao Pará. Recentemente construíra espaçosa casa, no estilo das habitações das classes médias das cidades com chão de tijolo e coberta de telhas, tijolos e telhas mandados vir do Pará, a mil e quinhentas milhas, que era o lugar mais próximo onde fossem fabricados em quantidade suficiente. Quando o senhor Justo me visitou, ficou muito impressionado com as estampas de uma pilha do *London Illustrated News* que estavam sobre a minha mesa. Era impossível resistir a suas súplicas insistentes de deixá-lo levar algumas para olhar, de modo que certo dia levou emprestado uma porção de jornais. Uma quinzena mais tarde, indo eu pedir que m'os restituísse, vi que as estampas tinham sido recortadas e pregadas nas paredes recentemente caiadas de sua sala, algumas de cabeça para baixo. Ele achou que uma sala assim decorada com vistas estrangeiras aumentaria sua importância entre os vizinhos, e quando accedi ao desejo de as guardar para si, desmanchou-se em demonstrações de gratidão, acabando por embarcar um carregamento de tartarugas para meu uso em Ega.

Estes aldeãos abandonados e rudes ainda conservavam muitas práticas religiosas que lhes tinham sido ensinadas pelos primeiros padres missionários. A cerimônia que observavam no Natal, em tudo semelhante à que já descrevi como praticada pelos negros, era muito agradável por sua singeleza e pela sinceridade com que se conduzia. A igreja era aberta, limpa e seca alguns dias antes da véspera de Natal, e de manhã todas as mulheres e crianças da aldeia se atarefavam em enfeitá-la com festões de fôlhas e flores silvestres. Perto de meia noite era iluminada por dentro e por fora com pequenas lâmpadas de azeite, feitas de barro, e a imagem

do Menino Deus, em seu berço, colocado aos pés do altar, iluminado por fitas de velas de cera, muito finas mas as melhores que a pobre gente podia comprar. Logo depois aí se reuniam todos os aldeãos, vestidos da melhor maneira, as mulheres com flores no cabelo, e cantavam de joelhos alguns hinos singelos, inteiramente impróprios para a ocasião, mas que eram provavelmente os únicos que sabiam. Era um mestiço de cara manchada quem puxava as ladaínhas. Acabados os cânticos, a assembleia se erguia e todos caminhavam em fila singela, subindo a igreja por um lado e descendo pelo outro, cantando todos em côro linda marcha, e cada pessoa, chegando aos pés da imagem, parava para beijar-lhe a ponta da fita que estava amarrada em tórno da cintura. Considerando-se que a cerimônia era feita de livre e espontânea vontade com despesa consideravel, penso que diz bem das boas intenções e simplicidade de coração destes pobres e desamparados.

Deixei Fonteboa, por Ega, no dia 25 de janeiro, fazendo a viagem por vapor, descendo o rio, em dez-e-seis horas. A vista da cidadezinha clara e limpa, com seus espaços abertos, seus gramados bem tratados, suas praias de areias brancas, tinham o efeito mais agradável, depois de minha viagem pelas partes mais selvagens da região. O distrito entre Ega e Loreto, a primeira aldeia peruana do Solimões, é, de fato, a mais remota, pouco povoada e bárbara de toda a linha do Amazonas de oceano a oceano. Além de Loreto, do lado do Pacífico, os sinais de civilização começam a ser numerosos, e de Ega para baixo, sente-se o aumento do lado do Atlântico.

5 DE SETEMBRO DE 1857 — Embarquei de novo no *Tabatinga*, desta vez para uma excursão maior que a última, tendo como escopo S. Paulo de Olivença, aldeia ainda mais acima das já visitadas, distante de Ega 260

milhas, em linha reta e a umas quatrocentas milhas, seguindo as voltas do rio.

As águas estavam agora quasi em seu ponto mais baixo; mas isso não fazia diferença à maneira de viajar noite e dia. Vários dos paranás-mirins ou canais que o navio percorre no período das cheias, para evitar grandes voltas, estavam agora secos e seus leitos vazios appareciam agora como ravinas arenosas profundas no seio da floresta espessa. As grandes ilhas arenosas e milhas de praias estavam igualmente a descoberto, com bandos de aves aquáticas, garças, socós, patos, frangos d'água e colhereiros, que em certos pontos limitavam as margens, davam ao rio aspecto muito mais variado e animado que na estação das cheias. Era comum verem-se grandes jacarés boiando preguiçosos perto das praias, despreocupados do vapor que passava. Os passageiros divertiam-se em atirar neles do tombadilho com um rifle de dois canos que tínhamos a bordo. O sinal de golpe mortal era o monstro virar súbitamente, vendo-se a boiar com a barriga branca para cima. O tenente Nunes queria ter um dos animais mortos a bordo, para abrir-lhe o abdomen e, se fosse um macho, extrair parte que é tida em grande estima pelos brasileiros, como remédio. O navio parou, e mandou-se um barco, com quatro homens robustos, para embarcarem a fera; mas o corpo era muito pesado para ser trazido no bote, de modo que se lhe passou um cabo em tórno, e a horrível criatura foi puxada a reboque e içada para a coberta por meio de guindaste que tinha sido armado para êsse fim. Elle mostrava ainda sinais de vida e, quando lhe meteram a faca, mecheu com o rabo e abriu as enormes mandíbulas, fazendo que o bando de assistentes se debandasse em todas as direções. Um golpe de machadinha no alto da cabeça o aquietou de uma vez. Media o animal quinze pés de

comprimento, mas esta simples medida dá idéia muito imperfeita de seu volume imenso e de seu pêso descomunal.

Divertiam-nos muito também as numerosas tartarugas que víamos nadando nas enseadas rasas e quietas, pelas quais passávamos. Viam-se às dúzias em nossa frente, com os focinhos aparecendo acima da superfície das águas e, quando o vapor se aproximava, voltavam-se para fitar-nos, mas sem desconfiança, até que o barco estivesse quasi rente, quando pareciam súbitamente tomadas de receio e mergulhavam como patos.

Tínhamos a bordo, entre os nossos passageiros de coberta, um índio de meia idade, da tribo Jurí; era homem baixo e torudo, com feições muito semelhantes às do falecido Daniel O'Connell. Chamava-se Caracara-í (águia negra) e seu semblante parecia permanentemente contraído no ricto de um sorriso mau, efeito que era aumentado pelas marcas tatuadas — um anel azul em tôrno da boca e um traço diagonal para as orelhas —. Estava vestido à moda européia — chapéu preto, calças e paletó — parecendo muito aflito pelo terrível calor que, é desnecessário dizer, há a bordo de um vapor, sob sol a pino, nas horas do meio dia. Este índio era homem empreendedor, ambicioso e de firmes resoluções, qualidades muito raras na sua raça, por isso que a tibieza de resolução é um dos defeitos fundamentais do carater dos índios. Voltava agora do Pará para casa, nas margens do Içá. Lá fôra a vender grande quantidade de salsaparrilha que apanhara, com auxílio de muitos índios que induzira ou forçara a trabalharem para êle. A gente sente-se naturalmente inclinado a conhecer as idéias que um espécimen tão favorável da raça indígena tenha adquirido depois de tão longa experiência entre as cenas civilizadas. Conversando com êsse nosso companheiro de

viagem, fiquei muito espantado, pois êle nada vira e sôbre coisa alguma refletira, além do que dizia respeito às especulações de seu pequeno negócio, e sua alma se conservava evidentemente o que fôra antes — uma página em branco para todos os assuntos mais elevados ou para as idéias gerais. O modo obtuso, médio e prático de pensar dos índios da Amazônia, e a ausência de curiosidade e pensamento especulativo que parece ser orgânico ou confirmado em seu carater, embora sejam coisas que se não possam provar, fazem deles os companheiros mais desinteressantes. Caracara-í desembarcou em Tunantins com a sua carga, que era constituída por considerável número de fardos de mercadorias da Europa.

O cenário do rio, visto da boca do Japurá, extremamente vasto, era motivo de estranheza entre os passageiros. O tenente Nunes disse-me que não havia diminuição de largura ou volume da poderosa corrente até êste porto, a umas mil e quinhentas milhas do Atlântico; e efetivamente aquí ainda não víamos as duas praias do rio ao mesmo tempo de um e outro lado; filas de ilhas ou trechos de terra aluvial, com furos por trás delas, interceptavam a vista do lado norte do continente e às vezes também do lado do sul. Além do Içá, porém, o rio se torna evidentemente mais estreito, reduzido à largura média de uma milha, não havendo mais aquelas magnificas vastidões de horizontes vazios, como ocorrem mais abaixo. Tivemos noite escura e chuvosa depois de passarmos o Tunantins e os passageiros estavam muito inquietos por causa da velocidade com que íamos navegando, doze milhas por hora, todo o barco vibrando com a fôrça das máquinas. Muitos não puderam dormir, e eu estava nesse número. Afinal, pouco depois da meia noite, súbito grito nos assustou: "back her" (os termos inglêses são usados em assuntos referentes às máquinas



a vapor). O piloto imediatamente torceu o leme, e em poucos momentos a caixa das rodas passou raspando a orla da mata na qual quasi nos metemos de proa. Felizmente a água era profunda junto ao barranco. Logo ao amanhecer de dez de setembro fundeámos no porto de S. Paulo, depois de cinco dias de rápida travessia de Ega.

S. Paulo está situado em alta colina, na margem do rio. A colina é formada pela mesma tabatinga que surge com intervalos em todo o vale do Amazonas, mas nunca alcança altura tão grande como aqui, onde é de cêrca de cem pés acima do nível médio do rio. A subida do porto é íngreme e escorregadia. Fizeram-se degraus e patamares para aliviar a fadiga da subida. Se não fôra isso, a aldeia seria quasi inacessível, especialmente para os carregadores de bagagens e fardos, pois não há meio de fazer estrada de contôrno mais suave, a colina é íngreme de todos os lados e cercada por densas florestas e atoleiros. O lugar conta cêrca de quinhentos habitantes, principalmente mestiços e índios das tribus Tucuna e Colina, que muito pouco progrediram de seu estado primitivo. As ruas são estreitas e na época das chuvas há algumas polegadas de lama; muitas casas são bem construídas, mas estão em ruínas, e a cidade, como Fonteboa, parece ter tido melhores dias. Dificilmente se poderia esperar encontrar sinais de comércio, como em Ega, neste lugarejo remoto, a mil e oitocentas milhas, ou sete meses de viagem redonda pelos barcos a vela, distante do Pará, que é o mercado mais próximo. Curta observação me mostrou que os habitantes eram completamente corrompidos, pois os poucos portugueses e outros imigrantes, em vez de ser exemplo de trabalho, tinham adotado o modo indolente de viver dos indígenas, tempe-

rado com a prática de alguns vícios maiores que tinham introduzido.

A principal pessoa da aldeia, senhor Antônio Ribeiro, meio branco, meio Tucuna, preparou-me a casa e apresentou-me à principal gente. O alto da colina é um taboleiro de duzentas a trezentas geiras de extensão. O solo não é inteiramente argiloso, mas em parte areia e saibro; mas o solo da aldeia é quasi todo argiloso e por isso, quando chove, as ruas ficam cheias de poças de lama. Nas noites úmidas, o côro das rãs e dos sapos, que fervilham nos alagadiços, faz uma bulha tal que é impossível conversar dentro de casa, a não ser aos berros. Minha casa ainda era mais úmida que a que eu ocupara em Fonteboa, o que tornava extremamente difícil conservar minhas coleções sem serem atacadas pelo môfo. Mas a umidade geral da atmosfera nesta parte do rio evidentemente muito maior que mais abaixo; parece que aumenta gradativamente, subindo-se do Atlântico para os Andes. Era impossível conservar o sal em estado sólido durante muitos dias em S. Paulo, o que não acontecia em Ega, quando os cestos em que estava guardado, ficavam bem enrolados em fôlhas. Seis graus mais para oeste, no sopé dos Andes, a umidade do clima da selva amazônica chega ao seu máximo, pois Poeppig viu que em Chinchao o açúcar mais refinado em poucos dias se desfazia em xarope, e a melhor pólvora se liquefazia, mesmo quando encerrada em latinhas de fôlhas de flandres. Em S. Paulo o açúcar se conserva muito bem em latas de estanho, e minha pólvora sempre se conservou sêca nas latas, embora a espingarda carregada à noite raramente atirasse de manhã.

Os principais moradores de S. Paulo eram o padre, um branco do Pará, que passava os dias e a maior parte das noites jogando e bebendo cachaça, corrompendo os

moços e dando o pior exemplo aos índios; o subdelegado, negro correto, franco e leal, a quem já me referi, o senhor José Patrício; o Juiz de Paz, um mestiço, chamado Geraldo, e finalmente o senhor Antônio Ribeiro, que era o diretor dos índios. Geraldo e Ribeiro eram meus vizinhos, mas logo se aborreceram comigo porque eu não me juntava com êles em suas sessões de bebida, que tinham lugar de tres em tres dias. Costumavam começar de manhã cedo com cachaça misturada com genebra, bebida muito forte que os levava quasi até à loucura. O vizinho Geraldo, depois destas libações matinaes, costumava postar-se diante de minha casa e descompôr os estrangeiros, gesticulando de maneira ameaçadora para mim durante mais de uma hora. Depois de voltar a si de tarde, geralmente vinha apresentar-me as mais humildes desculpas, levado a isto, segundo creio, por sua mulher, pois ignorava completamente sua quebra de boas maneiras. Mas em geral as espôsas dos moradores de S. Paulo eram tão ruins como os maridos, quasi todas as mulheres beberronas e corruptas no último grau. Espancar as espôsas florescia num tal estado de coisas. Achei sempre mais prudente fechar-me à chave logo depois do pôr do sol e não tomar conhecimento dos alaridos e pancadarias que surgiam nos diferentes quarteirões da aldeia durante a noite, especialmente nos dias de festa.

O único compânheiro que encontrei na vila, com exceção de José Patrício, que estava fora quasi todo o tempo, era o negro alfaiate da aldeia, rapaz sisudo, alto e magro, chamado mestre Chico, que eu conhecera no Pará alguns anos antes. Era um negro livre de nascimento, mas tivera a vantagem de bom tratamento nos dias de sua meninice, pois fôra educado por um homem sensível e bom, capitão Basílio, de Pernambuco, seu padrinho. Nunca bebia, fumava ou jogava e estava muito

desgostoso com a depravação de todas as classes deste pequeno povoado, que êle pretendia deixar o mais depressa possível. Quando vinha visitar-me à noite, costumava bater na porta do modo que tínhamos combinado, pois era preciso acautelar-me contra a entrada de vizinhos bêbedos, e então passávamos as longas noites muito agradavelmente, trabalhando e conversando. Suas maneiras eram cortêzes, e sua conversação muito digna de ser escutada, pela agudeza e bom senso das observações. Conheci mestre Chico em casa de uma negra velha do Pará, tia Rufina, que costumava tomar conta de meus bens quando eu estava ausente em viagem, e isso me proporciona uma oportunidade de dar alguns esclarecimentos mais sôbre as excelentes qualidades dos negros livres num país onde não estão inteiramente condenados a uma posição degradante pelo orgulho e aversão da raça branca. Esta velha nascera escrava, mas como muitas outras das grandes cidades do Brasil, tivera permissão de negociar por sua própria conta, no mercado, pagando uma soma certa ao seu senhor diariamente, e guardando para si o excesso dos ganhos. Em poucos anos economizara o bastante para comprar a sua liberdade e a do filho. Feito isto, a velha continuou a lutar até que juntou o bastante para comprar a casa em que morava, ótima propriedade em uma das ruas principais. Quando voltei ao Pará, depois de sete anos de ausência, vi que continuava a prosperar, inteiramente por seu esforço próprio, pois era viuva, e de seu filho, que continuava a trabalhar regularmente de ferreiro e estava agora construindo certo número de pequenas casas em um terreno baldio, junto de sua casa. Encontrei neles e em muitos outros negros livres, a gente mais digna de confiança, e admirei a constância de suas amizades e a gentileza e jovialidade de suas maneiras entre si. De-

monstraram grande desinteresse em suas relações comigo, prestando-me muitos serviços sem receber a mínima remuneração; mas isto pode ter sido devido em parte ao nome de inglês, pois o conhecimento de nossa generosidade nacional para com a raça africana se tinha espalhado entre os negros brasileiros.

Demorei-me em S. Paulo cinco meses; cinco anos não bastariam para exaurir os tesouros de seus arredores em Zoologia e Botânica. Embora eu fosse um desbravador de florestas com dez anos de experiência, a linda selva que cerca êste povoado deu-me encanto como se eu tivesse acabado de desembarcar, pela primeira vez, em região tropical. A Zoologia revelou plenamente sua maior proximidade com as localidades das vertentes orientais dos Andes do que as que anteriormente visitara, pelo primeiro aspecto de muitas de suas formas peculiares e de rico colorido (especialmente de insetos), e que são conhecidas somente como habitantes dos vales quentes e úmidos de Nova Granada e do Perú. O planalto, onde estava situada a aldeia, estende-se de um lado quasi uma milha por dentro da mata, mas do outro lado a descida para as terras baixas começa junto das ruas, e a colina desce abruptamente para um brejo cercado de mato, através do qual há estreito caminho sinuoso que leva a um vale fresco e sombrio, em cujo fundo corre um regato de águas geladas. Ao meio dia o sol penetra nas escuras profundezas deste romântico sítio, iluminando os barrancos folhudos do regato e suas margens lípidas e arenosas, onde numerosas tanagras escarlates, verdes e negras e borboletas de côres vivas brincam entre os raios de sol. Ribeiros cintilantes, grandes e pequenos, atravessam a floresta gloriosa em quasi todas as direções, e a gente encontra constantemente, quando em passeio pelas brenhas, mansos regatos e borbulhantes torrentes, tão

rica é a região em umidade. Alguns dos regatos fluem sobre um leito de areia e seixos rolados, e suas margens são todas revestidas da mais magnífica vegetação que se pode imaginar. Eu costumava, quasi diariamente, em meus passeios solitários, repousar nas margens limpas destas rápidas torrentes e banhar-me durante uma hora em suas águas revoltas, horas que me vivem na recordação como as mais agradáveis. As largas estradas da mata continuam, como já disse, para o interior, numa distância de vários dias de viagens, servindo aos Tucunas e outros índios que aí vivem em casas isoladas e aldeias, quasi em seu estado primitivo, ficando a aldeia mais próxima a umas seis milhas de S. Paulo. As margens de todos os cursos de água são salpicadas de habitações de fôlhas de palmeira dos Tucunas, todas meio escondidas nas brenhas, pois as famílias esparsas escolheram os recantos mais frios e mais sombrios para suas moradias.

Ouvi frequentemente na vizinhança destas cabanas o "realejo" (*Cyphorhinus cantans*) (573), o mais notável cantor das matas amazônicas. Quando suas notas singulares ferem o ouvido pela primeira vez, a impressão nítida que se tem é de que sejam produzidas pela voz humana. Algum menino músico deve estar colhendo fruta nas moitas e cantando para distrair-se. As notas se tornam mais aflautadas e queixosas; são agora as de uma flauta, e apesar da completa impossibilidade da coisa, fica a gente convencido por um momento, que alguém está tocando êsse instrumento. Não se vê ave nenhuma, por mais que se esmiucem as árvores e arbustos em redor e a voz parece vir da brenha mais próxima. O fim do canto é um desapontamento. Começa com algumas notas muito lentas e brandas, que se seguem

---

(573) Pássaro da família Trogloditidae.

como o princípio de uma área; a gente escuta, esperando ouvir uma melodia completa, mas há uma pausa súbita, e o canto se interrompe, terminando por certo número de estalidos desarmoniosos, como os sons de um realejo desafinado. Nunca ouvi o pássaro no Baixo Amazonas e mesmo em Ega só raramente o ouvi; é o único cantor que impressiona os naturais, os quais às vezes param de remar, quando em viagem em suas pequenas canoas pelos sombrios igarapés, como se enfeitados pelos sons misteriosos.



Os índios Tucunas (574) formam tribo parecida com os Chumanas, Passés, Jurís e Maués, tanto por seu aspecto físico como por seus costumes. Levam como estes vida agrícola sedentária, cada horda obedecendo a um chefe de maior ou menor influência, segundo sua energia e ambição e possuindo seu pajé que cultiva as suas superstições, mas são muito mais preguiçosos e debochados que os índios que pertencem às tribus superiores. Não são pugnazes e leais como os Mändurucús, embora se pareçam com êles em muitos pontos, nem têm o porte esbelto, os gestos nobres e a disposição gentil dos Passés; não há, porém, pontos frisantes que os distingam destas tribus mais elevadas. Homens e mulheres são tatuados. O desenho é, às vezes, uma voluta em

---

(574) Os tucunas, tecunas ou ticunas são da família Aruaque do Alto Amazonas, encontrando-se atualmente mais na Borévia e no baixo Javari. Dêles escreve Martius: "São os tecunas uma tribo demasiado indolente. Crêem que a alma, depois da morte, emigra para outros corpos, até de irracionais. Nos recém-nascidos praticam a operação da circuncisão, e quem de fato a pratica é a mãe, tanto nos filhos como nas filhas. Esse ato é festejado com grande folguedo, e nessa ocasião se dá o nome à criança. O sinal distintivo dessa tribo é uma linha estreita, tatuada de través no rosto. As mulheres andam inteiramente nuas: os homens, ao contrário, cobrem-se com um avental feito com entrecasca.

cada face, mas geralmente consta de curtas linhas retas. Quasi toda a gente mais velha usa braceletes, tornozeleiras e jarreteiras, feitas de prêsas de tapir ou de madeira. Em suas tabas não usam nenhuma outra vestimenta, exceto nos dias festivos, quando se enfeitam de penas ou de capas mascaradas, feitas da casca interna de uma árvore. Êles se mostraram muito medrosos, quando lhes fiz minhas primeiras visitas em suas habitações da floresta, fugindo todos para a brenha quando me aproximei, mas nos dias subsequentes se tornaram mais familiares, e vi que eram uma gente inofensiva e pacífica.

Grande parte da horda que vivia na primeira maloca em uma habitação comum, grande cabana oblonga e arranjada internamente sem nenhuma simetria, e que parecia construída por certo número de pessoas que trabalhassem independentes, dispondo uma viga ou acomodando nela uma fôlha de palmeira sem tomar em consideração o que os outros trabalhadores estavam fazendo. As paredes, como o teto, são cobertas de fôlhas de palmeira; cada peça é constituída pelos folíolos dobrados e presos em fila a uma ripa de muitos pés de comprimento. Fortes postes erectos sustentam o teto e entre êles estão armadas as rêdes, deixando no meio um espaço para a passagem e para os fogos e em um dos lados, há elevado girau, formado de ripas de caules de palmeira lascados. Os Tucunas excedem todas as outras tribus na manufatura da cerâmica. Fazem jarras de boca larga para o mólho de tucupí, a caisuma ou cerveja de mandioca, capazes de conter vinte galões ou mais, ornamentando-os do lado externo com estrias diagonais de várias côres. Estas jarras formam a parte principal do mobiliário destas cabanas, grandes e pequenas, juntamente com jarras menores para guardar água, zarabata-



nas, carcazes, cestos de matirí, cheios de miudezas, cestas, peles de animais. Os cadáveres de seus chefes são enterrados, com os joelhos dobrados, em grandes jarras, sob o chão de suas cabanas.

As danças semi-religiosas e as sessões de bebida, usuais entre as tribus indígenas da Amazônia, são levadas pelos Tucunas a um excesso maior que na maioria das outras tribus. O Juruparí é o único ser superior dos quais eles têm uma concepção, e seu nome é misturado com todas as suas cerimônias, mas é difícil saber o que é que eles consideram como seus atributos. Parece ser considerado simplesmente como diabinho maligno, que é o responsável de todos os pequenos infortúnios de sua vida diária e cujas causas não são muito imediatas ou óbvias para a sua obtusa compreensão. É inútil procurar obter qualquer informação de um Tucuna a este respeito; afetam grande mistério quando se menciona o seu nome, e dão respostas muito confusas a nossas perguntas (575). Mas

---

(575) Sobre o jurupari merece ser mais uma vez coplada a informação da Carta Pastoral de D. Frederico Costa, e transcrita por Basilio de Magalhães: "Há diversas espécies de juruparis que variam segundo as diversas tribus. O primeiro, comum a todas é uma vestimenta, feita de peles de diversos animais, de várias cores, representando um verdadeiro demônio. A tribo pirá-tapua tem os seguintes; *acotí*, *suruquan* e *acotipurú*. Os tucanos têm *tartira* que imita o ronco do trovão; o *maçarico*; o *uirapurú*; o *arara* e o *dopero*. Entre os baninas encontram-se os seguintes: *uarí* no qual tocam peças diferentes e até falam, feito de tres pedaços, o primeiro de tres palmos, o segundo de tres palmos e meio e o terceiro de quatro palmos; *dapa*; *mamanga*; *suaçu*; *jacamim*; *uacari*; *cuido*; *tucano* e *mana*. É célebre e digno de menção este último. É pequentino e tem a voz fina. Conversa e adivinha quando a donzela se há de casar, se o marido há de ser moço ou velho, se há de ser feliz ou infeliz, e se é homem ou mulher a criança que vai nascer. Embora não se realizem as predições, nem por isso deixam de acreditar plamente em tudo quanto diz este jurupari. Existem também o *serubim* e o *mamaré*. Os macús, embora sejam os mais atrazados na escala da civilização, têm também o seu juruparí, denominado *inambú*. Estes instrumentos são guardados preciosamente, ou no centro das florestas ou no fundo dos rios, em lugares completamente ignorados das mulheres".

é bem claro que a ideia de um espirito como um Deus benfazejo ou um Criador não entrou no espírito destes índios. Há grande semelhança em todas as suas mascaradas e cerimônias, quer o motivo seja um casamento, a celebração da festa dos frutos, o arrancamento dos cabelos da cabeça dos filhos, ou qualquer feriado marcado simplesmente por amor da dissipação. Alguns da tribo se cobrem nestas ocasiões com as penas de colorido vivo de papagaios e araras. O chefe usa uma especie de capuz feito de penas de tucano, presas em rede de fios de bromélia e com penas erectas de arara presas no cocoruto. As voltas dos braços e pernas são tambem ornadas de tufo de penas. Outros usam disfarces mascarados; são longos capotes que chegam até abaixo dos joelhos e feitos de espessa entrecasca esbranquiçada de uma árvore, cujas fibras estão entrelaçadas de modo tão regular, que o material parece de tecido artificial. A capa cobre a cabeça; cortam-se dois buracos para os olhos; grande pedaço redondo do tecido, sustido por um rebordo de madeira flexivel é pregado de cada lado para representar as orelhas, e as feições são pintadas em estilo exagerado com estrias amarelas, vermelhas e negras. As roupas são cosidas nas formas desejadas com fio feito da entrecasca de Uaisima. Usam-se, às vezes, nestas festas máscaras grotescas, representando bustos de macacos ou cabeças de outros animais, feitos armando o pano ou a pele em armadura de cipós entrelaçados. A máscara maior e mais feia representa o Juruparí. Nestes hábitos festivos os tucunas executam suas monótonas danças balanceadas e sapateadas, acompanhadas de cantos e de tambores, e mantêm o divertimento às vezes durante tres ou quatro dias e noites sem parar, bebendo enormes quantidades de caisúma, fumando tabaco e tomando rapé de paricá.

Não consegui saber se havia qualquer significação simbólica nestas danças mascaradas ou se elas comemoravam qualquer acontecimento pretérito na história da tribo. Algumas delas pareciam vagamente propiciatórias de Juruparí, mas o mascarado que representa o demônio fica às vezes tão embriagado como os outros e não parece ser tratado com qualquer reverência. De tudo o que consegui averiguar, estes índios não conservam nenhuma lembrança dos acontecimentos que vão além do tempo dos pais ou dos avós. Qualquer acontecimento alegre é motivo para um festival, sendo o principal as bodas. Um rapaz que quer casar com uma rapariga Tucuna tem que pedir a sua mão aos pais, que arranjam o resto da cerimônia e fixam o dia para o casamento. Um que se realizou na semana de Natal, quando eu estava em S. Paulo, foi festejado com grande animação tres ou quatro dias; arrefecia nas horas mais quentes do dia, mas se renovava com aumentado vigor todas as noites. Durante todo esse tempo a noiva, coberta de ornatos de penas, ficou sob a guarda das velhas indígenas, cujas funções pareciam ser conservar continuamente o noivo a uma distância segura até o fim do terrível período de danças e bebidas. Os Tucunas têm o singular costume, em comum com os Colinas e Maués, de tratar as mocinhas, quando estas mostram os primeiros sinais de puberdade, como se elas tivessem cometido um crime. São postas em um girau sob o teto fumacento e sujo e aí conservadas em regimen severo, às vezes durante um mez inteiro; soube de uma rapariguinha que morreu dêste tratamento.

O território original da tribo Tucuna abraçava as margens da maioria dos tributários, desde quarenta milhas abaixo de S. Paulo até além de Loreto, no Perú, numa distância de cerca de duzentas milhas.

Mas a tribo não está bem separada da dos Colinas, que parecem ser uma secção dos Tucunas, e cuja pátria se estende duzentas milhas mais para leste. A única tribo dos arredores de que tive conhecimento foi a dos Majeronas (576), cujo território abraça várias centenas de milhas da margem oeste do rio Javari, afluente do Solimões, 120 milhas além de S. Paulo. Os Manjeronas são um povo hostil, feroz e indomável, como os Araras do rio Madeira; são também canibais. A navegação do Javari tornou-se impossível porque os Majeronas ficam de tocaia em suas

(576) Os manjeronas, maxurunas, majurunas, majoranas ou maxironas, segundo Martius, "constituem uma das tribus mais vastamente espalhadas e mais temíveis do Alto Solimões. Não reconhecem a supremacia espanhola nem portuguesa e são perigosos para os viajantes brasileiros do Javari, assim como para os espanhois do Ucaiale. Falam lingua própria, de entonação muito sonora e dura. Usam cabeleira comprida, com tonsura nas têmporas. Furam o nariz e os lábios, onde metem compridos espinhos e, junto dos cantos da boca, enfiam duas penas de arara. No lábio inferior, narinas e lóbulos das orelhas soem trazer discos talhados em conchas. Esse aspecto apavorante corresponde á barbaria de seus costumes, pois, não se satisfazendo com comer a carne dos inimigos abatidos, matam e comem os próprios velhos e enfermos de sua tribo, sem poupar os filhos ou o pai nas doenças graves, antes que o doente emagreça". Desses mesmos índios escreve Spix: "Nas selvas que se estendem ao longo do rio Javari, que desagua na margem meridional, vivem os muxurunas. Avistei aqui alguns destes últimos índios: são inteiramente bravos; trazem furados as orelhas, narinas e lábios; além disso, espetam todo o rosto com espinhos e penas, enquanto a testa é pintada de preto e vermelho. Não raro alguns são de cor bastante clara. Para provar e atestar a força, fazem profundas incisões nos braços. A parturiente não deve comer carne alguma de macaco, mas alimentar-se principalmente de carne de mutum. As crianças recebem o nome sem solenidade alguma; por outro lado, festeja-se com grande cerimônia a operação de perfurar as orelhas, lábios e faces. As duas primeiras já são feitas na infância; a perfuração da face só se faz ao chegar á virilidade. Para que as feridas não se curem deixam-se ficar nelas finas flechas, que são todas as manhas revolvidas de um lado para outro. Assim que passa uma canoa, eles, escondendo-se atrás das árvores, atravessam o piloto com um grande dardo, ou com a lança, e caem então sobre os outros da guarnição, dando-lhes golpes com grandes clavas prismáticas (*tamaranas*), de sorte que raramente escapa algum". Esses Maieronas, Mayorunas, Maxurunas ou Pelados fazem parte da família Pano; occupam atualmente o alto Jandiatuba, a maior parte da bacia do Javari, chegando até ao norte do Amazonas e ao oeste do baixo Ucaiale.

margens e interceptam e assassinaam todos os viajantes, especialmente os brancos.

Quatro meses antes de minha chegada a S. Paulo, dois moços mestiços (quasi brancos) da aldeia foram negociar no Javari, porque os Majeronas há um ou dois anos tinham dado mostras de cessar as hostilidades. Não tinham ido longe, quando uma embarcação voltou com a noticia que os dois rapazes tinham sido mortos a flechadas, assados e comidos pelos selvagens. José Patrício, com sua atividade costumeira nos casos de ordem e respeito à lei, mandou um bando de homens armados da Guarda Nacional fazer indagações no lugar e, se o assassinio parecesse ter sido sem provocação, retaliasse. Quando chegaram à aldeia da horda que comera os dois homens, a mesma estava deserta, encontrando-se apenas uma mocinha que tinha ido aos matos quando o resto do povo fugira, e a quem os guardas trouxeram para S. Paulo. Colheram dela e de outros índios do Javari que os rapazes tinham chamado a desgraça sôbre si pela conduta irregular para com as mulheres Majeronas. A moça, chegada a S. Paulo, ficou aos cuidados do senhor José Patrício, foi batizada com o nome de Maria e aprendeu o português. Estive muitas vezes em contacto com ela, pois meu amigo a mandava diariamente a minha casa encher as jarras de água, fazer o fogo e outros pequenos serviços. Também conquistei a sua simpatia tirando-lhe um berne das costas (577), curando-a dessa ma-

---

(577) Uma espécie de Oestrus do Alto Amazonas escolhe a carne do homem como lugar de criação de sua larva. Extraí cinco de minha própria carne, em diversas ocasiões. A primeira fixou-se na barriga da perna, causando um tumor que supurava e que, por não saber da existência do Oestrus, pensei a principio tratar-se de uma inflamação comum. O tumor cresceu e a dor aumentou, até que eu fiquei completamente sem poder andar. Ao examinar cuidadosamente o suposto tumor, vi a cabeça do gusano a mover-se no pequeno orificio apical. A extração do

neira do doloroso tumor. Era decididamente a mais jovial e, por tudo o que eu observava, mais amável criatura de sua raça, que eu vira até então; alta e muito robusta; o colorido de tom muito mais claro que o comum dos índios, e por seus ademanos lembrava muito mais uma camponesa risonha e descuidada, tal como às vezes se encontra nas classes trabalhadoras das aldeias de nossa pátria, que uma canibal. Ouvi esta menina sem artifícios contar, da maneira a mais fria que se possa imaginar, como comera um pedaço do corpo dos rapazes que sua tribo havia assado. Mas o que aumentava consideravelmente a incongruência do ato, é que a jovem viuva de uma das vítimas, minha visinha, estava presente à narrativa e demonstrou o seu interesse, rindo do português estropiado em que a rapariga contava a horrível história.

\* \* \*

No quarto mês de minha estada em S. Paulo tive doença graçe, um ataque de sezões, as febres da região, que me deixaram com a saúde despedaçada e o entusiasmo abatido, fazendo abandonar o projeto que formara de continuar até às cidades peruanas de Pebas e Moiobamba, a 250 e 260 milhas para oeste, e assim completar o exame da História Natural das planícies da Amazônia até ao pé dos Andes. Fiz muito grande

---

animal foi uma operação difícil, porque ele tinha uma polegada de comprimento e aumentava de largura da cabeça para a cauda, além de estar preso à carne, pelo lado de dentro do tumor, por dois ganchos córneos. Uma velha índia de Ega mostrou-me qual o processo mais eficiente de proceder, que era pasmar o tapurú com sumo forte de tabaco, o que faz com que ele relache sua fixação interna, e depois puxá-lo à fôrça pelo estreito orifício do tumor. (*Nota do Autor*).

O berne é um Diptero da família Oestridae, a *Dermatobia hominis*.

coleção em S. Paulo e empreguei um colecionador em Tabatinga e nas margens do Javari durante alguns meses, de modo que pude adquirir conhecimento regularmente perfeito do conjunto das produções da região que orla o Amazonas até ao extremo do território brasileiro, a uma distância de 1900 milhas de sua foz, no Pará; mas sentia agora que seria incapaz de ir além dos limites com o Perú. Minha febre parecia ser a culminância da deterioração da saúde, que se vinha processando há alguns anos. Expuzera-me demais ao sol, trabalhara além de minhas forças seis dias por semana e, além de tudo, sofrera muito com a alimentação má e insuficiente. As febres não existiam em S. Paulo, mas o estado de sujeira e umidade da aldeia era suficiente, talvez, para produzir febre numa pessoa já enfraquecida por outras causas. A região junta das margens do Solimões é toda ela salubre; certo existem algumas doenças endêmicas, mas estas não são de natureza mortal, e as epidemias que desolaram o Baixo Amazonas, do Pará ao Rio Negro, entre os anos de 1850 e 1856, nunca atingiram esta terra abençoada. Só se conhecem as sezões nas margens dos tributários de águas escuras.

Sempre carreguei comigo certa porção de medicamentos e um frasquinho de quinina que comprara no Pará em 1851, mas do qual nunca me utilizara, foi agora de grande proveito. Tomava de cada dose tanto quanto podia tirar com a ponta de um canivete, misturando-a com chá quente de camomila. Nos primeiros dias depois do primeiro ataque eu não podia mexer, e ficava delirante nos paroxismos da febre; mas quando passou o pior, fiz esforço para levantar-me, sabendo que as desordens do fígado e do baço complicam as sezões nesta região, se a pessoa se entrega demais a essa sensação de cansaço. Todas as manhãs punha

ao ombro a espingarda ou a rede de insetos e ia ao meu passeio habitual pela mata. Os calafrios muitas vezes me assaltavam antes de chegar à casa, e eu costumava ficar de pé e afrontar o mal estar. Quando o vapor subiu o rio em janeiro de 1858, o tenente Nunes ficou muito impressionado de ver-me assim tão alquebrado e recomendou-me insistentemente que eu voltasse para Ega imediatamente. Aceitei o seu conselho e embarquei com ele, quando tocou em S. Paulo, na viagem de descida, a dois de fevereiro. Ainda tinha esperanças de poder voltar para oeste, a colher os tesouros ainda não vistos das maravilhosas regiões entre Tabatinga e as vertentes dos Andes. Embora a febre me deixasse depois de alguns dias de repouso em Ega, minha saúde ficou em tal estado de fraqueza que não me permitia empreender novas viagens. Deixei Ega afinal, a tres de fevereiro de 1859, de volta para a Inglaterra.

Cheguei ao Pará no dia 17 de março, depois de uma ausencia de sete anos e meio pelo interior. Meus velhos amigos, ingleses, americanos e brasileiros custaram a reconhecer-me, mas todos me fizeram acolhida muito quente, especialmente Mr. G. R. Brocklehurst (da firma R. Singlehurst & Co., os principais negociantes estrangeiros que tinham sido meus correspondentes) que me recebeu em sua casa e me tratou com a maior afabilidade. Eu estava realmente surpreso com o elevado conceito que fazia a melhor gente a respeito de meus trabalhos. Mas, de facto, o interior da região é ainda o "sertão" — terra incógnita para a maioria dos habitantes dos portos de mar — e um homem que passara sete anos e meio a explorá-lo, com intuitos meramente científicos, era uma curiosidade. Achei o Pará muito modificado e melhorado. Não era mais aquele lugar com aspecto de aldeia, cheia de mato,



ameaçando ruína, que eu vira, quando a conheci em 1848. A população aumentara (para 20.000) pela imigração de portugueses, madeirenses e alemães, e durante muitos anos o considerável saldo de seu orçamento tinha sido gasto pelo governo em embelezar a cidade (578). As ruas, antes sem calçamento ou salpicadas de pedras soltas e areia, estavam agora pavimentadas de concreto, do modo mais perfeito; toda a alvenaria que fazia saliência das casas irregularmente construídas tinha sido retirada e as construções eram mais uniformes. Quasi todas as casas em ruínas tinham sido substituídas por edifícios novos e bonitos, com longas e elegantes varandas na frente dos pavimentos térreos, a uma altura de alguns pés do caminho. As grandes praças alagadiças tinham sido drenadas, limpas das plantas daninhas e plantadas com filas de amendoeiras ou casuarinas, de modo que eram atualmente grande ornamento da cidade em vez de ser uma chaga, como antes. Minha velha estrada favorita, a avenida das mongubas, tinha sido renovada e a ela vinham ter muitos outros caminhos orlados de árvores que, em poucos anos, tinham alcançado altura suficiente para dar sombra agradável; uma delas, a estrada de

---

(578) As rendas da província do Pará, derivadas quasi totalmente dos elevados direitos alfandegários, excedera, durante alguns anos, a média de um milhão de libras. Os direitos de importação variam de 18 a 80% ad valorem; os de exportação de 5 a 10%, sendo a mercadoria que mais produzía a borracha.

O valor total das exportações de 1858 foi de £ 355.905, 4s. Od., empregando 104 barcos com uma arqueação total de 29.493 toneladas. Mais da metade do comércio estrangeiro era feito com a Grã Bretanha; as principais nações em ordem de valor do negócio de importação eram as seguintes: 1 — Grã Bretanha; 2 — Estados Unidos; 3 — França; 4 — Portugal; 5 — Cidades Hanseáticas. Como a maioria dos artigos de consumo são importados e a maioria dos seus produtos exportados, o comércio estrangeiro do Pará é maior, comparado com o interno, do que na maioria dos países. A insignificância do comércio de uma região de tão vasta extensão e recursos fica bem evidente pelos totais acima referidos. (*Nota do Autor*).

S. José, fôra plantada de coqueiros. Sessenta carruagens publicas, leves cabriolés (alguns já construídos no Pará), percorriam agora as ruas, aumentando muito a animação das belas praças, ruas e avenidas.

Também vim encontrar os hábitos da gente consideravelmente mudados. Muitas das antigas festas religiosas tinham declinado de importância e sido substituídas por divertimentos seculares; reuniões sociais, bailes, música, bilhar e outros. Havia tanto desejo de divertimento como antes, mas agora tinham seguido uma rumo mais racional e os paraenses pareciam copiar mais os costumes das nações do norte da Europa que os de Portugal. Tive a satisfação de ver muitas livrarias novas e também novo edificio com uma sala de leitura, onde se encontravam periódicos, globos, mapas e uma biblioteca circulante. Havia muitas tipografias e quatro jornais diários. A salubridade do lugar melhorara consideravelmente desde 1850, o ano da febre amarela, e o Pará já não era considerado perigoso para os recém-chegados.

Já vimos os melhoramentos visíveis da cidade; vejamos agora o lado negro do quadro. O custo da vida era atualmente quatro vezes mais elevado, como consequência natural da procura da mão de obra e dos produtos naturais de toda espécie que aumentara numa proporção muito maior do que a oferta, graças à chegada de grandes levas de habitantes não-produtores, e à consideravel importação de dinheiro, trazido pela companhia de vapores e pelos negociantes estrangeiros. O Pará, era, em 1848, um dos lugares de residência mais barata no Continente Americano; era agora um dos de vida mais cara. Os artigos importados de alimentação, roupas e mobiliário eram mais baratos que os produzidos nos arredores, apesar-de sobre-carregados de impostos que variavam de 18 a 80 por cento, além dos

altos fretes e dos grandes lucros, o bacalhau salgado custava menos dois dinheiros por libra que o miseravel pirarucú salgado da região. As laranjas, que antes se obtinham quasi de graça, eram vendidas agora a tres por um dinheiro; as grandes bananas eram vendidas a um dinheiro cada uma; os tomates a dois e tres dinheiros, e todos os outros frutos desta região, onde são tão abundantes, tinham encarecido na mesma proporção. A farinha de mandioca, o pão da região, era tão escassa, tão cara e tão ruim que as classes mais pobres de naturais passavam fome. Eramos obrigados a comer pão de trigo, feito de farinha americana, da qual se consumiam mensalmente mil e duzentos barris, comprando-o a quatro e cinco dinheiros a libra. Era para todos os que não fossem abastados sério problema arrostar com as despezas diárias. O aluguel de casa era exorbitante; um miseravel casebre de duas peças, sem aparelhos de nenhuma espécie, tendo apenas as paredes caiadas, custava umas dezoito libras por ano. O ordenado dos criados estava acima das posses de todas as pessoas da classe média; um cozinheiro preguiçoso ou um porteiro não se alugava por menos de tres ou quatro chelins, além do sustento e do que podia roubar. Custou-me meia coroa o aluguel de um bote e de um homem que me levou do vapor para terra, em distância de cem jardas.

Passeando por meus velhos sítios da floresta, encontrei também grandes mudanças — para mim mudanças para pior. O manto de arbustos, ervas e trepadeiras que antes, quando os subúrbios não eram perturbados pela enxada e pelo machado, tinham a liberdade de dispôr-se em massas e mantos lisos e compactos nas margens da floresta, tinha sido quasi todo cortado e ainda havia uma tropa de trabalhadores a abrirem feias estradas lamacentas para carros e para o gado, através das selvas antes limpas e solitárias. Tinham-se erguido

casas e oficinas à beira destas estradas. As nobres árvores da floresta tinham sido cortadas, e seus troncos despidos, meio queimados, jaziam entre ramos partidos, poças de lama e cinzas. Fui obrigado a alugar um negrinho para mostrar-me o caminho para meu sítio favorito perto de Una, e que já descrevi no segundo capítulo desta narrativa; as novas derrubadas tinham quasi obliterado as velhas estradas da mata. Só algumas geiras da floresta gloriosa perto de Una tinham permanecido em seu estado natural. Do outro lado da cidade, perto da velha estrada para os moinhos de arroz, havia várias dezenas de lenhadores, a serviço do governo, cortando larga estrada de rodagem, através da mata, para o Maranhão, capital da provincia vizinha, a uma distância de 250 milhas do Pará, e isto havia destruído completamente a solitude da grande floresta antiga. Dentro de poucos anos, porém, novo crescimento de trepadeiras cobrirá os troncos nús na beira desta nova estrada, e os arbustos luxuriantes formarão nova fímbria verde ao caminho e a nova estrada se tornará tão bela como a antiga. Um naturalista precisará então ir muito mais longe da cidade para encontrar o glorioso cenário da mata, que estava tão perto em 1848, e terá que trabalhar muito mais afanosamente do que antes era preciso, para fazer as grandes coleções que Mr. Wallace e eu conseguimos fazer nos arredores do Pará.

DOIS DE JUNHO DE 1859 — Afinal, a dois de junho, deixei o Pará, provavelmente para sempre. Embarquei em navio mercante norte-americano, o *Frederick Demming*, para Nova York, pois o caminho pelos Estados Unidos era muito mais rápido e o meio mais agradável de alcançar a Inglaterra. Minhas vastas coleções privadas foram divididas em tres porções e enviadas por tres navios diferentes, para diminuir os riscos de uma

perda total. Na tarde de tres de junho lancei o derradeiro olhar à floresta gloriosa pela qual tive tanto amor e a cuja exploração devotara tantos anos. As horas mais tristes de que me lembro foram as que passei na noite seguinte quando o piloto mameluco nos deixou livres dos baixios e fora da vista de terra, embora ainda na foz do rio e ancorados à espera do vento, e eu senti que se partira o último elo que me prendia à terra de tantas recordações agradáveis. Os paraenses, que bem conhecem os atrativos de sua terra, têm um provérbio aliterativo — “Quem vai para o Pará para”. Muitas vezes pensei que eu seria mais um exemplo a acrescentar à lista. Mas o desejo de rever meus pais e de gozar ainda uma vez do prazer superior de uma sociedade intelectual, tinha conseguido sobrepôr-se aos atrativos de uma região que pode com razão ser chamada o Paraíso dos Naturalistas. Durante esta última noite passada no rio Pará um tropel de pensamentos estranhos me acudiam ao espírito. Recordações do clima, cenário e modos de vida da Inglaterra acudiam com um vigor, como nunca dantes experimentara, durante os onze anos de minha ausência. Eram imagens de espantosa nitidez que me vinham dos invernos sombrios, dos longos crepúsculos cinzentos, da atmosfera obscura, dos longos momentos de entardecer, das pontes frias, dos verões molhados; das chaminés das fábricas e dos bandos de sujos operários, dirigindo-se para o trabalho todas as manhãs, ao ouvirem os sinos das fábricas; das casas de cômodos, dos aposentos confinados, dos cuidados artificiais e das convenções escravizadoras. Para viver de novo entre estas cenas enfadonhas, eu estava abandonando uma zona de verão perpétuo, onde minha vida decorrera como a de tres quartos do povo, à maneira dos ciganos, pelos rios sem fim ou pelas florestas sem lindes. Estava deixando

o equador, onde as bem equilibradas forças da natureza mantinham um solo e um clima que pareciam o padrão da beleza e da ordem do mundo, para navegar para o Polo Norte, onde estava o meu lar sob os céus crepusculares a cerca de cinquenta e dois graus de latitude. Era natural que me sentisse atemorizado ante a perspectiva de uma mudança tão grande, mas agora, passados tres anos de renovada experiência da Inglaterra, sinto como a vida civilizada, onde o nosso sentir, os nossos gostos e a inteligência encontram abundante nutrição, é incomparavelmente superior à esterilidade espiritual de uma existência semi-selvagem, mesmo quando passada nos jardins do Eden. O que profundamente me impressionou foi a diversidade imensamente maior e o interesse do carater humano e das condições sociais numa única nação civilizada, do que na Sul América equatorial onde vivem juntas tres raças humanas. Mas a superioridade do frio norte sôbre as regiões tropicais reside apenas em seu aspecto social, pois embora mantenha a opinião de que a humanidade só atinja a um avançado estado de cultura na luta contra as inclemências da natureza nas elevadas latitudes, somente sob o equador é que a raça perfeita do futuro conseguirá o gôzo completo da formosa herança do homem, a terra.

No dia seguinte, como não houvesse vento, fomos levados pela corrente d'água doce para a foz do Pará e assim avançamos setenta milhas em vinte e quatro horas. A seis de junho, quando estávamos a 7° 55' de latitude norte e a 52° 30' de longitude oeste, e portanto a quatrocentas milhas da foz do Amazonas, passámos por numerosos mururés de ervas flutuantes, misturadas a troncos de árvores e fôlhas murchas. Entre essas massas vislumbrei muitos frutos dessa árvore peculiarmente amazônica, a palmeira ubussú; e foi a última coisa que vi do grande rio.

## ÍNDICE

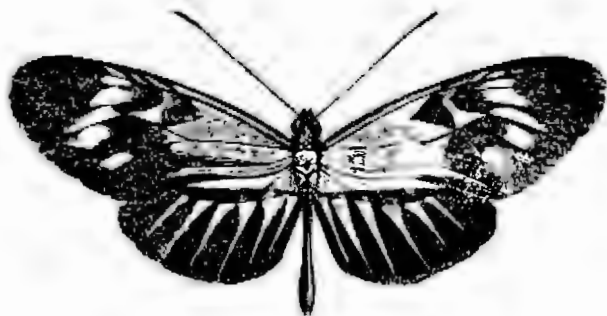
VIII — Santarém .....	5
IX — Subindo o Tapajós .....	71
X — O Alto Amazonas — Viagem a Ega .....	147
XI — Excursões nos arredores de Ega .	213
XII — Animais dos arredores de Ega ..	291
XIII — Excursões além de Ega .....	350

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda. à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em agosto de 1944.





*Heliconius melpomene*



*Heliconius theliopre*



Vista dos campos alagados, durante o período das cheias



FIG. 27 — Pelopaeus construindo o ninho



FIG. 28 — Ninhos de Trypoxylon aurifrons

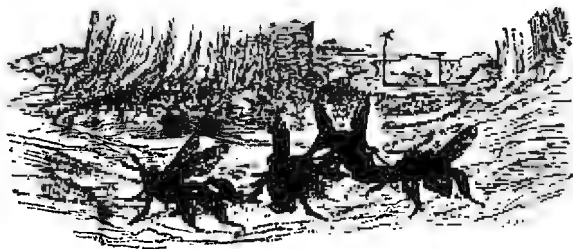


FIG. 29 — Abelha cachorro apanhando barro

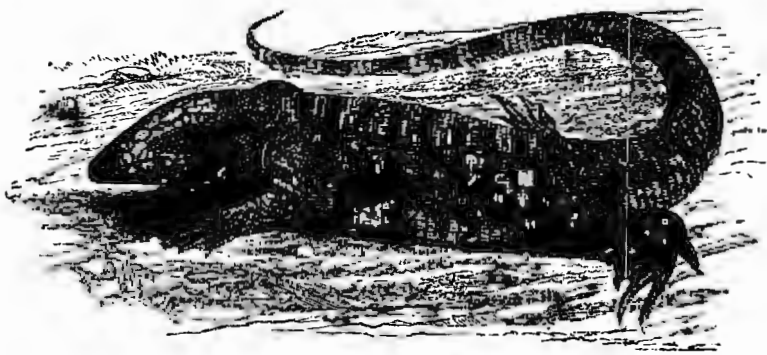
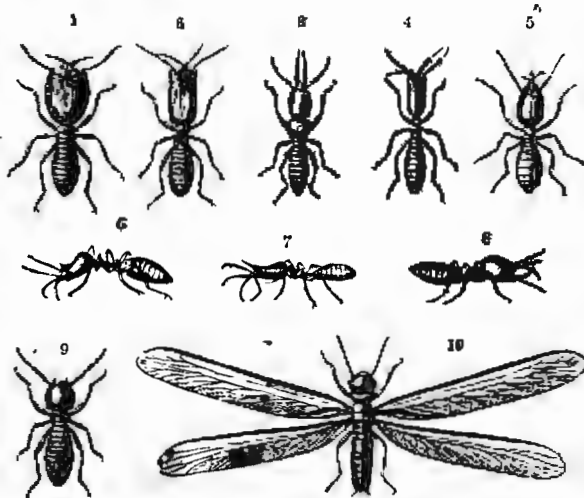


FIG 30 — O Jacuarú



Diversos tipos de cupins: 1 a 8 — soldados;  
9 — obreira; 10 — forma alada

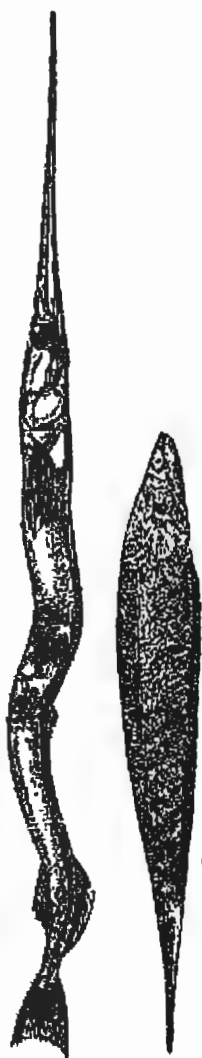
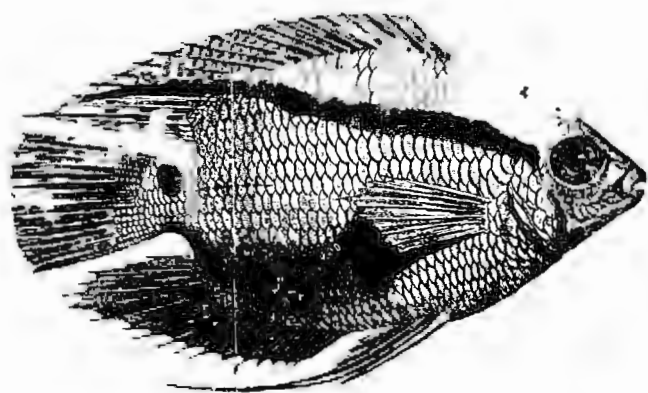


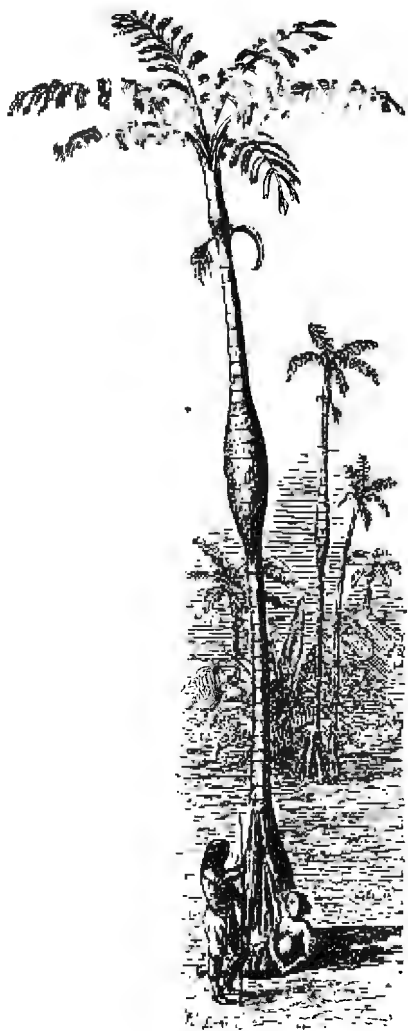
FIG 31 — Acanth (Ucsonauta insignis)



Fruto do Uiqui



Palmeira pupunha  
(*Guillema speciosa*)



Pachiúba barriguda  
(*Iriartea ventricosa*)



*Anhinga anhinga*

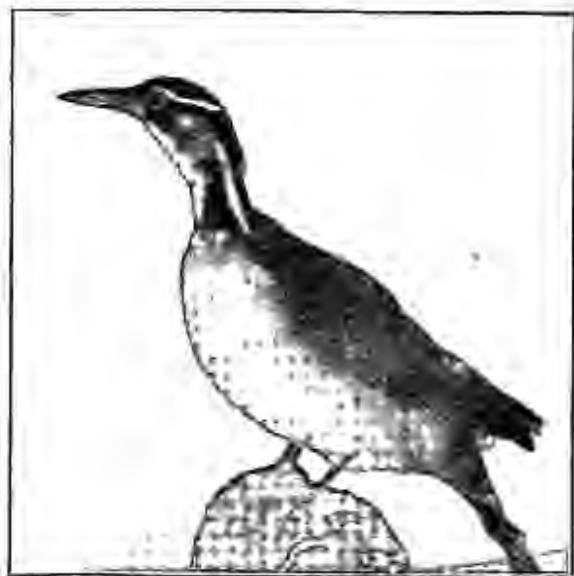


*Ciconia rubra*





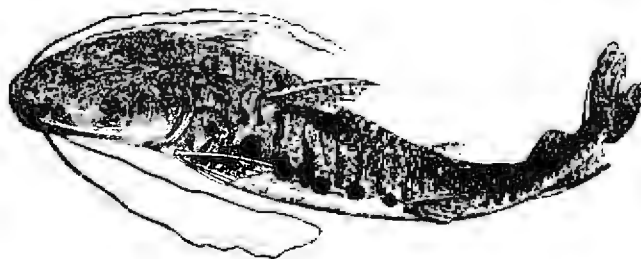
Jacutinga



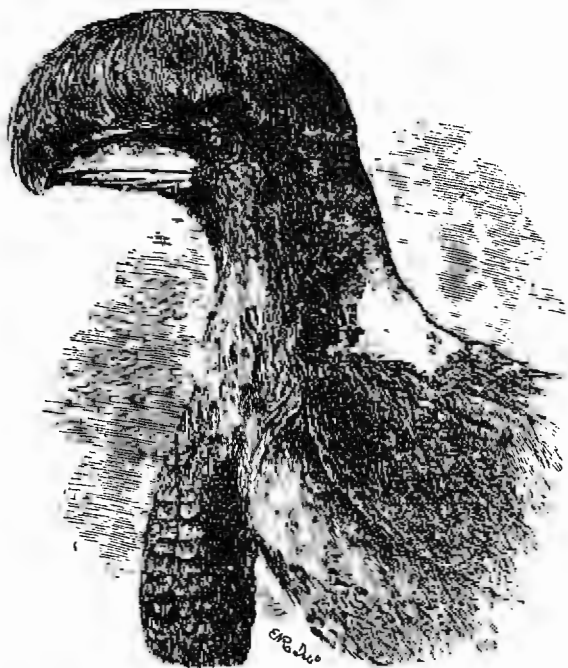
Tinajá



Ovos de jacaré



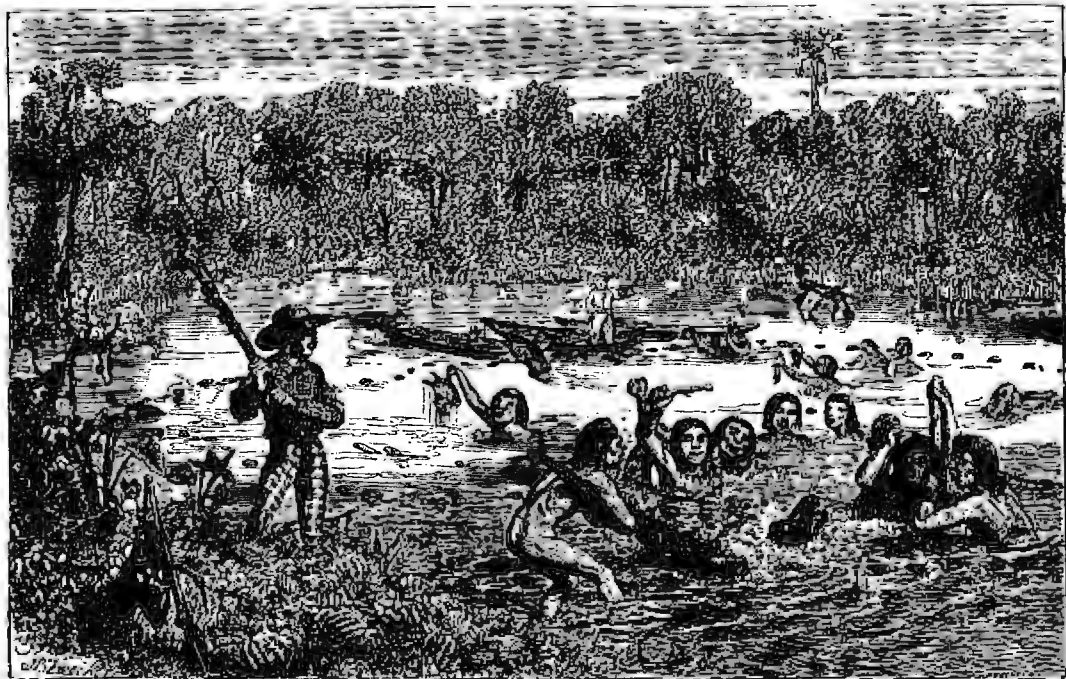
Surubim (*Pimelodus, trigrinus*)



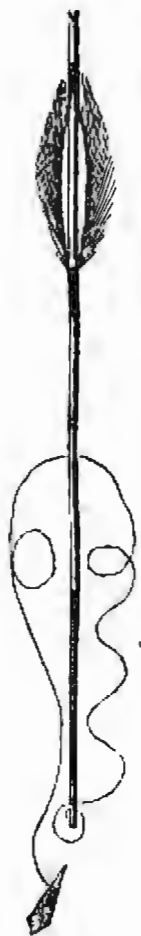
Cabeça de toropichi



Incidente noturno em um jardim



Pesca de tartarugas e aventura com o jacaré



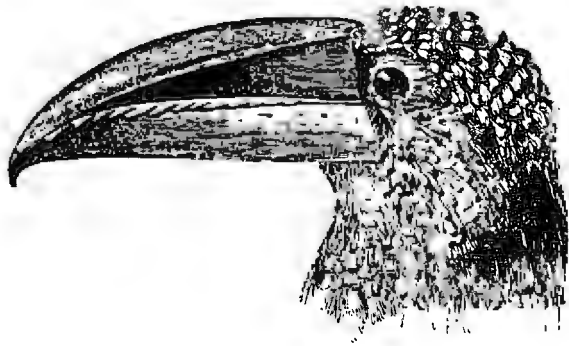
Saraca



Zarabatana,  
carcaz e flecha



*Saccophora*



*Beauharnaisius beuharnaisii*

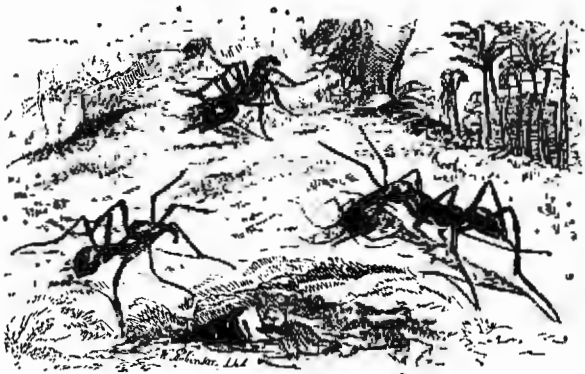


Unărită a paraucă





Casulo pëndulo



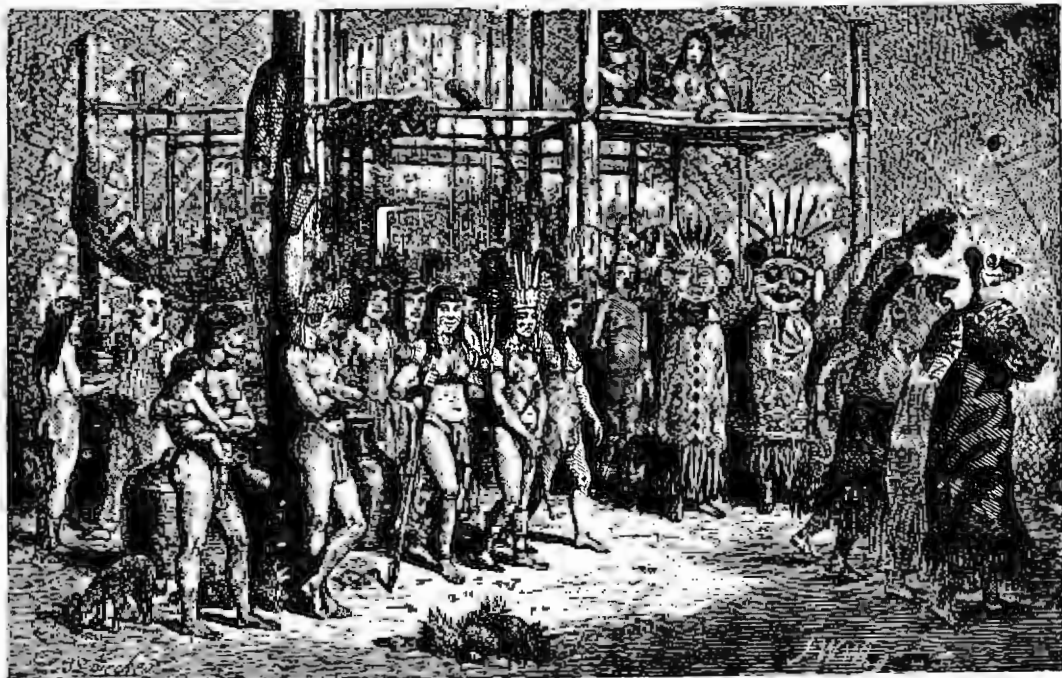
Formigas de correição (*Eciton drepanophora*)



Formigas de correição (*Eciton erraticum*)



Aventura com araquaris



Dansa mascarada e festa de bodas dos Tucunas